

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)

Mário Augusto Medeiros da Silva

Prelúdios & Noturnos
Ficções, Revisões e Trajetórias de um Projeto Político.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Prof^ª. Dr^ª. Maria Lygia Quartim de Moraes.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em :
22/03/2006.

BANCA

Prof^ª. Dr^ª. (Orientador): Maria Lygia Quartim de Moraes – Depto. de Sociologia (IFCH-UNICAMP)
Prof. Dr.: Marcelo Siqueira Ridenti – Departamento de Sociologia (IFCH - UNICAMP)
Prof. Dr.: Márcio Orlando Seligmann-Silva – Departamento de Teoria Literária (IEL- UNICAMP)

MARÇO / 2006

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH – UNICAMP

Silva, Mário Augusto Medeiros da

Si38p

Prelúdios & Noturnos: ficções, revisões e trajetórias de um projeto político / Mário Augusto Medeiros da Silva. - - Campinas, SP: [s.n.], 2006.

Orientador: Maria Lygia Quartim de Moraes.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Literatura e história. 2. Memória – Aspectos sociais. 3. Literatura e sociedade. 4. Brasil – 1964-1985. 5. Anistia. 6. Exílio. I. Moraes, Maria Lygia Quartim de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título. (msh/ifch)

Palavras-chave em inglês (Keywords): History and literature
Memory – Social aspects
Literature and society
Brazil – 1964-1985
Amnesty
Exiles

Área de concentração: Pensamento Social

Titulação: Mestrado em Sociologia

Banca examinadora: Profa. Dra. Maria Lygia Quartim de Moraes (orientador)
Prof. Dr. Marcelo Siqueira Ridenti
Prof. Dr. Márcio Orlando Seligmann-Silva

Data da defesa: 22 de março de 2006

RESUMO:

O assunto da dissertação é: as memórias de antigos guerrilheiros urbanos e suas análises sobre o período da luta armada, da experiência de prisão e/ou exílio, bem como do retorno ao Brasil e à sociedade brasileira. Os escritores e as obras estudados são: Renato Carvalho Tapajós (*Em Câmara Lenta*, 1977, Ed. Alfa-Ômega), Fernando de Paula N. Gabeira (*O que é isso, companheiro?*, 1979, Ed. Codecri & *O Crepúsculo do Macho*, 1980, Ed. Codecri), Alfredo Hélio Sirkis (*Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida*, 1980, Ed. Global & *Roleta Chilena*, 1981, Ed. Record) e Reinaldo Guarany Simões (*Os Fornos Quentes*, 1978, Ed. Alfa-Ômega & *A Fuga*, 1984, Brasiliense). Foram realizadas entrevistas com todos os autores (à exceção de Fernando Gabeira), bem como de seus editores. A idéia foi realizar um estudo de trajetórias políticas e pessoais, (visando o balanço das experiências e as motivações pessoais e/ou políticas para escrever sobre elas) baseados na análise narrativa, dos depoimentos concedidos e de pesquisa realizada em arquivos, jornais, revistas e dossiês dos aparelhos repressivos e informativos do Estado à época (DEOPS).

ABSTRACT:

The issue of this thesis is: the memories of former members of urban guerrilla on Brazil and their analyses on armed struggle period, of prison experience and or exile, as well of the return to Brazil and brazilian society. The writers and the books studied are: Renato Carvalho Tapajós (*Em Câmara Lenta*, 1977, Ed. Alfa-Ômega), Fernando de Paula N. Gabeira (*O que é isso, companheiro?*, 1979, Ed. Codecri & *O Crepúsculo do Macho*, 1980, Ed. Codecri), Alfredo Hélio Sirkis (*Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida*, 1980, Ed. Global & *Roleta Chilena*, 1981, Ed. Record) e Reinaldo Guarany Simões (*Os Fornos Quentes*, 1978, Ed. Alfa-Ômega & *A Fuga*, 1984, Brasiliense). Interviews were realized with all the authors (except Fernando Gabeira), as well with their publishers. The idea was to realize an study of political and personal trajectories, (searching the balance of the experiences and personal or political motivations to write about them) based on the narrative analyses, the conceded interviews and the search work realized in files, newspapers, magazines and secrets documents of repressives and informatives State structures on that epoch (named DEOPS).

SAUDOSA AMNÉSIA

a um amigo que perdeu a memória

“Memória é coisa recente.
Até ontem, quem lembrava?
A coisa veio antes,
ou, antes, foi a palavra?
Ao perder a lembrança,
grande coisa não se perde.
Nuvens, são sempre brancas
O mar? Continua verde.”

Poema de Paulo Leminski

Extraído do livro *Distraídos Venceremos* (São Paulo: Brasiliense, 5ªed., 1995, p.21)

Agradecimentos

Antes de qualquer instituição ou pessoa, devo agradecer a Wilson Sabino da Silva e Maria Helena Medeiros da Silva por tudo o que sempre fizeram por mim, independente de qualquer senão. A Wilson Sabino da Silva Jr., por mais que ele sabe que faz por mim.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelos vinte e quatro meses de bolsa de mestrado, que tornaram possíveis a dedicação exclusiva a esse trabalho. No mesmo âmbito das instituições, sou igualmente grato às condições, ainda que permanentemente dilapidadas, que a universidade pública (no caso, a UNICAMP) fornece aos seus estudantes (bibliotecas, arquivos etc.). Igual deferência, com a mesma ressalva, faço ao Arquivo Público do Estado de São Paulo e Arquivo Edgar Leuenroth (AEL).

Agradeço a minha orientadora Maria Lygia Quartim de Moraes, por todos esses anos. À banca que aceitou julgar meu trabalho, professores Marcelo Ridenti, Márcio Seligmann-Silva, Fernando Teixeira, Fernando Lourenço e Márcio Naves (qualificação), pelas sugestões, discordâncias e debates. Aos professores Wilton Marques (UFSCar), Tânia Pellegrini (UFSCar) e Jaime Ginzburg (USP) pela leitura realizada do projeto e do texto em diferentes momentos. À professora Denise Rollemberg (UFF), pela cessão de seu texto.

Aos escritores e editores Renato Carvalho Tapajós, Alípio Vianna Freire, Reinaldo Guarany Simões, Alfredo Hélio Sirkis, Fernando Celso Mangarielo e Luiz Alves Júnior pelas entrevistas concedidas, pela maneira como fui recebido em suas casas e ambientes de trabalho, pelas reflexões que aceitaram compartilhar. Espero que possamos nos ver novamente. E espero que compreendam as leituras que fiz de seus livros, entrevistas e trajetórias como decorrências de um ofício intelectual.

Gostaria de agradecer ao Prof. Antônio Cândido de Mello e Souza pela lição de delicadeza, atenção e humildade intelectual que me concedeu em nossa rápida conversa.

O trabalho intelectual é sempre solitário, mas tive o privilégio de travar discussões em grupos e com amigos que enriqueceram tanto essa dissertação como a minha maneira de estar no mundo. O primeiro deles foi o *Grupo de Estudos para o Mestrado* (Geme), onde tudo começou, composto por Mariana M. Chaguri, Felipe G. Gava Cardoso, Sávio M.

Cavalcanti e João Francisco Simões. Em seguida, o *Grupo de Estudos sobre Memória*, do qual fizeram parte Alessandra Bagatim, Jean Rodrigues Salles e Mônica Oliveira. Também fiz parte do *Grupo de Estudos sobre Pensamento Social*, com Mariana Chaguri, Priscila Nucci, Simone Meucci e João Francisco Simões. Por fim, o *Grupo de Estudos sobre Ação & Estrutura*, com Vítor Cooke Vieira, Eugênio Braga, Fernando Silva, Mariana Chaguri e Clécio. Todos esses grupos partiram de iniciativas autônomas, de nossas inquietações pessoais e coletivas, sem qualquer necessidade de cumprir uma burocracia acadêmica (com exceção do primeiro, claro. Mas mesmo este extrapolou seu objetivo primário). A todos esses amigos, citados ocasionalmente em minhas notas de rodapé, o meu muito obrigado por tudo. Queria agradecer também, especialmente, a Mário Martins Lima e Felipe G. Gava Cardoso, pelas discussões que travamos sempre, em mais um grupo, *O Café das 5*. Agradeço também a Fernando Ferrone Corrêa, pelas discussões d' além mar em 2005.

Especial deferência a Mariana M. Chaguri, por tudo, em todos esses anos.

Aos funcionários do AEL e do Arquivo do Estado de São Paulo, na difícil tarefa que é manter um arquivo funcionando como deve ou deveria ser.

A Guilherme Loureiro, secretário da Editora Global, pela presteza e delicadeza no atendimento e no trato que teve comigo. Aos companheiros de turma de mestrado, pelas brigas que travamos institucional e pessoalmente. Agradeço em particular a Pablo Augusto Silva, Melina Izar Marson e Rodolfo Scachetti pelas discussões e indicações de textos.

Um agradecimento especial a Nicole Somera, que esteve presente em boa parte desse trabalho, fazendo parte dele em seus momentos mais árduos, inclusive como minha assistente de pesquisa. Agradeço por isso e muito mais, que não pode ser pago em moeda alguma.

A Mário Magalhães, Sílvio Da-Rin, Catalina Lenzi e Arthur Alarcon Vaz pela oportunidade de ter ajudado a todos em seus trabalhos e de ter sido remunerado por isso.

Em memória de Octávio Ianni e Mário Medeiros.

Sumário:

AGRADECIMENTOS	5
CAPÍTULO 1 : ABERTURA	9
APRESENTAÇÃO	9
<i>Algumas Notas Preliminares</i>	11
<i>A Memória não pode esperar: Emergências Contemporâneas</i>	16
<i>Uma Estética Realmente Nova</i>	21
<i>Questões Teóricas: Literatura, Sociologia e Memória</i>	26
<i>Questão da Forma Literária</i>	31
<i>Suspeição da Verdade, Suspensão da Descrença</i>	32
<i>Testemunho, Testimonio: Singular Plural</i>	35
CAPÍTULO 2 : PRELÚDIOS	41
O SUJEITO HISTÓRICO	41
<i>Círculos Concêntricos de Memória e Sujeito Histórico</i>	44
REPETIÇÕES & VARIAÇÕES SOBRE UM TEMA DE ORIGENS SOCIAIS	46
<i>Oligarquia, comunismo e uma leitura francesa de Marx</i>	46
<i>Em Câmara Lenta e a Personagem Fantasmagórica</i>	51
<i>O compromisso, os tempos e a complexidade narrativa</i>	53
<i>A Vida passando na Janela ou A Idade da Razão?</i>	60
<i>O que é isso, Companheiro?</i>	64
<i>Um narrador premeditado e auto-consciente?</i>	66
<i>Dobrado do Barão do Rio Branco: Do lacerdismo ao exílio</i>	74
<i>Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida</i>	76
<i>O livro do riso, do esquecimento e da sinceridade</i>	77
<i>Vida Dupla, Razões Múltiplas</i>	85
<i>A Fuga</i>	89
<i>O guerrilheiro heróico chegou atrasado</i>	95
CAPÍTULO 3 : NOTURNOS	98
A NARRATIVA BIFRONTA	100
<i>Nem todas as mortes são iguais: Bifrontalidade e Sobrevivência</i>	103
<i>Na realidade, matar é viver</i>	104
<i>“O Exílio não é um vale de lágrimas”: Bifrontalidade e Sucesso</i>	107
<i>A Grande Viagem do Retorno ao Brasil</i>	109
<i>Aventura e Bifrontalidade: Roleta Chilena</i>	116
<i>Especialmente para uma Geração 80</i>	119
<i>Bifrontalidade e Incompreensão: Os Fornos Quentes e A Fuga</i>	125
<i>Vidas e Narrativas em Abismo</i>	126
CAPÍTULO 4 : ESTUDOS	133
HISTÓRIAS DE LEITURAS & RECEPÇÃO CRÍTICA ÀS OBRAS E SEUS AUTORES	133
<i>Disputas de Leituras, Guerras de Interpretação, Livre Exercício do Arbútrio</i>	134
<i>Censurado em São Paulo, mas não no Brasil: Desentendimento e Incompreensão</i>	138
<i>Liberdade exigida por quatro continentes e temor oficial de suicídio</i>	144
<i>Por quê uma pergunta é tão provocativa?</i>	151
<i>O Primeiro Jabuti de Memórias</i>	156
<i>Entre o ser e o estar, o dizer e o atuar: o limite</i>	158
<i>Introdução aos Carbonários ou Por quê uma derrota é premiada?</i>	165
<i>Os Novos Guerrilheiros de Brizola</i>	165
<i>Breves Leituras, efeito pedagógico e mais um Jabuti</i>	170
<i>Sem comentários. Sem Leituras? Sem Leitores?</i>	176
AS TRAJETÓRIAS DE UM PROJETO POLÍTICO	178

<i>Documentando o ABC da Greve</i>	179
<i>Ambientalizando a Política & Politizando o Corpo</i>	184
<i>Sobrevivendo, politicamente, sem partido ou movimento</i>	190
CAPÍTULO 5 : CONSIDERAÇÕES FINAIS	193
AS METAMORFOSES DO SUJEITO HISTÓRICO	193
SEÇÃO DE ANEXOS:	200
ANEXO I: FORTUNA CRÍTICA – (FONTE: BANCO DE DADOS DA FOLHA DE SÃO PAULO).....	200
Referência: Renato Tapajós	200
Referência: Alfredo Sirkis	201
Referência: Fernando Gabeira	201
Leia Livros (Fonte: AEL)	203
Imprensa Alternativa (Fonte: AEL)	204
Revista Veja (Fonte: AEL)	205
ANEXO II: DOCUMENTOS	206
<i>Manifesto do Partido Verde</i>	206
DOCUMENTOS DO ACERVO DEOPS – ARQUIVO DO ESTADO DE SP	207
Referência: José Carlos Rolo Venâncio	207
Referência: Fernando Mangarielo	211
Referência: Renato Tapajós	213
ANEXO III: CAPAS E IMAGENS	239
ANEXO IV: UM ESTUDO RÁPIDO DE MEDIAÇÕES POSSÍVEIS	255
<i>Existencialismo, Terceiro-Mundismo, Revolta</i>	255
<i>Condições Subjetivas Objetivadas: Existencialismo e Revolta</i>	257
<i>Condições Objetivas Subjetivadas: Terceiro-Mundismo, Exílio, Prisões</i>	264
FONTES E BIBLIOGRAFIA CONSULTADAS	267
FONTES PRIMÁRIAS:	267
ENTREVISTAS:	267
ARQUIVOS:	268
<i>Fundo Brasil Nunca Mais - Arquivo Edgar Leuenroth (AEL) – UNICAMP</i>	268
<i>Acervo DEOPS – Arquivo Público do Estado de São Paulo</i>	268
Referência: Fernando Celso Castro Mangarielo.....	268
Referência: Caio Graco Prado	269
Referência: José Carlos Rolo Venâncio	269
Referência: Renato Carvalho Tapajós.....	269
Referência: Fernando Paulo Nagle Gabeira.....	270
Referência: Reinaldo Guarany Simões	271
Referência: Editora Global.....	272
Referência: Editora Codecri.....	272
Referência: Editora Alfa-Ômega.....	272
REVISTAS ACADÊMICAS	272
LIVROS CONSULTADOS:	274

Capítulo 1 : Abertura

Apresentação

É necessário começar essa dissertação pelo que ela não é e pelo que não pretende ser, para evitar equívocos decorrentes do seu nome. Ao invés de um título de precisão cirúrgica impecável, com suas três linhas de extensão, subtítulos e parênteses, aspas, inversões, hífen, trocadilhos e dois pontos, optou-se pela síntese e pela dicotomia, associando certas formas a um certo conteúdo analítico.

Prelúdios & Noturnos não é um ensaio de musicologia, ou qualquer coisa que se aproxime disso. Apesar do empréstimo de duas categorias musicais¹, não é sobre elas de que se tratará aqui. Utilizam-se ambas categorias como metáforas de duas temporalidades diferentes na História Contemporânea do Brasil. A primeira delas se refere ao período compreendido entre o fim da década de 1960 até 1971. A segunda, entre 1977 e 1984. Essas periodizações serão logo justificadas.

Guardadas suas falhas e acertos, este trabalho pretende estudar dois objetos de maneira simultânea (Memória Coletiva e Literatura), que poderiam se desdobrar em muitos outros: Sociologia da Literatura e História do Tempo Presente; Movimentos Sociais e Intelectuais; Projetos Políticos, Pensamento Social e Poder.

Prelúdios & Noturnos é, portanto, a tentativa de se analisar o itinerário de um fragmento de uma geração², que realizou parte importante da História recente do Brasil. Toma-se como ponto de partida a literatura em forma de prosa, às vezes, romanceada, elaborada por alguns militantes da esquerda armada, em que é colocada em xeque, de certa

¹ Prelúdio costuma ser uma peça ou um excerto introdutório de uma obra ou uma peça única que sugere um improviso. Noturnos são peças mais reflexivas de caráter melancólico, poemas sinfônicos. Estudos são obras de caráter técnico em que o compositor explora as potencialidades de seu instrumento, bem como do instrumentista.

² Utilizam-se aqui os termos *fragmentos de uma geração* ou *fração geracional* no sentido de não uniformizar as experiências daqueles autores naquilo que poderia ser compreendido com uma *Geração dos anos 60 ou Geração 68*. Isso não faria sentido mesmo dentro dos grupos de esquerda armada, por conta das singularidades dos itinerários pessoais e/ou dos grupos específicos. Foi justamente uma fração de pessoas que entrou na clandestinidade, se exilou etc. Ou ainda, no caso desse estudo em particular, o trabalho versa sobre quatro narrativas de experiências de militantes de origem de classe média e classe média alta. Logo, a formação pessoal e intelectual desses militantes não pode ser uniformizada a toda uma geração, mas sim à sua fração.

forma, uma década de atuação política, postura intelectual, visão social de mundo, comportamento pessoal e coletivo. A prosa memorialística é o ponto de partida para a compreensão da tentativa da continuidade tanto da luta política como da existência. Mas também de seu abandono, em alguns casos. É disso que se irá tratar.

O objeto de estudo inicial: quatro livros, escritos entre 1973 e 1984, tendo sido escritos e/ou publicados nesse meio-tempo (ao redor do momento da Anistia de 1979 no Brasil). *Em Câmara Lenta*, de Renato Tapajós (publicado em 1977, pela Editora Alfa-Ômega); *O que é isso, Companheiro?*, de Fernando Gabeira (1978, editado pela Codecri); *Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida*, de Alfredo Sirkis (1980, lançado pela Global Editora); e *A Fuga*, de Reinaldo Guarany (1984, publicado pela Editora Brasiliense) são romances e/ou depoimentos memorialísticos de quatro ex-ativistas da luta armada.

Tomar-se-ão esses relatos para procurar entender as representações e as atuações políticas uma década antes e pouco mais de meia década depois da Anistia, que aqui se apresenta como momento-chave para esse estudo. Sendo assim, esta dissertação está dividida em cinco partes, a saber:

- Abertura: em que se apresentam as questões teóricas, métodos de investigação e o problema a ser analisado, bem como uma revisão bibliográfica de algumas análises já efetuadas naquele sentido;
- Prelúdios: em que se discutem os aspectos iniciais dos romances e das ficções políticas dos autores escolhidos, observando a construção de suas memórias, visões sobre um projeto político e semelhanças entre si. Assinalam-se igualmente suas origens sociais, bem como suas formações, suas influências teóricas e literárias; as representações literárias que deram às suas experiências guerrilheiras;
- Noturnos: em que o panorama é os anos 1970, tendo como pano de fundo a derrota da experiência armada, prisões, mortes, exílio e retorno dos sobreviventes (seja da cadeia e/ou do estrangeiro) à vida social nacional. Aqui se apresentam os romances escritos já na fase do(s) exílio(s) e/ou que o(s) retrata(m): *O Crepúsculo do Macho*, de Fernando Gabeira (1980, editado pela Nova Fronteira); *Roleta Chilena*, de Alfredo Sirkis (1981, publicado pela Record); e *Os Fornos Quentes*, de Reinaldo Guarany (lançado pela Alfa-Ômega, em 1978); discutir-se-ão também mais alguns aspectos de *Em Câmara Lenta*;

- *Estudos*: a quarta parte principal desse trabalho, em que se tecem considerações sobre o que foi exposto anteriormente, aliado aos acontecimentos pós-Anistia: ligação dos autores com os movimentos sociais dos anos 1970 e 80, partidos (PT, PDT, PTB, MDB e PV). Discutir-se-á a participação daqueles autores e de sua fração geração nesse novo cenário, através da maneira como são lidos e criticados;
- *Anexos*: consta da fortuna crítica dos livros analisados, assim como apresentação de documentos encontrados nos fundos Brasil Nunca Mais e DEOPS; os comentários realizados pelos autores sobre os livros uns dos outros, assim como de diversos militantes, membros ou não das mesmas organizações a que pertenceram os escritores analisados; bem como da apresentação das capas dos livros e um pequeno ensaio sobre algumas mediações acerca do sujeito histórico analisado.

Algumas Notas Preliminares

Existe uma dimensão importante de método que não será explorada aqui. Está-se tratando de uma memória traumática das ditaduras latino-americanas e de várias rotas de exílio adotadas pelos militantes da esquerda armada. Todavia, o trauma, enquanto uma dimensão psíquica, não assume nesse trabalho, um aspecto preponderante, pelas dificuldades práticas e deficiências teóricas de quem escreve sobre o assunto. A análise da dimensão individual do trauma, ao qual o sujeito está submetido antes mesmo de qualquer racionalização dos fatos, é ocupada pela de sua dimensão social, de não menos importância, mas, de qualquer forma, deficitária, pois pode se verificar insuficiente. Essa substituição se apresenta por ao menos três pontos, que guiam o trabalho de maneira a corrigir a ausência de uma análise de natureza psicológica, que se procurará demonstrar:

A) *O primeiro deles* é o da tentativa de resolução da oposição entre *sujeito x sociedade, indivíduo x coletivo* em que, da maneira como será apresentado aqui, um dos caminhos para o encontro dessas dualidades é o fenômeno da rememoração social³. A memória, enquanto um fato social, um problema coletivo, é também um problema

³ É importante citar dois trabalhos de fôlego, no Brasil, para analisar a questão: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*, São Paulo: Cia. das Letras, 3ª ed., 1994 (1ª edição de 1973) e SANTOS, Myriam Sepúlveda. *Memória Coletiva e Teoria Social*, São Paulo: Annablume, 2003.

individual⁴, pois existe uma relação de dependência simbiótica entre o indivíduo que recupera fatos do passado a partir do seu lugar social no presente e as estruturas sociais às quais esse indivíduo pertence e/ou pertenceu. A esse respeito há trabalhos clássicos como os de Maurice Halbwachs (*A Memória Coletiva*⁵) e Roger Bastide (*Memóire Collective et sociologie du bricolage*⁶). No caso desse último, existe uma ressalva em relação a Halbwachs, pois Bastide aponta que a memória coletiva não é somente a memória da consciência coletiva do grupo, mas, sim, uma inter-relação com a estrutura social desse grupo e por ela determinada, o que implica em sua formação histórica, a ausência e presença de diversos elementos rituais e especialmente a posição ocupada pelos indivíduos na estrutura do grupo. Como aponta a socióloga francesa Marie-Claire Lavabre, em seu trabalho sobre a memória dos militantes do Partido Comunista Francês:

“Une question absente quand mémoire et usages politiques du passé se trouvent confondus, préside ainsi à l'ensemble de ce propos: comment la mémoire d'un groupe, entendue comme instrumentalisation de l'histoire propre à ce groupe, s'impose-t-elle aux individus, ou comment à l'inverse, passe-t-on de la multiplicité des souvenirs individuels à l'unicité d'une "mémoire collective"?(...) La mémoire collective, en effet est bien mémoire d'un groupe à condition de passer de "la transcendance à l'immanence" et de considérer les individus qui composent le groupe, lesquels, comme le souligne encore Roger Bastide, ont des rôles et de places différentes dans le groupe: elle est "la mémoire d'une organisation, d'une articulation, d'un système de rapports entre individus", elle n'est pas conscience collective du groupe en tant que groupe mais "système d'interrelations de mémoires individuelles"⁷;

⁴ Cf. POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento e Silêncio” In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC, vol. 2, n° 3, 1989, pp. 03-15 & “Memória e Identidade Social” In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC, vol. 5, n° 10, 1992, pp. 200-212.

⁵ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*, São Paulo: Vértice, 1990.

⁶ BASTIDE, Roger. “Memóire Collective et sociologie du bricolage” In: *L'Année Sociologique*, PUF, 1970.

⁷ LAVABRE, Marie-Claire. *Le Fil Rouge: Sociologie de la mémoire communiste*, Presses de La Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1999, pp. 18-19 e p. 29. Agradeço a Jean Rodrigues Salles pela apresentação e indicação do trabalho. Tradução: “Uma questão ausente quando a memória e os usos políticos do passado se acham confundidos, preside também ao conjunto desta proposta: como a memória de um grupo, entendida como a instrumentalização da história própria a este grupo, se impõe aos indivíduos como ao inverso, ela passa da multiplicidade das lembranças individuais à unicidade de uma “memória coletiva”?(...) A memória coletiva, certamente é a memória de um grupo na condição de passar da “transcendência à imanência” e de considerar os indivíduos que compõem o grupo, os quais, como o sublinha ainda Roger Bastide, têm papéis e lugares diferentes dentro do grupo: ela é “a memória coletiva de uma organização, de uma articulação, de um sistema de relações entre indivíduos”, ela não é a consciência coletiva do grupo enquanto grupo mas “sistema de interrelações de memórias individuais”.

B) O segundo ponto do encontro entre o particular e o coletivo é o uso da Literatura e de um gênero específico desse campo artístico: a prosa. Houve uma pergunta inicial que deflagrou todo esse trabalho desde o seu projeto, norteando a leitura das fontes primárias (as memórias dos militantes) e, especialmente, as entrevistas. Por quê os militantes da esquerda armada resolveram romancear suas memórias? Ou melhor: por que se valer da *forma romanesca* (ainda que em alguns casos não se assumia) para reelaborar fatos reais, num claro sentido de compreender uma experiência real? Uma resposta inicial seria a de que o romance permite um campo maior de avaliações, de possibilidades para o narrador se posicionar, selecionar os fatos. *O romance permite uma tese*, a ser desenvolvida durante todo seu argumento. Contudo, desdobram-se aqui duas questões:

1) Os autores não são originalmente, escritores (à exceção de Tapajós, poeta); 2) Existia, à época da publicação desses relatos, outras formas literárias e outras formas de arte em voga. No primeiro caso, se eram o conto, a narrativa curta, o romance-reportagem e a Poesia Marginal; e se, no segundo caso, eram o Cinema e a Música, artes seriais e industriais, que se encontravam em voga, por quê a prosa romanesca e por quê a Literatura?

Supondo que a escolha da forma e dos conteúdos narrados não foi inocente e que isso seja sociologicamente relevante, mais três hipóteses: 1) Existe uma decorrência das influências teóricas dos sujeitos daquela fração geracional, que podem, de alguma forma, explicar isso; 2) À forma literária está associada uma formação social e daí surge a questão da *representação romanesca*, (já tratada por autores como Gyorgy Lukács, Lucien Goldmann, Antônio Cândido, Roberto Schwarz), da rememoração literária como *uma das formas possíveis* de reflexão sobre a sociedade, a partir do sujeito; 3) o contexto histórico e social para além de ser pano de fundo das narrativas é personagem daquelas vidas e livros, influenciando a maneira da (auto)representação;

C) Aqui se chega ao problema de uma Literatura de Testemunho, o terceiro ponto anunciado, em que o uso da Literatura é uso político, bem como a utilização da memória é também um *uso político do passado*. Trata-se de uma tentativa do sujeito atuar na compreensão do trauma individual de forma social, procurando compreender, numa relação de estranhamento, o que permitiu numa sociedade, a existência de uma situação extrema e absurda, a convivência dos outros indivíduos com a mesma situação vivida. Não à toa, o testemunho literário está associado a uma estética do Pós-Guerra; e que, depois, estaria

ligado às produções das nações periféricas, pós-ditaduras. Trata-se, antes de tudo, de uma ficção política, contrastando o eu narrativo com a estrutura social.

Aqui está se adotando os relatos estudados como *Literatura de Testemunho*, em razão das trajetórias individuais/ geracionais/ nacionais dos autores e das características já apresentadas. Em suas capas e apresentações, essas narrativas trazem as palavras Depoimento, Ficção Política Romance (nos livros de Gabeira, Tapajós e Guarany, respectivamente). **A idéia do depoimento** remete a uma esfera jurídica na qual falam as *testemunhas, os réus, as vítimas, os acusadores*. Quatro entidades jurídicas. Quem julga? Quem acusa? Quem defende? Qual é o crime? Qual a natureza desse crime? Qual é a pena? O que se quer provar? O depoimento é o discurso de tribunal, em que estão aqui, simultaneamente, se acusando e se defendendo, se culpando e inocentando, através da Literatura, indivíduo e coletivo; sujeito e sociedade; fração geracional dos anos 1960/70/80, vanguarda e povo; arte e revolução; revolução, revolucionários e reacionários; crítica e autocrítica.

A idéia da ficção política remete à de depoimento, mas com o acréscimo de que a história contada possui uma dimensão ficcional, permitindo um relaxamento no aspecto factual e um aumento do alegórico, do irônico e do sardônico. Logo, aqui, depoimento e ficção política podem ser aliados, desembocando na idéia de **teor testemunhal**, ou seja: o conteúdo essencial dos textos seria o de objetivar uma denúncia; fornecer elementos para uma análise e revisões públicas de um período, de posturas e de projetos. Isso será abordado ainda na parte sobre a Literatura de Testemunho e no desenvolvimento dos argumentos sobre as obras. Uma ficção política não é uma mentira sobre fatos reais; mas, antes, uma narrativa com estatutos de verdades, cujo teor testemunhal consiste no amálgama das intenções de ambas as coisas. Assim, uma **ficção política com teor testemunhal** é uma construção social, cuja eficácia prática e simbólica é utilizada em determinados meios para determinados fins, quais sejam: narrar, através de um relato literário – romance, depoimento autobiográfico – fatos e ações sofridos ou cometidos por

sujeitos históricos, apresentando-lhes os papéis desempenhados na constituição daqueles fatos.

Para efeito de análise, esses relatos serão, aqui, tratados como *ficções políticas*, dentro da temática particular do Testemunho.

Um aspecto importante permite concluir que aquelas memórias – como quaisquer outras – têm uma variante ficcional: Como alguém consegue reter por uma década ou mais uma série de acontecimentos, com riqueza de detalhes, de descrições de lugares, falas, conversas e situações, numa época em que não se poderia gravar de forma alguma aquilo que se viveu? Além disso, trata-se de versões particulares sobre eventos coletivos, o que promove controvérsias em graus variados sobre a leitura daquelas obras, em especial a outros sujeitos que tenham partilhado dos mesmos eventos. Um terceiro ponto que merece destaque é **o projeto de ser escritor** de cada um dos autores, mais ou menos bem sucedido para cada um.

Todos os que se debruçaram sobre a problemática da memória sabem que ela é uma construção constante, determinada por fatores diversos. Quando ela se põe em forma de relatos literários, isso pode ser mais acentuado. Como escreve Ecléa Bosi, ao tratar do *Indivíduo como Testemunha*:

“Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. Quando sentimos necessidade de guardar os traços de um amigo desaparecido, recolhemos seus vestígios a partir do que guardamos dele e dos depoimentos dos que o conheceram. O grupo de colegas mal pode constituir um apoio para sua lembrança, pois se dispersou e cada um se integrou num meio diverso daquele que conheceu. Como salvar sua lembrança senão escrevendo sobre ele, fixando assim seus traços cada vez mais fugidios?(...)

Que interesse terão tais elementos para a geração atual? Encontrarei uma linguagem que comova as pessoas de hoje, para as quais seu nome pouco

significa? As lutas pela memória, eis algo de que todos temos conhecimento de causa”.⁸

Como objeto sociológico, aquelas *ficções políticas* serviram de ponto de partida para se verificar a reflexão sobre um projeto de uma classe social (ou de suas frações de classe⁹), que tinha a pretensão de fazê-lo nacional e instaurá-lo. Esse projeto está bifurcado nas temáticas da libertação nacional para a retomada da democracia ou a propagação de uma revolução, de caráter socialista, no Brasil. Como nenhum dos aspectos daquele projeto ocorreu diretamente pela mão dos seus agentes (embora tenham colaborado de maneira decisiva para a retomada democrática), cabe perguntar: o que ocorreu com o projeto, uma década e meia depois? Perceptivelmente, é a mesma pergunta que é feita, com maior ou menor ênfase, naquelas e em muitas outras memórias, relatos, artigos etc¹⁰.

A Memória não pode esperar: Emergências Contemporâneas

Para além de uma inquietação pessoal e acadêmica, têm-se em mãos um desafio social mais abrangente, que é executado, nesse momento, por outras sociedades onde golpes civis-militares, semelhantes ao do Brasil, foram desencadeados. Os atuais governos da Argentina e do Chile, no biênio 2003-2004, impulsionados por um amplo debate nacional – surgido em movimentos sociais civis organizados¹¹ – têm se preocupado com a

⁸ BOSI, Ecléa. *Op. Cit.* pp. 410-411.

⁹ Por *fração de classe*, compreende-se aquilo já teorizado por Nicos Poulantzas, em seu livro *Poder Político e Classes Sociais* (São Paulo: Martins Fontes, 1977). A idéia é que uma classe social não é homogênea, embora possa se aliar em torno de um projeto comum (em geral, a conquista do Estado) para constituir sua hegemonia na cena política. As frações de classe representam grupos específicos dentro de uma certa classe social, lutando pelo controle dos interesses daquela classe (exemplo: a classe burguesa pode-se dividir em frações específicas como burguesia industrial, burguesia financeira, rural etc.) A análise de Poulantzas tem como origem teórica principal o *Dezetoito Brumário de Louis Bonaparte*, trabalho de Karl Marx, onde essas questões aparecem pela primeira vez.

¹⁰ Cf. RIDENTI, Marcelo. *O Fantasma da Revolução Brasileira*, São Paulo: Ed. Da Unesp, 1993; FILHO, Daniel A. R. *A Revolução faltou ao encontro*, São Paulo: Brasiliense, 1990.

¹¹ É importante ressaltar que algo semelhante aconteceu no Brasil, durante a Campanha pela Anistia, encampada desde o fim 1976, com a criação dos Comitês Brasileiros pela Anistia, a campanha semanal de jornais da imprensa alternativa, como *O Movimento* e o *Em Tempo*. A pressão dessas mobilizações foi fundamental para que os processos da Abertura e da Anistia se deflagrassem, aliados a outros fatores, como a greve dos operários, em 1978, por exemplo.

reavaliação de seus períodos ditatoriais, com a revogação de leis que impediam punição de responsáveis e explicação sobre os mortos e desaparecidos de seus respectivos países. Por consequência desse processo dos últimos anos, a discussão sobre a memória coletiva emergiu, robusteceu-se e se adiantou, especialmente em relação ao Brasil. A compactuação da sociedade brasileira com o Golpe de 1964 é algo que procura ser sistematicamente esquecido, sendo lembrado somente pelos militares quando buscam se defender das acusações sobre os crimes praticados durante a ditadura. Veja-se, por exemplo, o artigo do General Jarbas Passarinho, publicado ao fim de 2004, no jornal *Folha de São Paulo*¹².

“O 31 de março de 1964 foi resultado de um clamor popular para a deposição de João Goulart e hoje é tido como um golpe para usurpação do poder pelos militares. Por quê?

Manchetes, em letras garrafais, de "Basta!" e "Fora João Goulart", da grande imprensa nacional, são hoje substituídas, nos mesmos jornais, por ácidas críticas aos "anos de chumbo" do ciclo militar. Por quê?

A massa humana de 1 milhão de pessoas, entre elas padres, bispos e o laicato católico, em passeatas nas ruas de São Paulo, rezando por Deus e pela liberdade, em março de 64, transformou-se no milhão de pessoas entusiásticas que exigiam "Diretas Já!" em 1984. Por quê?

Nenhum democrata -e são tantos- pegou em armas contra o governo. Só os comunistas, treinados e financiados em Cuba, fizeram-no. Antes Fidel Castro, que os adestrava, era visto e repudiado como ponta-de-lança da União Soviética nesta parte do hemisfério Sul, na exportação da revolução comunista. Passou a ser venerado por Lula, antes de eleito nosso presidente, e aplaudido quando se permite nos visitar. Por quê?

A igreja, que maciçamente apoiou o golpe preventivo - como o chamou Jacob Gorender -, pouco a pouco se deixou dominar pela corrente da Teologia da Libertação. Dom Paulo Evaristo Arns, que em 31 de março de 1964 foi ao encontro dos mineiros, sublevados, para oferecer-lhes assistência religiosa,

¹² É sempre bom lembrar que este jornal, como tantos outros grupos da Grande Imprensa (*O Estado de São Paulo, O Globo, Correio da Manhã etc.*), apoiou o golpe de 1964 e foi um de seus entusiastas, ocasião em que tinha seus carros de distribuição queimados por guerrilheiros. Como prática social do esquecimento, relembra, contudo, sua participação na campanha pelas Diretas-Já, em 1984. Cf. *Folha 80 Anos*, edição comemorativa dos oitenta anos do jornal, editada em 18/02/2001.

veio a se transformar no cardeal símbolo da resistência organizada aos governos dos generais. Por quê?

Os dominicanos, que em Conceição do Araguaia homenagearam-me, governador do Pará, em 1965, oferecendo-me pernoite, viriam a ter, na ordem, no Convento das Perdizes, em São Paulo, uma célula comunista, com frades subordinados ao líder Carlos Marighella. Por que tamanha mudança? (...)

O apoio da imprensa, perdemo-lo quando lhe foi imposta a censura e, por cima disso, por censores despreparados, incapazes de distinguir uma notícia de um recado para a guerrilha. Como a liberdade é para a imprensa o mesmo que o oxigênio para a vida, a mídia não demorou a ficar contra o governo e a adubar, habilmente, terreno para os líderes de oposição.

A igreja, minada pelos padres e bispos partidários da Teologia da Libertação e da análise marxista do capital, não a perderíamos de todo se encarregados de IPM inteiramente despreparados não indiciassem, como indiciaram, padres e bispos como favoráveis à guerrilha, quando só os frades dominicanos tinham codinomes, agindo na clandestinidade na luta armada. (...)¹³

Essa prática do esquecimento não é algo circunscrito somente a esse quarto de século que foi o período ditatorial, mas a muitos momentos da história da sociedade brasileira, a vários acontecimentos determinantes para a sua constituição. *A prática social do esquecimento* constitui-se, por si só, num problema sociológico de enorme relevância. No que se refere, portanto, às questões aqui levantadas, parece ser esta prática uma das chaves necessárias para a compreensão da atual configuração dos últimos vinte e cinco anos da sociedade brasileira: a questão do esquecimento e/ou rememoração crítica e crônica

¹³ PASSARINHO, Jarbas. “Apogeu e declínio do ciclo militar” In: *Folha de São Paulo*, 19/12/2004, p. A3. A memória do colaboracionismo civil relatado por Passarinho tem uma intenção. Seu artigo surgiu no momento em que o atual governo do Presidente Luís Inácio da Silva se via pressionado fortemente a abrir os arquivos secretos e confidenciais sobre o período ditatorial, em função de terem sido achadas fotos de um homem nu, aparentemente preso numa cela que foram associadas à época, ao jornalista e membro do PCB, Vladimir Herzog, morto em 1975. Movimentos organizados contra a Tortura, ativistas e a Secretaria de Direitos Humanos do governo, chefiada por Nilmário Miranda, pressionaram fortemente a base militar onde foram encontradas as fotografias. Descobriu-se depois que o homem nas fotos era um padre estrangeiro, simpatizante da Teologia da Libertação, vigiado, e que mantinha encontros com uma mulher que seria sua amante, à época. Esse episódio provocou a queda do então ministro da Defesa, José Viegas, sentindo-se desautorizado por seus subordinados militares que emitiram nota do Exército apoiando as atitudes tomadas pelo governo ditatorial no combate à subversão. Além disso, ocupou, durante certo tempo, um debate na imprensa sobre a abertura dos arquivos que gerou – dentre outros – o artigo de Jarbas Passarinho e, ainda, a entrevista com o Chefe do Gabinete de Segurança Institucional, que se reproduzirá mais adiante.

do período ditatorial. Foi através do esquecimento de virtuais rivalidades que a possibilidade da Anistia pôde ser costurada. Foi através desse mesmo esquecimento que a Nova República foi instaurada, esquecendo-se do passado de colaboração com a ditadura, do então novo presidente, José Sarney e outros, para que o país pudesse ter novamente uma presidência civil. Através do mesmo fenômeno socialmente compartilhado, agora no âmbito dos ressentimentos pessoais e da preservação ao sigilo eterno de *estórias nada bonitas* que os arquivos da ditadura civil-militar são relegados ao poço do esquecimento, como nos diz o General Félix de Souza:

“O ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Jorge Armando Félix, é radicalmente contra a abertura dos documentos da ditadura militar (1964-1985): "Não há nada bonito ali", diz ele. Curiosamente, justifica que sua preocupação não é poupar os torturadores e sim os perseguidos e torturados.

A versão de Félix, 65, é na prática um alerta às vítimas do regime que exigem a abertura dos documentos: os registros, segundo ele, mostram uma esquerda corrupta, que mantinha relações extraconjugais e delatava companheiros.

"Tem gente que naquela época estava na clandestinidade, tinha outra mulher e hoje está com a antiga. Se isso aparecer, você pode destruir uma família. Tem os companheiros que entregaram, está escrito ali", disse Félix à Folha, no seu gabinete, a poucos metros do gabinete do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Segundo o general, nem sempre as delações eram forçadas: "Às vezes, não forçava, não. Às vezes, [o preso] chegava lá e abria tudo. Por medo, não é?".

E quanto à tortura e aos desaparecimentos? "Não encontrei nada na Abin até agora", respondeu.

Cercado no Planalto por antigos opositores da ditadura, como o próprio Lula e os ministros José Dirceu (Casa Civil) e Aldo Rebelo (Articulação Política), ele declarou: "O pior inimigo que você pode ter é o Estado. Não queira ter o Estado como inimigo"¹⁴.

Ótimas justificativas, ao menos para o general e para quem com ele concorde.

¹⁴ CANTANHÊDE, Eliane & DANTAS, Iuri. “Para General Félix, arquivos vão expor vítimas do regime” In: *Folha de São Paulo*, 14/11/2004, p. A4.

Enquanto problema sociológico ficaria a questão do papel desempenhado pela sociedade brasileira e seus setores nessa discussão. *Historicamente bestializados*¹⁵ (na expressão do historiador José Murilo de Carvalho), ou *historicamente responsáveis*?

Para finalizar a primeira parte dessa Introdução, cabem mais duas observações: A primeira ainda se remete ao parágrafo anterior. Uma idéia utilizada por Octavio Ianni em seu ensaio “A Carnavalização da Tirania” chama a atenção para o problema sociológico em questão: a *fabricação da sociedade*. A sociedade, enquanto um processo contínuo, ininterrupto. No caso, pensando nas representações literárias das ditaduras latino-americanas, as figurações dos ditadores e das situações absurdas, segundo o sociólogo, carnavalizadas, alegorizadas, servem tanto como críticas sociais ao opressor como para, em última instância, construção da compreensão das identidades nacionais que permitem aquele tipo de situação e de ditador.

Octavio Ianni, em seu ensaio, afirma que a figura do ditador tem uma íntima relação com o pensamento social latino-americano. Elenca algumas formas representativas do mesmo na literatura: o Caudilho, o Guia Supremo, Generalíssimo, Primeiro-Magistrado, o Benfeitor, o Patriarca, Senhor Presidente. E afirma:

“Sob várias formas, a literatura reage à tirania, trabalhando-a em todas as suas implicações. Em lugar de negá-la ou apenas combatê-la, examinando-a por fora, afirma-a. Trabalha a tirania por dentro, levando-a às suas conseqüências necessárias e ocasionais, lógicas e insólitas, trágicas e grotescas”¹⁶

A carnavalização da tirania é o uso de piadas, alegorias, vivência da opressão, retraduzidas na arte literária, hiperdimensionando a figura do ditador e da sociedade ditatorial, apontando-lhes o grotesco e o hilário, o absurdo, a violência e o interdito. O ato de carnavalizar é reconhecido como uma forma de crítica. A idéia de carnaval é a de profanar costumes, comportamento e normas da classe dominante. A classe dominante latino-americana é burocrática, autoritária, renegadora da realidade nacional em prol do

¹⁵ Cf. CARVALHO, J. M. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*, São Paulo: Companhia Das Letras, 1997.

¹⁶ IANNI, Octávio. “A Carnavalização da Tirania” In: *Ensaio de Sociologia da Cultura*, RJ: Civilização Brasileira, 1991. Na mesma coletânea, vale conferir o ensaio “O Discurso do Poder”.

bom padrão (europeu ou norte-americano), escondedora dos dilemas nacionais e de seus cadáveres, violenta.

Fabrica-se a sociedade nacional no momento em que ocorre o esquecimento de certos fatos, mas igualmente é possível compreender sua construção e seu desenvolvimento histórico, cultural e político ao se observar as suas representações de seus excessos, de suas figuras hediondas. Refletindo sobre os romances representativos do Realismo Mágico, Ianni elenca os sinais dessa discussão observando como a representação literária é capaz de, alegoricamente ou não, denunciar, espicaçar ou, ao menos, questionar situações de exceções nacionais quando outros setores (como o jornalismo, a política etc.) não o podem. E essa carnavalização torna-se parte do processo social cotidiano.

Uma Estética Realmente Nova

A segunda discussão é quanto a uma diferenciação entre as narrativas dos autores tratados aqui e a chamada emergência do *Novo Romance Brasileiro*¹⁷. Representantes sempre citados desse gênero – Renato Pompeu (*Quatro Olhos*, 1976, Editora Alfa-Ômega), Ivan Ângelo (*A Festa*, 1976, Summus Editorial) e Silviano Santiago (*Em Liberdade*, 1981, Editora Nova Fronteira) etc. – escreveram justamente no período concomitante aos dos autores examinados aqui. Todos estão dialogando com o período ditatorial, como apontam os críticos¹⁸, mas não se equiparam, da maneira como se está tentando compreender, teoricamente, à experiência traumática e a sua representação; ou o seu teor testemunhal. Há que se retomar aqui a noção de *memória-trabalho*, explicitada no livro de Ecléa Bosí (*Memória e Sociedade*), e o ensaio de Theodor W. Adorno, “Educação após Auschwitz” para apontar tal especificidade.

¹⁷ Apenas para utilizar o título do livro do brasilianista Malcom Silverman, citado adiante.

¹⁸ Exemplo de alguns trabalhos que seguem essa linha: FILHO, Armando F., HOLLANDA, Heloísa B. de. & GONÇALVES, Marcos A. *Anos 70: Literatura*, Rio de Janeiro: Edições Europa, 1979; MACHADO, Janete Aparecida Gaspar. *Constantes Ficcionalis em Romances dos Anos 70*, Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981; FRANCO, Renato B. *Ficção e Política no Brasil: os anos 70*. Campinas [SP: s.n], 1992; *Itinerário político do romance pós-64: A Festa*, SP: UNESP, 1998; SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*, RJ: Jorge Zahar Editor, 1985; SILVERMAN, Malcolm. *Protesto e o Novo Romance Brasileiro*, SP: Ed. Da UFScar, 1995; PELLEGRINI, Tânia. *Gavetas vazias: ficção e política nos anos 70*, Campinas / São Carlos: Mercado de Letras / Ed. da UFSCar, 1996.

As duas propostas dão ênfase às idéias de experiência e representação. A experiência, num sentido já conferido por Walter Benjamin em seu ensaio “O Narrador: Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov”¹⁹, a experimentação pregressa de algo implica na sua narração futura. Não se entrará aqui na discussão do texto do filósofo alemão – que versará profundamente sobre a questão do declínio da experiência e a emergência da modernidade – mas fixe-se sua idéia. Bosi, inspirada pelos trabalhos de Maurice Halbwachs, Henri Bergson e do próprio Benjamin, articulará a discussão do trabalho (a atividade pregressa) executado com o trabalho da memória, demonstrando uma intensa relação existente entre ambos. Daí é possível deduzir que entre uma atividade exercida no passado e *o quê/como/por quê* se lembrará no futuro, há uma determinação.

Ser guerrilheiro x jornalista (ou outro tipo de intelectual) representará diferenças na forma e conteúdo da rememoração e da escrita sobre o período anterior (ou seja, sua representação literária). Diferenças de opções formais, estilísticas, éticas etc. Por essa razão, não parece ser possível e teoricamente acertado unir os dois tipos de representação literária do período ditatorial: *guerrilheiros urbanos* e *escritores profissionais, jornalistas* etc. (mesmo que estes últimos sejam ou tenham sido comunistas, socialistas e/ou filiados ao antigo Partido Comunista Brasileiro).

A discussão de Adorno sobre as situações de excesso e arte, educação, vivência cultural pós-experiência concentracionária e do Holocausto também são pertinentes para expor tal diferenciação. Após uma situação-limite, uma experiência ímpar, inédita e traumática como Auschwitz – Birkenau, aos *sobreviventes* cabe a tarefa de refletir sobre o horror social e não da mesma maneira que antes, isto é, com uma *consciência coisificada*, predisposta. Ao sobrevivente se agrega a noção de estranhamento, de incompreensão, aversão, inexplicabilidade da situação, da sociedade, dos indivíduos que geraram o horror. Citando longamente o autor:

“É preciso buscar as raízes nos perseguidores e não nas vítimas, assassinadas sob os pretextos mais mesquinhos. Torna-se necessário o que a esse respeito uma vez denominei de inflexão em direção ao sujeito. É preciso reconhecer os mecanismos que tornam as pessoas capazes de cometer tais atos, é preciso revelar tais mecanismos a eles próprios, procurando impedir que

¹⁹ BENJAMIN, Walter. “O Narrador: Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov” In: *Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte Política*, São Paulo: Brasiliense, 1984.

se tornem novamente capazes de tais atos, na medida em que se desperta uma consciência geral acerca desses mecanismos(...) É necessário contrapor-se a uma tal ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias. (...)

Para terminar gostaria ainda de discorrer brevemente a respeito de algumas possibilidades de conscientização dos mecanismos subjetivos em geral, sem os quais Auschwitz dificilmente aconteceria. O conhecimento desses mecanismos é uma necessidade; da mesma forma também o é o conhecimento da defesa estereotipada, que bloqueia uma tal consciência. Quem ainda insiste em afirmar que o acontecido nem foi tão grave assim já está defendendo o que ocorreu, e sem dúvida seria capaz de assistir ou colaborar se tudo acontecesse de novo. Mesmo que o esclarecimento racional não dissolva diretamente os mecanismos inconscientes — conforme ensina o conhecimento preciso da psicologia —, ele ao menos fortalece na pré-consciência determinadas instâncias de resistência, ajudando a criar um clima desfavorável ao extremismo. Se a consciência cultural em seu conjunto fosse efetivamente perpassada pela premonição do caráter patogênico dos traços que se revelaram com clareza em Auschwitz, talvez as pessoas tivessem evitado melhor aqueles traços.(...)²⁰

O papel do Conhecimento, portanto é central, na perspectiva adorniana, na elucidação do que foi capaz de promover Auschwitz. Todo arsenal deve ser utilizado, inclusive a cultura, a estética. Esse texto é sempre citado quando se procura refletir sobre a Estética do Testemunho, que refletiria numa estética nova. Para Adorno, portanto, após um evento da natureza do que ocorreu em meados do século XX, não seria mais possível manter um atitude inocente em relação ao papel desempenhado pelas pessoas comuns, artistas, intelectuais. Seria necessário tematizar o fato, provocar o incômodo, questionar continuamente, apresentá-lo não como uma extravagância, mas sim como uma possibilidade real, cuja nova ocorrência deve ser evitada a todo custo.

De forma semelhante, todo o arsenal teórico e cultural deve ser utilizado para explicar as ditaduras latino-americanas, não as normalizando e observando o aspecto

²⁰ADORNO, Theodor W. “Educação após Auschwitz” [online]Disponível na internet via: http://www.educacaoonline.pro.br/art_educacao_apos_auschwitz.asp Capturado em 28/02/2005 10:32:48. Tradução de Wolfgang Leo Maar.

particular das narrativas e experiências dos sobreviventes que se dispuseram a tratar do assunto.

Acredita-se aqui que é o que também cabe distinguir no caso brasileiro e, talvez, nas narrativas latino-americanas pós-ditaduras. O equívoco de tudo alocar num chamado *Novo Romance* é igualmente cometido quando se trata da questão da emergência de um *Novo Memorialismo* ao fim dos anos 1970. Esse erro foi cometido recentemente por Walnice Nogueira Galvão em seu artigo “Heróis de Nosso Tempo”, no Caderno *Mais!* do jornal *Folha de São Paulo*, em 05/12/2004. Nele, a autora disserta corretamente sobre o ressurgimento da temática da memória na literatura brasileira ao fim dos anos 1970. Contudo, se existe o fenômeno e, talvez, um gênero em retomada, que privilegia figuras importantes para a História do país, em momentos tidos como cruciais, a autora pouco explana sobre as memórias políticas, dividindo a linhagem dos memorialistas em duas: as dos

“(…)velhos, de alto nível estético [referência principal a Pedro Nava e suas memórias em 6 volumes, surgidas num momento em que a literatura andava em baixa]; e de outro lado o memorialismo dos jovens, que já na primeira mocidade já têm experiências terríveis para contar, de tortura, cárcere e exílio. O primeiro desses livros a surgir, e que permaneceu como uma espécie de carro-chefe, é “O que é isso, Companheiro?” (1979, Cia. das Letras), de Fernando Gabeira”²¹

Embora aponte estes dois caminhos, a autora se preocupa mais com os seguidores da primeira linhagem, cujo *valor estético* é de maior importância, conferindo ao gênero da memória um beletrismo assentado no fenômeno editorial e na profusão de biografias de personalidades *importantes*. O memorialismo dos jovens, então, embora na mesma leva, é “(...) *resgate da saga de esquerda, recalçada pela ditadura*”²².

E que não se tornou fenômeno estrondoso de mercado, com exceção de Gabeira (que, aliás, configura o primeiro equívoco de Galvão, pois aquele autor não é o primeiro militante da esquerda armada a publicar suas memórias, tampouco naquela editora, mas, sim o mais bem-sucedido financeira e midiaticamente), como as biografias de músicos,

²¹ GALVÃO, Walnice Nogueira. “Heróis de nosso tempo” In: Caderno *Mais!*, Folha de São Paulo, 05/12/2004, p.05. Colchetes meus.

²² *Idem, Ibidem.*

grupos, políticos, times de futebol, artistas etc. Um segundo equívoco no desenvolvimento do artigo consiste na não observação do propósito do resgate da saga da esquerda: a (auto) reavaliação de um projeto político, o que se tornará algo importante para a dinâmica político-cultural da década seguinte. Ou seja: quais são as implicações políticas da memória, dos usos políticos do passado? Qual a relação disso com a História Contemporânea Brasileira? Não se trata *apenas* de mais um fenômeno editorial, mas, antes, de um fenômeno político. E é o que cabe demonstrar aqui.

Questões Teóricas: Literatura, Sociologia e Memória.

O problema de uma Sociologia da Literatura está, dentre outros fatos, em assentar a relação não-excludente que existe entre um e outro campo. Diversos autores das Ciências Sociais dedicaram-se ao assunto, demonstrando que, inicialmente, a Sociologia nasce como uma contraposição ao discurso literário, até então, dentre outros, uma das grandes narrativas sobre a realidade. A disputa, em verdade, aparenta-se inócua, pois o discurso sociológico também seria uma grande narrativa e, assim como o literário, tem a intervenção na realidade como um de seus pressupostos. Além disso, um não substitui o papel do outro. Ao contrário, complementam-se, iluminando-se mutuamente. Isso está apresentado em autores como Wolf Lepenies, Michel Pollak, Octávio Ianni, Pierre Bourdieu, Lucien Goldmann, Gyorgy Lukács, Antônio Cândido, Jean-Paul Sartre, dentre outros.

De partida, numa perspectiva da Sociologia da Literatura, com a qual se irá trabalhar, assume-se o ato criativo em prosa como um processo consciente e racional, valendo-se de técnica, forma, conteúdo e intencionalidades, evidentes ou não, que permitem a elaboração de análises a seu respeito, bem como a conexão das potencialidades do ato criativo e narrativo com as estruturas sociais. Logo, o que está em jogo é a possibilidade de reconstrução da realidade (ou da criação de um discurso sobre ela) a partir da narrativa (o que aproxima Sociologia e Literatura).

É necessário enfatizar que esse procedimento é costumeiramente utilizado para o ato criativo em prosa e não em poesia. Discute-se isso, por exemplo, nas reflexões de Sartre em *Que é a Literatura?*, ensaio escrito em 1947 e publicado, pela primeira vez, no *Les Temps Modernes*. No capítulo intitulado “Que é escrever?”, o autor faz uma distinção entre o discurso em prosa do discurso poético – aproximando este último do campo da pintura – pois:

“Também não há dúvida de que as artes de uma mesma época se influenciam mutuamente e são condicionadas pelos mesmos fatores sociais (...) Aqui, como em tudo o mais, não é apenas a forma que diferencia, mas também a matéria; uma coisa é trabalhar com sons e cores, outra é expressar-se com palavras. As notas, as cores, as formas são signos e não remetem a nada que

lhes seja exterior. (...) O escritor, ao contrário, lida com significados. Mas cabe distinguir: o império dos signos é a prosa; a poesia está lado a lado com a pintura, a escultura, a música.”²³

Essa distinção sartreana se dá por conta de algo que ele diferencia entre a prosa e a poesia, na intencionalidade de *nomear as coisas* – e, portanto, conferir-lhe um significado: a prosa – *e tornar-se coisa* – poesia, pintura, música. No ramo poético, as palavras já são coisas e não são signos. Não precisam de nomes e significação para ser compreendidas. O universo da prosa, os procedimentos e as intenções são completamente outros. “*Quanto ao mais, seus universos [prosa x poesia] permanecem incomunicáveis, e ao que vale para um não vale para o outro. A prosa é utilitária por excelência; eu definiria o prosador como um homem que se serve das palavras.*”²⁴

Servir-se para quê? Esta perspectiva está de acordo com o desenvolvimento teórico de outros autores que pensam a Literatura – especialmente a prosa romanesca – como um *discurso revelador de realidades*. Lucien Goldmann dirá em seu *Sociologia do Romance* que esse gênero literário é simultaneamente “*biografia e crônica social*”²⁵, potencializando, portanto, a visualização de uma ação no tempo. Octávio Ianni²⁶ argumenta em seus ensaios que o gênero romanesco possui a capacidade de *taquiografar* o social. Para os três, fica explícito que o ato criativo é ação e o fundamento dessa ação – o dizer algo, que é um desvendar de realidades – tem um propósito: o engajamento social do escritor.

Mas uma outra dimensão importante da Sociologia da Literatura é desvencilhar-se da idéia do *valor literário*. A atribuição de valor à obra de arte só será possível na acepção de uma análise pura da obra, observando apenas o seu desenrolar interno. O que é equivocado, pois se negam os condicionamentos sociais da obra e de sua consagração. A

²³ SARTRE, Jean-Paul. “Que é escrever?” In: *Que é a literatura?*, SP: Ática, 3ªed., 1999, pp. 09-13. Não se poderia analisar poesia, portanto, buscando-lhe um sentido sociológico. Esse seria um dos motivos de não se incluir nessa dissertação textos como os de Alex Polari de Alvarenga (antigo militante da Vanguarda Popular Revolucionária) e seu *Inventário de Cicatrizes* (Rio de Janeiro/São Paulo: Comitê Brasileiro pela Anistia/ Teatro Ruth Escobar, 1978). Poemas são símbolos em si. Nas palavras de Sartre, são coisas, não as querem ser. À poesia ficaria reservada, então, apenas uma análise semiológica, semiótica, estética. A Sociologia nesse campo nada pode oferecer, correndo o risco de ser *apenas mais uma* ferramenta reducionista, se se quiser seguir essa perspectiva. Contudo é um viés que demonstra seus limites, face a autores como Bertold Brecht e muitos outros, cuja obra poética é passível de uma análise sociológica e extração de significados. Vale lembrar que essa perspectiva sartriana, quanto à poesia, sempre foi muito criticada.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 18.

²⁵ GOLDMANN, Lucien. *Sociologia do Romance*, Rio de Janeiro: Paz & Terra, p. 12.

²⁶ Cf. IANNI, Octávio. *Sociologia e Literatura*, Campinas, SP: IFCH/UNICAMP, Coleção Primeira Versão, vol. 72, 1997.

idéia de *valor literário* é gêmea da idéia de *cânone literário*. Ambas são perspectivas deveras subjetivas, passíveis de preconceito e falsificação, ocultando, muitas vezes, procedimentos objetivos da atribuição do valor. A Sociologia da Literatura não parte da idéia de valor, como afirma Antônio Cândido em seu *Literatura e Sociedade*, porque:

“Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos quanto o outro, norteados pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos ainda que o externo (no caso, o social) importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.”²⁷

Ou seja: a Sociologia da Literatura não questiona, primordialmente, o valor da obra, mas sim seus condicionamentos, os fatores externos que se mesclam à obra, formatando-a. E é isso que é interessante para a análise sociológica. O externo e o interno de Cândido retomam uma problemática clássica das Ciências Sociais, sobre a ação e estrutura. *Quem condiciona o quê* ou *o quê condiciona quem?* Numa relação dialética como esta, cabe ponderar essas mediações, buscando-lhe no texto e contexto as explicações. A obra literária não é pano de fundo do social, nem o contrário. Trata-se de um amálgama. Para comprovar isso, o autor aponta versões de um método de como analisar sociologicamente uma obra literária, que consistiu em alguns passos históricos, a saber:

- Associar um conjunto de Literatura a um período e às suas condições sociais;
- Verificar em que medidas as obras espelham a sociedade;
- Realizar um estudo de recepção, entre a obra e o público;
- Analisar a posição e a função social do escritor, associado à sua obra e à sociedade;
- Investigar a função política da obra e dos autores;
- Proceder a uma investigação hipotética das origens (Literatura e Gêneros).

Pois para Cândido, assim como para Goldmann, Lukács, Ianni e Sartre, a Literatura está em diálogo com as estruturas da sociedade. No capítulo intitulado “A Literatura e a

²⁷ CÂNDIDO, Antônio. “Crítica e Sociologia” In: *Literatura e Sociedade*, São Paulo :Editora Itatiaia, 1965, p. 05-06. Grifos meus.

Vida Social”, o autor desenvolve os temas precedentes na perspectiva de observar esse diálogo e verificar a capacidade daquilo que já havia denominado na 1ª parte de sua *Formação da Literatura Brasileira como sistema literário*, a saber:

“Assim, a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. O grau e maneira porque influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam visivelmente na posição social do artista, ou na configuração dos grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orientado segundo os padrões de sua época; b) escolhe certos temas; c) usa certas formas e; d) a síntese resultante age sobre o meio.”²⁸

A visão do sistema literário é extremamente rica, pois, ao invés de se limitar a um desenvolvimento interno da obra permite observar *diferentes dimensões do ato criativo em prosa*, bem como suas diferentes repercussões, presentes na ou à revelia das intenções de um autor. Não significa observar *o que se quis dizer*, espicaçando significados no vazio. Mas, sim, *o quê foi efetivamente dito*, observando as potencialidades desse ato. Sartre apresenta uma síntese do problema assim:

“Falar é agir: uma coisa nomeada não é mais inteiramente a mesma, perdeu a inocência (...) a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir. Assim, o prosador é um homem que escolheu determinado modo de ação secundária, que se poderia chamar de ação por desvendamento. (...) desde já podemos concluir que o escritor decidiu desvendar o mundo e especialmente o homem para os outros homens, a fim de que estes assumam em face do objeto, assim posto a nu, a sua inteira responsabilidade.”²⁹

Creio que, para os iniciados, já ficou claro o quê separa a perspectiva privilegiada aqui da não menos importante de Pierre Bourdieu. Dentro dos métodos de investigação –

²⁸CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, volume I, São P: EDUSP/Itatiaia, 1972, pp. 19-20.

²⁹SARTRE, Jean-Paul. *Op. cit.*, pp. 20-21

ou dos passos históricos daquele método, apresentados acima – da Sociologia da Literatura, este autor está mais preocupado com a idéia das possibilidades de efetivação de uma determinada criação literária dentro de um campo social que com as suas decorrências e implicações. A teoria do campo de Bourdieu é interessante, mas não é diretamente útil para os propósitos dessa dissertação. O autor de *As Regras da Arte*³⁰ se preocupa com a ação social dos agentes – no caso, os escritores, as possibilidades do mecenato intelectual, as relações sociais entre escritores, editores, etc. – para elaborar sua discussão sobre o sistema literário. A determinação social sobre a obra não é focada do ponto de vista da narrativa, mas sim da possibilidade de sua existência mesma dentro das regras do campo, seguindo-as ou subvertendo-as.

Talvez seja tangenciada essa perspectiva, no trabalho ora apresentado, somente no ponto da pergunta *Por quê algumas memórias venderam tanto?* Mas, observe-se: não é o ponto central. Apesar de meritória, a perspectiva de Bourdieu não é original. Observando-se os passos de Cândido apresentados anteriormente – e ainda no capítulo “A nossa Aufklärung”, de *Formação da Literatura Brasileira* – nota-se que a teoria do eminente sociólogo francês, sobre o campo, a realização da obra literária e/ou consagração de um autor, dentro do campo literário é, não mais que, um aprofundamento de uma das dimensões do sistema literário, como ali aparece; ou melhor: de um dos métodos sociológicos históricos de análise, enunciados pelo crítico e sociólogo brasileiro décadas antes. É extremamente reveladora essa abordagem para outros tipos de análise, com outros objetivos que não os desse trabalho.

A questão principal aqui não é o campo literário. Mas, sim, a relação entre as estruturas sociais e a sua forma/ conteúdo narrativo. Privilegia-se essa abordagem em detrimento da outra, mas não se nega a primeira. Ela aparecerá, mas em posição secundária.

Dito isso, temos ainda quatro questões a abordar dentro da temática da Sociologia da Literatura: A) A questão da forma literária (acerca da prosa); B) A questão do gênero da Literatura de Testemunho; C) A questão do personagem e; D) Finalmente, a questão do Engajamento.

³⁰ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*, SP: Cia. Das Letras, 1996.

Questão da Forma Literária³¹

Tem-se usado aqui, em sentido vago, a idéia de Literatura. Cabe precisá-lo. Para avançar no primeiro, dos quatro pontos anunciados, retomar-se-á a definição proposta por Anatol Rosenfeld, em “Literatura e Personagem” (texto escrito e publicado em 1968, em coletânea de Antônio Cândido, Paulo Emílio Salles Gomes e Décio de Almeida Prado):

“Geralmente quando nos referimos à literatura, pensamos no que tradicionalmente se costuma chamar “belas letras” ou “beletrística”. Trata-se, evidentemente, só de uma parcela da literatura. Na acepção lata, literatura é tudo o que aparece fixado por meio de letras(...) Dentro deste vasto campo das letras, as *belas letras* representam um setor restrito. Seu traço distintivo parece ser menos a beleza das letras do que seu caráter fictício ou imaginário. (...) Contudo, o critério do caráter ficcional ou imaginário não satisfaz inteiramente o propósito de delimitar o campo da literatura no sentido restrito. A literatura de cordel tem caráter ficcional, mas não se pode dizer o mesmo dos *Sermões* do Padre Vieira, nem dos escritos de Pascal, nem provavelmente dos diários de Gide ou de Kafka”.³²

A acepção de Rosenfeld é interessante, por ser capaz de abranger diferentes tipos de estilos no âmbito literário, no sentido mais simples e direto do uso das letras. Ainda que o crítico chegue a uma primeira conclusão em seu ensaio de que

“Os critérios de valorização, principalmente estética, permitem-nos considerar uma série de obras de caráter não-ficcional como obras de arte literárias e eliminar, de outro lado, muitas obras de ficção que não atingem certo nível estético. O uso conjunto de ambos os critérios recortaria, dentro do próprio campo das belas letras, uma área de intersecção limitada àquelas obras que ao mesmo tempo tenham caráter ficcional e alcancem certo nível estético.”³³

Sua abordagem continua analiticamente útil, pois a idéia do valor estético está ligada à idéia de *fruição estética*, isto é, “(...) o fenômeno de que o prazer estético integra

³¹ Observe-se que, obviamente, não se pretende esgotar nenhum dos tópicos aqui apresentados, mas, sim, expô-los, aliados ao tema da dissertação, buscando o diálogo e a aproximação. Nesse sentido, categorias e problemáticas clássicas da Teoria Literária serão aqui matizadas com aquilo que parece ser interessante para a questão proposta, tendo como material aquilo que parece ser mais adequado, ainda que se saiba ser insuficiente.

³² ROSENFELD, Anatol. “Literatura e Personagem” In: CÂNDIDO, Antônio *et alli*. *A Personagem de Ficção*, São Paulo: Perspectiva, 10ª ed., 2004, pp. 11-12. Agradeço a Mário Martins Lima pela indicação.

³³ *Idem, ibidem*, p. 12.

no seu âmbito o sofrimento e a risada, o ódio e a simpatia, a repugnância e a ternura, a aprovação e a desaprovação com que o apreciador reage ao contemplar e participar dos eventos”³⁴.

E mesmo que esse critério seja algo que pode ser considerado inato à obra, ainda assim, sua *determinação* é social e historicamente dada, já que, para além dos valores estéticos, haverá ainda os não-estéticos (religiosos, morais, político-sociais etc.) que o influenciarão decisivamente.

Suspeição da Verdade, Suspensão da Descrença.

Em que isso é importante ou interessante? Para a tentativa de incorporação de formatos textuais que não são considerados *literários* num outro viés analítico: O âmbito dos diários, dos depoimentos e dos testemunhos. Voltemos a eles.

No caso do objeto aqui analisado – as memórias de militantes políticos da esquerda armada – sempre houve, na bibliografia consultada, o procedimento de não considerar esses textos como *literatura*. O que é um equívoco.

Mesmo se afirmando que tais memórias não teriam caráter ficcional – o que é altamente discutível por uma série de procedimentos empregados pelos autores (*troca de nomes, seleção de determinadas estórias em detrimento de outras, criação de personagens, mesmo que autobiográficos, fluxo de consciência* etc.) – a escrita da narrativa é feita após um longo período de tempo, o que coloca em dúvida a fidedignidade dos relatos; ou melhor: a capacidade de retenção dos mesmos sem que a maneira como tenha efetivamente ocorrido seja contaminada por fatores do presente, vividos pelo autor no momento de escrever. Além disso, os autores têm a pretensão e o projeto de ser escritores, como se poderá perceber em suas entrevistas. E, para efetivar esse projeto, justificam suas obras com aqueles procedimentos narrativos.

Logo, a possibilidade analítica aberta por Rosenfeld é importante. Primeiro, porque permite colocar a verdade em suspeição, quando se lê aquelas ficções políticas – embora seus autores afirmem que o que escreveram seja absolutamente verdadeiro. A suspeição da verdade, sociológica e historicamente é algo deveras necessário. Questionar a narrativa

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 47.

pessoal do sujeito histórico – bem como de documentos históricos e de outras fontes – parece ser um procedimento adequado, quando se utiliza o método biográfico. Por outro lado, a idéia de pensar aquelas narrativas como Literatura – e mais especificamente: com um teor testemunhal – abre a questão da relação entre leitor e autor, mediada por uma obra com certas intenções. É o que a crítica literária apresenta como o *pacto ficcional* ou *Princípio da Suspensão da Descrença*. Umberto Eco, em seus *Seis Passeios pelo Bosque da Ficção*, aborda o tema da seguinte maneira:

“A norma básica para se lidar com uma obra de ficção é a seguinte: o leitor precisa aceitar tacitamente um acordo ficcional, que Coleridge chamou de “suspensão da descrença”. O leitor tem de saber que o que está sendo narrado é uma história imaginária, mas nem por isso deve pensar que o escritor está contando mentiras(...) Aceitamos o acordo ficcional e *fingimos* que o que está sendo narrado de fato aconteceu”³⁵

Aprofundando essa discussão, Eco afirma que “*Esse é o verdadeiro atrativo de qualquer ficção, verbal ou visual. A obra de ficção nos encerra nas fronteiras de seu mundo e, de uma forma ou de outra nos faz levá-la a sério.*”³⁶ Sendo assim, “(...) os leitores precisam saber de uma porção de coisas a respeito do mundo real para presumi-lo como o pano de fundo correto do mundo ficcional”³⁷ E desta forma, nessa correspondência, o que estaria em jogo é o *estatuto da verdade* no mundo ficcional, o que levaria, segundo Eco, à “*resposta mais razoável é que afirmações ficcionais são verdadeiras dentro do mundo possível de determinada história*”³⁸. Mas fica o alerta:

“*As coisas parecem mais fáceis quando se trata de verdades ficcionais. No entanto, até um mundo ficcional pode ser tão traiçoeiro quanto o mundo real*”³⁹.

As discussões empreendidas por Eco sobre o estatuto da verdade na ficção e os acordos estabelecidos entre leitor e autor não estão distantes do objeto aqui estudado, tampouco da Sociologia. A polaridade que foi anunciada linhas atrás – suspeição da verdade e suspensão da descrença – estão em íntima ressonância com a questão do

³⁵ ECO, Umberto. “Bosques Possíveis” In: *Seis Passeios pelo Bosque da Ficção*, trad.: Hidelgard Feist, São Paulo: Cia. Das Letras, 1994, p.81.

³⁶ *Idem, ibidem*, p. 84.

³⁷ *Idem, ibidem*, p. 91.

³⁸ *Idem, ibidem*, p. 94.

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 99.

Testemunho; ou melhor: com aquilo que Pierre Bourdieu denominou como “L’Illusion Biographique” (A Ilusão Biográfica). Para Bourdieu, a idéia de uma história de vida é um pressuposto do senso comum, pois pretende que a vida seja uma história, com uma lógica e linearidade racionalizadas. Isso é inadmissível, ainda que:

“On est sans doute en droit de supposer que le récit autobiographique s’inspire toujours, au moins pour une part, du souci de donner sens, de rendre raison, dégager une logique à la fois, retrospective et prospective, une consistance et une constance, en établissant des relations intelligibles, comme celle de l’effet à la cause efficiente ou finale, entre les états successifs, ainsi constitués en étapes d’un développement nécessaire.”⁴⁰

Esse procedimento, segundo Bourdieu, é próprio de uma ilusão retórica, pois busca impor uma coerência lógica a uma realidade descontínua, cheia de mediações. E esse tipo de tentativa já teria sido superado pelos romancistas modernos – como William Faulkner e Allain Robbe-Grillet, citados pelo autor. A ilusão biográfica deve ser identificada por aquele que analisa um discurso, procurando verificar as posições ocupadas por um sujeito no espaço social. Ou seja: os procedimentos de seleção do que foi dito, a produção linear e cronológica da verdade, devem ser colocadas sob suspeita, deve-se analisar uma trajetória. O acordo ficcional aqui é evidente. Mesmo que o desenvolvimento teórico de Bourdieu culmine uma vez mais em sua teoria do campo, é interessante observar as ligações que esse ensaio tem com um texto de Antônio Cândido, escrito em 1968 (que terá trecho comentado a seguir), para a mesma coletânea dos já citados excertos de Anatol Rosenfeld.

Há igualmente ligação com o trabalho de Eco, antes discutido, sobre a idéia da verdade como uma ponte entre leitor e autor. O romance é a relação entre o ser vivo e o ser fictício – a personagem. E o conhecimento de um e de outro, é sempre fragmentário (da mesma maneira como ocorre no mundo real). A evolução da forma do romance moderno foi um senso de complicação cada vez maior no conhecimento dessa relação fragmentada, incompleta, segundo Cândido. A invenção de uma personagem, no texto ficcional, ajuda,

⁴⁰ BOURDIEU, Pierre. “L’Illusion Biographique” In: *Actes de Recherche en Science Sociales*, Paris, n° 62/63, juin 1986, p. 69. Tradução: “Estamos sem dúvida no direito de supor que o discurso autobiográfico se inspira sempre, ao menos em parte, da necessidade de conferir sentido, de dar razão, apresentar uma lógica, ao mesmo tempo, retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, também constituídos de um desenvolvimento necessário”.

mas não soluciona os problemas da relação. Pois se trata, sempre, de uma visão parcial, de um pacto tenso, de um controle fugidio do autor sobre sua própria criação. Ou, como diz o próprio Cândido:

“(…) convém notar que por vezes é ilusória a declaração de um criador a respeito de sua própria criação. Ele pode pensar que copiou quando inventou; que exprimiu a si mesmo, quando se deformou; ou que se deformou, quando se confessou. Uma das grandes fontes para o estudo da gênese das personagens são as declarações do romancista; no entanto, é preciso considera-los com precauções, devidas a essas circunstâncias.”⁴¹

O que esse último trecho coloca em xeque, no caso do objeto aqui analisado, é a fala dos autores das memórias – especialmente dos Testemunhos sobre as suas *absolutas expressões da verdade*⁴² no ato de relatar suas experiências. Não se quer dizer que tenham mentido. Apenas se tenta explicitar que *a verdade é impossível*. Ou ilusória. E mesmo o Gênero do Testemunho (ou *Testimonio*, no caso latino-americano), apesar de sua conotação jurídica, é permeado por uma esfera ficcional como os outros gêneros da Prosa Literária.

Testemunho, Testimonio: Singular Plural.

Toda *estética* pressupõe uma *ética* e com a Literatura de Testemunho não se passa algo diferente. Talvez, em seu caso, o aspecto ético seja mais acentuado, estudado, evidenciado que seus pressupostos estéticos.

O gênero do testemunho – quer seja no contexto europeu do pós-2ª Guerra, quer seja no contexto latino-americano pós-ditaduras civis-militares – produziu uma enorme quantidade de obras literárias, estudos, análises, artigos e questões. Não há possibilidade de aqui, no alcance dessa dissertação, dar conta de todas essas dimensões de maneira adequada e não superficial. Procurar-se-á, entretanto, sintetizar os pontos que parecem ser essenciais,

⁴¹ CÂNDIDO, Antônio. “A Personagem do Romance” In: CÂNDIDO, Antônio *et alli*. *A Personagem de Ficção*, São Paulo: Perspectiva, 10ª ed., 2004, p. 69.

⁴² Faz-se, aqui, essa ressalva, especialmente nos casos de Fernando Gabeira e Alfredo Sirkis. Os autores, em entrevistas concedidas a mim ou a outros pesquisadores, sempre afirmam que tudo o que escreveram em suas memórias são verdades. Se de fato são, tratam-se de expressões particulares, narrativas sobre fatos ocorridos. E pelo decorrer do tempo e do interesse, algo certamente foi omitido, esquecido ou inventado.

especialmente no que tange à narrativa testemunhal latino-americana a partir dos anos 1960 e que guiam esse trabalho.

Para começar, veja-se o poema que abre o livro homônimo de Primo Levi, de 1947. O autor é, certamente, uma referência no que diz respeito ao tema, por conta da precoce escrita sobre sua experiência nos campos de concentração; as análises que produziu em seus textos, romances, ensaios etc. balizam os problemas tanto da narrativa da *Shoah* – termo utilizado para substituir a expressão *Holocausto*, que possui conotação bíblica do sacrifício – como os do *Testimonio*, em seu essencial:

“É isto um homem?

*Vocês que vivem seguros
em suas cálidas casas
Vocês que, voltando à noite
encontram comida quente e rostos amigos*

*pensem bem se é isto um homem
que trabalha no meio do barro
que não conhece paz
que luta por um pedaço de pão
que morre por um sim ou por um não
Pensem bem se é isto uma mulher
sem cabelos e sem nome
sem mais força para lembrar
vazios os olhos, frio o ventre
como um sapo no inverno*

*Pensem que isto aconteceu
eu lhes mando estas palavras
Gravem-nas em seus corações
estando em casa, andando na rua,
ao deitar, ao levantar
repitam-nas a seus filhos*

*Ou senão, desmorone a sua casa
A doença os torne inválidos
Os seus filhos virem o rosto para não vê-los.*⁴³

As idéias do compromisso da memória, do horror experienciado e da tentativa de fazer com que outros compreendam o incompreensível – finalizando com uma praga – são aspectos também inerentes ao Testemunho. Após a 2ª Guerra Mundial, o conhecimento dos horrores vividos na Europa não foi suficiente. Era necessário criar formas daquilo não voltar a ocorrer. Ou, caso ocorresse novamente, que se estivesse preparado, afastado da ingenuidade de um Iluminismo e da soberania da Razão⁴⁴. A Literatura de Testemunho é a narrativa do trauma⁴⁵, como o afirma Márcio Seligmann-Silva:

“Da reflexão sobre a impossibilidade de representação da catástrofe, uma vez que o real está todo ele impregnado por essa catástrofe, passou-se a uma condenação da representação de um modo geral: toda representação envolve um momento imediato (a intuição) e outro mediato (a articulação conceitual) que traz da realidade como catástrofe, a representação. Com a nova definição da realidade como catástrofe, a representação, vista na sua forma tradicional, passou ela mesma, aos poucos, a ser tratada como impossível; o elemento universal da linguagem é posto em questão tanto quanto a possibilidade de uma intuição imediata da “realidade”. Essa condenação da representação nos seus moldes tradicionais, deu-se não sem ambigüidades: ora exigiu a passagem do discursivo para o imagético, ou seja, da palavra para a imagem, ora seus adeptos defenderam uma descrição realista dos fatos – novamente nos moldes tradicionais.

No centro dessa discussão localiza-se – como um poderoso buraco negro – a *Shoah*. Esse *evento-limite*, a catástrofe, por excelência da Humanidade e que já se transformou no *definiens* do nosso século, reorganiza toda a reflexão sobre o real e sobre a possibilidade de sua representação. Busca-se agora uma nova concepção de representação que permita a inclusão desse evento.”⁴⁶

⁴³ LEVI, Primo. “É isto um homem?” In: LEVI, Primo. *É isto um homem?*, tradução: Luigi Del Re, Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 1.

⁴⁴ É curioso, portanto, que o livro de Theodor Adorno e Max Horkheimer, *Dialética do Esclarecimento*, seja escrito concomitantemente ao de Levi, publicados ambos em 1947.

⁴⁵ SELIGMANN-SILVA, Márcio. “Apresentação da Questão” In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura: o Testemunho na Era das Catástrofes*, Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2003, p. 48.

⁴⁶ SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A História como Trauma” In: SELIGMANN-SILVA, Márcio & NESTROVSKI, Arthur R. *Catástrofe e Representação: ensaios*, São Paulo: Escuta, 2000, p. 75.

O horror não é uma novidade na história humana, especialmente na história do Capitalismo. Pense-se no massacre de milhões de negros na época da expansão mercantilista e do escravismo colonial. No caso das Américas, ao menos 400 anos de uma história traumática, quase sem memória de qualquer tipo (especialmente autoral, oral etc.) a não ser pela reconstituição historiográfica, algo de escritores interessados na questão colonial ou por membros de uma elite letrada. Ou, no caso das etnias seculares, como curdos, ciganos, judeus etc. perseguidos em diversos momentos da história humana⁴⁷.

O que singularizaria o gênero do Testemunho no século XX, portanto, já que, em outros momentos da história, o princípio de organização e racionalização da morte e da dominação de indivíduos já se configurara determinante, e não apenas no que tange ao extermínio de judeus, preponderantemente, nos campos nazistas? Veja-se que problematizar isso não significa negar a *Shoah*, mas, sim, questionar um processo que se quer civilizador gerado e negado na e pela violência.

A singularidade do Testemunho está na permanência, na escrita, nos rastros de sua memória, no conteúdo de sua forma narrativa. O século XX, como uma Era de Catástrofes – da forma que sugere o subtítulo da coletânea de Seligmann-Silva – é também o século da cristalização da memória e de uma certa inversão no sentido da produção histórica. A voz do oprimido, a sua escrita, a sua imagem podem ser registrados com alguma plenitude, arquivados, evidenciados, como nunca antes. Não é possível mais ser ingênuo, nem mais justificar a opressão e o vencedor dos processos históricos impunemente. A fala do testemunho é a fala do sobrevivente⁴⁸.

Pensemos, então, na figura do sobrevivente. Ele é a síntese do plural no singular. Uma questão muito forte de identificação está aqui colocada. A testemunha narra a partir de um ponto de vista individual um fenômeno de grupo, da sociedade ou uma história secular. *“O “eu” testemunhal nestes livros não presume nem convida a identificar-nos com ele. Somos demasiados estranhos a ele, e não há pretensão aqui de uma experiência humana*

⁴⁷ Cf. ARENDT, Hannah. *O Sistema Totalitário*, Lisboa: Dom Quixote, 1978.

⁴⁸ SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura. Op.Cit.*, p. 52.

universal(...) O singular representa o plural, não porque ele substitui ou compreende o grupo, mas porque o falante é uma parte indistinguível do todo”⁴⁹.

Ou, no caso de não ser ela, a testemunha, quem escreva o seu testemunho de próprio punho, como ocorreu com os primeiros testemunhos latino-americanos publicados ou as entrevistas, o problema se complica. Esses aspectos foram estudados por diversos autores, colocando suas implicações, limites e alcances, dentre os quais se pode citar Miguel Barnet, Hugo Achugar, John Beverley, Alberto Moreiras, Rina Landos Martínez André (cuja tese de doutorado tenta sintetizar tais questões) – no que diz respeito ao Testimonio latino-americano – Valéria de Marco, Márcio Seligmann-Silva (sobre a experiência brasileira e judaica), Michael Pollak e muitos outros⁵⁰.

Enquanto um gênero na América Latina, o *Testimonio* aparece institucionalizado em 1969, com a criação dessa categoria pelo Prêmio Casa de Las Américas, de Havana. Angel Rama, Isadora Aguirre, Hans Magnus Enzensberger, Noé Jitrik, Haydée Santamaría e Manuel Galich faziam parte da discussão sobre tal criação (eram membros do comitê julgador de obras), capaz de dar conta da produção originada da convulsividade social latino-americana. Segundo Valéria de Marco, o que distinguiria, na discussão, o testimonio de outros gêneros conhecidos se baseava naquilo que

“Manuel Galich sistematizou a reflexão definindo o gênero pelo avesso: é diferente da reportagem, da narrativa ficcional, da pesquisa e da biografia. O testemunho difere da reportagem porque ele é mais extenso, trata com mais profundidade seu tema, deve apresentar uma qualidade literária superior e não é efêmero como a reportagem que se vincula à publicação em veículos periódicos. Distingue-se da narrativa ficcional, porque descarta a ficção em

⁴⁹ SOMMER, Doris. “No Secrets” In: GUGELBERGER, G.M. (ed.) *The Real Thing*, Durham: Duke University Press, 1996, p. 46 *apud*: PENNA, João Camillo. “Este corpo, esta dor: Notas sobre o Testemunho Hispano-Americano” In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura. Op.Cit.*, p. 319.

⁵⁰ Cf. BARNET, Miguel. *Biografía de un cimarrón: testimonio*, México: Siglo Veintiuno, 1971; ACHUGAR, Hugo. *En otras palabras, otras historias*, Montevideo: Universidad de la Republica, 1994; MOREIRAS, Alberto. “A aura do testemunho” In: *A Exaustão da Diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*, Belo Horizonte: UFMG, 2001, pp. 249-282; ANDRÉ, Rina Landos Martínez. *El testimonio, Roque Dalton y la representación de la catástrofe*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, USP, 2003; MARCO, Valéria de. “A Literatura de Testemunho e a Violência de Estado” In: *Revista Lua Nova*, São Paulo: CEDEC n° 62, 2004, pp. 45-68; POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento e Silêncio” In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC, vol. 2, n° 3, 1989, pp. 03-15 & “Memória e Identidade Social” In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC, vol. 5, n° 10, 1992, pp. 200-212. Os trabalhos de Márcio Seligmann-Silva já foram citados anteriormente.

favor da manutenção da fidelidade aos fatos narrados. Afasta-se da prosa investigativa, na medida em que exige o contato direto do autor com o ambiente, fatos ou protagonistas que constituem sua narração. O testemunho é diferente da biografia porque enquanto esta escolhe contar uma vida por seu interesse de caráter individual e singular, aquele reconstitui a história de um ou mais sujeitos escolhidos pela relevância que eles possam ter num determinado contexto social”⁵¹.

Pouco há escrito sobre uma Literatura de Testemunho brasileira. Renato Franco⁵² tenta aproximar suas reflexões sobre os romances dos anos 70 a essa discussão, atualizando seu trabalho nesse prisma. Existe, atualmente, uma tentativa de se pensar na chamada *Literatura Carcerária*, surgida nos anos 1980 e 1990⁵³. O *Testimonio*, na bibliografia, aparece como uma produção quase que exclusiva dos países latino-americanos de língua hispânica. Algumas teses, dissertações e trabalhos no Brasil têm procurado pesquisar sobre o tema em território nacional, em diferentes épocas, e/ou fornecer arcabouço teórico para futuros pesquisadores⁵⁴. Este trabalho é mais uma contribuição ao problema.

⁵¹ MARCO, Valéria de. “A Literatura de Testemunho e a Violência de Estado” In: *Revista Lua Nova*, São Paulo: CEDEC nº 62, 2004, p. 50.

⁵² FRANCO, Renato Bueno. “Literatura e Catástrofe no Brasil: anos 70” In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura. Op. Cit.*, pp. 355-374.

⁵³ Cf. HERZER, Sandra Mara. *Queda para o alto*, Rio de Janeiro: Vozes, 1982. A autora foi assessora do senador Eduardo Suplicy (que prefacia o livro) e ex-interna da FEBEM. Um conflito pela definição de sua identidade sexual, agudizado por outras questões levou-a ao suicídio no mesmo ano em que publicou o livro; ORTIZ, Esmeralda. *Esmeralda – Por que não dancei*. São Paulo: SENAC, 2001. Descoberta na rua, antiga interna da FEBEM e apadrinhada por Gilberto Dimenstein.; Jocenir. *Diário de um detento*, São Paulo: Labortexto, 2001. Nesse caso, há a apresentação crítica de Marcelo Rubens Paiva e prefácio de Dráuzio Varella para o antigo detento do Presídio Carandiru. Esses são alguns exemplos de autores descobertos nos últimos anos.

⁵⁴ Cf. RIBEIRO, Maria Cláudia Badan. *Memória, História e Sociedade: A contribuição na narrativa de Carlos Eugênio Paz*. Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de Sociologia da UNICAMP, 2005; SILVA, Cristiane Peixe. *Um estudo de 'Memórias do Cárcere' de Graciliano Ramos entre história, literatura e memória*, Dissertação de mestrado apresentada ao Depto. de Sociologia da UNESP/ Araraquara, 2000; PEÇANHA, Márcia Maria de Jesus. *O cotidiano e seu tecido histórico na literatura de testemunho*. Tese de doutorado apresentada ao Depto. de Letras da Universidade Federal Fluminense, 2002.

Capítulo 2 : Prelúdios⁵⁵

O Sujeito Histórico

“Às vezes, a gente fica muito preocupado em traçar as histórias políticas do período, sem se preocupar com as pessoas que as protagonizaram.”⁵⁶

Essa primeira abordagem sobre a memória dos antigos militantes da esquerda armada necessita de algumas precisões. Ou melhor: de estabelecer, efetivamente, quem é o objeto pesquisado, seu limite e seu alcance. Especialmente após as entrevistas concedidas ao autor, observou-se a necessidade de precisar quem é o *personagem* dessas narrativas, que escreve suas memórias, que se inscreve em discursividades temporais, que faz parte de um grupo e procura, posteriormente, inserir-se em outros, muitas vezes tornando o singular, plural.

O sujeito histórico aqui analisado, sem temer as reduções, é: *branco, homem, adulto; de origem burguesa/pequeno-burguesa; morador de grandes e importantes centros urbanos* (Belém, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo); *e vivente de momentos de transições históricas, culturais, arquitetônicas e políticas consideráveis*. Se bem se sabe que toda atribuição e/ou enunciação de identidade é problemática, o que significam (ou poderiam exprimir) as categorias acima e em que auxiliam ou não a esse trabalho?

Significam que o tempo, o espaço, os eventos e suas memórias não são um algo partilhado por todos, da mesma maneira. De partida, isso problematiza a idéia de uma

⁵⁵ Eu havia pensado em iniciar essa parte da dissertação com uma discussão de dois livros de Antônio Callado: *Quarup* (1967) e *Bar Don Juan* (1971). No plano original do trabalho, essa discussão parecia pertinente, para dar conta de certo *espírito de época*. Percebi, contudo, que fazer isso era cair em duas armadilhas, pelo menos. A primeira seria contradizer toda a minha própria argumentação, que procura matizar as representações (com o aspecto de fração, seja de classe ou de geração). A segunda seria atribuir a Callado uma influência que, efetivamente, pouco teve na memória dos militantes (aqui analisados e, talvez, em geral). Certamente o autor taquigrafou algo em curso, mas, se se está balizando o problema pelo viés da identidade da testemunha narrativa, tem-se de colocar esse autor no mesmo plano feito com os outros, no sub-ítem “Uma estética realmente nova”. Um terceiro erro seria *chover no molhado*. Pouco ou efetivamente nada acrescentaria à bibliografia analítica de Antônio Callado, já realizada, mesmo que insuficientemente. O mesmo vale para Carlos Heitor Cony e outros clássicos de citação, em termos de literatura política dos anos 1960. Ficam aqui as minhas justificativas pelas ausências.

⁵⁶ Fala de Renato Tapajós, em 03/05/2005, no Espaço Cultural Casa do Lago, da UNICAMP, em debate após a exposição de seu filme *Linha de Montagem*, para a comemoração da Semana dos Trabalhadores.

geração, especialmente uma geração 68 – como já foi apontado anteriormente. Desde a primeira página dessa dissertação escreve-se sobre *fração geracional*, em detrimento de sua forma mais ampla. Isto porque, ainda atento às entrevistas, verifica-se que sim, podem existir elementos do tempo e eventos partilhados por um grupo. Contudo, a sua apropriação daqueles elementos é sempre particularizada pelo sujeito.

O fato do sujeito histórico aqui analisado ser masculino e pequeno-burguês, logo de saída impõe duas questões: Como seriam as percepções das mulheres, dos militantes de extração proletária e camponesa sobre o *espírito do tempo*⁵⁷? Durante toda a pesquisa, se questionou – e me foi perguntado: *Mas não há romances ou depoimentos de mulheres e operários semelhantes a esses?* E se existissem, seriam diferentes? Para a pesquisadora Elizabeth Jelin, da Universidade de Buenos Aires, sim. Tanto que seu artigo

“(…) surge de una inquietud que se puso en evidencia en el curso de las investigaciones sobre los procesos sociales y políticos ligados a la memoria de las dictaduras, la violencia y la represión política, y la lucha por la vigencia de los derechos humanos en los procesos de transición: la escasa presencia y visibilidad de una perspectiva de género. La pregunta obvia es, entonces, ¿ qué tiene para aportar una perspectiva de género a estos estudios?”⁵⁸

A autora procura, baseando-se nas idéias de experiência e subjetividade, fazer distinções nas representações das memórias de homens e mulheres, discutindo as especificidades dos corpos, das necessidades, dos procedimentos de torturas e até mesmo das origens das instituições repressoras, enquanto autoritárias e num modelo patriarcal. O

⁵⁷ Sobre isso, veja-se o caso das Forças Armadas de Libertação Nacional (FALN), situadas em Ribeirão Preto, interior de São Paulo e composto por militantes majoritariamente de origem camponesa. Cf. BAGATIM, Alessandra. *Forças Armadas de Libertação Nacional: o Grupo de Esquerda Armado Ribeirão-Preitano (1967-1969)*, Campinas: IFCH/UNICAMP, Coleção *Monografia-IFCH /UNICAMP*, 2004. A autora desenvolveu dissertação de mestrado sobre o mesmo grupo, naquela instituição. Sobre a memória das mulheres, observem-se *Memórias das mulheres no exílio* (Obra coletiva e organizada por Albertina de Oliveira Costa, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980), cuja representação não tange a prosa ficcional, baseando-se em depoimentos.

⁵⁸ JELIN, Elizabeth. “El Género em las memorias de la represión política” In: *Mora*, vol. 7, 2001, p. 127. Agradeço a Maria Lygia Q. de Moraes pela indicação desse texto.

corde de gênero, em sua percepção – e como já tinha sido apontado por Marco Aurélio Garcia⁵⁹ – é determinante para compreender o problema da memória social.

Por outro lado, a percepção desses testemunhos literários terem sido escritos numa idade adulta dá uma outra dimensão do problema. A produção cinematográfica latino-americana recente tem se voltado cada vez mais a uma memória traumática das crianças sobre as ditaduras no subcontinente. Vejam-se, exemplarmente, *Kamchatka*⁶⁰, *Machuca*⁶¹; *Nunca fomos tão felizes*⁶², *Dois Córregos*⁶³ e *Quinze filhos*⁶⁴. Citaria, ainda, para um outro contexto, aliado ao gênero testemunhal, o *Au revoir, mes enfants (Adeus, meninos)*, de Louis Malle, sobre as memórias do diretor acerca da 2ª Guerra Mundial. Ou ainda, *A Língua das Mariposas*⁶⁵ (filme) e *El Exílio de los niños*⁶⁶, ambos sobre a Guerra Civil Espanhola e ascensão do fascismo de Franco, na perspectiva infantil.

O olhar das crianças capta fatos, racionaliza os eventos de uma maneira diferente daquele de um indivíduo adulto. Mesmo que essa criança tenha de amadurecer mais rápido. E ainda que um dos autores aqui analisados fosse um adolescente quando os eventos de suas memórias são narrados – o caso de Alfredo Sirkis – a racionalização e escrita do depoimento se faz quando o sujeito se encontra já em sua terceira década de vida.

O aspecto étnico também importa. As justificativas caminham no mesmo sentido que as de gênero e se agravam quando se agregam. Como seriam as representações de negros, orientais, judeus etc. sobre aqueles anos na esquerda armada? E das mulheres negras, judias, orientais etc.? Parte dessa pergunta já foi respondida por Beatriz Kushnir⁶⁷ na coletânea que organizou, abordando diversos aspectos da militância, dentre eles a

⁵⁹ GARCIA, Marco Aurélio. “O Gênero da Militância” In: *Cadernos Pagu*, Campinas, IFCH: UNICAMP, vol. 8/9, 1997, pp. 319-342.

⁶⁰ Argentino, 2002, de Marcelo Piñeyro, cujo narrador – Harry – é um menino de 10 anos em 1976, ano do golpe naquele país.

⁶¹ Chileno, 2004. O filme autobiográfico de Andrés Wood narra a amizade de dois meninos de classes sociais diferentes durante o período Allende, pré-golpe.

⁶² 1985, de Murilo Salles, sobre a difícil ligação entre um pai guerrilheiro e seu filho.

⁶³ 1999, de Carlos Reichenbach, narrado a partir das lembranças de uma menina sobre seu tio, militante clandestino.

⁶⁴ 1996, documentário de Martha Nehrning sobre as memórias de filhos de militantes exilados, presos, mortos e clandestinos

⁶⁵ *La Lengua de las Mariposas*, Espanha, 1999. Direção: José Luis Cuerda.

⁶⁶ Álbum fotográfico com textos da Fundación Pablo Iglesias, Bilbao, Espanha, 2004.

⁶⁷ KUSHNIR, Beatriz. “Nem bandidos, nem heróis: os militantes judeus de esquerda mortos sob tortura no Brasil (1969-1975)” In: KUSHNIR, Beatriz. *Perfis Cruzados: trajetórias e militância política no Brasil*, Rio de Janeiro: Imago, 2002.

origem étnica. Basta-se observar alguns dos sobrenomes de militantes como Iavelberg, Sirkis, Ackselrud etc. para se pensar nessa singularidade (especialmente quando da morte dos indivíduos, atribuída a suicídio, e isso implica em problemas religiosos). Da *Shoah*, a Literatura de Testemunho, pode-se dizer que se apóia basicamente numa identidade judaica⁶⁸. A origem étnica é determinante, dentre outros fatores, na produção de memórias e testemunhos, merecendo ser vista com maior atenção.

Os grandes centros urbanos como origem e cenário dão a dimensão de em que espécie de turbilhão essa fração geracional está inserida. Assim como a especificidade do pós-guerra, dos *filhos da bomba tropicais*, subdesenvolvidos, nascidos no terceiro-mundo, latino-americanos. Esse vai ser um aspecto identitário de grande importância para este trabalho. Uma cultura livresca, francófila e afrancesada, conectada, num segundo momento, a uma discussão terceiro-mundista, é, preponderante, seja nas entrevistas, seja nos testemunhos. Mais fácil e acessível a indivíduos fora da zona rural, letrados, falantes de ao menos três idiomas, com acessos a bens culturais cosmopolitas etc.

Círculos Concêntricos de Memória e Sujeito Histórico

Se ao invés de um cone, como o queria Henri Bergson⁶⁹, o fenômeno da rememoração for observado como um conjunto de círculos concêntricos, em que cada indivíduo, situado numa determinada posição espacial, num determinado local, terá a visão/percepção de um aspecto diferente do evento central [o(s) fato(s)], no meio do círculo, perceber-se-á que a cada posição ocupada no espaço social, cada movimentação (ou sua ausência), cada ligação estabelecida com um membro diferente, num determinado espaço e tempo etc. será estruturante e estruturará o sujeito histórico, suas percepções pessoais e conjunturais da memória.

⁶⁸ Sempre fui curioso quanto a uma identidade negra na esquerda armada, uma pesquisa a ser feita em profundidade, quanto a seus significados, decorrências, limitações, conflitos etc.

⁶⁹ Sobre o cone da memória de Bergson, ver: HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*, São Paulo: Vértice, 1990; BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*, São Paulo: Cia. Das Letras, 1988 & *O Tempo vivo da memória*, São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Outro aspecto: Não se está tratando de pessoas comuns e anônimas, evidentemente. Não porque sejam extraordinárias, fabulosas e/ou maravilhosas – nos sentidos mais precisos e originais que esses adjetivos possuem –. Não se tratam de anônimos, desprivilegiados, destratados ou do lumpem-proletariado. Tratam-se de indivíduos oriundos de uma fração de classe burguesa ou pequeno-burguesa. Intelectuais, cineastas, artistas, políticos, escritores: homens públicos. Dispensam portadores de voz, falam por si; são agentes sociais, imprimem e consolidaram uma memória no e do tempo; fizeram escolhas, sobre condições dadas – pensando em si e no conjunto dos outros – mas foram capazes e tiveram condições de fazer tais escolhas.

Bem diferente de *pessoas comuns*.

Mesmo assim, nada de mitificação, nada de produção de heróis, nada de louvação às glórias. O sujeito histórico, para pensar com Alípio Freire⁷⁰, é um indivíduo em formação, em revolta, um homem revoltado.

Dito isso, passemos a analisar os aspectos iniciais daqueles testemunhos.

⁷⁰ Para Alípio Freire, em entrevista concedida ao autor, o sujeito histórico é um *Diário de Motocicleta*, em referência ao filme de Walter Salles, de 2004, que conta a constituição da figura de Ernesto Che Guevara, de quando de sua viagem pela América do Sul, que pôde ver as desigualdades e as virtudes da América Latina explorada. Sugere-se no filme que, a partir dessa viagem, Guevara tenha se transformado, tenha realizado escolhas que o conduziram ao mito revolucionário que se tornou. Contudo, não se mitifica, mas, sim, o apresenta como um indivíduo em situação, de ser capaz de fazer escolhas que o conduziram a uma ação posterior.

Repetições & Variações sobre um tema de origens sociais

Oligarquia, comunismo e uma leitura francesa de Marx.

Nos anos 1930, em Belém do Pará, chegava ao fim uma guerra entre famílias, objetivando deter o poder do Estado. Guerra histórica, datada desde os meados do século XIX, entre aquelas duas famílias e tantas outras, alternando-se nos espaços de poder.– quer fosse de *maneira legal* ou, à força, na *bala* – A luta se dava entre os Malcher e os Sarmiento, acirrada pelo declínio e ascensão de um ou outro grupo, em função de singularidades históricas e dinâmicas do Capitalismo. Belém do Pará era um pólo econômico importante, motor e dependente da economia do ciclo da borracha. Já no começo do século XIX, Belém começa a assumir aspectos de grande capital, quando ruas eram calçadas com paralelepípedos de granito (importado de Portugal), surgindo os grandes edifícios públicos, os serviços telegráficos através de cabos submarinos, a drenagem dos alagados da região do Reduto, o sistema de iluminação a gás e o Teatro da Paz. O mercado municipal, hospitais, quartéis, cemitérios, todos resultaram da pujança da economia da borracha, que encontra seu declínio por volta de 1912, através da competição de companhias estrangeiras.

Os conflitos oligárquicos em Belém do Pará em nada diferem de outros confrontos regionais, familiares, espalhados pelo Brasil, de ponta a ponta, no embalo da crise republicana, incapaz de pôr fim aos regionalismos do poder, culminando com o colapso do governo de Arthur Bernardes, ascendendo a Era Vargas, rompendo – de certa forma – o pacto oligárquico estabelecido até então.

No Pará, a chegada de Vargas significa a intervenção de Joaquim Magalhães Barata, aliado dos Malcher, grupo opositor à família Sarmiento. E eis que os remanescentes dessa família se vêm de uma posição oligárquica, advinda desde o século anterior, reduzidos a uma *classe média precarizada*, tendo como matriarca uma velha senhora enérgica, educada na Suíça, falante fluente do francês – e será através desse conhecimento que sobreviverá, tornando-se professora local e mantendo os seus – com uma vasta biblioteca em casa (cerca de 20 mil títulos), dos tempos antigos do pai, o Coronel da Guarda Nacional, Joaquim José

Paes Sarmiento, que ia freqüentemente à Europa e gostava de manter-se atualizado com as novidades do pensamento, mesmo que fossem de esquerda.

E agora, nesse estágio inferior, essa matriarca via com bons olhos a ligação da filha – Maria Hermengarda Carvalho – com os jovens comunistas, como Pojucan Moura Tapajós, que caminhavam por Belém, à época. É o que relata seu neto, Renato Carvalho Tapajós, nascido naquela cidade, em 1943:

“(…) A minha formação é meio complicada. Embora meu pai fosse comunista, né? Tivesse sido do Partido Comunista, eu tenha vivido numa família que tinha várias pessoas que foram militantes comunistas, certo?(…) Tinha toda uma formação, desde pequeno, muito ligada ao Marxismo, né? E tinha toda uma literatura marxista à vontade na biblioteca do meu pai. Curiosamente, na biblioteca do meu avô, que foi um dos oligarcas do Pará, né?(…) Meu bisavô, que era o coronel (...) da Guarda Nacional e uma das figuras políticas proeminentes. Ele era um sujeito muito culto, né? E ele trazia da Europa os livros, inclusive os livros marxistas, os livros anarquistas etc. porque ele queria se informar de tudo que tava rolando no mundo(…) Meu bisavô foi o ... o pai da minha avó, né? Foi o coronel Sarmento que dominou... A política paraense no final do século XIX, comecinho do século XX(…) Esse lado oligárquico da minha família recebe dois baques fundamentais: primeiro, por volta de 1915 por aí, entre 15 e 17, né? Que o grupo oligárquico do qual o meu bisavô fazia parte é derrotado politicamente no local, e os Malcher, que era o grupo rival, toma conta do estado do Pará. Então de 1917 a 1930... o pessoal da minha família fica fora do poder (...) Em 30, com a Revolução de 30, o... Getúlio nomeia prá interventor um tenente chamado Magalhães Barata, né? que acaba com o poder dos coronéis (...) Ou seja, a minha família além de perder a grana, perder o poder, ainda fica no desvio, né?(...)”⁷¹

Perda de poder, queda social, crise econômica, abalo do *status*, descida no desvio: a justificativa de Tapajós para a estranha união de sua família – que justificaria parte de suas opiniões *a posteriori* – está, então, no aceite de sua avó aos comunistas e na guerra regional, influenciada por fatores externos (Barata, Vargas, Malcher e crise econômica):

“Então, a minha avó, como digna representante dessa oligarquia, ela tinha um profundo ódio, né? Do Getúlio, do Magalhães Barata e de toda aquela

⁷¹ Entrevista com Renato Tapajós concedida ao autor em 25/11/2004; Transcrição da Fita 1, Lado B, pp. 16-19.

configuração política que tinha sido responsável pela desgraça da família. Quando começa a aparecer na família os comunistas, como o meu pai etc., a minha avó acha bom, porque os comunistas são contra o Getúlio, os comunistas são contra o Magalhães Barata(...) Minha avó (...) era daquelas matriarcas autoritárias prá cacete, né? Mas que tinha uma visão muito crítica em relação aos jovens(...) então quando ela tava em locais públicos ela comentava, tal, então ela, ela... Ela fazia comentários do seguinte gênero: “Olha lá fulano, filho de fulano, etc. etc. um rapaz brilhante, rico, com dinheiro, bem apessoado, pena que ele seja de direita!”⁷²

Talvez num desejo de recuperar a posição anterior, talvez com um novo projeto de intervenção social: o fato é que os comunistas representam algo novo, não só na família de Tapajós, como também no cenário político brasileiro. Belém, uma cidade que começa a se familiarizar ao cosmopolitismo das pessoas e das idéias, palco nada estranho às memórias políticas e culturais de Tapajós, como no trecho a seguir:

“Eu nunca fui do Partido Comunista porque quando eu cheguei à adolescência, tanto meu pai, quanto minha tia e meu outro tio, que também eram do partido, todos já tinham saído por causa dos extermínios de Stálin, essa história toda, então eu nunca me senti, vamos dizer assim, motivado a entrar no partido(...) Nesse período, quer dizer, em que eu tava totalmente exposto a... dentro da minha própria família, né? Ao pensamento comunista, marxista, eu li *O Manifesto Comunista* com 13 anos de idade, né? Eu participava de reuniões, eu conheci na minha casa, dirigentes do partido, como o... João Amazonas, que era amigo do meu pai, né? Em 57, 58, né?”⁷³

Aliado a isso, há uma determinação forte da cultura francesa, alicerçada na rígida educação da avó materna, que exigia de filhos e netos conhecimento invulgar da língua e literatura daquele país. A francofilia no Brasil, especialmente nos grandes centros urbanos, nas grandes capitais, é um fenômeno que se processa até meados dos anos 1950, quer seja pelo ensino da língua em colégios públicos e particulares; pela divulgação de um padrão cultural dominante, pré 2ª Guerra, que se focava na França, detentora, entre outras coisas, da língua diplomática mundial; a difusão do prestígio daquele país pelas Alianças Francesas

⁷² *Idem, ibidem*; Transcrição da Fita 1, Lado B, pp. 19-20.

⁷³ *Idem, ibidem*; Transcrição da Fita 1, Lado B, p. 16.

e Centros Culturais espalhados ao redor do mundo; os colégios internos para moças e rapazes de famílias abastadas, em que o francês era a língua predominante etc.⁷⁴

O francês como segunda língua – ou, às vezes, a primeira – cria um padrão de pensamento, um acesso a lógicas diferentes, um bem simbólico importante na estrutura da sociedade brasileira. O caso relatado por Tapajós, a seguir, é um fenômeno comum – ao menos para os indivíduos provenientes de sua fração de classe – como se verá adiante:

“Eu fui exposto também à cultura francesa, entendeu? Quer dizer, a minha avó fazia questão de que todos nós falássemos francês, tivéssemos uma formação, entende?(...) A cultura era coisa criada, gerada e controlada pela França, o resto do mundo, inclusive a Inglaterra era... de bárbaros, certo?(...) Em Belém, isso é muito marcado até o começo dos anos 60(...) Com 17 anos eu fiz, eu me formei no curso de Língua e Literatura da Universidade de Nancy, dado pela Aliança Francesa, entendeu?(...)”⁷⁵

A exposição, desde os 7 anos, à língua e cultura francesa, exigida pela avó e subvencionada pela biblioteca e dinheiro familiares, molda, como afirmará Tapajós, a sua visão de mundo. Aliado a isso, a presença de comunistas na família, introduzindo-o no universo da filosofia e prática marxista, conformam um complexo caldo de cultura:

“Agora, o quê isso trouxe prá mim? Me expôs muito cedo(...) a toda a vertente francesa da filosofia européia, quer dizer, formou o meu pensamento como um pensamento cartesiano. (...) Eu reconheço hoje em dia que o meu Marxismo, né? Ele é extremamente carregado de um pensamento cartesiano(...) Que não é a mesma coisa, né? Quer dizer, Descartes não é a mesma coisa que Hegel, né?(...) E, no entanto, na minha cabeça, o Marxismo funcionava dentro daquele universo cartesiano(...)”⁷⁶

Essa mistura também está unida e/ou culmina com a leitura do Existencialismo ateu, de Sartre, como afirma o autor:

⁷⁴ Mais tarde, a influência da França se dará, na esquerda, através do pensamento de intelectuais como Louis Althusser. Sobre as relações Brasil-França, checar: BASTOS, Élide, RIDENTI, Marcelo & ROLLAND, Denis (orgs.) *Intelectuais: Sociedade e Política, Brasil – França*, São Paulo: Cortez Editora, 2003. Especialmente os artigos de Rolland (“O Estatuto da cultura no Brasil do Estado Novo”) e de Michael Löwy (“Notas sobre a recepção crítica ao althusserianismo no Brasil (anos 1960 e 1970)”). Acerca da francofilia entre os intelectuais modernistas, ver: o item “Galomania” de MICELI, Sérgio. “Poder, Sexo e Letras na República Velha” In: *Intelectuais à brasileira*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁷⁵ *Idem, ibidem*, Transcrição da Fita 1, Lado B; pp. 20-21.

⁷⁶ *Idem, ibidem*, Transcrição da Fita 1, Lado B; p. 21.

“E em seguida, dentro dessa conexão francesa, eu li o Existencialismo (...) Então, com 14, 15 anos, eu comecei a devorar o Sartre, né? Eu li Simone de Beauvoir e Sartre, que era de romances, livros mais leves etc., mesmo livros teóricos como *O Existencialismo é um Humanismo*(...) *O Ser e o Nada*, um pouco mais tarde, já com 20 e poucos anos (...) Eu tanto considerava o Existencialismo como uma visão de mundo extremamente correta e adequada, como o Marxismo também, quer dizer, prá mim, foi de uma perfeição histórica, ver o Sartre nas ruas, em maio de 68, apoiando os estudantes nas barricadas e vendendo o jornal maoísta, quer dizer, aquilo ali, prá mim, era, era a comprovação de que eu tava certo, de que o Marxismo e o Existencialismo casavam (...) E assim aconteceu comigo, eu acho que aconteceu com grande quantidade de jovens de classe média que tavam na Universidade, que participaram do Movimento Estudantil, que foram prá luta armada, que tinham esse par de filosofias na cabeça, né?”⁷⁷

No início dos anos 1960, Tapajós vem a São Paulo para estudar Engenharia, no curso da Escola Politécnica da USP. Matriculou-se e não o concluiu. Resolve fazer Ciências Sociais, aproxima-se de grupos de literatura – Poesia Concreta e Poesia-Práxis – de discussões de cinema e ganha a vida como publicitário. Inicia sua carreira como documentarista também. São dessa época os vídeos *Vila da Barca* – premiado em 1967, no Festival de Leipzig, Alemanha – *Universidade em Crise* etc. Como nos diz o autor:

“(...)Eu, eu chego ao cinema pela literatura, a minha formação é, originalmente, literária. Eu lia prá cacete quando criança, meu pai tinha uma biblioteca imensa, meu bisavô tinha uma biblioteca maior ainda, eu vivia numa casa que tinha quase 20 mil livros, né? então, eu li muito, eu fui uma criança muito solitária, sem muitos amigos, então eu me metia naquela biblioteca, e até os 15 anos de idade eu li coisa pra cacete. Eu li muita coisa! Quando eu vim pra São Paulo, aos 19 anos, né? eu nunca tinha ido no cinema. E é um momento que eu acho que tem... Quer dizer, a eclosão do Cinema Novo, sabe? O... O Glauber tava aparecendo, né? Um dia, volto de férias pra Belém e vejo que o filme de que se falava há seis meses, que era “Deus e o diabo na terra do sol” tava passando no cinema de Belém, antes de estrear em São Paulo, né? Aí eu fui na se... Sessão de duas horas da tarde pra ver o filme, né? Eu consegui sair do... Do

⁷⁷ *Idem, ibidem*; Transcrição da Fita 1, Lado B; pp. 21-22. Cf. Anexo “Um Estudo Rápido de Mediações”.

cinema às 10 horas da noite, eu vi cinco sessões seguidas do “Deus e o diabo”. Eu fiquei, assim, fascinado, grudado na cadeira, não conseguia, sabe? Quer dizer... Decorei o filme! Aí me apaixonei pelo cinema, quer dizer, e o cinema... E eu acho que não é só uma coisa individual, é uma coisa de geração, eu acho que a minha geração foi apaixonada pelo cinema... Num momento em que a televisão não era muito significativa, não existia computador, não existia internet, não existia nada dessas coisas, né? o cinema era a grande linguagem, não é? E... E eu acho que... Que isso acabou moldando uma forma de expressão que Hã... O meu cinema era literário e a minha literatura cinematográfica, é... Porque o meu cinema é literário, se você for ver meus filmes, você vai ver que eu não sou uma pessoa que parte da imagem, sabe? A imagem é consequência. Eu parto do texto, eu parto do conceito, eu parto do discurso, né? Eu... Eu me preocupo muito mais com o fluxo da narrativa do que com as imagens individuais.”⁷⁸

Em Câmara Lenta e a Personagem Fantasmagórica.

Por conta de sua militância e atuação numa organização clandestina de orientação maoísta, a Ala Vermelha, o autor é preso e condenado a cinco anos de detenção no Presídio Tiradentes, São Paulo, entre 1969 e 1974. O livro *Em Câmara Lenta* e as considerações sobre o período nascem em 1973, na cadeia, em discussão coletiva com companheiros de cela. Ao mesmo tempo em que se gestava um documento de autocrítica da organização, ali mesmo no Presídio, para discussão interna e externa (presos e soltos), do qual o autor e outros companheiros foram co-autores. *Em Câmara Lenta* aparece nesse ambiente, saindo da cadeia através de papétes envoltos em plástico e depositados sob a língua de parentes e outras visitas que se encontravam com Tapajós que, diz igualmente ter sido um dos elaboradores do documento de autocrítica que:

“(...)é um documento ainda bastante dentro daquele padrão dos documentos comunistas(...) Isso foi em 73, final de 72, em 73, a gente já tava dizendo praticamente tudo aquilo que até hoje eu acho que tava correto, ou seja, de que nós nos isolamos, que nós desencadeamos o processo de luta armada no momento errado, né? Nós não levamos em conta que a Ditadura ia

⁷⁸ Entrevista concedida ao autor, em 25/11/2004. Transcrição da Fita 2, Lado A; pp. 33-34.

ser capaz de superar a crise pela qual ela tava passando, que nós nos isolamos da população em função disso daí (...) E a gente terminava propondo que a alternativa à luta armada era ligar-se às massas, sobretudo ao proletariado organizado nos sindicatos, né?(...) Quando a gente fez a autocrítica a gente reconhece que nós tínhamos caído num desvio de vanguardismo e de esquerdismo, ou seja... Ao sair na frente, com o processo de luta armada, sem estruturar bases significativas junto ao Movimento Social do proletariado e do campesinato (...)"⁷⁹

A ligação entre *Em Câmara Lenta* com esse documento é pautada pelo texto e pelo autor que diz que "(...) quando eu comecei a escrever o romance, a gente ainda tava escrevendo a autocrítica"⁸⁰. Por opção de narrativa, mesclam-se discurso indireto, com discurso indireto livre, criando um fluxo de memória, em que o narrador pode estar tanto no passado como no presente, podendo, desta maneira, estar em cena ou ser onisciente, capaz de apresentar erros e acertos dos outros e seus próprios. A necessidade de escrever era tão forte que, como narra abaixo Marema Tapajós – sua atual esposa:

"Ele começou a escrever o *Em Câmara Lenta* em folhas de seda, papel de seda(...) escrevia no caderno e passava a limpo no papel de seda em letrinhas minúsculas e grudadas para caber bastante, né?(...) E aí ele dobrava aquela folha(...) até virar do tamanho de uma pílula pequenininha e impermeabilizada com durex [papel celofane de cigarro, depois durex por cima do celofane](...) Então, ficava uma pilulinha desse tamanho, né? Ele dava prá mãe dele, no dia de visitas, a mãe botava debaixo da língua(...) e quando chegava em casa, o pai e a mãe pegavam uma lupa prá conseguir ler aquilo(...) lam lendo e outro datilografando... Assim que saiu o *Em Câmara Lenta* de dentro da prisão, né?"⁸¹

A idéia do autor era de que o romance fosse

"(...) uma reflexão sobre os acontecimentos políticos que marcaram o país entre 1964 e 1973 e, mais particularmente, entre 1968 e 1973(...) **É, sobretudo, uma discussão em torno da contradição que se colocou para os militantes, em determinado momento, entre o compromisso moral e as opções políticas que se delineavam. É claro que o romance é também uma denúncia da violência repressiva e da tortura, porque ninguém pode escrever com um mínimo de honestidade sobre política em nosso país,**

⁷⁹ Entrevista concedida ao autor, em 25/11/2004; Transcrição da Fita 1, Lado A e Lado B, pp. 10-12.

⁸⁰ *Idem, ibidem*; Transcrição da Fita 1, Lado A, p. 13

⁸¹ *Idem, ibidem*; Transcrição da Fita 3, Lado B, p. 62.

nesse período, sem falar de tortura e de violência policial(...) *No entanto, esse não é o aspecto principal do romance. De certa forma, ele é um balanço e uma autocrítica, um esboço em torno do desmantelamento das organizações de esquerda e da reação dos militantes a respeito desse fato.*(...)⁸²

O compromisso, os tempos e a complexidade narrativa

A idéia do compromisso, com a opção política, com a opção de vida, com os companheiros de luta e com um projeto político maior perpassa todo o texto do autor. Em sua opinião, esses aspectos são ainda subordinados a uma certa *moralidade do compromisso*, para se valer da expressão de Élide Rugai Bastos e Walquíria Leão Rego, no subtítulo da coletânea *Intelectuais e Política*⁸³. É o compromisso que leva seu personagem a percorrer sua memória, vasculhando erros e acertos, refazendo o percurso das quedas de outros companheiros, das infiltrações na organização etc. até tomar a opção pela *deserção definitiva*: a morte em nome da causa e/ou em nome dos mortos.

Eis aqui um primeiro vislumbre do teor testemunhal em *Em Câmara Lenta*. Da mesma maneira que é o compromisso que leva o autor à construção de um personagem, narrado em primeira pessoa, colocado no centro das cenas, em velocidade diminuída, para melhor avaliá-los. A câmara lenta de Tapajós são os olhos da personagem guerrilheira, um homem clandestino, atado à memória dos mortos e dos presos. Alguém que já não faz mais parte desse mundo, insistindo em viver até ser morto ou preso.

“Tudo isso que a gente tava conversando aqui a respeito de Marxismo e de Existencialismo e de não sei o quê, de formação aristocrática... Tá tudo jogado ali, quer dizer, acho que quando você tem uma formação que vem de uma família oligárquica, etc., a tua maneira de se comportar diante, dentro do processo social, por mais que você abandone sua classe de origem (...) ela te marca nas respostas, nas preocupações(...) Na hora que você tá pendurado no pau-de-arara o que te move ou não, não é o socialismo, o proletariado, a consciência de classe, a Guerra Fria... Não é nada dessas coisas. São aqueles

⁸² TAPAJÓS, Renato. *Em Câmara Lenta*, São Paulo: Alfa-Ômega, 1977, pp. X-XI. Grifos meus.

⁸³ BASTOS, Elide R. & Rego, Walquíria D.L. (orgs.). *Intelectuais e Política: a moralidade do compromisso*, São Paulo: Olho d'água, 2001. O intelectual, segundo essas autoras, é visto como um *sujeito moral*, cujo único compromisso é a vida pública face aos desígnios do poder.

valores individuais que você tem e que são muito anteriores ao teu... a você ter ido estudar o Marxismo...”⁸⁴

Valores individuais que se conectam a uma moralidade coletiva. A arquitetura da narrativa testemunhal de Tapajós, na forma de romance, forja um narrador dividido em dois tempos que, em verdade, subdividem-se em mais outros dois. Logo, na realidade, têm-se quatro tempos e quatro estórias que buscam, dentro dessa polifonia, dar conta da experiência vivida e manter forte a ética do comprometimento.

Esse aspecto, confirmado pelo autor na entrevista concedida a mim, parece ter sido despercebido e/ou menosprezado pela numerosa bibliografia que procura analisar seu romance. A meu ver, essa polifonia temporal e essa fragmentação narrativa não pode ser colocada em segundo plano, face à idéia do comprometimento de um militante pela causa. A multiplicidade e intercalação de tempos e estórias conduzem leitor e narrador, nas linhas e entrelinhas, a julgar, conjuntamente, seus atos – tanto de um, quanto de outro –. As opções existenciais tanto do narrador, do leitor, das organizações guerrilheiras e dos projetos nacionais: autoritário, conservador *x* revolucionário, progressista, dentro das separações físicas das cenas narrativas, disposta em blocos de textos, distantes física e temporalmente um do outro.

A câmara lenta dos olhos do narrador transparece ao leitor numa estrutura de blocos narrativos, em que cada pedaço, cada parágrafo, compõe um edifício erguido em memória dos mortos e presos. Como um homem fora de seu tempo, a personagem de Tapajós aparece como uma fantasmagoria, onde o que se lê é, em verdade, um turbilhão de falas interiores, choques frontais de pensamentos. Nesse fluxo de consciência, o tempo perde sua linearidade progressiva, alternando-se em diferentes dimensões. O passado e o presente passam a conviver da mesma maneira e no mesmo espaço para a personagem, sobrepondo-se às vezes. Tal fragmentação é densamente trabalhada pelo autor, inserindo nela fatos reais, autobiográficos e históricos; conduz o narrador à tomada de uma posição – seja pelo mundo dos vivos (que representa o tempo presente e o tempo social), seja pelo mundo dos mortos (o tempo passado). Na narrativa, a opção é pela morte, chamada de *deserção definitiva*.

⁸⁴ Entrevista concedida ao autor, em 25/11/2004; Transcrição da Fita 2, Lado A, pp. 31-32.

Em última instância, quando se lê *Em Câmara Lenta*, o tempo passado e o tempo presente articulando-se com o tempo social e o tempo do próprio autor – que procura deixar pistas sobre si mesmo na ficção, através de aspas e inserção de dados biográficos – a proposta de Tapajós é, na melhor acepção do Testemunho enquanto gênero e ética, apresentar um julgamento. De si, dos outros, de todos.

A multiplicidade dos tempos e dos blocos narrativos leva a uma dubiedade de leituras, num certo sentido, que pode conduzir a interpretações como as do delegado Sérgio Fernando Paranhos Fleury, para quem o romance faria uma apologia da guerrilha – sendo o suficiente para condenar Tapajós – ou para o crítico Antônio Cândido de Mello e Souza, segundo o qual *Em Câmara Lenta* é uma autocrítica de fôlego que, longe de fazer apologias, promove uma reflexão literária sobre os eventos narrados e passados⁸⁵.

A seguir, uma tentativa de reprodução gráfica dos tempos no livro:

Tabela 1 Representação Gráfica dos tempos e dos blocos narrativos no livro de Renato Tapajós.

Expressões da Narrativa			Expressões da Realidade
A)Tempo Presente	Narrador caminhando rumo à morte (presente)	História do Presente: clandestinidade e isolamento	Pós-derrota e morte de <i>Ela</i>
B)Tempo Passado	Narrador militando na organização (passado)	História do Passado: militância e discussões; companheiros vivos	Luta Urbana e rural, com seus erros e perdas
C)Tempo Social	Desmembramento de A	Tempo do estranhamento	Os anos 1970: exílio, prisão, derrota, milagre econômico
D)Tempo do Autor	Procedimento de Citação	Dados Autobiográficos; formação do autor	O autor e sua auto-crítica testemunhal

De partida, o romance se inicia com essas articulações (passado em negrito; presente em itálico) da seguinte forma:

“É muito tarde.

⁸⁵ Cf. Anexos de Documentos e o quarto capítulo.

A imagem já se perdeu no tempo, mas está bem viva – como um corte de navalha. Todas as coisas estão curvas e se fecham, coisas, árvores, a próxima esquina(...) *Cuidado: a próxima esquina – fazer a curva, conduzir corretamente o carro. Cumprir a tarefa, ainda que haja um véu frente aos olhos(...)*

É muito tarde.

*A sensação de perda é física, como se faltasse a laringe ou o esôfago e não vai passar porque se ao menos tivesse servido para alguma coisa. Mas não, simplesmente acabou, e com isso acabou o tempo. Agora o tempo que há – é preciso chegar até o aparelho (...) É tarde demais, mas é preciso continuar vazio, um sentimento oco. Agora não dá mais para fazer nada, nem por ela nem por ninguém (...)*⁸⁶

Acompanha-se, assim, um narrador anônimo, dirigindo ou caminhando clandestino, num fluxo de consciência⁸⁷, de um ponto a outro, tentando descobrir o que ocorreu a um grupo de amigos, mortos pela repressão, numa ação. Em especial a *Ela*⁸⁸, uma personagem feminina muito cara ao narrador. É justamente a lembrança dos amigos, de *Ela* e dos eventos que faz a união entre passado e presente, articulando-os, desdobrando-os. Enquanto vai se revelando o quê, efetivamente, ocorreu ao grupo, o narrador coloca-se em xeque e à sua luta. Contudo, enquanto um *sujeito moral*, comprometido com uma causa pública – ou que almejava ser – ele se mantém fiel aos princípios compartilhados, como mostram os excertos a seguir:

“(...) O tempo passou e todos os gestos serão inúteis, mas serão feitos porque precisam ser feitos (...)

Mesmo que todas as informações reconstruam os fatos, mesmo que saiba exatamente quem estava lá, mesmo que o ódio atravessado na

⁸⁶ TAPAJÓS, Renato. *Em Câmara Lenta*, São Paulo: Alfa-Ômega, 1977, pp. 13-14.

⁸⁷ O fluxo de consciência em *Em Câmara Lenta* aliado ao caráter cinematográfico, documental do texto – construído em planos-seqüências, leva a pensar que, caso o romance fosse levado às telas, ter-se-ia apenas uma voz em *off* narrando cada situação, sendo que nem mesmo o narrador poderia ser visto. Os indicativos disso estão no próprio ritmo narrativo. Em 1985, o também militante da Ala Vermelha, Antônio de Neiva, em entrevista concedida a Marcelo S. Ridenti, afirmou que havia o projeto da organização em filmar o romance de Tapajós, coisa que não se efetivou.

⁸⁸ De quem não é revelado o nome na narrativa, mas que, pela semelhança dos fatos, se sabe ser Aurora Maria do Nascimento Furtado, a Lola, cujo crânio foi esmagado por um torniquete, durante tortura.

garganta possa encontrar rostos a serem destruídos. Não foi apenas uma pessoa que morreu, foi o tempo.⁸⁹

Presente e passado para o narrador, em verdade, são muito próximos e quase indistinguíveis. Na sua ilusão biográfica, pode-se dizer que ele vive no presente como se fosse passado e vice-versa. Tanto no conteúdo, quanto na forma estilística adotada: planos-seqüências cinematográficos, cortes, *flashes* de uma consciência atormentada face ao tempo social. Dentro deste, o narrador de *Em Câmara Lenta*, o sujeito histórico é, na linha do testemunho latino-americano, um homem fora do tempo, deslocado, marginal, estranho ao tempo social. Como aparece a seguir:

“(...) Olhar as pessoas que passam ao lado na rua: todas andam normalmente, não existe por aqui uma guerra? Não, não existe. Existem combatentes derrotados, sobreviventes.(...) Estivemos na porta das fábricas, os operários não pegaram em armas.(...) Se eu quiser gritar agora, aqui, alguém prestará atenção? Não. Eles não sabem de nada.(...) o nosso gesto morreu. Que a nossa perspectiva acabou. Que nós viramos dinossauros, entramos em extinção porque o mundo à nossa volta mudou. Não sei como nem prá onde.”⁹⁰

Se “*sobreviver, para mim, é desertar*”, como afirma o narrador na página 84, pois o sujeito sobrevivente não acredita mais na causa, pelo menos não nos termos em que ela foi estruturada e não naquela realidade, quais seriam as opções para daí em diante? No romance de Tapajós, executa-se a deserção definitiva – sua própria morte, conscientemente – que será discutida mais adiante. Contudo, se a literatura taquígrafa e é capaz de condensar os processos e as dinâmicas sociais de seu tempo, pode-se pensar que tal deserção terá e teria muitos significados, para o mesmo sujeito histórico, culminando no processo social como sua inserção, numa outra temporalidade, numa outra dinâmica. Seria necessário matar e/ou morrer com as ilusões perdidas para fazer sentido numa outra dimensão da realidade? É o que cabe demonstrar. Na narrativa, a personagem (após saber exatamente como morreu sua companheira) se conduz para um fim dramático, onde todos os tempos se articulam e convivem simultaneamente.

⁸⁹ TAPAJÓS, Renato. *Ibidem*, p. 15.

⁹⁰ *Idem, ibidem*, pp.85-86.

“Agora eu sei. E saber não deixa mais nada além do ódio. Do ódio cristalino, do ódio que tem a força de um exército, a vontade destruir e de destruir-me junto(...) Depois da esquina um ponto com o Carlos. Eu sei que ele foi preso e já entregou três pontos quentes e um aparelho. (...) Mas mesmo assim eu vou e quero que eles estejam lá porque quero ver suas caras imundas, quero ver seus corpos de animal rolarem e derramarem sangue(...) Vocês vão ver agora de frente, alguém que não está amarrado, que não está indefeso, alguém que pode mostrar a vocês o que é coragem, o que é um homem de pé(...) Eu sei que meu gesto não levará a nada, porque o que levará a alguma coisa está sendo feito por outros(...) E mesmo isso não importa porque a única coisa que importa é o ódio e a proximidade da ação(...) Eu estou entrando no ponto porque quero e quero ver eles rolarem e morrerem como porcos, como porcos sujos que são(...) agora eu corro atirando e acertei, ele caiu de cara dentro do carro e eu sinto a alegria, a alegria verdadeira, a exaltação(...) **a rajada da metralhadora o atingiu no peito, lançando-o contra o muro. Uma outra bala calibre quarenta e cinco acertou em sua boca, saindo pela base do crânio(...) Diversas rajadas atingiram seguidamente o corpo, picotando-o e fazendo com que ele estremecesse ao impacto das balas. O sangue como um rio, escorreu pela calçada em direção à sarjeta.**

A deserção definitiva tinha sido realizada.”⁹¹

A opção pela morte literária (ou seja: fazer jus à memória dos mortos reais) pode ser encarada como uma afirmação de um compromisso; mas, também, como uma consequência, no mundo real, da auto-crítica na cadeia. Lembrando Antônio Cândido, aqui se pode dizer que o elemento externo passa a ser interno na constituição narrativa de Tapajós. *Em Câmara Lenta* não é o livro de um autor. Ao contrário: é uma construção coletiva, produto de uma discussão compartilhada sobre os itinerários de um fragmento geracional, de uma fração política no âmbito das esquerdas do período. É claro que, em última instância, a responsabilidade por essa obra e pela estória é toda de Renato Tapajós. Entretanto, tendo a interpretar a multiplicidade dos tempos e narrativas em *Em Câmara Lenta* como uma incorporação de uma igual multiplicidade de vozes e pensamentos

⁹¹ *Idem, ibidem*, pp. 173-176. Note-se, nos trechos sublinhados, o distanciamento produzido pelo autor com a personagem, que até este momento narrava em primeira pessoa e, na cena de sua morte, assume distância.

querendo construir um documento de autocrítica que os permitissem se inserir numa outra temporalidade. Voltar-se-á a esse tema mais adiante.

A Vida passando na Janela ou A Idade da Razão?

“Nosso quadro teórico nos permitia apenas explicar as determinações sociais que operam no indivíduo. Mas não tínhamos a mínima idéia das múltiplas mediações que são colocadas pela vida pessoal de cada um, ao receber essas influências sociais.”⁹²

No interior de uma família mineira, em 17 de fevereiro de 1941, em Juiz de Fora, nasce aquele que seria um dos mais controversos e editorialmente mais bem sucedido autor de memórias sobre a guerrilha urbana: Fernando de Paula Nagle Gabeira.

“A trajetória intelectual, profissional, muitas coisas que se entrelaçam... Eu sou um cara do interior de Minas, Juiz de Fora, que é uma cidade operária, sempre foi uma cidade de indústria têxtil. Nasci e me criei num bairro operário, mas sou um cara de classe média; meu pai era um pequeno comerciante e sempre desejava que nós fôssemos muito bem educados e tivéssemos as condições que ele não teve, quer dizer, que tivéssemos uma ascensão social que ele não conseguiu ter. Então, meu pai me preparou para ser um cara que trabalhasse no Banco do Brasil, porque o Banco do Brasil naquela época era a perspectiva mais interessante que a gente tinha. Então, nesse sentido, eu sou tudo aquilo que meu pai não quis que eu fosse, entende? Quer dizer, ele dizia que detestava que as pessoas fossem poetas, jornalistas e ficassem de noite nos botequins... Eu não saía dos botequins, era poeta e jornalista...”⁹³

Gabeira iniciou sua carreira de jornalista ao fim dos anos 1950 em Juiz de Fora, onde também se tornou secretário da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES). Em 1960, muda-se para o Rio de Janeiro, após uma rápida passagem por Belo Horizonte, para trabalhar como redator do *Jornal do Brasil*, num período do dia, bem como subsecretário de oficina do semanário *Panfleto*, que defendia as posições da ala à esquerda do PTB. Ainda no *Jornal do Brasil*, em 1964, passa a atuar no movimento sindical dos jornalistas.

⁹² GABEIRA, Fernando. “Somos todos cosmonautas?” In: *O que é isso, companheiro?*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 32ªed., 1982, p. 70.

⁹³ Entrevista concedida em 04/10/1979, aos pesquisadores do livro *Patrulhas Ideológicas (marca reg.): arte e engajamento em debate*, a Heloísa B. de Hollanda & Carlos Alberto M. Pereira (orgs.), São Paulo, Brasiliense, 1980, p. 181. Entrevista feita pouco menos de um mês após o retorno do exílio do autor.

Numa dupla vida que, de um lado, lhe abria uma promissora carreira profissional, (sendo aos 23 anos pauteiro e mais tarde promovido a Chefe do Departamento de Pesquisas do mesmo jornal); e, por outro, buscando uma atuação num jornal clandestino de um partido político, Gabeira opta pelo segundo, iniciando militância e atividade clandestina na Dissidência da Guanabara do Partido Comunista (DI-GB ou a *Q.*, como aparece em seus livros), mais tarde, Movimento Revolucionário 8 de Outubro – MR8, em 1969, aos 28 anos portanto.

“Num certo momento, eu chego na janela do *Jornal do Brasil*, e vejo uma manifestação de 50 estudantes andando contra o trânsito. Eu digo, “Esses caras não têm a mínima chance de vitória, mas eu sei que eles são audaciosos, não é? Poxa, 50 caras aí contra o trânsito...”Aí eu olhei prá minha redação, e estavam lá aqueles jornalistas escrevendo, já meio curvos... eu pensei... “isso aqui não tá com nada, eu vou embora”...Aí fui, descí. Eu já andava procurando contatos com o movimento estudantil e toda vez que pintava uma manifestação defronte ao JB, eu já ia, entende, já era normal... e com isso eu comecei a ter realmente contato com o movimento estudantil, a transar com o movimento estudantil e assim saltei de geração, porque eu sou um pouco de contrabando nessa geração de 68. Naquela época, eu já estava casado, com filhos e toda essa coisa... E me dei bem; no sentido de que quando tomei contato com o movimento estudantil, percebi que era ali que estava se fazendo o trabalho mais sério contra a ditadura.”⁹⁴

Dez anos mais velho que a maioria de seus companheiros de mesma extração social, detalhe sempre apontado pelo próprio autor e por outros, o quadro de opções de Gabeira (e de outros) parece ser semelhante ao da personagem Mathieu Delorme, do romance *A Idade da Razão* (1945), início da trilogia d’*Os Caminhos da Liberdade*. Na obra de Jean-Paul Sartre, o personagem principal é um jovem professor de filosofia num liceu, em meio a questões individuais e políticas de enorme monta: entrar na Idade da Razão, assumindo suas responsabilidades, fazendo como todo cidadão de sua idade (34 anos) e classe social, ou seja: casar-se, solidificar uma carreira, ter filhos, não se envolver com política, deter uma moral burguesa ilibada etc.; ou engajar-se, por outro lado, em alguma causa, pronunciar-se publicamente pelo comunismo e pela Resistência, atuar ao lado de jovens militantes – em geral, seus alunos, com quem tem embates de diversas ordens – ser senhor

⁹⁴ HOLLANDA, Heloísa B. de & PEREIRA, Carlos A. M. *Patrulhas Ideológicas, Ibidem*, pp. 183-184.

de sua liberdade, mas, enfim, escolher fazer uma traição de classe e de geração. Creio que o diálogo entre Mathieu e seu irmão mais velho Jacques, o bem-sucedido, a quem pede dinheiro emprestado para pagar o aborto sua amante, Marcelle, é bastante ilustrativo sobre o que se argumenta:

“- Escuta – disse Mathieu – há um mal-entendido entre nós; pouco me importa ser ou não burguês. O que eu quero, apenas... – acabou a frase entre os dentes – é conservar a minha liberdade.

- Eu imaginava – disse Jacques – que a liberdade consistia em olhar de frente as situações em que a gente se meteu voluntariamente e aceitar as responsabilidades. Não é, por certo tua opinião: condenas a sociedade e, entretanto, és funcionário nessa sociedade. Proclamas uma simpatia de princípio pelos comunistas, mas tens cuidado em não te comprometeres. Nunca votaste. Desprezas a classe burguesa e, no entanto, és um burguês, filho de burgueses, e vives como um burguês.

Mathieu fez um gesto, mas Jacques não se deixou interromper.

- Estás, no entanto, na idade da razão, meu caro Mathieu – disse com uma piedade ralhadora – Mas isso você também o esconde, quer fazer-se de mais moço. Aliás... talvez seja injusto. Talvez não tenhas ainda a idade da razão, é uma idade moral, a que cheguei antes de ti.

“Pronto”, pensou Mathieu, “vai-me falar de sua mocidade”. Jacques era muito orgulhoso de sua juventude, era sua garantia, permitia-lhe defender o partido da ordem em boa consciência. Durante cinco anos macaqueara com aplicação as loucuras em voga, fora surrealista, tivera algumas aventuras lisonjeiras e chegara mesmo a respirar por vezes, antes do amor, um lenço embebido em éter. Um belo dia acertara o passo. Odette trazia-lhe seiscentos mil francos de dote. Ele escrevera a Mathieu: “É preciso ter coragem de fazer como todo mundo para não ser como ninguém”.⁹⁵ E comprara um cartório.”

O fato desse romance ter sido escrito no pós-guerra é altamente significativo e o trecho escolhido é carregado de simbolismos. *A Idade da Razão* – e os romances seguintes que compõem Os Caminhos da Liberdade: *Sursis* (1945) e *Com a morte na alma* (1949) – é

⁹⁵ SARTRE, Jean-Paul. *A Idade da Razão*, tradução: Sérgio Milliet, São Paulo: Abril Cultural, 1981, pp. 130-131.

a forma literária que Sartre escolheu para dar conta do colaboracionismo francês com a ocupação nazista de Paris e de Vichy, objetivando analisar o comportamento dos franceses – em especial, dos intelectuais – durante o período (imediatamente antes, durante e depois, como segue a trilogia). O fragmento com o qual Jacques encerra sua fala no excerto é o mesmo discurso que Sartre um dia ouviu, segundo o historiador James Campbell⁹⁶, de um sujeito, nas ruas de Paris, sobre a sua própria atuação e escolhas. Isso causara espécie a Sartre e se transfigura na dubiedade de posições de Mathieu, sua falsa negação de origem de classe; as estripulias da juventude de Jacques, sendo um aliado dos revolucionários na arte e nos costumes, até o dia em que compra um cartório – ou seja: adota uma posição oficial, de um órgão responsável por oficializar as coisas – vota nos conservadores e segue contrário ao que pensava antes.

Em Gabeira, o embate pela idade da razão se processa como para Mathieu, como se demonstrará mais adiante. As influências existencialistas do autor são reconhecidas:

“Então, você vê, a minha trajetória assim a um nível muito especial é essa... um cara que era jornalista, boêmio, líder estudantil na década de 50, que depois passa a ser um jornalista profissional nos 60 e se integra ao movimento de oposição à ditadura e à luta armada nos fins dos 60 e dos 70. Quer dizer, a trajetória intelectual não é a trajetória clássica. Eu não cheguei à luta armada através da leitura d’*O Capital* nem da leitura marxista e foram poucos os de nossa geração que chegaram à luta política e à luta armada através de uma leitura, de uma reflexão sobre os clássicos. No meu caso, a formação que eu tinha, quando... eu lia muito, eu ia ser escritor, eu lia muito os americanos, [William]Sarioian, [Ernest]Hemingway, [John]Dos Passos, todo mundo... eu era um contista em potencial e a influência filosófica sobre a nossa geração era a influência francesa do pós-guerra, ainda eram os existencialistas... Sartre e Camus. (...)

Voltando à questão inicial sobre a minha trajetória, eu te diria: um cara literato, existencialista, que fez a luta armada no horizonte ainda do

⁹⁶ CAMPBELL, James. *À Margem Esquerda*, Rio de Janeiro: Record, 1999. O livro de Campbell objetiva estudar o atrativo de Paris no pós-guerra, especialmente para escritores e músicos negros norte-americanos, como Chester Himes, Richard Wright, James Baldwin e Miles Davis. Além disso, dá conta da efervescência cultural parisiense no período, em que Sartre, Samuel Beckett, Eugene Ionescu, dentre tantos outros, são figuras centrais, em meio a uma profusão de revistas literárias e intelectuais na cidade. Tenho de agradecer a Mário Martins Lima pela indicação da leitura e empréstimo do seu volume.

existencialismo, que abraçou o marxismo um tanto *post-festum*, depois de ter feito todas as cagadas decorrentes da minha incompreensão teórica.”⁹⁷

O que é isso, Companheiro?

Seu *O que é isso, Companheiro?* escrito no exílio europeu, na Suécia, após um encontro casual com Ziraldo e outros jornalistas d’*O Pasquim*⁹⁸, em 1978, pelas ruas de Paris, procura dar conta do período compreendido entre 1964 e 1973, abrangendo da sua tomada de posição até o seu primeiro momento de exílio, no Chile. *O que é isso, Companheiro?* desde o seu título, é igualmente um acerto de contas do autor consigo mesmo, com outros militantes, com a sociedade afinal. Escrita de forma, inicialmente, fragmentada, a narrativa é realizada a partir do ponto de vista de um exilado, que passa pela Argentina, Chile e alguns países da Europa. Não seguindo a ordem estabelecida pelo autor para conduzir sua personagem – apenas para formalizar aqui uma arquitetura dessa dissertação – ,veja-se:

“(…) Mil coisas estavam acontecendo nos telegramas empilhados na minha mesa: guerras, terremotos, golpes de estado. Ali, diante dos meus olhos, cinqüenta pessoas com faixas e cartazes, iluminadas pelos faróis e meio envoltas nas fumaças dos canos de descarga, avançavam contra o trânsito. Mais verba, menos tanques, abaixo a ditadura, gritavam(…) A demonstração estudantil não ia sair fácil da minha cabeça. Desde 64 que estava buscando aquela gente, e aquela gente, creio, desde 64, preparava seu encontro com as pessoas olhando da sacada da Avenida Rio Branco.

Em 64 tinha dois empregos. Um era no *Jornal do Brasil*, outro no *Panfleto*, semanário da ala de esquerda do PTB, que mais tarde, depois do golpe, iria sobreviver de forma autônoma como Movimento Nacionalista Revolucionário, MNR.”⁹⁹

Ou ainda:

⁹⁷ HOLLANDA, Heloísa B. de & PEREIRA, Carlos A. M. *Patrulhas Ideológicas, Ibidem*, pp. 185 e 187. Colchetes meus.

⁹⁸ Entrevista com Fernando Gabeira a *O Pasquim*, nº 490, Rio de Janeiro, de 17 a 23/11/1978, pp. 10-18.

⁹⁹ GABEIRA, Fernando. “Homem Correndo da Polícia” In: *O que é isso, Companheiro?*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 32ªed., 1982, pp. 13-16.

“Meu encontro com aquela nova geração de políticos pode não ter revolucionado o país, como era o nosso propósito, mas revolucionou a minha vida. As passeatas eram feitas diante de meu trabalho e jamais deixei de cair em tentação(...) Ao cabo de algumas passeatas, consegui encontrar realmente um dos grupos organizados que atuava no movimento estudantil do Rio. Era um grupo saído do Partido Comunista e se chamava Dissidência(...)”¹⁰⁰

A oscilação entre uma vida regrada e com futuro para algo desconhecido e que exigia ação não se faz sem hesitações, como parece ser óbvio. O tempo das passeatas, das grandes manifestações civis contra a ditadura civil militar é, para a personagem, mais um chamado para a decisão, o tempo de escolher, coincidindo com a sua promoção no *Jornal do Brasil* e com a sua consagração no meio jornalístico carioca:

“(...)Para mim, era sempre uma sensação estranha fazer passeata diante do *JB*(...) Era uma sensação estranha porque parecia que eu estava vaiando a mim próprio(...)

Quantas vezes tive vontade de saltar da sacada para ajudar alguém. Quantas vezes tive vontade de subir para a sacada para estar ao lado dos redatores amigos e comentar com eles o curso da demonstração.”¹⁰¹

É nesse sentido que os comentários de Ziraldo, *o descobridor* de Gabeira, por assim dizer, são chamativos quanto aos aspectos acima assinalados:

“Fernando Gabeira começou a escrever este livro no dia em que tomou a decisão que mudaria o rumo da sua vida: ele abandonou uma das mais promissoras carreiras de jornalista de sua geração e mergulhou o mais fundo possível na aventura de colocar sua vida em risco para alcançar em contrapartida um mundo mais justo para todos. Um sonho que se frustrou em parte mas que ainda continua inquietando seu coração, embora este romance seja – mais do que uma narrativa – uma meditação, onde Gabeira revê seu caminho e se pergunta que novos caminhos pode criar sabendo somente que, enquanto vive, vale a pena trocar a vida pela crença. Ter fé é preciso.

Eu me pergunto se este livro é um romance, se é um livro de memórias, se é um *causo* muito grande contado por uma testemunha ocular e atenta à sua própria história. Seja o que for, ele é escrito com a maestria de um

¹⁰⁰ GABEIRA, Fernando. “Somos todos cosmonautas?” In: *O que é isso, Companheiro?*, *Ibidem*, p. 67.

¹⁰¹ *Idem*, “O Ritual de Iniciação” In: *Ibidem*, pp. 96-97.

experimentado romancista, um escritor de palavras precisas e adjetivos exatos, enxuto.(...) ¹⁰²

Um narrador premeditado e auto-consciente?

Livro de meditação, de balanços da experiência, de um colocar-se no mundo? Não só as intenções do autor, como o conteúdo do texto são transparentes neste sentido. Entrecortado, fragmentado, subdividido em partes, autocrítico, sem querer julgar ninguém, aparentemente. O livro divide-se em 16 capítulos, blocos de lembranças, que recebem os títulos (que, por vezes, não se explicam) de *Homem correndo da polícia; Fica conosco, Aragão; Engolindo sapos; Desamando uns aos outros; Caparaó, a guerrilha sobe o morro; O buraco é mais embaixo, Monsieur; Somos todos cosmonautas?; Sangue, gases e lágrimas; Um dia vão entender; O ritual de iniciação; Ser mãe; Retrato de família, com os homens; A história da O.; Visita, só aos domingos; Babilônia, Babilônia;* e, por fim, *Onde o filho chora e a mãe não ouve.*

Essa estrutura, ainda que em fragmentos, proporciona uma certa linearidade à estória, que será alterada no seu livro posterior – *O Crepúsculo do Macho*. A narrativa de *O que é isso, companheiro?* lembra uma entrevista, com um roteiro cuidadosamente elaborado e respondido de maneira indireta. Curiosamente, é justamente a partir de um encontro com os membros do *Pasquim* que o livro surge, meses depois. Trata-se de uma construção de um monólogo interior, convidativo o suficiente para simultânea e contraditoriamente tornar os fatos narrados instigantes e abrandados, despojados de qualquer emoção mais forte – seja comoção, raiva, desprezo, alegria, tristeza etc. – Uma narrativa e um narrador controlados, auto-centrados, preocupados (e deve-se perguntar o porquê) apenas em contar o que testemunharam.

Sem querer gerar polêmicas internas, o narrador minimiza o próprio papel, seja como militante e/ou protagonista da História, como se pode depreender do trecho abaixo:

“Irrrazabal chama-se a rua por onde caminhávamos em setembro. É um nome inesquecível porque jamais conseguimos pronunciá-lo corretamente em espanhol e porque foi ali, pela primeira vez, que vimos passar um caminhão

¹⁰² Comentários de Ziraldo nas orelhas da 1ª edição de *O que é isso, companheiro?*, Rio de Janeiro: Codecri, 1979. Grifos meus.

cheio de cadáveres. Era uma tarde de setembro de 1973, em Santiago do Chile, perto da Praça Nunoa, a apenas alguns minutos do toque de recolher(...)

No entanto, era preciso correr. Correr rápido para chegar a tempo e meio disfarçado para não chamar a atenção dos carros militares(...) Foi assim, nessa corrida meio culpada, que me ocorreu a idéia: se escapo de mais essa, escrevo um livro contando como foi tudo. Tudo? Apenas o que se viu nesse dez anos, de 68 para cá, ou melhor, a fatia que me tocou viver e recordar.

Este portanto é o livro de um homem correndo da polícia, tentando compreender como é que se meteu, de repente, no meio de Iirrazabal, se há apenas cinco anos estava correndo da Ouvidor para a Rio Branco, num dos grupos que fariam mais uma demonstração contra a ditadura militar que tomara o poder em 64. Onde é mesmo que estávamos quando tudo começou?"¹⁰³

É a partir desse questionamento que se vai construindo um texto em franco diálogo com o leitor. Também aqui há um fluxo de consciência do narrador, mas de maneira menos tensa que *Em Câmara Lenta*. Se no romance de Tapajós, trata-se de um narrador angustiado, fantasma, e disposto a cometer um ato trágico como solução final, aqui, em *O que é isso, Companheiro?*, as emoções são contidas, atenuadas, controladas por frases curtas, limpas e secas. E se há alguma emoção, essa geralmente tange à resignação, ora com humor, ora com sobriedade. Reflexos do ofício jornalístico, talvez; mas trata-se de uma análise distante dez anos dos eventos narrados, de alguém que se encontra no exílio sueco e nos remete a diferentes espacialidades e mediações (Argentina, Chile, França etc.) de forma linear. Bem diferente do espaço de produção de Tapajós (a cadeia)¹⁰⁴.

De toda maneira, o narrador de *O que é isso, companheiro?* parece querer convencer o leitor de que sua consciência crítica já estava formada no período; de que, apesar de estar se engajando, sabe dos limites do seu próprio compromisso e dos de seus companheiros. *“Assim nos anos 60 fiz uma crítica da minha condição de intelectual pequeno-burguês; agora, nos anos 70, estou fazendo uma crítica um pouco mais avançada,*

¹⁰³ GABEIRA, Fernando. “Homem Correndo da Polícia” In: *O que é isso, companheiro?*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 32ªed., 1982, pp. 11-13. Grifos meus

¹⁰⁴ Vale à pena observar como foi bem recebido pela imprensa brasileira, por alguns setores intelectuais, nacionais e estrangeiros, esse estilo de Gabeira. Ver capítulo 4.

me criticando enquanto macho latino, enquanto branco e enquanto intelectual.”¹⁰⁵ Essa tentativa de convencimento aparece como no ponto de onde surge o nome do livro:

“Aquele geração de jovens políticos tinha uns dez anos a menos que eu. Minha revolta se curtiu no triângulo familiar, nas lutas para ter os amigos que quisesse, escolher a carreira que me parecesse melhor, chegar em casa mais tarde. Eles se chocam com um problema inédito para nós: a ditadura militar(...)

Essas diferenças foram pesando muito nas formações que se defrontavam ali, diante de uma atividade comum. Para eles, tudo era política partidária. Alguns não tinham tido nem sua primeira namoradina e já estavam inscritos numa organização. Lembro-me de Dominginho, o mais doce e inteligente de todos, que vinha com sua sacolinha de plástico, às vezes com um revólver calibre 38, às vezes com um conjunto de documentos sobre o foco guerrilheiro.

- Dominginho, por que é que você não compra um álbum e não vai colecionar figurinha? Por que você não arranja uma namoradina e não vai acariciá-la num banco de jardim?

- O que é isso, companheiro?

O que é isso, companheiro?(...) Os de minha geração já estavam colocados, já tinham empregos bem remunerados e gastavam grande parte de sua vida tentando entender as relações interpessoais. Eles, os da nova geração(...) Eram capazes de localizar todas as intenções escondidas num discurso político, apontar as causas econômicas de uma certa virada histórica. No entanto, faziam uma leitura linear dos sentimentos.”¹⁰⁶

É sempre bom lembrar que isto está sendo escrito em 1978. Logo, essa aparente consciência crítica presente nesses monólogos interiores da personagem merece ser questionada, uma vez que, como ela mesma diz no início do texto, desde 1964, buscava essa gente. Contudo, em dados momentos, específicos e cruciais, se desilude, se engana? Obviamente, isso se constitui numa ilusão. Quer seja aquela ilusão biográfica de que fala Bourdieu, do indivíduo querendo criar uma linearidade à sua própria vida, organizando seu

¹⁰⁵ HOLLANDA, Heloísa B. de & PEREIRA, Carlos A. M. *Patrulhas Ideológicas, Ibidem*, p. 187.

¹⁰⁶ GABEIRA, Fernando. “Somos todos cosmonautas?” In: *O que é isso, companheiro, Op. Cit.*, pp. 68-69. Grifos meus. A frase *O que é isso, companheiro?* é dirigida a César Benjamin, então com 13 ou 14 anos, aluno do Colégio de Aplicação da UFRJ, militante do movimento secundarista, em 1967. FONTE: Entrevista concedida a Marcelo Ridenti em 1986. Atualmente, Benjamin é cientista político daquela universidade.

passado de forma que justifique as escolhas do presente e do futuro. Quer seja a ilusão textual de que fala Jorge Semprún¹⁰⁷:

“Para ler-se a narrativa de Gabeira é melhor evitar a cilada do exotismo. Dupla cilada ou, talvez, cilada de ação dupla. Pois o exotismo – o Brasil ditatorial dos anos sessenta, seu calor e seu barulho brutal – pode tanto seduzir como distrair. Afastar, portanto, da verdade. Seduzidos, só iremos saborear as aparências fabulosas dessa história real: o brilho do pitoresco cegará nossa reflexão(...) A aventura aqui narrada é universal!. A usina dos mitos revolucionários nascidos do leninismo, o fantasma de uma organização básica e onisciente, a dureza sangrenta da “crítica das armas”: essa experiência é comum, através do mundo capitalista, às camadas intelectuais radicalizadas, por uma crise profunda das instituições e dos poderes(...) Eis, com um tom de ternura e ironia – virtudes principais de um homem que voltou a si – a narração cintilante de um fracasso histórico que fecha muitas portas falsas e abre uma janela muito mais bela: a da lucidez.”¹⁰⁸

Não é hora ainda de comentar esse aspecto de *lucidez*, que terá muitas implicações no retorno do exílio, na atuação de Gabeira pós-79 e nos seus livros seguintes. Não só desse autor, obviamente. Fica solta aqui uma pergunta: Suas ficções políticas são pavimentos desse caminho lúcido? Ou melhor: num aspecto mais amplo, de que maneira os ex-guerrilheiros contribuem para um novo estilo de pensamento a ser implantado em alguns espaços do país? Estilo esse, aparentemente, desejado e encorajado, inclusive por seus antigos opositores. Retornar-se-á a essa discussão no capítulo seguinte, *Noturnos*.

A reconstrução de um tempo de efervescência cultural e política para um setor social brasileiro é largamente realizada pelo autor. Para este, existe um duplo movimento, entre o engajar-se por uma causa e não observar a sua própria degradação no período:

“Às vezes vou ao La Coupoule, em Montparnasse, para comer um peixe e ver as pessoas. É o bar que Lênin freqüentava para tomar seu leite com groselha. Jamais tomei leite com groselha, mas em 1968 entrei para uma organização leninista.(...) Oficialmente, entrei para uma organização leninista na Praça Antero de Quental, numa tarde muito bonita. A organização era a

¹⁰⁷ Célebre escritor franco-espanhol, autor de testemunhos como *Autobiografía de Federico Sánchez* ou *A escritura ou a vida*, sobre sua experiência em campos de concentração e no Partido Comunista Espanhol, a quem Gabeira seria comparado por alguns críticos. Cf. Capítulo 4.

¹⁰⁸ SEMPRÚN, Jorge. Comentários escritos nas orelhas da 32ª edição de *O que é isso, Companheiro*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. Grifos meus.

dissidência comunista, uma cisão do PC Brasileiro, surgida no meio da década de 60.(...) De agora em diante, como no poema de Lorca, meu nome não era meu nome, nem minha casa era mais minha casa(...)

Olhei em torno de mim e o mundo continuava o mesmo.(...)”¹⁰⁹

Ou ainda:

“Ainda não tinha acontecido nada de especial(...) Estávamos, entretanto, impressionados com a experiência do MR-8 do Estado do Rio. Eles caíram no Paraná e, de repente, toda a organização desapareceu.(...) Nossa análise daquelas quedas foi muito insuficiente. Foi uma análise produzida para nos tranquilizar.(...) O MR-8 praticamente acabara, não porque a polícia política fosse realmente eficaz, mas sim porque ruiu ao peso de seus próprios erros. Erros heróicos, mas erros. De agora em diante, nos chamaríamos MR-8. O MR-8 éramos nós. Nada acabava. Íamos encarnando tudo e, nesse processo, negando a decadência que nos destruía gradualmente. (...)”¹¹⁰

Esse momento se situa já na fase 1968-1969, em que o autor, clandestino, começa a participar como militante de base da organização. Inicialmente, visto como figura estratégica, por estar dentro de um jornal da Grande Imprensa e, portanto, poderia fornecer informações privilegiadas. Chefiava o Departamento de Pesquisas, responsável por subsidiar de documentação as reportagens, com informes nacionais e internacionais. Posteriormente, por decisão da organização – e sua própria – abandona o cargo e participa de um momento, *grosso modo*, das organizações clandestinas, considerado o mais crítico: pós-AI5, fim do tempo das passeatas; antigos simpatizantes amedrontados, cerceamento cada vez maior das liberdades civis; diminuições ou inexistência das discussões e dos debates em detrimento das ações de assaltos; de resposta a uma reação do Estado, em geral culminando em morte de civis, militantes e agentes estatais; e, por fim, isolamento recíproco entre as massas e a vanguarda.

“(...)As tarefas teóricas praticamente não existiam no horizonte das ocupações cotidianas. Eram vistas com desconfiança, apesar do nível geral ser muito baixo. Nenhum de nós havia lido O Capital, nenhum de nós conhecia, profundamente, a experiência em outros países, nenhum de nós, enfim,

¹⁰⁹ GABEIRA, Fernando. “O Ritual de Iniciação” In: *O que é isso, companheiro, Op. Cit*, p. 91.

¹¹⁰ *Idem*. “A História da O.” In: *O que é isso, companheiro, Op. Cit*, pp. 124-125.

problematizara algum aspecto do marxismo ou mesmo inventara um campo novo para pesquisar(...)

Como é que um intelectual pode se negar tão profundamente?(...)”¹¹¹

Em meio a essas questões, para a personagem, é preciso agir, conferir respostas, libertar companheiros presos e de quem se sabem ser alvos de torturas. É assim que, em setembro de 1969, após uma longa preparação e articulação entre MR-8 e ALN, decide-se seqüestrar o embaixador norte-americano no Brasil, Charles Burke Elbrick. Gabeira dedica um capítulo inteiro à ação, minimizando seu papel¹¹², como o fez, anteriormente, na famosa entrevista a *O Pasquim*, servindo apenas como uma peça da engrenagem. Para um animado Ziraldo,

“O bilhete do resgate estava tão bem escrito, tão tecnicamente bem escrito que os colegas de Gabeira – que havia abandonado o emprego de Chefe do Departamento de Pesquisa do jornal para cair na clandestinidade – não tiveram dúvidas: “Gabeira está nessa.”(...) *E deste estar de corpo e alma quem pode falar melhor é ele próprio e é o que está feito nas páginas este livro, onde não há compósitos, onde não há insinuações, onde não há situações paralelas ou inventadas, onde não há nomes trocados nem dores imaginadas e que prova que o grande romance é a própria vida, recriá-la é ser fiel a ela, na medida do talento de cada um.*”¹¹³

Ainda assim,

“(...)os participantes da ação se dispersaram a partir de uma noite de Domingo. Dois morreram: Toledo [Joaquim Câmara Ferreira], sob torturas em São Paulo e Jonas [Virgílio Gomes da Silva], massacrado a pontapés pela equipe do Capitão Albernaz, na Operação Bandeirantes. Alguns foram presos e liberados, depois de cumprirem pena; outros foram liberados por seqüestro e vivem em lugares diferentes, no exílio. Alguns fugiram e, finalmente, um de nós

¹¹¹ *Idem*. “Onde o filho chora e a mãe não ouve” In: *O que é isso, companheiro, Op. Cit.*, pp. 181-182.

¹¹² “Esta talvez seja a primeira descrição do episódio que faço mais tranqüilamente. Só quero registrar que sou apenas *uma* das pessoas que participaram. Fui apenas uma peça da engrenagem. Havia gente muito mais importante, mais capaz e mais interessante do que eu dentro desta história.” In: *O Pasquim*, nº 490, Rio de Janeiro, de 17 a 23/11/1978, p. 14.

¹¹³ Comentários de Ziraldo à orelha do livro da 1ª edição do livro *O que é isso, companheiro?*, Rio de Janeiro: Codecri, 1979. Grifos meus.

enlouqueceu e perambula pelas ruas de Paris, de barba e cabelo grande. Sobrevivi. E pensei que talvez fosse interessante contar a história.”¹¹⁴

Entre o entusiasmo da primeira edição do livro, presente na escrita de Ziraldo – que depois, por motivos diversos, diminuirá – e o texto propriamente do autor de *O que é isso, Companheiro?*, existe um desnível. Vale interpretar o uso da sobriedade do sobrevivente aliado ao entusiasmo do intelectual e jornalista à beira da Abertura, no centro da Anistia.

De certa maneira, esse esforço já foi realizado por Cláudio Novaes Pinto Coelho, em sua dissertação de mestrado de 1987, que se tornou o livro *Os movimentos libertários em questão: A Política e a Cultura nas memórias de Fernando Gabeira*¹¹⁵. Segundo esse autor, Gabeira aparece como um *portador de um saber histórico*, pois “(...) foi o primeiro participante da luta armada a romper a barreira do silêncio, revelando os pormenores da sua participação no seqüestro do embaixador americano e da repressão policial-militar, em entrevista concedida ainda no exílio a *O Pasquim* n° 490 (17-23/11/78)(...)”¹¹⁶.

Coelho afirma ainda que é através de uma dimensão particularizadora, de um indivíduo pertencente a um grupo social específico, que permite a Fernando Gabeira vincular o singular ao universal, atendendo, de certa forma, ao interesse que os chamados *movimentos libertários* teriam por uma perspectiva individualizante, dissociada de posições estanques¹¹⁷. O que se pode dizer até aqui, a meu ver, é que a narrativa de Gabeira (e dos outros) é elaborada para uma transição, sendo ele próprio um sujeito em mudança, percebendo as alterações da conjuntura política, de outros sujeitos históricos e que os obrigam também a se alterar e criar um discurso que justifique tal movimento. Como o próprio autor afirma em sua entrevista a *O Pasquim*, marco fundador desta alteração:

“O Brasil já não é mais o Brasil daquele período. Hoje, o movimento democrático amadureceu muito. (...) O movimento estudantil, o movimento das donas de casa em São Paulo, o movimento da Igreja, sente-se que existe um movimento democrático em curso em todos os aspectos do país. (...) A luta concreta que existe hoje no Brasil te mostra quais são os caminhos. Hoje não

¹¹⁴ GABEIRA, Fernando. “Babilônia, Babilônia” In: *O que é isso, companheiro, Op. Cit.*, p. 171.

¹¹⁵ COELHO, Cláudio N.P. *Os Movimentos libertários em questão*, Rio de Janeiro: Vozes, 1987. A tese foi defendida no Departamento de Antropologia da UNICAMP, sob orientação de Peter Fry. Tem alguns pontos interessantes e certa originalidade na tentativa que faz de unir aquele autor e os novos movimentos sociais.

¹¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 36.

¹¹⁷ *Idem, ibidem*, p. 46.

somos nós que estamos ensinando as pessoas mas elas é que estão nos ensinando. Essa história da gente dirigir o Brasil acabou.(...)”¹¹⁸

Trata-se de hipótese a ser testada, no próximo capítulo.

¹¹⁸ Entrevista de Fernando Gabeira a *O Pasquim*, nº 490, Rio de Janeiro, de 17 a 23/11/1978, p. 18.

O Dobrado do Barão do Rio Branco: Do lacerdismo ao exílio.

Em duas datas diferentes, mas com o mesmo destino, aportam no Brasil, ao fim dos anos 1940, dois imigrantes poloneses, refugiados da guerra e do comunismo que ascendera naquele país. Ambos oriundos do interior da Polônia – Lodz e Pinsk, respectivamente – chegam ao Rio de Janeiro ainda na época em que a cidade era capital federal e centro de referência cultural, cosmopolita por excelência.

Como se conheceram Herman Sirkis – com 31 anos, chegado em 1947 – e Liliana Sirkis – com 25 anos, em 1948, quando aportou no Brasil – é objetivamente menos importante para essa dissertação que o resultado dessa união: Alfredo Hélio Sirkis, nascido em 1950, naquela cidade.

Ao que parece, apesar de virem na condição de migrantes, os pais de Sirkis conseguiram estabelecer um padrão de vida razoavelmente bom, em poucos anos, podendo propiciar ao filho único certas benesses. Como se tratam de refugiados, experimentados em dois sistemas totalitários, adquirem “(...) *o descrédito por todos os sistemas de poder e um humanismo cético e apolítico, mitigado de leves simpatias pela social-democracia sueca.*”¹¹⁹, como afirma o autor em suas memórias. Essa percepção advém do fato de que Herman, judeu polonês fugido da ocupação nazista em 1939, acabou por chegar a uma região da Polônia Oriental ocupada pelo Exército Vermelho russo, ao qual foi incorporado forçosamente. Seu dever, como o de muitos outros, seria o de construir uma estrada de ferro entre Moscou e Leningrado, a golpes de picaretas. Pegara malária, passara fome e por não conseguir trabalhar, negaram-lhe comida.

O Alto Comando Soviético decidiu criar uma divisão polonesa de guerra quando eclode o conflito entre a URSS e a Alemanha. Foi o que salvara Herman Sirkis, curado e alimentado para juntar-se às fileiras do Exército Vermelho. Termina a guerra como capitão da divisão de blindados. Chega em 1946 à Polônia devastada e resolve fugir, não se sabe o porquê, exatamente para o Brasil.

Liliana, também judia polonesa, filha de um dos treze mil oficiais poloneses prisioneiros e fuzilados sob as ordens de Stálin no que ficou conhecido como *Massacre da*

¹¹⁹ SIRKIS, Alfredo. “Do lacerdismo à subversão” In: *Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida*, São Paulo: Círculo do Livro, 1980, p. 28.

*Floresta de Katin*¹²⁰, sofre as ações da guerra e do comunismo, quando é deportada com mãe e irmãs para a Sibéria, trabalhando cinco anos em um *kolkhoz*¹²¹. Enquanto estivera na Sibéria, sua cidade natal – Pinsk – tivera todas as famílias judaicas exterminadas pelos alemães (após os soviéticos terem sido expulsos). Daí sua decisão de emigrar.

Logo, é de se imaginar que as características do humanismo cético e apoliticismo estão harmônicos, em certo sentido, com o período de desmobilização ideológica no Brasil do pós-guerra, governo Eurico Gaspar Dutra (1945-1950). E reverberantes no estilo de educação passada para o filho:

“Depois de uma bem cuidada infância no British School of Rio de Janeiro, no Anglo-Americano e todo o ginásio no Andrews, caros colégios particulares de Botafogo, de cursos na Aliança Francesa, na Cultura Inglesa e mais uns quantos professores particulares – não somos ricos, mas fazemos os sacrifícios necessários para te dar a formação que não pudemos ter, dizia ela [*a mãe*]–, aos dezesseis anos, por sugestão-para-o-meu-próprio-bem, fui medir-me com o temido exame de seleção do *CAP*.”¹²²

CAP é o Colégio de Aplicação, vinculado à Faculdade de Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que alunos dos últimos anos da faculdade lecionavam, ao lado de professores mais antigos e regulares. Isso se dá no ano de 1965.

A singularidade expressa por Gabeira, em suas memórias, era sua idade avançada em uma década face aos seus companheiros. A de Sirkis, como de tantos outros, estaria justamente na sua extrema juventude. Aos 14 anos, em 1964, como muitos de sua fração geracional, é um apoiador do golpe, lacerdistas, liberal-conservador, com um retrato de John Kennedy estampado no quarto, o que muito orgulhava seu pai. Aos 16 anos, já iniciava o caminho para o ingresso numa organização subversiva.

¹²⁰ Katin: aldeia da Rússia, a oeste de Smolensk. Nas suas proximidades, os alemães descobriram, em abril de 1943, oito fossas com cadáveres de cerca de 4.500 oficiais poloneses mortos com um tiro na nuca. Os alemães acusaram os soviéticos pelo massacre, e estes responderam atribuindo à Alemanha a autoria do crime. A responsabilidade dos soviéticos, porém, foi estabelecida posteriormente.

¹²¹ Kolkhoz: na antiga URSS, fazenda de propriedade coletiva, desenvolvida a partir de 1930. Tinha superfície média de 7.000 hectares.

¹²² SIRKIS, Alfredo. “Hora do Rush” In: *Os Carbonários. Op. Cit.*, p. 20. Colchetes meus.

Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida

“Por causa, até hoje acredita [seu pai], daquele maldito colégio, como diz, é que seu filho rebelde, mas no fundo bom menino e, em todo caso, sadiamente direitista, um belo dia trocou, no quarto, o retrato de John Fitzgerald Kennedy pelo de Ernesto Che Guevara. (...)”

Eu não era propriamente da turminha. Novo no colégio, nem da esquerda era. Continuava a ser lacerdista.(...) Depois que entrei no CAP e conheci, pela primeira vez, os “terríveis esquerdistas”, fui nuanceando os juízos.(...) Revoltado com o fechamento do nosso grêmio, com a censura ao nosso jornalzinho de escola e com a supressão dos jornais-murais, eu concordava também com os objetivos daquela passeata, convocada pela UME e pela AMES, contra as condições imundas e degradantes do Calabouço, o restaurante universitário, contra os acordos MEC-USAID e o pagamento de anuidades.”¹²³

Os Carbonários se iniciam com as lembranças do narrador em meio à sua entrada no Colégio de Aplicação da UFRJ e em fins de outubro de 1967, quando se dirige à passeata contra os acordos entre o Ministério da Educação e um órgão norte-americano (USAID), na qual morreria o estudante Édson Luís. Um narrador adolescente, no tempo das passeatas, que vai construindo suas percepções sobre os sujeitos sociais, as alterações de espaço, de política – alterações objetivas que se confundem com a subjetividade de alguém tão jovem.

Um narrador galhofeiro. É o que pode ser dito da personagem construída por Sirkis. Mas a galhofa não torna os fatos mais engraçados ou, melhor, não os apresenta para serem motivo de riso. O narrador de *Os Carbonários*, com procedimento semelhante ao de Gabeira, constrói justificativas para seus atos, demonstrando um *duplo caráter* de crítica: *No momento em que as ações ocorrem* (ou seja, no tempo dos fatos narrados, no tempo das passeatas, no tempo do CAP, no tempo de entrar na organização e participar como militante) e *no momento em que as ações são lembradas*, no ato de alguém que narra uma situação muito posterior àquela vivida. Mas o quê permitiria esse grau de autoconsciência a esses autores e aos seus narradores?

¹²³ *Idem, ibidem*, pp. 21-23.

O livro do riso, do esquecimento e da sinceridade.

O trecho a seguir seria um dos vários exemplos de uma *verdade* necessária e manifesta na narrativa, como justificativa segundo o seu autor:

“Não tenho dúvidas que foi, em primeira instância, a carência de amizade e o respeito intelectual o que me aproximou da esquerda. Até então tinha uma grande dificuldade em inserir-me nalgum meio social. As minhas patotas, à exceção de um ou dois amigos não correspondiam às inquietações.”¹²⁴

Trata-se de um narrador muito sincero ou que se vale do uso de um estilo literário livre, mais despojado, em que romances escritos como um repertório do quotidiano pessoal, um inventário de fatos e situações, sem grandes ostentações e inventividades formalistas é aceitável. *Os Carbonários* foi escrito no embalo de leituras de autores convencionalmente denominados *malditos e contraculturais* como o afirma Sirkis, “(...) porque, nessa época, eu tava lendo muito [William] Burroughs, tava lendo o... [Charles] Bukowski, tava lendo o pessoal... os beat [beatniks], *On the road* [de Jack Kerouac] (...)”¹²⁵

Mas assim como *On the road*¹²⁶, o livro mais famoso da literatura *beatnik*, tem como personagem um Sal Paradise (alter ego de Jack Kerouac), cuja intenção é narrar viagens, encontros, expectativas e experiências entre 1947 e 1950 pelos trilhos e estradas norte-americanas e mexicanas, *Os Carbonários* segue o mesmo propósito de inventário do quotidiano, com a narrativa de um Sirkis – Felipe (codinome do autor na VPR) que diz que:

“Comecei a escrever *Os Carbonários* em fins de 77, em Portugal. Concluí, já na época que ia pintar anistia, em agosto de 79(...)

De volta ao patropi reescrevi algumas passagens depois de rever pessoas e ruas.

A narrativa se refere a um período de quarenta e quatro meses, entre outubro de 67 e maio de 71. Não tenho nostalgia daqueles tempos mas curto as

¹²⁴ *Idem*. “Do lacerdismo à subversão” In: *Os Carbonários. Op. Cit.*, p. 30.

¹²⁵ Entrevista concedida ao autor em 28/04/2005, no Rio de Janeiro. Transcrição da Fita 1, Lado A, p. 13. É interessante que esses autores possam ser influência de Sirkis. Tanto ele quanto aqueles são acusados de informalidade excessiva, de uma ausência de invenção/ elaboração literária. Ao mesmo tempo, o autor comenta, na mesma entrevista, que escritores como Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Jorge Semprún, Norman Mailer e Mario Vargas Llosa também lhe são influências caras.

¹²⁶ KEROUAC, Jack. *On the road: Pé na Estrada*, tradução Eduardo Bueno & Antônio Bivar, São Paulo: Brasiliense, 3ªed., 1984.

vivências, os despertares, as aventuras e os “cacos de sonho onde até hoje a gente se corta”, como diz Alex [Polari], numa poesia do seu *Inventário de Cicatrizes*.(...)¹²⁷

O título do livro é baseado no filme histórico do diretor italiano Luigi Magni, cujo nome é *L'ano del Signore* e traduzido como *Os Carbonários*, por tratar daquela sociedade franco-maçônica surgida em fins do século XIX no conjunto de reinos que se tornariam o Estado Nacional da Itália. Após ter visto esse filme, no Cine Metro do Rio, em 1971, o narrador, que já vinha num processo de autocrítica, resolve abandonar a luta armada. É interessante acompanhar esse processo. Existe essa associação direta com os carbonários italianos, que combateram a tirania; eram jovens aprendizes, oficiais/suboficiais dos exércitos e ainda havia alguns profissionais liberais, artesãos e padres de campo nessas organizações secretas. Como o afirma o autor:

“Combateram a tirania numa época de refluxo dos ideais republicanos inspirados pela Revolução Francesa, cujo modelo jacobino importavam. Viveram quase sempre isolados das amplas massas que intimidadas pelo temor vigente raramente entendiam o sentido de sua luta (...) As aventuras desses conspiradores e guerrilheiros derrotados no século passado evocaram ao autor umas tantas analogias com contextos distantes e muito posteriores...”¹²⁸

O livro é dividido em dez partes, subdivididas em dezenas de outras, num procedimento de montagem de imagens e cenas, tal qual o fizeram Gabeira e Tapajós; contudo, menos rigoroso que este último e de caráter menos evidente que os planos-seqüências de *Em Câmara Lenta*. Além de *Pré(pos)facio* e *Os Carbonários (versão século XIX)*, há ainda *Tempo das Passeatas*, *Geração 68*, *Sinal Fechado*, *Astral 70*, *Seqüestro do Alemão* (sobre o seqüestro do embaixador von Holleben), *Brasil, ame-o ou deixe-o*, *Na Infra do Tio* (sobre o seqüestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bücher) e *Passaporte*.

Se inicialmente se tratava de um lacerdista, que teria ido “(...) *dormir ouvindo marchas militares, no rádio de pilha... “Dobrado do Barão do Rio Branco” tocando... Eu, emocionadíssimo, achando que os militares tavam trazendo a redenção do*

¹²⁷ SIRKIS, Alfredo. “Pré(pos)facio” In: *Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida* São Paulo, Círculo do Livro, 1980, p. 10. As informações contidas nesse prefácio serão retomadas nos últimos capítulos.

¹²⁸ *Idem*. “Os Carbonários (versão século XIX)”. In: *Ibidem*, pp. 15-16.

*Brasil.(...)*¹²⁹, após a entrada no CAP participa de um Comando Secundarista (COSEC), responsável por pichações e pela tentativa de organização de colegiais nos subúrbios cariocas. Em meio a isso tudo, passeatas, morte de Édson Luís, morte de Guevara na Bolívia, passeata dos Cem Mil e o AI5, que coincide com o dia de sua formatura, 13/12/1968, na qual é o orador.

“Permaneci em silêncio. Não grito palavras-de-ordem comunista, pensei. Eu até admirava a coragem do Che, que acabara de morrer, dias antes na Bolívia [1967]. Mas achava que isso de gritar GUE-VA-RA! era coisa de comunista e eu não era comunista.”¹³⁰

O mesmo narrador oscilante presente em Gabeira se repete em Sirkis. A narrativa se desdobra inicialmente como uma *traição da classe de origem*, do caminho natural e de seus pressupostos. O quê, obviamente, não significaria que o autor estivesse absolutamente seguro sobre tal opção proletária, como deixa entrever o trecho a seguir:

“Mamãe me inscrevera num curso férias na Sorbonne e eu devia embarcar em fins de dezembro. Eu queria ir(...) Um mês de férias e a descoberta de Paris, pós-maio 68, era uma boa(...) Nas reuniões de crítica e autocrítica, presididas por Ernesto, procurávamos exorcizar os nossos *ranços pequeno-burgueses* e nos imbuir da ideologia revolucionária do proletariado(...) No entanto, a maioria [*das reuniões*] se assemelhava sobremaneira às práticas religiosas de certos conventos de frades, na sua busca do *mea culpa*, da expiação da origem impura, do pecado original de ser pequeno-burguês(...)

Começou o ano letivo de 69 e eis o garotão zona sul, vestindo as roupas mais feias, cortando o cabelo curtinho, tacando brilhantina e tomando, todos os dias, dois ônibus pros subúrbios da Leopoldina.”¹³¹

Traição de classe que o autor justifica, na entrevista, como uma questão conjuntural:

“Então, é claro que naquele momento, dentro de um raciocínio muito mecanicista, eu como... pequeno-burguês, achava que estava... de certa forma e sadiamente... traindo a minha classe e optando pela classe proletária. A única dificuldade é que na verdade a resistência à ditadura militar no Brasil foi um ato... profundamente identificado com a classe média brasileira naquele

¹²⁹Entrevista concedida ao autor em 28/04/2005, no Rio de Janeiro. Transcrição da Fita 1, Lado B, p. 30.

¹³⁰SIRKIS, Alfredo. “No Repórter Esso” In: *Os Carbonários. Op. Cit.*, p. 25. Colchetes meus.

¹³¹*Idem*. “Opção Proletária” In: *Os Carbonários. Op. Cit.*, pp. 105-107. Colchetes meus.

momento e... salvo pequeníssimos bolsões, como os operários de... de Contagem e de Osasco, a classe operária foi completamente indiferente à nossa luta. A classe trabalhadora não tava nem aí pra resistência armada contra a ditadura.”¹³²

Mesmo assim, a opção – com dúvidas – é feita e, no começo de 1970, o autor entra na organização a que pertenciam seus amigos mais velhos dos tempos do Cap – Carlos Minc, Franklin Martins e outros – a Vanguarda Popular Revolucionária lhe é apresentada por Ladislaw Dowbor, na época sob o codinome de Jamil. A partir desse momento, o biênio 1970-1971 será marcado pela clandestinidade, escapadas milagrosas da polícia; os seqüestros de dois embaixadores; aproximação e distanciamento de amigos *desbundados*, bem como uma crescente autocrítica e/ou senso de sobrevivência, entremeados por sessões de análise de inspiração kleiniana¹³³ – analista pago pelos pais.

Narrar o que foi esse período aqui, nesta dissertação, seria uma brutal redução da realidade apresentada no interior de *Os Carbonários*. Creio que o importante a dizer é sobre esse *caráter oscilatório* do narrador-guerrilheiro, que observa seus companheiros morrerem ao seu redor, dentre eles Carlos Lamarca (de codinome Cláudio) e Eduardo Leite (Bacuri) e que faz do autor hoje um dos últimos sobreviventes das ações de seqüestros dos embaixadores alemão e suíço – uma vez que desertou da organização oito dias antes dela ser desmobilizada e aniquilada. Na construção em imagens lineares, percebe-se o sufoco e a angústia nas quais o narrador e a sua organização se inserem, culminando em paranóia; tentativa de conclamar o povo, assaltando um supermercado e distribuindo os alimentos na favela carioca do Rato Molhado; e, claro, a pergunta inoportunamente constante de se estaria vivo para ver o próximo reveillon.

O repensar propositivo de um novo projeto para Sirkis e de um novo tipo de ação se dá no exílio, narrado no seu livro seguinte, *Roleta Chilena*, que analisar-se-á no próximo capítulo. No Brasil, move-se entre sobreviver e o compromisso com a coerência do sentido da luta. Para finalizar esse subitem, duas últimas citações do narrador, antes que seus pais subornem a polícia e os órgãos competentes para que pudesse sair ileso do país:

¹³² Entrevista concedida ao autor em 28/04/2005, no Rio de Janeiro. Transcrição da Fita 1, Lado A, p. 04.

¹³³ Melanie Klein (1882-1960) foi discípula de Freud e responsável por colocar em prática a teoria sobre a questão infantil daquele autor.

“O mais velho era Lamarca, com trinta e dois anos. Daniel andava pelos vinte e quatro, Ivan vinte e um e eu vinte, revelamo-lhe [*ao embaixador suíço, depois de retirarem os capuzes que lhes cobriam as faces, no cativeiro*]

Ele ficou matutando e mais tarde, quando estávamos sozinhos de novo, perguntou:

- Será que vale a pena entrar nessa com vinte anos? Arriscar a vida por uma causa política? Está realmente convencido disto?

Eu estava.”¹³⁴

E ainda, no outro movimento do pêndulo da consciência, após a libertação de Bücher – quase executado pela organização, por conta da demora do governo brasileiro em aceitar a lista de presos – de rachas na unidade de combate Juarez de Brito – nome dado ao grupo de Sirkis, após militante homônimo, amigo do autor e cujo codinome era Juvenal, ter sido metralhado na Lagoa Rodrigo de Freitas – e do reveillon de 1971:

“Quería conhecer o mundo, viajar por aí. Mas não vou. Breve, o apagar da vida, como de uma lâmpada. No meio de uma balaceira, ou pior, numa sala de tortura, totalmente na mão deles. Ou na melhor das hipóteses, depois de tudo, passar uma vida presa, enjaulado, feito uma fera. Porque perdemos. E se eu não agüentar o pau?(...) Honestamente, não posso garantir que seja capaz de agüentar tudo. Não sei. Tenho dúvidas. Os grandes ferrabrases ideológicos foram os que sempre mais abriram. Ninguém resiste à tortura por “nível ideológico”, “fé no marxismo-leninismo” ou “no proletariado”(…) Fé na revolução, na redenção dos explorados e oprimidos, numa vida melhor pro povo, num Brasil mais humano e mais justo, eu tenho. Não tenho mais é na esquerda armada, na guerrilha urbana, na VPR, no confronto solitário com o poder.(...)

Não acredito mais nos carbonários(...) Quería viver, tinha decidido e não havia mais dúvidas.”¹³⁵

E foi o que o narrador fez. Anuncia seu desligamento da organização, tornando-se apenas um apoiador no exílio. Retoma contatos com os pais e, mediante suborno pago por estes, aos órgãos que queriam esclarecimento sobre sua participação no Movimento

¹³⁴ SIRKIS, Alfredo. “Rasgando o capuz” In: *Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida*, São Paulo: Círculo do Livro, 1980, p. 275.

¹³⁵ *Idem*. “Eros” In: *Os Carbonários. Op. Cit.*, pp. 327-328.

Estudantil de 1968, sai do Brasil legalmente, aterrissando no Chile, após uma rápida passagem pela Argentina, em 1971.

Creio que um último ponto a ser assinalado é quanto à idade do narrador. O fato de o texto lembrar fatos e/ou idéias de alguém que teria entre 15 e 21 anos não serve de argumento para tecer críticas à narrativa. Sirkis é um autor que *constrói* sua narrativa uma década após os eventos rememorados terem sido vividos. Há que se questionar o quê e por quê foi lembrado, bem como omitido, com qual sentido e valor para um outro presente e futuro.

Vale ainda pensar sobre a construção desse relato, dessa ficção política. Se, como o afirma o autor no seu “Pré(pós)fácio”, o livro começou a ser escrito em meados de 1977, em Portugal, deve-se perguntar o por quê. Segundo Sirkis, “(...)eu escrevi porque eu vinha contando sobretudo no exílio muitas vezes aquelas histórias e aí teve um momento que eu precisei colocar aquilo tudo prá fora, botar no papel até prá não precisar mais contar as histórias...”¹³⁶. O fenômeno editorial das memórias ainda não havia acontecido – o livro de Tapajós seria editado em meados de 1977; Gabeira ainda não tinha sido *redescoberto* – O autor estava no exílio por conta de uma deserção pessoal da organização. Não se tratava de um alto quadro (dirigente, treinado em Cuba ou coisa semelhante), mas desempenhou papel de importância nos seqüestros por conhecer fluentemente outros idiomas. Logo, a que se deve essa urgência de contar? E mais: contar o quê, por quê e para quem?

Trata-se de mais uma incorporação de um fator externo no interior da obra, aliado a uma ilusão biográfica necessária. Conectado com o projeto de ser escritor¹³⁷, o autor, naquele momento, encontra-se numa fase de transição política de extrema significância, rumo à social-democracia, que será abordada no capítulo seguinte.

Destarte, o caráter oscilatório, pendular e com tom de sinceridade não é aleatório na narrativa. Ainda que Sirkis afirme que “(...)Os Carbonários não é um romance. E... tudo o que aconteceu lá é verdade... até onde eu me lembro... claro que a memória prega peças prá gente mas... tentei fazer um livro que contivesse a verdade, nem toda a verdade, mas

¹³⁶ Entrevista concedida ao autor em 28/04/2005, no Rio de Janeiro. Transcrição da Fita 1, Lado A, p. 04.

¹³⁷ Em 1976, no exílio em Portugal, Alfredo Sirkis lançou seu primeiro livro, *A guerra da Argentina*, sob o pseudônimo de Marcelo Dias – que utilizava para escrever matérias, como correspondente, para o jornal francês *Libération* – sob o declínio do peronismo e golpe de estado naquele país, tendo-o como testemunha ocular do processo.

*que contivesse essencialmente a verdade... e... Sob uma forma de memorialismo(...)*¹³⁸, como já se procurou observar na Introdução desse trabalho, mesmo que os fatos reais possuam estatutos de verdade, o terreno da ficção política padece de uma certa ilusão biográfica, que objetiva conformar as experiências do passado como justificativa para as opções do presente.

No mais, trata-se de uma narrativa muito bem construída, de fácil leitura e linear. O que parece é que o leitor ideal de *Os Carbonários* não é alguém que tenha experienciado, na mesma época e medida, as histórias contadas por Sirkis. Seu leitor ideal é um público jovem e que merece uma adequação à sua linguagem, até mesmo para que ele permaneça sempre atual e perene. É dedicado à geração dos anos 1980, com um tom adequado a ela e às gerações subsequentes:

“(...)a questão da linguagem... pode ser, quer dizer... eu... na época em que eu comecei a escrever, eu optei por uma narrativa extremamente simples e despojada de qualquer tipo de maneirismo estilístico. Uma coisa seca, jornalística e... e... um pouco influenciada por um tom do Pasquim... que dava o tom da escrita naquela época, com muita gíria, coisa que em edições posteriores, sobretudo nessa 13ª edição da Record eu... revi muito, eliminei muitas gírias... porque isso foi uma coisa que depois o... de certa forma o Otto Lara Resende, que gostava muito do livro, me deu um toque. Ele e alguns outros escritores falaram: “Olha, tudo bem você usar gírias mas... o problema é que você tem que entender que a gíria é perecível ...então daqui a vinte anos...(...) “... as pessoas não vão entender, então acho que você devia colocar num português mais castiço”. Foi o que eu fiz, na última edição...”¹³⁹

E, desta forma, alçou o sucesso, tendo entre 1980 e 1984, nove edições pela Editora Global, sendo que as quatro primeiras se deram entre agosto e outubro de 1980. A consagração maior foi o recebimento do Prêmio Jabuti em 1981 que, segundo o autor:

“O Jabuti foi armado.... como todos os Jabutis! (...)Sinto decepcionar... mas de fato o Zé Carlos [Rolo Venâncio] me ligou com alguns dias de antecedência e falou: “Olha, quero te dizer o seguinte: Já articulamos o Prêmio Jabuti prá você!” (...)Aí eu falei: “Porra, Zé Carlos! Por quê que você não... articulou comigo o fato que você tava articulando...” [e ele]: “Eu tenho uma viagem prá

¹³⁸ Entrevista concedida ao autor em 28/04/2005, no Rio de Janeiro. Transcrição da Fita 1, Lado A, p. 05.

¹³⁹ Entrevista concedida ao autor em 28/04/2005, no Rio de Janeiro. Transcrição da Fita 1, Lado A, p. 08.

Europa prevista, não vou poder nem ir à entrega do Prêmio!". Aí eu recebi o Prêmio... não pude ir à cerimônia e recebi uns meses depois na minha casa aquela estátua(...)Mas isso me lembra da autobiografia do... do...do ... da autobiografia não, quer dizer, do filme sobre o... a biografia do Buñel... escrita pelo Jean-Claude Charrier, em que... uma das coisas engraçadas que ele conta é justamente esse negócio que o... o.... o.... uma vez quando na fase mexicana do Buñel, ele tava sendo cotado pro o Oscar, aí ele de sacanagem conversando com a... imprensa.... mexicana... ele falou pros jornalistas: "Olha gente, o Oscar tá no papo, já comprei todo mundo que eu tinha que comprar!" (risos em crescendo) "Desde aquela porra daquela Academia... você pode...pode tá certo que eu ganhei!"(...) Assim de sacanagem, né?! Os caras, claro, os mexicanos claro que acreditaram, né? Claro... Aí de fato.... e por incrível que pareça ele ganhou mesmo o Oscar!(risos) Então... E agora o meu Prêmio Jabuti foi um pouco isso... Claro! Eu acho que, evidente, quer dizer: se o livro não tivesse valor nenhum, não teria ganho... Mas...(risos), porra: A Verdadeira História é essa!¹⁴⁰

Armação ou não, seu livro fez um enorme sucesso, sendo ainda nos anos 1990 reeditado (1998) e aproveitado na confecção da minissérie *Anos Rebeldes* (1992), da Rede Globo. Da mesma forma que as narrativas anteriores, trata-se de um texto de transição, pensado para tal e com efeito imediato nesse sentido. Nos capítulos seguintes, abordar-se-ão em profundidade essas questões.

¹⁴⁰ Entrevista concedida ao autor em 28/04/2005, no Rio de Janeiro. Transcrição da Fita 1, Lado A, pp. 10-11. Os então editores da Global, Luís Alves Jr. & José Carlos Rolo Venâncio, em entrevista concedida por correio eletrônico a mim, em 27/06/2005, à página 03, negaram veemente essas afirmações de Sirkis, dizendo que "Não. Não é verdade. Nos arquivos da Câmara Brasileira do Livro estão os nomes dos que votaram na comissão julgadora e contrariando o que muita gente pensa e diz é impossível fazer "armação" para o Jabuti".

Vida Dupla, Razões Múltiplas.

O último autor a ser comentado nessa dissertação se tornou, por motivos diversos, um dos menos lidos e menos criticados em termos de análise literária e/ou acadêmica, comparado com seus pares. Um silêncio que pode ser compreendido de três maneiras distintas. A primeira: a maneira despojada, por vezes zombeteira – que, ocasionalmente, pode ser observada como um excesso de sinceridade pessoal e/ou uma máscara literária com que narra suas experiências e as de seus companheiros. A segunda, decorrência da anterior, situa-se nas caracterizações, quer sejam das mulheres, quer sejam de militantes, quer sejam de projetos pessoais e políticos. E, por fim, o terceiro motivo pode ser observado numa maneira muito particular de ser, que faz de Reinaldo Guarany Simões, ao mesmo tempo, um galhofeiro, uma pessoa altamente reservada e, aparentemente, um obsessivo em tudo o que faz (como economista, tradutor de vários idiomas, escritor, artista plástico, fotógrafo e militante político).

Em 05 de novembro de 1945, Oscar Simões e Margarida Souto Simões teriam seu segundo filho homem, no Rio de Janeiro, cujas memórias expressas em *Os Fornos Quentes* (romance de 1978), *O último banido* (contos, 1980) e *A Fuga* (romance, 1984), gerariam um certo grau de polêmica imediata e, depois, silêncio. Estranho, uma vez que *Os Fornos Quentes*, escrito na Suécia, publicado pela Editora Alfa-Ômega, tornar-se-ia finalista do Prêmio Casa de Las Américas, de Havana, em Cuba, justamente na categoria *Testimonio*. E *A Fuga*, publicado pela Brasiliense, figuraria como o 18º título da coleção *Cantadas Literárias* daquela editora, ladeado por clássicos literários dos anos 1980, como *Morangos Mofados*, de Caio Fernando Abreu; *A teus pés*, de Ana Cristina César; *Feliz Ano Velho*, de Marcelo Rubens Paiva; e nomes como os de Paulo Leminski (*Caprichos e Relaxos*), Francisco Alvim (*Passatempo e outros poemas*), Chacal (*Drops de Abril*) etc.

Se em *Os Fornos Quentes* tem-se uma narrativa do exílio, altamente fragmentada, quase incompreensível, vazada por expressões estrangeiras mescladas ao idioma pátrio do autor, o estilo de *A Fuga* se altera, tornando-se límpido, linear e sardônico, narrando seu ingresso na ALN do Rio de Janeiro, até seu retorno na Anistia, em 1980. Tudo, segundo a entrevista que o autor me concedeu, pode ser explicado pela sua formação. A vida dupla –

estudante, pequeno administrador de dia e militante à noite –, as obsessões, a infância, a figura paterna etc. Segundo o autor:

“Primeiro, meu pai foi militante do Partidão durante algum tempo (embora tenha lido apenas a metade dos manuais, e mesmo assim de cabeça para baixo). Por isso sempre teve a preocupação de “educar” os filhos (a mim e a meu irmão, as duas irmãs foram excluídas disso) com uma visão que achava ser de esquerda: o trabalho intelectual aliado ao manual. Assim, nós estudávamos e, mais em meu caso, a partir dos 12 anos passei a trabalhar numa de suas farmácias – meu irmão também, mas pulou fora cedo.(...) Eu procurava corresponder à imagem que meu pai formulou para mim: o menino que estudava bem, era bom aluno e trabalhava.”¹⁴¹

A família Simões residia, até 1956, em Niterói, região que à época era uma cidade interiorana, avessa às alterações que o país sofreria na drástica urbanização e mudanças culturais dela decorrentes. A brincadeira, segundo o autor, dos meninos de Niterói era contar se algum carro passaria na rua Miguel Couto no dia. Viviam de pés no chão, viam algumas sessões de cinema - por conta de um vizinho cineclubista e amante de *jazz* – e avistavam a cidade do Rio de Janeiro como algo um tanto longínquo.

“Num momento determinado, porém, meu pai que era alguma coisa na Johnson & Johnson, começou a abrir farmácias no Rio e a trabalhar inclusive nos fins de semana(...) Acontece que – coisa que só me ocorreu recentemente – meu pai também levava uma espécie de vida dupla, antes era executivo da Johnson & Johnson, meio militante, e tinha uma família quase-caipira em Niterói. Eu e meu irmão só usávamos sapatos para ir à escola, o resto do dia andávamos descalços, sem camisa e de calção.”¹⁴²

E ainda:

“Eu não fui camponês, mas meu pai foi filho de um proprietário em Minas (não sei de que porte), e por questões familiares ele, a mãe e os irmãos foram parar em Niterói. Por caminhos tortos, chegou no ramo farmacêutico e no Rio. A família morava em Niterói ele trabalhava e passava a maior parte do tempo no Rio.(...)”

¹⁴¹ Entrevista concedida ao autor em 10/12/2004, Rio de Janeiro, pp. 01-02. Observação: essa entrevista foi concedida por e-mail e enviada via Correios para a confecção dessa dissertação. A data considerada é a constante no arquivo de texto do computador do entrevistado, significando o dia em que o mesmo respondeu às perguntas que lhe foram enviadas.

¹⁴² *Idem, ibidem*, p. 03.

Um belo dia, acho que ele ganhou mais dinheiro do que havia previsto e propôs à minha mãe a mudança para o Rio. Fomos morar num imenso apartamento na praia do Flamengo. Para mim, foi o maior choque cultural de minha vida (o segundo foi a chegada na Europa). Ao mesmo tempo, meu pai colocava a mim e a meu irmão pra trabalhar muito cedo, sem necessidade material para justificar.(...) Essa mudança – Niterói/Rio – também significou uma mudança de classe social, já que antes nós nos inseríamos na classe da rua Miguel Couto: gente simples, que andava descalça, não tinha tevê, nem geladeira, nem carro. Agora, meu pai tinha um Dodge, televisão alemã, etc. Depois comprou um apartamento ainda maior no Flamengo, na rua Samuel Morse, com três salas e uma saleta(...)

A pseudo-formação marxista que meu pai tentou dar aos filhos homens, serviu, pelo menos, para me tornar bom leitor de livros e estudioso. Muito novo também, comecei a estudar pintura numa escolinha de artes da praia de Icaraí, acho que aos cinco ou seis anos. Na escola, eu era um bom aluno, quadrado e careta.”¹⁴³

Além do aspecto dos impactos das mudanças geográficas e de classe, o que mais chama a atenção, nos excertos escolhidos, é essa retomada constante da figura paterna, nas memórias pessoais do autor (não em seus livros, ao menos não diretamente). Em geral, com sinal negativo. Não tenho condições de tecer considerações psicanalíticas significativas sobre o assunto; portanto, restringindo-se ao âmbito sociológico, essa figura paterna de Guarany, em aspectos objetivos, em determinados momentos, significará algo a ser negado. Isso pode ser ampliado como um fenômeno social maior. *O militante relapso do PCB x o militante compulsivo da ALN; o executivo bem sucedido da Johnson & Johnson x aquele que abandona uma carreira como administrador de farmácias, para se tornar um “proletário intelectual”*¹⁴⁴; *um semi-militante do PC nos anos 1950 x um guerrilheiro urbano nos anos 1960* etc. Agora, membro de uma parcela de renda mais elevada da população, poder-se-ia falar em choque de projetos, onde a figura paterna, apesar de provedora, aparece como antagonista.

¹⁴³ *Idem, ibidem*, pp. 06-07.

¹⁴⁴ A expressão *proletário intelectual* é usada por Guarany em entrevista como forma do autor condensar a grande quantidade de atividades a que foi obrigado aprender, para poder sobreviver no exílio e no Brasil, quando de seu retorno.

Já como estudante secundarista, a chamada *vida dupla* de Guarany se inicia com a entrada no Ateneu São Luiz, colégio receptivo aos choques de classes sociais e de discussões políticas e culturais, segundo o autor. A sua entrada para a luta armada, segundo o próprio, deve-se à precária formação marxista do pai – e a meu ver, à sua negação – e ao colégio.

“No meu caso, depois de fazer parte de um grupelho semi-anarquista no secundário, com atividades esporádicas e discussões diárias, me vi desgarrado depois de terminar o secundário e fui resgatado por um membro do mesmo grupelho já bastante radicalizado em 68, quando entrou para a Faculdade de Economia Cândido Mendes, que era então um bastião da esquerda universitária no Rio.(...) Se você me perguntar o que, de fato, me teria levado para a esquerda clandestina, num primeiro momento, para ser honesto, eu teria de responder : não sei. Num segundo momento, tentando elaborar, posso dizer: uma série de fatores, minha formação com meu pai (hoje em dia, não nos falamos), a influência do tempo, o chamado espírito da época, o meio estudantil, os meios de comunicação(...) os jornais, a gozação do Stanislaw Ponte Preta, a leitura de Debray, de Nossa Luta em Sierra Madre do Che(...) e principalmente a mudança de cabeça provocada pela mudança que houve no processo de conurbação, etc.”¹⁴⁵

Multi-fatores e múltiplas determinações conformam esse autor, mas no meio disso tudo, existem alguns pontos em comum, anteriormente apresentados, que mais uma vez se enunciam aqui, a saber:

“Nossa leitura foi muito mais de Sartre, [Roger] Garaudy, [Herbert] Marcuse, do que dos clássicos de Marx e Lênin; houve influência também do Cinema Novo, do cinema de Jean Luc Godard, em meu caso do cinema italiano em filmes como *Rocco e seus irmãos* [de Luchino Visconti], *A Longa Noite de Loucuras* [de Pier Paolo Pasolini], com atores como Renato Salvatore, Alain Delon, Lino Ventura, etc.”¹⁴⁶

Nesse complexo meio tempo, o autor inicia seus estudos em Direito na Faculdade Cândido Mendes, entre 1965 e 1968, simultaneamente aos de Psicologia, na Gama Filho, entre 1968 e 1969, curso que abandona por militância na ALN. Após algumas ações

¹⁴⁵ *Idem, ibidem*, p. 14.

¹⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. 14. Colchetes meus.

armadas, participa, em conjunto com militantes da VPR, do seqüestro do embaixador alemão – narrado também n’*Os Carbonários*, de Sirkis. Devido a infiltrações na organização, é preso em agosto de 1970, sendo enviado ao DEOPS, ao CENIMAR e ao Presídio da Ilha das Flores. Acaba banido do país em 1971, saindo da prisão por conta da ação de seqüestro do embaixador suíço.

Para fins da dissertação, tratar-se-á, inicialmente, dos dois primeiros capítulos de seu livro *A Fuga* que, mesmo sendo o último de seus trabalhos nessa linha, tenta cobrir o período inicial de militância do autor. *Os Fornos Quentes* será reservado para a seção posterior, por se tratar de narrativa mais complexa e merecer um estudo mais aprofundado, em outras partes desse trabalho.

A Fuga.

“Não sei se estão presentes em *A Fuga* e *Os Fornos Quentes*, mas houve uma [influência] principal. Um dia meu irmão chegou com um livro mimeografado e disse: o livro mais maluco que já li, vale a pena. Chama-se *PanAmérica*, de José Agrippino de Paula – o cara hoje está esquizofrênico no interior de São Paulo. Acho que é um dos livros mais importantes da moderna literatura brasileira, que já reflete essa perda de contornos de um caráter puramente nacional e assume ícones que mais tarde serão chamados de reflexos da globalização, mas que na época ainda estavam em estado de larva. Tenho certeza que em *Os Fornos Quentes*, tentei seguir a trilha, a maneira de escrever de *PanAmérica*, sem sucesso, já que este tem um ritmo incrível, alucinante, cinematográfico.”¹⁴⁷

¹⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 15. O livro de José Agrippino de Paula foi relançado, em 2004, pela Editora Papagaio, de São Paulo. Segundo a editora, o autor era “Estudante de Arquitetura no Rio de Janeiro, sob o clima pós-golpe de 1964, José Agrippino de Paula apoiava as manifestações de protesto e acompanhava atento a produção cultural da época, mas era atraído pelas propostas e discussões levantadas por outro movimento que surgia nos Estados Unidos: a pop art, especialmente as criações de Andy Warhol. Foi a pop art que instigou Agrippino a refletir sobre o destino das metrópoles, a sociedade de consumo, o avanço tecnológico, a superprodução industrial e como as pessoas, individualmente, eram atingidas por essas reviravoltas. Era 1967. *PanAmérica* estava pronto e chegava às livrarias, dois anos depois de *Lugar Público*, seu primeiro livro. Agrippino tinha acabado de completar 30 anos. *PanAmérica* foi cativando admiradores e passou a ser considerado um clássico da literatura brasileira daquele período. Referência de muitos artistas e intelectuais, motivo de teses acadêmicas, a epopéia de José Agrippino de Paula retorna agora às livrarias. Sua inquietude foi se intensificando e se transformando em fragmentos manuscritos. Três ou quatro páginas de cada vez, ao longo de três anos. Cenas isoladas, muitas vezes sem continuidade aparente. Cento e cinquenta páginas prontas, ele reuniu esses fragmentos e, semelhantemente à montagem de um filme, editou todo o material.” In: <http://www.editorapapagaio.com.br/02/> Sítio acessado em 09/08/2005.

Fugindo de quê? Pergunta que sempre vem à cabeça quando se inicia a leitura da ficção autobiográfica de Guarany. Objetivamente, talvez, de um país para outro, das polícias nacionais e estrangeiras, da morte, das balas etc.; enfim, de fatos concretos em situações concretas de perigos reais e imediatos.

Contudo, a fuga pode ser igualmente – e na mesma equivalência – da imagem do guerrilheiro heróico, do sobrevivente cheio de cicatrizes e marcas. Escrito na volta do exílio, *A Fuga* tem um estilo narrativo sardônico. Em Sirkis, tem-se um livro aparentemente engraçado, galhofeiro, mas que oculta (auto)reflexões complexas; no livro de Guarany ocorre o mesmo. A diferença está no grau de mordacidade, uma propriedade inata do autor, ao que tudo indica:

“Na realidade não existiu “uma opção estilística, uma maneira hilariante de ver fatos complicados”; eu apenas escrevi como sou ou quase escrevi. Na verdade, não consegui romper o tal *gap* que existe entre autor e texto. Porque um texto meu se estivesse à altura do meu modo de ver o mundo, seria muito mais esculhambado.”¹⁴⁸

O fato é que *A Fuga* começa de uma forma um tanto esquisita, num estilo que se estenderá por todo o livro e que, se não é uma maneira hilariante de ver fatos complicados, é algo que um antigo parceiro de ALN, Carlos Fayal, diria que : “*É o Guarani, ele é totalmente... ele é muito irreverente. Um jeito assim muito interessante, muito próprio de contar os casos. E ele consegue passar isso escrevendo, que aliás é uma coisa muito difícil. Eu acho que você tem que considerar muito esse aspecto.*”¹⁴⁹

Seguindo uma trilha aberta por Sirkis, que diz ter escrito seus livros sob uma certa influência *beat*, no livro de Guarany há ressonâncias do mesmo fenômeno. Inventário do cotidiano, liberdade de estilo, busca da coloquialidade, narrativa em primeira pessoa com alter ego ou narrador autobiográfico. Sirkis estaria para Kerouac assim como Guarany estaria para ou Bukowski¹⁵⁰. Isso não é perceptivo em *Os Fornos Quentes*, mais hermético

¹⁴⁸ Entrevista concedida, por correio eletrônico, ao autor, em 10/12/2004, Rio de Janeiro, p. 15.

¹⁴⁹ Entrevista concedida a Marcelo Siqueira Ridenti, em 27/01/1985, Rio de Janeiro. A transcrição completa dessa entrevista encontra-se no Arquivo Edgar Leuenroth, da UNICAMP.

¹⁵⁰ A associação não é gratuita, especialmente no que se refere a Charles Bukowski. Considerado o grande escritor do fim do sonho americano, o autor notabilizou-se por escrever de maneira visceralmente autobiográfica, por vezes utilizando como alter ego narrativo o personagem Henry Chinaski. Desbocado, politicamente incorreto e sem fazer concessões de qualquer tipo – mesmo àqueles a quem seria considerado como membro geracional, os *beat* – nasceu em 1920, na Alemanha, falecendo em 1994, nos EUA. Livros

e feito como um roteiro para um filme no exílio sueco – *Quando o momento chegar* –. Como diz o autor, “(...) *A Fuga é fugidio, superficial, um livro de outsider para iniciados. Os Fornos Quentes é um livro para não ser entendido. Nem por mim.*”¹⁵¹

De que forma esse livro pode ser compreendido no rol dos testemunhos dos ex-guerrilheiros? Como um livro que se inicia com uma conversa estranha entre o narrador, acabando de recrutar mais um militante para a ALN (Luís Carlos Guimarães, o Cap) como:

“A Terra é oca, com duas aberturas polares. O seu interior é habitado por civilizações superavançadas, sobreviventes de Atlântida. Esse mundo subterrâneo chama-se Agharta e lá o governo é democrático, amplo, irrestrito e com eleições diretas. Pelo mundo inteiro, estão espalhadas entradas para Agharta; no Brasil as entradas são na Serra do Roncador e em São Lourenço, onde existe um templo da Sociedade Teosófica(...)

Bastaria que entrássemos em contato com essas civilizações para obtermos o apoio lógico necessário à vitória da guerrilha urbana.”¹⁵²

Poderia ser levado a sério? Porque o estilo zombeteiro é uma ilusão. É uma autocrítica do início ao fim. Um livro de um marginal (*outsider*) para principiantes, como o disse o próprio autor. Seria errôneo se esperar que, apenas pelo fato de todos os escritores de memórias políticas terem como centro identitário o fato de terem sido guerrilheiros, que todos escrevessem da mesma maneira. *Os círculos concêntricos da narração da memória* – a metáfora espacial que empreguei no início deste capítulo – permitem múltiplas visões sobre os mesmos fatos fazendo de sua narração um verdadeiro giro caleidoscópico. Trata-se de uma ilusão de mão dupla, uma vez que mesmo o sucesso narrativo, apoiado naquela identidade de ex-guerrilheiro exilado, constituiria um erro:

“Então, meu impulso inicial foi enveredar pela ficção. Fui afobado – faltou infra-estrutura –, gostaria de ter levado mais tempo escrevendo. Fui movido – argh, que droga ter de confessar – um pouco por inveja, afinal Gabeira vendia 100 mil exemplares, e corri para escrever *A Fuga*. Foi rápido e por isso superficial. Não tive tempo porque escrevi entre momentos em que traduzia, dava aulas, namorava, vivia. E também continuava ansioso. Caio Graco [Prado]

publicados no Brasil (Brasiliense e L&PM): *Notas de um velho safado, Hollywood, Cartas na Rua, Crônicas de um amor louco* etc.

¹⁵¹ Entrevista concedida, por correio eletrônico, ao autor, em 10/12/2004, Rio de Janeiro, pp. 28-29.

¹⁵² GUARANY, Reinaldo. *A Fuga*, São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 09.

até que tentou me dar alguns toques para eu me alongar numa análise, ou tentativa de, em vez de ser tão factual como fui. Mas eu estava com pressa.”¹⁵³

A pressa no sucesso editorial, na esteira de outras produções, aliado ao estilo provocante culminou num certo fracasso editorial e silêncio da crítica. Tal pressa e ansiedade são lembradas pelo autor como no seguinte trecho:

“A Fuga foi aceito pelo Caio Graco com recomendações para reescrever, coisa que fiz nas coxas e mandei para o Caio Graco, que me mandou de volta com mais recomendações para reescrever, o que fiz nas coxas de novo e acho que cansei o Caio Graco que publicou. Deu muita mídia, deu muita confusão e me deu um processo na justiça por calúnia e difamação. Eu devia ter aproveitado a mídia até para abrir o leque de meus conhecimentos nas editoras, mas não fiz isso.”¹⁵⁴

O livro *A Fuga* narra o período compreendido entre 1967 e 1980, sendo que seus dois primeiros capítulos se ocupam do ano de 67 até 1971, quando o autor é banido do país. O primeiro capítulo, cujo nome é o título de uma música de Bob Dylan, chama-se *Blood on the tracks* e trata – basicamente – do cotidiano da ALN no Rio de Janeiro e da militância do autor. O início do livro, apresentado mais acima, é, em verdade, o começo do fim do sonho, onde até mesmo as idéias malucas do companheiro Cap teriam espaço, como afirma o autor:

“A tal teoria do dominó do Kissinger também se aplica à esquerda. Desde setembro, as quedas vinham acontecendo no ritmo do blum-blum-blum-blum. E não paravam. Então fui obrigado a aceitar as exigências de Cap. A ALN se engajaria nas tentativas de contatar o mundo de Agharta. (...)”

Um dos que menos se espantavam com as teorias do Cap era o Toledo [Joaquim Câmara Ferreira]. Ele vivia dizendo: “o importante é que o companheiro está contra a ditadura. E com relação ao negócio dos discos voadores, não tem nada demais. Existe uma partícula submaterial, ‘o trachion’, que age fora dos limites impostos por Einstein, voando a uma velocidade maior que a luz. E um cientista americano descobriu uma galáxia inteira que se desloca mais rápido que a luz”. Portanto, Cap continuou com suas “pesquisas”

¹⁵³ Entrevista concedida, por correio eletrônico, ao autor, em 10/12/2004, Rio de Janeiro, p. 27. Colchetes meus.

¹⁵⁴ *Idem, ibidem*, p. 29. Nada foi encontrado nos jornais pelo pesquisador, apesar do que fala o autor, sobre seu livro. Ver Seção de Anexos.

e eu cada vez mais intoxicado de pílulas para ligar, para desligar, para comer, para andar, para cagar, para sorrir, para trepar...(...)"¹⁵⁵

Ainda assim, mesmo agravado pelo fato de ter que trabalhar e militar, mesmo com as crescentes suspeitas de infiltração na organização por conta das quedas, havia um certo clima de otimismo no ar e, para libertar presos políticos, decide-se realizar o seqüestro do embaixador alemão:

“Mas o mês de junho de 70 fora tão tranqüilo que se resolveu fazer o embaixador alemão. Os planos daquela ação já haviam caído com o pessoal do Cerveira, mas como ainda contávamos com o elemento rapidez, poderíamos dispensar o elemento surpresa. A repressão colocara três agentes do DOPS para fazer a segurança do embaixador e dera o caso por encerrado. Mas nós não.

O seqüestro seria feito em frente com a VPR. A ALN, por estar muito desbaratada, entraria com poucos militantes: José Milton Barbosa, Eduardo Leite (o Bacuri) e eu, encarregado do esquema médico. (...) Gostei mesmo foi da senha, blood on the tracks, sempre fui amarrado em Bob Dylan e a música encaixava-se perfeitamente ao momento.”¹⁵⁶

Após o seqüestro, tudo parece dar errado – decorrência da infiltração de agentes da repressão na organização e colaboração de militantes presos. Numa roda viva de quedas e prisões, o autor também é pego numa armadilha:

“Eu estava sendo preso por uns vinte caras. A porrada na boca fora tão violenta que rachara o meu maxilar. Algemaram-me por trás e me colocaram um capuz. Fui jogado no chão de uma das kombis e os caras partiram, à toda. (...) Nesse momento, tive um lampejo de felicidade: os caras me haviam agarrado *antes* do ponto com o Toledo, um dos sujeitos mais pedidos do Brasil. Tivessem eles me seguido meia hora mais e eu estaria fu. Jamais conseguiria explicar para os outros que não havia aberto o Toledo. Portanto, na minha cabeça, o jogo estava um a um. Eu havia sido agarrado, mas o Toledão escapara.”¹⁵⁷

¹⁵⁵ GUARANY, Reinaldo. *A Fuga*, São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 17 e p. 27, respectivamente. Colchetes meus.

¹⁵⁶ *Idem, ibidem*, pp. 20-21.

¹⁵⁷ *Idem, ibidem*, p. 53.

A partir desse episódio, se sucedem outros eventos que Guarany relata com certo humor e grande ironia. Encontro com o delegado Fleury, sob tortura, prisão no CENIMAR e posterior transferência para a Ilha das Flores. “*Ficamos nas últimas celas do corredor dos incomunicáveis. O Grandão pediu para ir ao banheiro e, ao passar pela minha cela, atirou um pedaço de papel. Estava escrito: “faz escuro, mas eu canto, porque o amanhã vai chegar... companheiro, fica firme, isso acaba... acabou”*”.¹⁵⁸

Na Ilha das Flores, estabelece-se um grande jogo mental e prático entre o narrador e a repressão, que ainda não sabia seu nome de militância (*Adolfo*), tampouco seu envolvimento com o seqüestro e grupo armado. Até então, *Adolfo* não existia e Guarany era somente uma espécie de *tolo* que apoiava de maneira diletante um membro do Partido Comunista. Esse cenário muda quando, após tortura, uma companheira o denuncia. “*O medo me levou a analisar o passo dos soldados, as músicas que cantavam, os barulhos do exterior, a movimentação da sala da guarda, a cara dos presos e até a luz do dia. Não sei por quê, mas um dia de sol me animava, os de chuva me deixavam trêmulo.*”¹⁵⁹

Já nessa fase de prisão, além do medo, há ainda duas manifestações *da fuga*: sono exacerbado e planos utópicos, compartilhados com outros presos, de fugir da Ilha – cercada por diversos soldados e com arsenal estimado em dois mil fuzis – com partes de um revólver velho que chegavam aos militantes mediante contrabando. O ano então já é 1971 e realiza-se o seqüestro do embaixador suíço, Giovanni Enrico Bücher, para libertar presos políticos, dentre os quais, ele.

“O seqüestro foi feito na segunda semana de dezembro. Na manhã do dia da ação, estávamos sentados perto da porta da cela, eu, o Bom Burguês e o Alemão, quando B.B. fez sinal para que nos calássemos. Ouvimos a música da edição extraordinária do repórter Esso. Ouvimos grunhidos na guarda e naquela manhã as visitas foram suspensas (...)Havia algo estranho no ar, uma certa magia, uma sensação de solidão e abandono. Era uma noite que tanto podia servir para uma fuga, um fuzilamento ou uma explosão nuclear. Convenhamos, maneiras diferentes de fuga. A eterna fuga nossa em direção sabe-se-lá-o-quê. A mesma fuga empreendida pela humanidade que acabou redundando no

¹⁵⁸ *Idem, ibidem*, p. 60.

¹⁵⁹ *Idem, ibidem*, p.69.

processo civilizatório. Ou a de Cap, em direção a Agharta. Fuga da realidade, fuga de nós mesmos, fuga, só fuga, pura fuga. Fuga para um mundo melhor.”¹⁶⁰

Foi banido em 13 de janeiro de 1971, rumo ao Chile.

O guerrilheiro heróico chegou atrasado

“Mas por que a forma romanesca? Muito simplesmente por uma questão de infra-estrutura. Quando escrevia (quando escrevo) coisas minhas, paro de trabalhar em outras coisas e fico sem ganhar dinheiro durante o tempo que levo para escrever(...) *A Fuga* foi assim. Eu não podia ficar um ano pesquisando, entrevistando companheiros para averiguação de dados, lendo, relendo o que escrevi, etc. Então, quando digo que o Negão Wilson bebia um garrafão de vinho de cinco litros ao almoço, se não for verdade, ele que se dane, porque afinal não estou escrevendo uma tese, um ensaio, um livro de história.”¹⁶¹

Destarte, pode-se dizer que *A Fuga* tem um fator complicador que é o fato de ter sido escrito numa onda de sucesso. O senão é que alçou tal fenômeno justamente quando ele se encontrava em seu fim. 1984 é o ano das Diretas-Já e, se no início da década, a figura do guerrilheiro heróico já tinha sido substituída pela do ativista dos novos movimentos sociais e, talvez, pelo protagonismo de um outro sujeito histórico, agora, em meados dos anos 1980, as memórias dos antigos militantes perderiam seu completo interesse, como poderá ser visto no quarto capítulo desse trabalho.

Abro aqui uma nova pergunta: qual o motivo desse desinteresse, num momento tão crítico como o das Diretas, para com aquelas narrativas? Por quê os projetos seguintes de Gabeira (*Entradas & Bandeiras, Diário da Crise, Sinal de vida no Planeta Minas* etc.), Sirkis (*Corredor Polonês, Silicone 21*) e Guarany, dentre tantos outros se tornaram fracassos editoriais? Descompassos com a nova temporalidade ou preço a ser pago por certo oportunismo no lançamento desses trabalhos?

¹⁶⁰ *Idem, ibidem*, pp. 83-84.

¹⁶¹ *Idem, ibidem*, p. 25.

O fato é que, retornando a Guarany, *A Fuga* não se constitui um livro ruim. *Os Fornos Quentes*, tampouco. Uma vez mais vale a argumentação dos lugares onde são publicados e/ou premiados os dois livros.

A Fuga: fuga de sentimentos ambíguos e opções complexas. Narra, no terceiro capítulo (*Kaputt*), trajetórias no exílio ao lado de Maria Auxiliadora Lara Barcellos, militante que se suicidou numa linha de trem alemã, numa manhã de 1976. Companheira de Guarany, sendo central na narrativa, a partir desse momento, é sobre ela que *Quando o momento chegar* é realizado, e donde surge *Os Fornos Quentes*. Ele a conheceu no banimento para o Chile e com ela fugiu daquele país, indo para o México, França, Alemanha e Suécia. A fuga objetiva dos perigos reais é também a fuga dos sentimentos, depressões e um processo interno de crítica e autocrítica.

Por conta desse livro, Reinaldo Guarany Simões foi processado, em 1988, por Cid Queiroz Benjamin, segundo o próprio autor. O Partido dos Trabalhadores teria como membro do diretório municipal do Rio um antigo militante trotskista de nome Montarroios, citado no livro como colaborador voluntário da repressão, preso no CENIMAR, Ilha das Flores, e responsável por 642 quedas de militantes. Montarroios teria sido levado à direção municipal do PT-Rio por Cid Benjamin. Por conta disso, o livro não pode ser reeditado¹⁶². Uma pena, uma vez que o livro de Guarany é deveras interessante, ao mesmo tempo em que engraçado, descritivo e capaz de servir para pesquisas futuras.

Procurei observar, nesse capítulo, pontos comuns nas gêneses das memórias que fossem além de uma *identidade guerrilheira e/ou militante*. Daí a tentativa de se voltar para as origens sociais dos autores das memórias, os espaços sociais que as alimentam (origem familiar, atividades, trabalhos, posições sociais através de mediações de classe, gênero etc.), assim como tentar compreender os lugares de produção social que as permitem ser

¹⁶² Tais fatos são relatados na entrevista que o autor me concedeu, à página 40, bem como em seu livro, à página 72. Além de ser igualmente contado na entrevista que o autor concedeu a Denise Rollemberg, utilizada pela autora para elaborar seu livro *Exílio: entre raízes e radares* (Rio de Janeiro, Record: 2000). A entrevista a Rollemberg encontra-se no Arquivo Edgar Leuenroth da UNICAMP, sob o tomo CPDS-FC/01310-85 / FC/01310-86. Também pode ser encontrada no site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil Fundação Getúlio Vargas/CPDOC. Home-page: www.cpdoc.fgv.br.

possível: editoras e editores; momentos e situações de escrita, objetivando analisar a conformação entre a trajetória pessoal e política com os livros.

Seria necessário ir além de uma suposta unidade existente entre *os guerrilheiros que escrevem*, expressão que os tornariam bichos exóticos, expostos no zoológico da memória. Mas, simultaneamente, a pergunta troca de sinal, ao se notar que, se, caso não tivessem passado pela experiência guerrilheira, teriam sido escritores? Ou melhor, teriam algum interesse? Difícil responder. Todos esses autores aqui estudados tinham o projeto de *ser* escritor; o quê, por si só, já merece questionamentos. De que maneira um projeto subjetivo media e/ou se transforma em algo objetivo? E de que maneira a objetividade se interioriza em algo subjetivo, permitindo uma narrativa?

Capítulo 3 : Noturnos

“Os políticos podem dar o balanço do número de mortos, do número de cassados, refugiados, banidos. Mas quem dará o balanço dos projetos humanos que se frustraram, dos abraços que se negaram, dos beijos paralisados, tudo por medo? Quem dará o balanço do medo que nós tivemos? Às vezes, como no meu caso, tive até medo de fazer medo, deixando de buscar contato com centenas de amigos, de quem sentia muita saudade, aqui no frio e no gelo. Creio que são imensas as possibilidades que se abrem para os romancistas, os cineastas, compositores, todos os artistas que sabem muito melhor do que o próprio político criar aquele desejo fundo, aquela sensação que se tem até hoje diante de Hitler e dos campos de concentração: isto não pode se repetir.”¹⁶³

As novas mediações passam, fundamentalmente, por novas experiências: prisões, banimento, exílio. Destas novas experiências surgirão as narrativas estudadas nesta dissertação, assim como documentos de críticas e auto-crítica; e, ainda, certamente novas posturas e percepções da realidade que colocarão o sujeito histórico numa nova ordem social, temporal, espacial.

É o caso, portanto, de discutir essas novas mediações e verificar em que medida elas estão presentes nas narrativas dos quatro autores aqui estudados, enquanto temas que, certamente, não foram ignorados, tampouco driblados como problemas menores. São constitutivos de seus relatos porque: 1) eles foram escritos no presídio ou no exílio; 2) tematizam os lugares onde foram escritos e o quê foi encontrado nesses lugares; 3) portanto, criam narrativas sobre essas experiências, do estranhamento e adaptação a elas; 4) embora estejam em lugares diferentes, igualmente tematizam a possibilidade ou não do retorno ao país de origem, à sociedade de origem; 5) e, desta forma, podem ser compreendidos como sua porta de entrada, bem ou mal sucedida, na realidade que encontraram ao fim dos anos 1970. E é sobre isso que esse capítulo irá tratar.

O tema do exílio dos militantes brasileiros mereceu, curiosamente, um único estudo recente e de grande amplitude. Trata-se do livro de Denise Rollemberg Cruz, que se vale de

¹⁶³ GABEIRA, Fernando. “Introdução” In: *Carta sobre a anistia*, Rio de Janeiro: CODECRI, 1979, pp.04-05.

trabalho em arquivos nacionais e internacionais, assim como de entrevistas com personagens importantes daquele momento da história. Seu trabalho empírico se sobrepõe ao teórico, é verdade. Entretanto, para os fins dessa dissertação, o estudo que a autora realiza acerca das rotas do exílio ajuda a aclarar o complexo jogo de mediações, alterações e revisões que o projeto histórico sofre para o sujeito analisado. O caminho para a Argélia, Cuba, Argentina, Chile, França, Alemanha Federal, Suécia dentre outros será importante para pensar sobre tais mediações e o que elas trazem, assim como o que encontram os sujeitos históricos. Como diz a autora:

“O sentimento da geração mais nova em relação aos que voltavam do exílio é simbólico. O país, neste momento, viveu uma espécie de esquizofrenia. As trajetórias dos que ficaram no país nos anos 1970 e dos que partiram para o exílio eram muito diferentes. Com a volta, os caminhos se cruzavam. (...) Diante de nós, o passado vindo de longe, de muito tempo, escondido, banido. Diante deles, um país que vivera tantos anos numa ditadura.

O exílio rapidamente entrou na moda. Mas não era só isso. Havia um interesse dos que ficaram em saber o que viveram. As autobiografias se multiplicavam e vendiam. Algumas foram *best sellers*. As reportagens sobre os exilados tornavam-se freqüentes, a maior parte tentando criar versões conciliatórias, onde se estimulavam os relatos folclóricos, pitorescos, os casos divertidos. No redemoinho, muitas entrevistas, entretanto, abriram-se para outras dimensões da experiência do exílio. Mas, nos primeiros anos, não deixou de pairar no ar a mistificação do exilado, até porque era um *personagem* que estava sendo conhecido – e construído – como um viajante que vem de outras terras, de uma longa distância, e conta, no centro da roda, o que viu.(...)”¹⁶⁴

Vejamos como isto se dá para o sujeito histórico das ficções políticas aqui analisadas. Talvez este seja o momento de se perguntar se a idéia de teor testemunhal tem o mesmo estatuto agora, nas próximas obras, que teve no capítulo dois, sobre o tema da sobrevivência. Porque agora, esses autores não são – ou não querem mais ser – encarados apenas como sobreviventes, como se verá a seguir. Há um acréscimo de sentido nas narrativas, que lhes dão um ritmo e um tom distintos. Contudo, se aquele teor

¹⁶⁴ ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: Entre Raízes e Radares*, Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 16. Vinte anos antes de Rolleberg, a jornalista Cristina Pinheiro Machado publicou sua reportagem *Os Exilados: 5 mil brasileiros à espera da anistia*, São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

aparentemente se altera – ou seja: os narradores se descolam da imagem de sobreviventes, porque esta já não lhes serve – seus livros permanecem como ficções políticas.

A Narrativa Bifronte¹⁶⁵

No segundo capítulo, foi apresentado um caminho percorrido na narrativa testemunhal que, ao menos como hipótese, sinalizasse a construção de uma alteração de projeto social do fragmento geracional. Para tanto, uma das soluções narrativas encontradas pelos autores foi a criação de uma *narrativa bifronte*.

Bifrontal em que sentido? Na sua ambivalência, de poder situar-se com um pé no passado – a ser criticado, por vezes negado, por vezes reafirmado; mas, em geral, sempre passível de utilização – e o outro, no presente social, no começo dos anos 1980¹⁶⁶, em que a narrativa das memórias de uma década e meia anterior servirá como porta de entrada, chave-mestra, senha para decodificação de novos processos sociais, conduzidos por novos atores sociais.

Optou-se por repartir os livros, como os de Gabeira, Sirkis e Guarany em duas etapas, interrompendo-se, arbitrariamente, suas linearidades. E será justamente a partir desses pontos de interrupção que se começarão a analisar os usos políticos que o passado possui, num determinado presente. No caso de Renato Tapajós, retomar-se-á a discussão final de seu romance, apresentando aspectos que fazem sentido nessa etapa do trabalho.

¹⁶⁵ Utilizo o termo *bifronte* aqui com o sentido distinto daquele que aparece comumente em alguns dicionários. Nestes, a palavra tem como um de seus sinônimos o sentido de falso, inautêntico (duas caras). Não é o mesmo sentido que atribuo. Um bom sinônimo para esse estatuto bifrontal da narrativa é a idéia de *ambivalência*. Um discurso que vale tanto para um período como para outro, construído assim com tal finalidade. A questão é que isso se restringe apenas à narrativa. Quanto ao sujeito histórico, é difícil afirmar que seja ambivalente. Parece ser mais adequado dizer que seja bifronte, *janúcio* (em referência a Jano e a idéia das passagens de um tempo a outro), pois remete à idéia de que o autor das ficções políticas, internalizando o contexto no qual está inserido, cria narrativas que os justifiquem (a si e ao contexto; a si no contexto). É sobre esse aspecto bifrontal que se assentará a argumentação deste capítulo. A bifrontalidade assume o sentido figurado da propensão à mudança, tanto nos autores, como em suas obras narrativas, quiçá em seus projetos políticos. A idéia de ambivalência pode conduzir ao sentido de dubiedade, que não parece ser acertado ao se tratar dos quatro autores que analiso. Por outro lado, o adjetivo bifronte tem uma carga imagética maior que ambivalente.

¹⁶⁶ Isso vale especialmente para Gabeira, Sirkis e Guarany. Renato Tapajós será sempre um caso à parte, neste aspecto, por singularidades apresentadas e a demonstrar

A cena final de *Em Câmara Lenta* possui mais significados que apenas a morte da personagem principal. Matam-se, com aquele guerrilheiro, aspectos de uma luta – contudo, não a luta em si. Matam-se algumas opções, servindo de aviso aos sobreviventes – e para as gerações futuras – os significados, os riscos, os custos e os saldos de tais opções. A morte, em si, não significa deixar de lutar. Mas se questionar o sentido da luta. É uma reavaliação.

De forma semelhante, ao fim de *A Fuga*, o narrador conta seu retorno em passagem tragicômica, deixando na Suécia os últimos traços do guerrilheiro heróico, que viria encontrar o Brasil no primeiro dia de 1980. O narrador de *O que é isso, Companheiro?* despede-se banido do país e retorna dez anos depois, fazendo a crítica de tudo e todos, baseado em suas mediações, em *O Crepúsculo do Macho*. Em *Roleta Chilena*, a narrativa de Sirkis perde sua linearidade e aquele fim conduzido de maneira segura rumo à autocrítica em *Os Carbonários* deixa em seu lugar um panorama de fragmentos de uma década e uma narrativa aparentemente cíclica e sem fim – sempre fugindo, de uma embaixada a outra, de golpe a golpe etc. São sobre essas obras e esses temas que se discutirá.

Pode-se argumentar que, particularmente no caso de Tapajós, não haveria uma narrativa do exílio (o que unifica os outros três), uma vez que o autor não foi banido do país. Contudo, o termo *exílio* deve ser compreendido, a meu ver, de maneira mais ampla nesse caso, que em sua forma jurídica. O banimento físico do país é uma situação clássica; entretanto, há também o banimento do convívio social ou, ainda, a vivência do seu estranhamento. Como Tapajós, muitos foram os que, em cadeias, retomavam laços de sociabilidade que, antes, aparentemente em liberdade, clandestinos em aparelhos, não tinham. É nesse ambiente que se produzem discussões culturais, políticas, documentos de crítica e autocrítica, da mesma maneira que romances. A prisão pode ser compreendida como exílio e o preso, tão apátrida quanto o exilado – naquela situação específica¹⁶⁷.

¹⁶⁷ “A rotina agitada do [Presídio] Tiradentes havia ido embora com os outros presos. Porque era agitada: com o presídio cheio sobravam poucos momentos de tédio(...) os dias eram preenchidos com o artesanato, com a discussão das notícias que chegavam, com o acompanhamento das brigas e tensões internas entre os presos, com os grupos de estudo, com as reuniões das organizações remanescentes. Tínhamos livros, toca-discos e televisão(...) Havia os que pensavam – como nós – que a prisão mudava as condições da luta e que, por isso, devíamos evitar o confronto e aproveitar a situação para estudar, planejar, avaliar, refletir e fazer a autocrítica da política adotada e que levava a sérios reveses” Cf. TAPAJÓS, Renato. “A Floresta de Panos” In: FREIRE,

Parece ser ponto pacífico entre esses quatro autores que, num crescendo, seu isolamento das massas os retirou da realidade social, fazendo-a irreconhecível – ao mesmo tempo que impensada, uma vez que era necessário realizar ações –. O exílio e a prisão são os momentos, para esses quatro autores, assim como para outros militantes, de um retorno ao pensamento. Com olhos no passado e no futuro, ainda que fincados num presente indesejável e inóspito.

Passemos a analisar suas obras, então, sob essa ótica.

Nem todas as mortes são iguais: Bifrontalidade e Sobrevivência

Em Câmara Lenta termina com uma morte, mas não se trata de um gesto qualquer ou de um simples ato suicida, como já foi visto. Todavia, além da dimensão do compromisso pessoal, histórico e com uma ética militante, existe uma outra dimensão simbólico-política daquele ato. Para compreendê-la, é necessário retornar ao romance, à capa do romance e à fala de seu próprio autor. O título que este havia pensado a dar para seus originais era *Nem todas as mortes são iguais* (mudado por sugestão do editor Fernando Mangarielo). Isto porque:

“(...) As mortes daqueles que me são caros, daqueles que eu amo, que fazem parte do meu mundo, por mais ideologia que eu tenha na cabeça, elas não são iguais às mortes dos meus inimigos(...) E o meu personagem vive isso na pele. Porque as pessoas estavam vivendo isso na pele, e eu conheci vários companheiros que foram até o fim, a maior parte deles morreu.”¹⁶⁸

Mas ainda que esse aspecto do comprometimento seja forte, o livro é uma crítica à cegueira causada por aquela própria dimensão:

“Ao escrever isso, naquele momento, divulgar o livro naquele momento, eu estava fazendo uma crítica, eu estava dizendo para determinadas pessoas: “Olha, tá vendo? Não é assim. Isso é uma deserção. Pulem fora enquanto dá tempo”. Eu tava dizendo isso: nós temos uma opção, que é se ligar à luta de massas, não é? Então, ‘Pára com isso. Recua ou vai pro exílio ou recua aqui dentro mesmo e mergulha na clandestinidade junto à classe operária, como muita gente fez.’”¹⁶⁹

Esse sinal de alerta que o autor quis transmitir através da sua narrativa é também expresso pela imagem da capa¹⁷⁰ de seu livro, de autoria de Moema Cavalcanti. Em ambas as edições (de 1977 e 1979), a capa se mantém: Três bocas, pertencentes à mesma pessoa, que são projetadas em uma película cinematográfica, sequencialmente, como se estivessem rodando num projetor. A primeira boca, com os lábios abertos, lembra um sorriso estampado ou alguém falando. A segunda boca, está semi-cerrada, apreensiva. A terceira e

¹⁶⁸ Entrevista com Renato Tapajós, concedida ao autor, em 25/11/2004. Transcrição da Fita 2, Lado A; p. 37.

¹⁶⁹ Entrevista com Renato Tapajós, concedida ao autor, em 25/11/2004. Transcrição da Fita 2, Lado A; p. 36.

¹⁷⁰ Cf. Anexo das Capas.

última boca tem os lábios fechados, escorrendo um longo filete de sangue no canto direito. De *Nem todas as mortes são iguais* para *Em Câmara Lenta* apresenta um recrudescimento da crítica, que ultrapassa a intenção primeira da escrita (o registro das lutas e mortes de companheiros), que residia ainda num ponto pacífico da militância política (a manutenção da luta, mesmo que morrendo em número cada vez maior, não é uma causa perdida) para uma dimensão analítica que exige um olhar compenetrado e perplexo, trânsfuga da afirmação de que “*Sobreviver, para mim, é desertar*” (ou, até mesmo, desbundar)¹⁷¹ para a idéia de que a *deserção definitiva* pode ser encarada como um erro tático e a morte, um abandono da causa.

Na realidade, matar é viver.

É sempre difícil analisar *Em Câmara Lenta*, pois é um romance de múltiplas dimensões e sentidos muito tênues. Afinal, morrer em nome de uma causa política é ou não é válido? Contudo, essa talvez não seja a pergunta correta. Por quê foi necessário matar a personagem ao fim do romance (ou conduzi-la à morte, conscientemente)? Apenas para fazer jus à uma realidade concreta da militância política do período? Por quê não construir uma narrativa onde a personagem, então, não se dedicasse ao trabalho de massas, à clandestinidade, a uma outra dimensão de luta? Se existe esse movimento crescente, polarizado no romance, que oscila da sobrevivência como deserção para a deserção da morte como fim da luta, o quê está sendo posto como questão?

A morte da personagem central é, dentro da construção narrativa, uma opção do autor em coadunação com uma nova visão política sobre o período. Matar o personagem é obrigar a rever os erros que a levaram até aquele ponto. Como mais um paradoxo proporcionado por *Em Câmara Lenta*, **matar é viver**. Ou abrir a possibilidade para uma nova vida a esse sujeito histórico. E matar a personagem também é permitir que aquele

¹⁷¹ Nas palavras do próprio narrador de *Em Câmara Lenta*: “(...) O gesto precisa ser feito. (...) Não admito e não permito que ninguém admita que todos os gestos foram sem sentido, que todas as mortes não serviram para nada, que a morte dela foi inútil(...) Senão, será dar razão a eles. Será dar razão ao inimigo(...) a única coisa certa que se pode fazer. A única: lutar. Qualquer outra alternativa é fuga, é demissão, é colaboração com o inimigo(...) Andar pela casa, almoçar, porque é preciso manter o corpo funcionando e esperar. Trancados nos aparelhos, saindo deles para fazer uma ação e voltar; sobreviver e gritar que ainda estamos vivos, até que eles nos localizem e nos matem.” (pp. 48-50)

sujeito histórico se recomponha na realidade, ao lado de outros, de outras frações geracionais. A bifrontalidade, como já foi comentado, assume sua complexidade em um trecho crucial do romance, exposto abaixo:

“(...)Talvez ele tenha esperança e ache que há uma saída para essa situação toda. Sei lá. E nem importa. Mesmo que ele tenha. Quem não tem mais sou eu, porque tudo acabou.(...) E isso é irreversível, perdi a ponte que dá passagem ao futuro e estou acorrentado a fantasmas. E não quero quebrar essas correntes porque pertenço a eles, a ela.(...) A esses eu pertenço, sou um deles mesmo que continue vivo, parado nessa esquina e sentindo o sol. Pertenço a eles porque eles morreram por uma coisa em que acreditavam e que eu não acredito mais. Morreram porque isso era a sua contribuição para a vitória, mas não há mais vitória possível(...) e minha vida descrendo do que eles acreditavam vira um insulto à sua morte(...) E se houver outra maneira de fazê-lo caberá aos que não têm compromisso com os mortos. Sobreviver para mim é desertar.”¹⁷²

Daí tudo culmina para uma roda viva até a deserção definitiva. E aquele sujeito histórico atado por correntes ao passado, portanto, não pode mais continuar da mesma maneira em momentos de efervescência como seria o período de 1978 até 1984. A morte é uma libertação, literariamente exposta. Lida com uma dupla perspectiva: 1) num primeiro momento, a deserção do compromisso, com o desbunde e o abandono da luta; e 2) como a deserção enquanto um erro tático, uma morte simbólica que não traz acréscimo algum à luta revolucionária. Um bom exemplo desse segundo ponto é a imagem que continuamente retorna no romance, do narrador memorando um venezuelano que se encarregaria de organizar uma guerrilha rural, ao longo da narrativa, até sua destruição completa e definitiva, pura e simples:

“Houve, na verdade, uma praia, há muito tempo(...) Lá um barco encalhou e deles saltaram alguns rapazes armados, com mochilas e botas. Ficaram na praia, em torno do venezuelano, pensando em ir a pé até a fronteira, através da floresta. O venezuelano pensou num novo plano, o pequeno contingente certamente cresceria com adesões nas pequenas vilas ribeirinhas(...) Os seis guerrilheiros tinham pela frente uma floresta imensa e desconhecida, armas

¹⁷² TAPAJÓS, Renato. *Em Câmara Lenta*, São Paulo: Alfa-Ômega, 1977, pp. 82-84.

ineficazes, uma ignorância quase total a respeito do que queriam fazer. Mas acreditavam.

Ele nunca havia entendido direito como é que o venezuelano e os outros tinham sido capazes duma aventura daquelas. (...) Ele ainda não podia entender. Quando pôde, já não havia mais tempo – e a história não era engraçada nem estranha. Era triste. Apenas triste.”¹⁷³

O resultado dessa construção literária da morte terá ressonância na vida real, como se verá no capítulo seguinte. Será o momento em que esse aspecto da bifrontalidade sofrerá os vários testes da realidade.

¹⁷³ *Idem, ibidem*, pp. 16-17. A imagem do venezuelano e seus guerrilheiros embrenhados na mata aparecem em outros momentos do livro, acirrando-se até a destruição completa do grupo, bem como de seu ideal: “A idéia da revolução era algo distante, um sonho de poucas palavras diluído no passado, uma sombra indistinta. Mas continuavam”(idem, *ibidem*, p. 39). Note-se o distanciamento do narrador, localizado no presente, em relação a uma aventura do passado.

“O Exílio não é um vale de lágrimas”¹⁷⁴: Bifrontalidade e Sucesso

“Dali a pouco estaríamos na Argélia. O governo havia decretado nossa morte oficial assinando uma pena de banimento, mas, paradoxalmente, começávamos a viver.(...)Se soubesse que era por muito tempo ou talvez para sempre, se soubesse que não era eu que estava partindo, mas que o carrossel empurrava aquele avião para um caminho, num certo sentido, sem volta, até que diria: tchau Vera Cruz, tchau Santa Cruz, tchau Brasil”¹⁷⁵

A citação acima encerra o livro *O que é isso, Companheiro?*, deixando, como dizem os comentários apócrifos das orelhas de seu segundo livro, uma narrativa interrompida, “com a respiração dos passageiros minutos antes de desembarcar em Argel. Ali começavam sem que imaginasse, as primeiras páginas de *O Crepúsculo do Macho. Recomeçar a respirar, com o ar quente dos desertos, e povoar-se novamente*”. E essas primeiras páginas (assim como o livro todo e as capas de suas duas edições) rompem decisivamente com algumas sensações e impressões provocadas pelo livro anterior, assim como pelo autor, nos anos em que residia no Brasil.

Coube à Codecri, editora ligada ao jornal *Pasquim*, em 1980, a primeira edição de *O Crepúsculo do Macho*. A capa (creditada ao Estúdio Grafite de Belo Horizonte, com a arte de Dounê, Rafa e Zivaldo) causa impacto: apresenta uma lona sustentada verticalmente em uma armação de madeira, disposta numa paisagem desértica e crepuscular. Na lona, que lembra um brinquedo de circo, está desenhado o corpo de um homem fortíssimo, daqueles que, nos circos, recebem o epíteto de “o mais forte do mundo”, estereotipicamente desenhado com braceletes, vestimenta de pele de onça, expondo os músculos. No lugar do rosto, um buraco vazio. A lona apresenta diversos rasgos e retalhos, bem como emendas na

¹⁷⁴ “(...)O ideal seria a gente dizer que é um vale de lágrimas, que tá todo mundo sofrendo muito, precisando urgentemente de voltar, mas existem coisas que a gente vai aprendendo no exterior sobre o Brasil. Primeiro: nós sentimos muita saudade do Brasil. Mas existe outro tipo de gente aqui fora, os trabalhadores manuais, os pretos que não têm nada de saudade. A convivência com pessoas assim não permitiu que a gente mitificasse tanto o Brasil como tende o exilado a mitificar seus país. A visão que tínhamos do Brasil como paradisíaco era muito de pessoas pequeno-burguesas, da classe média, da Zona Sul.(...) Aprendemos muitas coisas e desenvolvemos muitas potencialidades que talvez no Brasil, nesses 14 anos, não tivessem sido desenvolvidas tão facilmente.” Cf. GABEIRA, Fernando. “Entrevista ao Pasquim” In: *Carta sobre a Anistia*, Rio de Janeiro: CODECRI, 1979, p. 23.

¹⁷⁵ GABEIRA, Fernando. “Onde o filho chora e a mãe não ouve” In: *O que é isso, Companheiro?*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 32ªed., 1982, p. 261.

sua sustentação de madeira, que seguram uma quebra. Assim *O Pasquim* apresenta, no canto esquerdo superior, *O Crepúsculo do Macho*, escrito com letras maiúsculas e vazadas, cujo nome do autor vem logo abaixo, todo ele em minúsculas.

O mesmo livro seria publicado pela Editora Nova Fronteira, no ano seguinte, agora com capa já assinada por Victor Burton. No meio de um jardim florido, uma estátua masculina, nua e cinzenta, com o olhar ao longe, tem o seu corpo cheio de cicatrizes e uma rachadura enorme no lado esquerdo do peito, donde brota uma flor igualmente grande. Agora, o nome do autor é colocado no topo da página, em letras grandes e vermelhas; logo abaixo, vem o nome do livro, em letras verdes e menores, ambos emoldurados¹⁷⁶.

Essas duas formas de apresentar o mesmo livro possuem o mesmo significado, em nível de conteúdo. Anunciam a guinada do autor e narrador, em relação ao livro anterior, à sua entrevista cedida ainda no exílio, às expectativas que, talvez, uma parte de sua fração geracional tivesse em relação à figura do exilado. Se os leitores ideais de *O que é isso, Companheiro?* eram, em alguma medida, os sujeitos que tinham alguma identificação com a experiência anterior do autor, agora, com *O Crepúsculo do Macho*, isso se altera. A começar, até mesmo, pelo próprio editor e entusiasmado redescobridor de Gabeira – Ziraldo – que, segundo um velho amigo do autor:

“(...)Os Carbonários não teve o mesmo grau de polêmica que *O que é isso, Companheiro?* primeiro que a polêmica não foi nem com *O que é isso, Companheiro?* foi a estória da tanga de crochê e do Gabeira ter dito que era bissexual e isso criou um verdadeiro... *frisson* e uma grande rejeição por parte de um grande contingente da esquerda... e o Ziraldo que era o editor dele, ficou horrorizado e tudo...”¹⁷⁷

Talvez isso explique, numa medida, a transição para outra editora. Contudo, há uma outra hipótese. Dentre os guerrilheiros que se propuseram a escrever suas memórias, Gabeira foi o verdadeiro fenômeno editorial, com seus livros ficando nas listas de mais vendidos por meses a fio e com sucessivas reedições. Seu ganho financeiro deve ter sido considerável, não comportado por uma editora que, apesar de conter alguns dos *best-sellers* da época em seu catálogo, alcançou rapidamente a decadência¹⁷⁸. Há ainda quem diga que

¹⁷⁶ Para visualização, observar o Anexo das Capas.

¹⁷⁷ Entrevista com Alfredo Sirkis, concedida ao autor em 28/04/2005, Transcrição da Fita 1, Lado A, p. 06.

¹⁷⁸ Sobre a história de *O Pasquim* e sua editora, ver: BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba...*, Brasília: UnB Editora, 1991; REGO, Norma Pereira. *Pasquim: gargalhantes peijas*, Rio

esse autor já tinha o projeto de retornar ao Brasil com suas memórias escritas, configurando-se num sucesso¹⁷⁹. Entretanto, que mensagem foi essa que o autor transmitiu, capaz de horrorizar alguns e seduzir outros e qual foi o significado?

A Grande Viagem do Retorno ao Brasil

Enquanto o maquinista do metrô sueco, contador da estória, fecha as portas do trem, acendendo seu cachimbo de haxixe – cujo fumo libanês, segundo ele, é de ótima qualidade e acabara de ser lançado em Estocolmo – dando-se conselhos acerca de sua postura corporal no banco do condutor, bem como da melhor maneira a reagir à xenofobia de alguns passageiros na estação, o narrador de *O Crepúsculo do Macho* avisa que:

“Ninguém será enganado: isto é uma viagem. Lembra-se dos filmes de banguê-banguê nos cinemas empoeirados do subúrbio? Lembra-se do momento em que a diligência ia ser atacada pelos índios? Era sempre num desfiladeiro(...) Pois bem: é essa angústia que sinto, quando entro na plataforma de estação central de Estocolmo, para ocupar o trem que vou dirigir rumo ao sul da cidade.”¹⁸⁰

Viajando em direção a quê é algo que não é respondido de maneira imediata pelo livro ou por seu narrador. O que se tem são roteiros geográficos de reflexão, que se interpenetram narrativamente¹⁸¹ construindo essa derrocada, em sua visão, do macho latino na década de 1970, exilado e despido, para alguns, da imagem do guerrilheiro heróico anterior.

de Janeiro: Relume-Dumará, 1996; HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*, São Paulo. T.A. Queiroz Editor & Ed. Da Universidade de São Paulo, 1985.

¹⁷⁹ “Quando saiu a anistia no Brasil, alguns dias depois, encontrei Gabeira num parque de Estocolmo e ele me perguntou se eu estava voltando. Respondi que não, que ficaria algum tempo para trabalhar e ganhar algum dinheiro. Gabeira me disse: “você está querendo levar os peixes para o Brasil, mas o que deve levar é o caniço”. Ou seja, Gabeira já sabia o que queria aqui, que era escrever, voltar a ser jornalista, ter influência – e já havia preparado o caminho para isso.” Entrevista com Reinaldo Guarany, concedida por correio eletrônico em 10/12/2004, pp. 46-47.

¹⁸⁰ GABEIRA, Fernando. “Cuidado com as Portas” In: *O Crepúsculo do Macho: depoimento*, Rio de Janeiro Nova Fronteira, 23ª ed., 1984, p. 11.

¹⁸¹ Do Brasil para a Argélia; daí para Cuba; de Havana para vários países europeus, retornando ao Brasil, como anuncia o título da última parte de seu livro, “Back to where you once belonged”.

O Crepúsculo do Macho, então, pode ser compreendido como um roteiro pessoal da desconstrução¹⁸² de Gabeira, estendido em alguma medida a alguns pares de sua fração geracional, mas com o olhar já visando uma carreira de cronista de um tempo, para uma nova geração – como seriam seus livros seguintes. O lugar escolhido de onde narrar essa autocrítica é a Suécia.

No decorrer de todo o livro, o narrador é o maquinista que segue de estação a estação e, nos intervalos de segundos entre uma e outra, rememora o passado. Como no momento seguinte: “*Vera, entre no meu trem. Vamos para Juiz de Fora, Minas Gerais. Sente aqui nesse banco especial. É só baixá-lo e tirar a lanterna de sua frente que toda a paisagem vai se abrir para você*”¹⁸³. Relembrada em 1978, em Estocolmo, oito anos distante do autor, sendo acionada em qualquer instante, pois pode tomar passagem em seu trem da memória. “*Hoje é sábado, estamos em 1979 e acordei num apartamento de duas peças em Estocolmo. Outros fios tecem a trama. E você tem todo o direito de ficar escandalizado, se o próprio narrador confessa que não os domina muito bem*”¹⁸⁴.

Será que não mesmo? Gabeira constrói sua narrativa de forma a apresentar as mediações pelas quais passa no exílio, mostrando o caminho que o fez chegar à sua autocrítica. Qual o sentido disso? O que o contato com a sociedade argelina, na primeira etapa do exílio; o treinamento guerrilheiro em Cuba; a passagem pelo Chile de Allende, com a experiência da ascensão e derrota de um projeto social alternativo; e, posteriormente, a migração para a Europa puderam contribuir para sua reflexão e revisão? Como ponderar essas mediações na sua narrativa?

Há apenas vislumbres de resposta para essas questões em seu livro. O autor e o narrador não se preocupam em respondê-las, mas tão somente em apresentá-la enquanto fatos nos quais eles estiveram presentes. E nessa trama se estabelecem contatos com

¹⁸² Vale a pena retomar uma já utilizada citação dessa dissertação, acerca de trecho da entrevista concedida por Gabeira a Heloísa Buarque de Hollanda uma semana após o seu retorno: “Assim nos anos 60 fiz uma crítica da minha condição de intelectual pequeno-burguês; agora, nos anos 70, estou fazendo uma crítica um pouco mais avançada, me criticando enquanto macho latino, enquanto branco e enquanto intelectual”. Cf. HOLLANDA, Heloísa B. de & PEREIRA, Carlos A. M. *Patrulhas Ideológicas*, Op. Cit, p. 187.

¹⁸³ GABEIRA, Fernando. “Tudo o que Alá quiser” In: *O Crepúsculo do Macho: depoimento*, Rio de Janeiro Nova Fronteira, 23ª ed., 1984, p. 25. *Vera* é Vera Sílvia Magalhães, companheira de banimento de Gabeira para Argélia, igualmente participante da ação de seqüestro do embaixador norte-americano e com quem o autor inicia um caso em Argel. Ela é só uma memória de Gabeira, com quem o autor havia rompido por volta de 1973, no Chile. O livro é escrito em 1979, 1980 no Brasil.

¹⁸⁴ “Aos Sábados Na Consciência do Mundo” In: *Idem, ibidem*, p. 43.

indivíduos de outras culturas, classes sociais diversas, identidades étnicas e sexuais distintas, incluindo uma alteração a sua posição anterior no Brasil – de intelectual e jornalista a porteiro, condutor¹⁸⁵.

“Nem sempre a capital mundial da revolução [Argel] é o ponto máximo na liberdade de costumes. Na manhã seguinte à que fomos surpreendidos dormindo juntos [Vera Sílvia Magalhães e o narrador], enfrentamos as primeiras pressões. Uma comissão de companheiros da ALN brasileira veio procurar o MR-8, organização à qual pertencíamos, para apresentar sua crítica. Nosso comportamento moral era comprometedor diante dos argelinos. (...) A organização recolheu a crítica com aquela seriedade meio divertida de quem se surpreende com a novidade e vai examiná-la com cuidado, mas jamais chegamos a discutir a questão.

Coisas mais urgentes nos preocupavam. A revolução brasileira ia mal das pernas. (...) Quais eram as causas da decadência?”¹⁸⁶

Choques de natureza sexual – ou melhor: que apresentem comportamentos do passado distintos da consciência adquirida que o narrador se ocupa de apresentar às portas da década de 1980 – serão uma constante nesse livro. Seja por seu envolvimento com uma guerrilheira viúva, ambos na condição de banidos; seja pelo encontro com feministas americanas em Cuba (o grupo *Weather Men*) ou convívio com homossexuais na Europa. Em dados momentos esses aspectos adquirem importância maior nessa jornada do sujeito histórico que propriamente suas reflexões políticas.

Todavia, tratar-se-á também de uma alteração política significativa, a *bifrontalidade narrativa* sendo apresentada e racionalizada, agudizando o estilo de *O que é isso, Companheiro?* servindo-lhe como porta de entrada para suas novas plataformas na década que se iniciava: crítica ao moralismo, politização do corpo, politização identitária e mais tarde, Ambientalismo.

“Lembro-me que foi no início de nossa estada em Cuba que Listz [Vieira] conheceu uma outra americana, dirigente do grupo *Weather Men*(...) Era

¹⁸⁵ Contudo, é sempre bom lembrar que experimentar tais mediações não fazem de Gabeira um indivíduo especial, uma vez que experiências semelhantes ou mais agudas foram sentidas por um grande contingente na mesma situação que esse autor. O interessante é notar o uso que Gabeira faz dessas experiências em suas memórias.

¹⁸⁶ GABEIRA, Fernando. “Tudo o que Alá Quiser” In: *O Crepúsculo do Macho: depoimento*, Rio de Janeiro Nova Fronteira, 23ª ed., 1984, p. 21. Colchetes meus.

curioso saber que a dirigente de uma organização daquele tipo fosse mulher. E no interior daquela esquerda radical os debates sobre relações homem-mulher estavam muito mais desenvolvidos do que os nossos. Nos esconderijos clandestinos no Brasil, homem e mulher dividiam as tarefas domésticas e as tentativas dos homens de escaparem àquela divisão eram freqüentemente denunciadas. Mas isso não bastava. Nos Estados Unidos, já se discutia a divisão mesma do trabalho intelectual. (...) Sabia que alguma coisa estava acontecendo nas relações homem-mulher, que estavam se transformando lentamente. Num certo sentido, podia acompanhar a evolução em mim mesmo. Mas certos grupos sociais, em alguns pontos do mundo, faziam a roda correr mais rápido ainda. (...) O mundo se transformava, as mulheres eram outras e o melhor era deixar que os incrédulos levassem um choque quando o olhar conseguisse enxergar um pouco além do seu estreito horizonte.¹⁸⁷

A experiência de Cuba deixaria outras marcas como a de sua inépcia no treinamento guerrilheiro, oferecido durante quatro meses nas florestas da ilha. Seu codinome era então *Ignácio Gomes*¹⁸⁸ e em meio às autocríticas quanto à sua condição intelectual, conhecimento do feminismo, da tardia leitura dos volumes d' *O Capital* e de sua performance nos treinos, o narrador se constrói, revendo as posições adotadas – agora na Suécia – bem como os itinerários de personagens de sua geração. Sua pergunta é: teria valido a pena? A resposta, para ele, ao que parece, é negativa.

“Curioso pensar isto, deitado na rede, depois de uma longa marcha. Todo o esforço estava voltado para o Brasil, para onde retornaríamos um dia. Nenhum de nós supunha que uma tragédia maior estava se consumando ali. Podíamos imaginar mil mortes em combate, dezenas de vitórias, pequenas derrotas. Só não podíamos imaginar que aquela atividade gigantesca onde demos o melhor de nossos esforços, onde apareceram, sobretudo nos momentos de fome, nossos piores defeitos, era completamente vã. Quem diria que Aquiles, deitado na rede ao lado, estaria junto comigo anos depois,

¹⁸⁷ “Os Aviadores do Brasil” In: *Idem, ibidem*, pp. 59-60. Colchetes meus.

¹⁸⁸ Chama atenção esse aspecto de crítica e renascimento pela morte, no depoimento de Gabeira, semelhante – ainda que menos intenso – ao do romance de Tapajós, presente nessa passagem: “Se havia alguém com cotação baixa no campo, esse alguém era o intelectual. Senti isso desde o princípio e, ao invés de me refugiar no gosto pelos livros e pela discussão, acabei capitulando. Tornei-me um aluno exemplar, apesar de que morria em quase todos os assaltos e emboscadas.(...) Na época meu nome era Gomes e não lamento de nada morrer quase todos os dias. Aquilo de ter capitulado diante da minha formação intelectual me confundia ainda mais” In: “Os Guerrilheiros do Entardecer” In: *Idem, ibidem*, pp. 72-73.

buscando trabalho num cemitério ao sul de Estocolmo? Quem diria que Márcia ia terminar fazendo meditação transcendental na Índia?(...)"¹⁸⁹

Existe uma dimensão do compromisso com uma causa que vai, narrativamente, se diluindo, se desintegrando, sendo necessária uma reflexão sobre a morte do guerrilheiro, ainda que mesmo pelo codinome, para a absorção de novas mediações e seu uso em novos sujeitos históricos.

Talvez uma das maneiras de desenvolver essa etapa da dissertação acerca das narrativas do exílio fosse fazê-la por sessões e países temáticos, apresentando quais foram as mediações encontradas pelo narrador nesse processo. Entretanto, fazer isso seria incorrer no erro de uma ilusão biográfica linear. Pois se o narrador confere certa unicidade às memórias, o procedimento de análise deve ser compreender esse mecanismo, através da idéia de bifrontalidade. O narrador de Gabeira ainda tenta conduzir seu leitor através de um metrô sueco, sempre disposto a mostrar o que estaria por aguardá-lo na próxima estação; que, nesse caso, significa uma nova mediação. Todavia, seu discurso é sempre sobre o Brasil e para brasileiros.

Se no biênio de 1970/1971 esteve em Cuba, logo em seguida parte de Havana para a França e Alemanha onde se encontraria com Vera Sílvia Magalhães. E daí rumo ao Chile, objetivando experienciar um governo de esquerda no poder, da mesma maneira que uma grande leva de exilados latino-americanos. Antes disso, descobre o rompimento interno MR-8 em duas linhas diferentes, ainda no exílio:

“Nosso pensamento político se tornava bastante complexo, depois da experiência européia. Na Alemanha houve tempo de estudar mais ainda, de recapitular nossos erros, de confrontar análises mais sofisticadas da situação mundial. O MR-8, de uma forma aparente, havia rompido porque um setor queria a volta imediata ao Brasil e o outro setor queria permanecer no Chile. Voltar ou não voltar já não nos parecia mais a questão importante. Era preciso saber muito claramente o que fazer em caso de volta e compreender que o movimento no Brasil iria encontrar suas próprias saídas. Se a salvação do Brasil dependesse de um grupo de pessoas conhecidas pela polícia, reduzidas a

¹⁸⁹ GABEIRA, Fernando. “Os Guerrilheiros do Entardecer” In: *O Crepúsculo do Macho: depoimento*, Rio de Janeiro Nova Fronteira, 23ª ed., 1984, pp. 78-79.

praticamente nenhum dinheiro em caixa e nenhum esconderijo para se refugiar, isto significava que a própria salvação já não existia.”¹⁹⁰

A percepção, mesmo que vaga, de mudança de um sujeito histórico implica na mudança de uma narrativa. Quando trata da derrota da experiência chilena e seu descompasso em relação ao país, o narrador, na décima quinta parte do seu depoimento – “O Exílio dentro do Exílio” – reduz-se novamente ao condutor de trens sueco, sendo entrevistado em sua cabina na noite de natal. Não porque os jornalistas conheçam o seu passado guerrilheiro, mas porque “*Dentro de alguns minutos chega um repórter de televisão para realizar sua reportagem de rotina: os que trabalham na noite de Natal*”¹⁹¹

Esse aspecto redutivo que é, segundo Denise Rollemberg¹⁹², reflexo da realidade do exílio, também é uma dimensão, em termos sociais e literários, dessa narrativa ambivalente, bifrontal, pois permite que a memória seja usada como passaporte de entrada a uma nova realidade e de lembrança de que uma outra se encerrou, pertencendo a um passado indesejável. Como no relato do filme sobre a saída do Chile, fugindo em direção à embaixada argentina, em que o autor, embora roteirista do filme sueco sobre o fato, se faz apenas de personagem – e não de sobrevivente – buscando distância daquela dimensão do passado:

“Atenção: o filme vai começar. As luzes se apagam no Centro Cultural Sueco de Paris, um enorme edifício branco situado no Marais. O ronrom do projetor já se faz ouvir e na tela sucedem-se os números em ordem decrescente. *A Embaixada*, tchan, tchan... Filme dirigido por Barbro Karabuda e produzido pela televisão sueca, canal dois, tchan, tchan... Com a participação de autênticos refugiados latino-americanos, tantanrantan...

Dois anos depois, era curioso ver nossa caminhada em direção à Embaixada da Argentina. Vera representada por uma atriz morena de cabelos negros; eu, por um jovem pálido, vestindo *jeans*, camiseta azul-marinho e tênis branco. “E o paletó da Amnesty?”, pergunta Listz, o único convidado brasileiro para aquela sessão especial.

¹⁹⁰ GABEIRA, Fernando. “O Chile não é o Brasil” In: *O Crepúsculo do Macho: depoimento*, Rio de Janeiro Nova Fronteira, 23ª ed., 1984, pp. 123-124.

¹⁹¹ “O Exílio dentro do Exílio” In: *Idem, ibidem*, p. 133.

¹⁹² Cf. ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: Entre Raízes e Radares*, Rio de Janeiro: Record, 1999.

- **PsIU. Isto é apenas um filme.**¹⁹³

De volta para onde uma vez se pertenceu é a tradução literal da última parte de *O Crepúsculo do Macho* e onde a afirmação do título se concretiza. Agora, não há mais trem e a viagem anunciada na primeira linha do livro chega ao seu fim, na Suécia, intercalada por um passagem por Portugal na Revolução dos Cravos (1974). Mas a revolução política é a menor das mediações apresentadas pelo narrador. Aqui se fala em Antropologia (Interacionismo Simbólico), Ecologia, Homossexualismo, Liberdade Corporal. Neste ponto, o narrador se apresenta para uma companheira sueca mais jovem que, sem grandes problemas ou variações, poderia ser o seu leitor ideal no Brasil: de uma outra geração, com uma outra experiência e para quem Gabeira e sua fração geracional, longe de ícones, seriam apenas estrangeiros.

Dessa forma, mesmo no caso da entrevista do Pasquim, que relançaria Gabeira no cenário nacional (e na qual o autor afirmou estar extremamente contente e com um desejo enorme de falar sobre sua experiência), o narrador de *O Crepúsculo do Macho* achava “(...) curioso que as pessoas se interessassem por um período tão remoto. Depois dele já havia se passado quase dez anos de exílio e o golpe do Chile. Respondia às perguntas calmamente, mas tinha a sensação de que me referia a um filme e algo que não havia acontecido comigo.”¹⁹⁴,

¹⁹³ GABEIRA, Fernando. “A Embaixada” In: *O Crepúsculo do Macho: depoimento*, Rio de Janeiro Nova Fronteira, 23ª ed., 1984, p. 151. Grifos meus. O mesmo filme e sessão são assinalados por Denise Rollemberg em seu livro: “(...) Na Suécia, Barbra Karabuda fez o filme *Embaixada*, baseado na experiência da embaixada argentina lotada de refugiados. O roteiro foi assinado por Barbra e Fernando Gabeira, que também a viveu e encontrava-se, então, exilado na Suécia. O interessante é que os brasileiros que lá estiveram atuaram como extras no filme e os atores suecos desempenharam o papel de refugiados latino-americanos(...)” In: ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares. Op. Cit.*, p. 180.

¹⁹⁴ GABEIRA, Fernando. “Back to Where you once belonged” In: *O Crepúsculo do Macho: depoimento*, Rio de Janeiro Nova Fronteira, 23ª ed., 1984, p.226.

Aventura e Bifrontalidade: Roleta Chilena

A capa de *Roleta Chilena*, de autoria de Míriam Struchiner, consegue deter imediatamente a atenção de quem a observa. Ao seu fundo, em um segundo plano, vê-se a população chilena, nas ruas, aglomerada, provavelmente em uma manifestação, com bandeiras do país, cartazes e dizeres com as fotos de Salvador Allende, seguidas de diversas afirmações, dentre elas “Vencimos”. Trata-se do momento em que, ou o lendário presidente assumiu o poder, ou é uma das manifestações de apoio em seu favor, nos momentos difíceis pelos quais passaria seu governo.

Esse segundo plano se encontra atrás de uma das partes do palácio presidencial, o *La Moneda*, bombardeado em 11 de setembro de 1973, culminando com o golpe de estado, a deposição, o suicídio do presidente democraticamente eleito e o início de uma das mais longevas e sangrentas ditaduras civis-militares latino-americanas, sob o comando do general Augusto Pinochet e colaboradores. Logo, dentro do *La Moneda* destruído está o passado vivo, pujante e colorido. No meio das duas imagens, ou seja, no pórtico do palácio que as divisam, estão soldados cinzentos armados, certamente golpistas, empunhando fuzis contra um grupo de pessoas igualmente cinzas, estáticas e em silêncio, de costas para quem observa a capa e de frente para o pórtico, com os soldados. Da entrada para a rua do palácio, é o presente, é o golpe, são os destroços de um passado vivo, vislumbrados por uma realidade mórbida, por muitos anos, sob a égide de uma ditadura¹⁹⁵.

Então por volta de 21 a 23 anos quando desses acontecimentos, o narrador de *Roleta* conserva semelhança com o de *O Crepúsculo do Macho*, em termos de estilo. Fragmentado, o livro trafega por Chile, Argentina, França, Itália e Suécia como um inventário do cotidiano. Contudo, valendo-se novamente da idéia de *bifrontalidade narrativa*, percebe-se que o sentido e o alvo do livro mudaram. Ou melhor, tornam-se mais claros em relação a *Os Carbonários*. Neste último, o autor queria ser e tinha se transformado em “*apenas um contador de histórias*”. Agora, em *Roleta*, o livro se reveste da propriedade de ser *um livro de aventuras*, segundo Marcos Faermann (o prefaciador). E, também, nesse momento, nas contracapas, orelhas e prefácio do livro há as declarações de intenções políticas do autor

¹⁹⁵ Cf. Anexo de Capas.

para o Brasil daquele momento, uma vez que esse livro já é escrito no país, tendo sido finalizado no Rio de Janeiro, em 16 de março de 1981.

Roleta Chilena não é mais publicado pela editora com a qual o autor ganhou seu Prêmio Jabuti de 1981 e obteve sucessivas edições e reedições, figurando por semanas nas listas dos livros mais vendidos de 1980. E, segundo o editor da Global, Luís Alves Júnior, perguntar o porquê da transferência de Sirkis para a Record,

“É o mesmo que perguntar porque o Paulo Coelho mudou de editora depois de ter ganhado muito dinheiro em sua primeira editora. Dentro dos contratos assinados entre autores e editoras existe uma cláusula que “sugere” ao autor priorizar a sua editora no caso de ele escrever uma nova obra. Mas isso não é uma obrigatoriedade e no nosso ramo acontece muito disso: quem pode mais, apanha menos...”¹⁹⁶

Além desse aspecto do ganho financeiro alegado pelo editor e questionado pelo autor¹⁹⁷, a idéia da bifrontalidade, da ambivalência narrativa transparece com mais ênfase quando o leitor é avisado de que, naquele momento, Sirkis seria:

“(...) Em face do atual momento político, o autor se define como partidário da abertura e do prosseguimento do processo de redemocratização e adversário convicto de qualquer idéia de retrocesso aos anos negros de nossa história.

Ideologicamente, se define como socialista libertário, ecologista e adepto da não-violência ativa. Apóia a luta pela justiça social, pela redistribuição da renda, pelo fim da legislação autoritária (LSN, CLT etc.), pela defesa da Amazônia, do ar que respiramos, da natureza brasileira e contra as usinas nucleares. Acredita na democracia para todo o povo (e não só para a elite) e na luta pelos direitos civis, inclusive o direito ao prazer.

É adversário de todas as formas de ditadura e opressão, sob qualquer capa ideológica. Acha que o Brasil deve encontrar seu caminho próprio, solidário com os povos do continente e do Terceiro Mundo.”¹⁹⁸

¹⁹⁶ Entrevista com Luís Alves Júnior, concedida por correio eletrônico em 27/06/2005, p. 05.

¹⁹⁷ “(...) os adiantamentos que as editoras pagam são muito pequenos... Eu consegui viver dois anos de direito autoral. Dois anos. O que é uma coisa excepcional no Brasil(...) mas basicamente não tava dando dinheiro, os adiantamentos que eu tava conseguindo eram pequenos(...)” Entrevista com Alfredo Sirkis, concedida em 28/04/2005, Rio de Janeiro, Transcrição da Fita 1, pp. 14-15.

¹⁹⁸ Cf. SIRKIS, Alfredo. *Roleta Chilena*, Rio de Janeiro: Record, 1981. Segunda aba do livro.

Por quê isso precisa ser mencionado, uma vez que em nada auxilia ou dificulta a leitura do livro? **E para quem** isso é avisado? De maneira muito sutil, *Os Carbonários* era um livro dedicado à “Geração 80”, com um poema de Alex Polari de Alvarenga que dava o tom da narrativa que seria lida¹⁹⁹. Um ano após a publicação de seu primeiro livro de memórias, segundo Marcos Faermann ao prefaciар *Roleta Chilena*, Sirkis consegue chegar a um ponto de representação de sua experiência que o faz comparável a Dashiell Hammet (no que tange ao seu universo, das sombrias narrativas policiais dos anos 1950), Jorge Semprún (na afirmação da consciência enquanto um projeto político pessoal) e a André Malraux, que funde a política e aventura numa narrativa que contém os dois estilos anteriores:

“(…) Pois eu pego esse livro nas mãos e *sinto* que o Imaginário me conduz a muitos universos – tantos! E passamos a viajar por dentro de outras vidas, quotidianos fora do quotidiano, experiências humanas imersas no que a mitologia cultural e a nossa experiência pessoal, a nossa pele, nomeiam de “aventura”(…) Menino do Rio, é um adolescente quando entra para a guerrilha, e passa ao tipo de confronto com o Poder que nos revela em *Os Carbonários*. Política e aventura se confundem em suas entranhas, naquele instante. Antes de ter lido *A Condição Humana* de Malraux, Alfredo se coloca na pele dos personagens deste clássico da literatura política e da literatura de aventuras vividas em nosso século.(…)”²⁰⁰

Apenas no mês de junho de 1981, data de seu lançamento, *Roleta Chilena* vendeu 12.000 exemplares e alcançou duas edições em questão de dias. Em relação a *Os Carbonários*, livro planejado desde o fim dos anos 1970 em Portugal, *Roleta* pode ser observado como um desenvolvimento mais agudizado tanto de um projeto pessoal e político, como de uma reinserção social do autor. Desaparece o antigo e cheio de dúvidas guerrilheiro Felipe: entra em cena um cronista aventureiro, mais maduro e mais seguro de suas posições cuja alcunha será Marcelo Dias e sob a qual escreverá para os principais jornais de esquerda de Portugal (*Página Um, Jornal Novo, Manifesto, Diário Popular,*

¹⁹⁹ “Nossa geração teve pouco tempo/ começou pelo fim/ mas foi bela a nossa procura/ ah, moça, como foi bela a nossa procura/ mesmo com tanta ilusão perdida/ quebrada,/ mesmo com tanto caco de sonho/ onde até hoje/ a gente se corta.” Cf. POLARI, Alex “À Geração dos anos 80” *apud*: SIRKIS, Alfredo. *Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida*, São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

²⁰⁰ FAERMAN, Marcos. “A Luz e as sombras de uma aventura” In: SIRKIS, Alfredo. *Roleta Chilena*, Rio de Janeiro: Record, 1981, pp. 09-11.

Diário de Lisboa, A Luta, República, Expresso, A Gazeta da Semana e O Jornal) e da França (*Libération*). Já despedido da imagem do guerrilheiro heróico no livro anterior, agora se trata de um autor cujas credenciais políticas devem ser apresentadas para a nova geração, seu interlocutor privilegiado, a quem adequará a linguagem e o estilo narrativo, criando uma trama de suspense político, sedutor e imagético.

Especialmente para uma Geração 80

“Chegamos à estação rodoviária no fim da tarde. Escurecia e a cidade se iluminava de lâmpadas e faróis. À saída, longas avenidas com filas de veículos díspares e antiqüados. Muitas bancas de jornais, com títulos contraditórios, garrafais, um cheirinho de democracia no ar.

Fim de tarde, vozes e buzinas. Vendedores de jornais berrando os títulos dos vespertinos. Chile, anoitecer.

Santiago, hora do rush.

Foz do Arelho, Portugal, 6 de agosto de 1979”.²⁰¹

O excerto acima é a cena final d’*Os Carbonários*, retomada de forma literal no segundo fragmento da primeira parte de *Roleta Chilena*. Promove a ligação entre os dois livros, ao mesmo tempo em que anuncia uma descontinuidade formal, uma vez que *Roleta* se inicia (o primeiro fragmento) com o golpe de estado de 11 de setembro de 1973 e o trecho acima ocorre em 1971. Diferentemente de uma maioria de exilados e banidos com situação semelhante a sua, o autor pôde sair legalmente do país, com passaporte e avião, mediante suborno às autoridades legais brasileiras. Chega à Argentina nesse percurso e alcança o Chile meses antes do golpe, o que lhe permite analisar a situação da sociedade, política e cultura chilenas durante o período do governo Salvador Allende, inclusive como jornalista.

²⁰¹ SIRKIS, Alfredo. “Trem da Montanha” In: *Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida*, São Paulo: Círculo do Livro, 1980, p. 377.

Essa descontinuidade da forma narrativa, segundo o autor, tem um propósito e uma fundamentação muito claros. Para Sirkis, a fragmentação em *Roleta* é fruto de um desejo de afirmação como escritor:

“Porque eu tava encantado com os livros do Jorge Semprún e eu queria fazer uma coisa parecida... E eu comecei a questionar o meu despojamento estilístico e também fiquei puto porque o Zé Carlos Oliveira [crítico do *Jornal do Brasil*] e outras pessoas começaram a dizer que eu escrevia mal (risos) e eu quis mostrar que escrevia bem! (risos)”²⁰²

É possível afirmar que, sem exageros, como um livro de aventuras, *Roleta Chilena* não começa: explode junto com o golpe de 1973. O leitor não inicia, simplesmente, a leitura: ele começa a ser acordado juntamente com o narrador; não percorre as linhas que iniciam a narrativa, mas, por conta da maneira como a estória é narrada, sente-se na pele do personagem principal, andando pelas ruas de Santiago bombardeada, açoitado pelos olhares de vizinhos simpatizantes e colaboradores de golpistas, correndo de um lado a outro, receoso com a morte iminente, advinda do toque de recolher. Trata-se, nas acepções mais precisas dos adjetivos, de uma narrativa altamente sensual e poderosa em imagens. Talvez esta seja uma característica comum, se a categoria puder ser utilizada, aos livros de *aventura política*; daí as associações com André Malraux e Jorge Semprún, guardadas as proporções e rigores, não serem tão gratuitas.

“A luz jorra pelas frestas da veneziana, fazendo flutuar grãos de areia pelo quarto, muito devagar. Pálpebras de chumbo, lenta piscadela, confuso enredo de sonhos matinais. Santiago fechada aos ventos, perene poeira do vale queimando a garganta dos recém-chegados. (...) grãos de poeira rodopiando, manhã clara de setembro, vagamente terça-feira e posso dormir um pouquinho mais: o artigo está pronto, falta apenas levar lá no Correio Central e perfurar a fita. Esperar a chamada de François pelo telex, teclar umas gracinhas e passar aquelas duas laudas que acabei de bater, às quatro da manhã, com dicas e boatos do fim da noite. Informar o *Libération* (...) que mais uma vez “en Chile no pasa nada” (no Chile, nada acontece), pelo menos nas próximas 48 horas. Isso Mario me garantiu. (...) Cordilheira de gargantas que arde, grãos de poeira que dançam, telex, teclado, telecoteco, Correio Central, *Libé* chamando. Feixes

²⁰² Entrevista com Alfredo Sirkis, concedida em 28/04/2005, no Rio de Janeiro, Transcrição da Fita 1, Lado A, p. 12. Colchetes meus.

de luz pela veneziana: céu azul limpinho, boa visibilidade pros aviões, voam pelo quarto, zunzunzum de besouro. Ouço mesmo jatos ou será que estou sonhando? Ou estão sacudindo meu ombro, um vulto comprido e outro de barba me puxam para o real, agourento...

- Alfredão! Acorda logo que começou o golpe! Diz que a Marinha ocupou Valparaíso.²⁰³

A primeira parte de *Roleta* se dispõe a responder à sua pergunta: *Me explica o que estou fazendo aqui, huevón*²⁰⁴? E é a que o narrador se dispõe, num misto de jornalista, historiador e aventureiro. Antes do golpe do Chile, o autor estivera em Paris, onde tentara maneiras de entrar em contato com a organização em Cuba. Isso ocorre no ano de 1971. A segunda parte do livro (“Toque de Recolher”) será uma oscilação entre o período em Paris, abordando o período pré-Chile e os momentos do onze de setembro.

Trata-se de uma narrativa, em vários momentos, bastante confusa que, por vezes, pregaria peças a um leitor mais desatento por conta dos deslocamentos de tempo e espaço. A tentativa de uma explicação para isso reside em uma tripla chave de interpretação:

- A resposta conferida pelo próprio autor, transcrita linhas atrás, de que adotou esse estilo para demonstrar o quanto escreveria bem;
- A resposta narrativa à pergunta que a personagem central se formula, ao fim da primeira parte (“Que estou fazendo aqui?”) e;
- Finalmente, minha hipótese, aos aspectos inerentes da *bifrontalidade narrativa* e à ilusão biográfica.

No que tange à narrativa bifronte, pode-se considerar cada bloco curto e fragmentado de *Roleta Chilena* como um disparo de uma câmara fotográfica, análogo a um disparo de memória. Mas com que finalidade isso acontece? Afirmou-se anteriormente que esse livro é muito mais incisivo na sua intenção de ser direcionado a uma outra fração geracional (no caso, uma Geração 80), servindo como porta de entrada para atuação

²⁰³ SIRKIS, Alfredo. “... en Chile no passa nada...” In: *Roleta Chilena*, Rio de Janeiro: Record, 1981, p.15.

²⁰⁴ Segundo o autor: “*Huevón*: gíria chilena que significa, literalmente, um indivíduo com testículos muito grandes. Tem vários tipos de sentido, dependendo do tom e do contexto. Pode significar “seu babaca”, se dito num tom agressivo. Mais freqüentemente tem a função de “ô, meu” ou “ô, cara”, ao fim duma frase. (...)” In: *Idem, ibidem*, p.18.

naquelas novas circunstâncias²⁰⁵; o que, portanto, pressupõe uma forma literária adequada para um leitor ideal. Sirkis anuncia-se – e também é anunciado – como um aventureiro contador de estórias. Os momentos dramáticos vividos no Chile, assim como a experiência do exílio, se mesclam, apresentando-se em imagens sensoriais. O despir do guerrilheiro heróico é também associado ao despojamento da linearidade, para uma nova geração de leitores, pouco afeita à experiência literária – o que é pressuposto pelo autor – e, talvez, com pouco tempo para ler. Ao mesmo tempo, no que tange aos movimentos sociais, abandona-se qualquer intenção de ser vanguarda, inicialmente.

Para uma situação como essa, tudo o mais deve ser escrito e descrito como *casos*, *experiências*. Como se fossem irmãos mais velhos, talvez. E desta forma é possível relatar o que se passou, sem, de fato, fazer-se um balanço profundo e coeso de problemas mais sérios, no que tange especialmente ao campo político²⁰⁶.

Em *Roleta Chilena*, a linearidade é desnecessária. O autor sai do Brasil, passa pela Argentina, contacta sua organização no Chile. A pedido de Carlos Lamarca – ainda em 1971 – decide ir a Cuba, para informar parte da organização em Havana sobre os novos posicionamentos daquele. Passa pelo México e Canadá, com sentido a Paris. Nesse meio tempo, Lamarca é morto, Sirkis descobre em Paris a luta interna da sua organização, que viria a rachar e acaba se estabelecendo na cidade, fazendo contatos com militantes e simpatizantes em Roma e Berlim. Quando rompe com a Vanguarda Popular

²⁰⁵ Sobre isso, o autor afirma que “Eu acho que sim. Eu acho que inclusive [essas memórias terem sido formas dele e de outros escritores se colocarem na realidade da década de 80, ao lado dos novos atores sociais] foi muito mais bem sucedida do que a tentativa anterior [de luta armada], né? Porque é o que eu digo, justamente nesse prefácio d’*Os Carbonários*: a História acontece duas vezes; uma vez quando acontece mesmo e aí (...) é um suceder-se de momentos presentes completamente caóticos e desconexos(...) E depois o segundo momento da História é quando ela é escrita. Então... na primeira, que foi fragorosamente derrotada... na segunda, a gente ganhou! A nossa narrativa, ao contrário do que acontece em outros países da América Latina (...) acabou sendo socialmente predominante(...) Prevaleceu a nossa narrativa, o que é um consolo. Mas, por outro lado, isso se deve basicamente (...) modéstia à parte, novamente, ao tom e à abordagem, ao foco, que o Gabeira e, depois, eu, adotamos nos nossos livros Porque se o primeiro livro que tivesse saído, tivesse sido um livro absolutamente de guerrilheiro heróico – “Veja como fomos heróis!” e “Como fomos fantásticos!”, “Como sempre estivemos certos!” etc. etc. etc. – eu acho que não seria um... sucesso.” – Entrevista com Alfredo Sirkis, concedida em 28/04/2005, no Rio de Janeiro, Transcrição da Fita 1, Lado B, pp. 20-21. Colchetes meus.

²⁰⁶ No capítulo seguinte, abordar-se-á esse problema com maior profundidade.

Revolucionária, através de seus contatos com a esquerda francesa trotskista se aproxima do grupo que criaria o jornal *Libération*, em fins de 1972, do qual se tornaria co-fundador e correspondente internacional (o jornal era apoiado por Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Maurice Clavel e outros intelectuais franceses, que o autor conheceu nas reuniões de fundação).

Entre fins de 1971 e meados de 1973 (em junho, aproximadamente), o autor reside na Europa, passando por França, Itália, Alemanha e Suécia. E é sobre este último país de que se tratará agora.

A fase sueca é o período pré-golpe do Chile, em junho de 1973. O autor trabalha como estivador no Porto de Estocolmo, para tentar angariar fundos e sustentar sua viagem para cobrir o processo chileno, como correspondente.

“Estocolmo, junho de 73. Cheguei em fins de maio, num *charter*, procedente de Londres, onde passei uns dias depois de entregar as chaves do meu apartamento da rue Boyer Barret, em Paris.

Na verdade, estou a caminho do Chile, mas minha rota é complicadíssima: passa pela Suécia, onde estou levantando uma nota no “trabalho de verão”. (...) Durante três meses aceitam a mão-de-obra desqualificada dos turistas duros.(...) Decidi deixar Paris e viver momentos cruciais do “processo chileno”.(...)

Já transei com o pessoal de *Libé* de Paris o posto de correspondente, mas eles não têm condições de me pagar uma passagem, vou ter chegar lá pelos meus próprios meios.”²⁰⁷

Operário na Suécia, é nesse país em que várias das mediações políticas vão se aglutinar às críticas formuladas anteriormente à organização e ao processo político do qual participou. Ainda que a vivência de certos resultados da social-democracia sueca sejam importantes – o Estado de Bem-Estar Social – é agora, como aventureiro e cronista que dá a guinada rumo a um processo social revolucionário que poderia ser vivido na prática, como pensaram muitos exilados latino-americanos. Chegou ao Chile em 10 de agosto de 1973. O que ele encontra nesse país, naquele momento de pré-golpe, já foi relatado anteriormente.

²⁰⁷ SIRKIS, Alfredo. *Roleta Chilena*, Rio de Janeiro: Record, 1981, p. 91.

Entre 04 de setembro de 1973 – data em que assiste a uma passeata triunfal dos Cordões Industriais por Allende – e o 25 de setembro do mesmo ano – quando consegue sair legalmente do país, rumo à embaixada da Argentina, ocorre o fim da experiência chilena para o narrador e tantos outros. Cabe aqui a pergunta: o que ele aprendeu e como isso é passado narrativamente? E, lembrando-se que essa narrativa é escrita por alguém distante quase dez anos dela, que usos isso possui?

A aglutinação que o autor faz da experiência chilena e argentina ao final teriam o propósito de dizer que todas elas se parecem? Ao tratar dos *montoneros* (os guerrilheiros argentinos) com quem imediatamente trava contato, narra as conversas entre si como se padecessem da mesma ingenuidade, ainda que generosa, que vira anteriormente no Chile e, quiçá, em sua visão, no Brasil. Como no excerto abaixo:

“Coco, Chango e Rubi vivem ali com doña Ana, mãe-coragem de três filhos guerrilheiros. Ela prepara o mate amargo e nos pergunta sobre o golpe do Chile. Diz que já viu um montão deles: 55, 62, 66. Os argentinos se orgulham de grande experiência no assunto.(...)”

A análise [de Coco] é rápida e tem o mérito da simplicidade. Veja bem, *flaco* [magro], no Brasil vocês tinham alguns *fierros* [os ferros: armas], mas não tinham o povo. No Chile eles tinham o povo mas não tinham os *fierros*. Aqui na Argentina nós temos o povo e os *fierros*.²⁰⁸

Balanço que se demonstraria errado da experiência histórica. O observador Marcelo Dias sabe bem disso. E ao anunciá-lo em instantâneos fotográficos, como no momento em que assiste à nova ascensão de Péron ao poder (que faleceria em 1974, assumindo sua terceira esposa, Isabela Péron, deposta pelo golpe de 1976), recompõem um cenário político de forma incompleta e que interrompe bruscamente, finalizando seu livro, de forma jocosa com a invasão de turistas brasileiros a Buenos Aires. Por quê não contar o exílio como um todo? Por quê não contar sobre Portugal, para onde se dirigiria depois? Por quê finalizar com a idéia latente de que mais uma vez se errou, especialmente num livro escrito no Brasil, em 1981? Perguntas que ficam sem resposta nesse livro. Tenta-se uma explicação no próximo capítulo.

²⁰⁸ *Idem, ibidem*, p. 160.

Bifrontalidade e Incompreensão: *Os Fornos Quentes e A Fuga*.

“Este livro vai para todas as pessoas que gosto, algumas perdidas no mundo, outras no sonho, mas como sonhar é válido, real e fantástico (como no diálogo dos Irmãos Marx: “olha, há um tesouro na casa vizinha”, disse o Groucho, “mas não há nenhuma casa vizinha”, respondeu Harpo, “então construiremos uma”, conclui o Groucho), por que não recomeçar um novo sonho?”²⁰⁹

As indagações com as quais Denise Rollemberg inicia um texto recentemente lido num congresso, abordando o autor de *A Fuga e Os Fornos Quentes*, resumem o problema que encerra a tentativa de compreensão dos trabalhos narrativos mais longos de Reinaldo Guarany Simões. Ela diz: “*É possível uma pessoa escrever duas autobiografias? E escrever duas autobiografias de maneira diferente? E escrever duas autobiografias de maneira diferente em um intervalo de tempo curto? Uma vida e duas autobiografias? É possível? (...)*”²¹⁰

Foi possível, de certa maneira, pois Guarany o fez na ficção política escrita entre dezembro de 1976 e abril de 1978, entre Berlim e Estocolmo. E posteriormente, repete-o na sua narrativa escrita no Brasil e publicada pela Brasiliense em 1984.

Contudo, *não são* exatamente duas (auto)biografias sobre a *mesma pessoa* ou tema, a meu ver. O primeiro livro, *Os Fornos Quentes* é uma narrativa do exílio e pode-se dizer que seu objeto de reflexão principal é a figura de Maria Auxiliadora Lara Barcelos e seu suicídio, sendo as memórias sobre Guarany, nesse caso, coadjuvantes. *A Fuga* é uma narrativa sobre o exílio e aí sim se trata de uma autobiografia, cujo personagem principal é o alter ego narrativo de Guarany, experienciando o exílio enquanto um militante latino-americano.

Todavia, ainda assim, são duas narrativas que se cruzam, em diversos pontos, a começar pelo fato de serem escritos pela mesma pessoa (em situações e com motivações

²⁰⁹ GUARANY, Reinaldo. *A Fuga*, São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 07.

²¹⁰ ROLLEMBERG, Denise. “Uma vida, duas autobiografias” (mimeo). Agradeço à autora pela pronta cessão de seu texto, de maneira tão gentil, apresentado na mesa “Testemunho e ditadura brasileira” do *Simpósio Escrever a Vida: Novas Abordagens de uma Teoria da Autobiografia*, na Universidade de São Paulo, em 20/09/2005.

diferentes). Como afirma Rollemberg, parte-se de um livro que se assemelha a um sonho, um sonho ruim e asfixiante, de uma narrativa que não era para ser compreendida nem pelo próprio autor (como afirmaria Guarany em entrevista), para algo mais claro, cujo estatuto de compreensão é tão necessário que chega a cair na ironia e no deboche.

A capa da única edição de *Os Fornos Quentes*, creditada a Jayme Leão, traz, além do nome do autor e do livro, do símbolo e do nome da editora no canto inferior esquerdo e da tarjeta avisando que o livro foi finalista do Prêmio Casa de Las Américas em 1978, uma série de impressões digitais, estampadas centralmente num retângulo, que oscilam do vermelho rubro para um tom mais claro, remetendo à idéia marcas no de sangue. No alto dessas impressões, estampa-se o gênero literário: Ficção Política.

Por contraste, a capa da também única edição d'*A Fuga* é uma cortina que está se abrindo ou fechando, revelando ou encobrendo formas e objetos sem um sentido em si para estarem reunidos no mesmo lugar²¹¹. As capas anunciariam alterações de representação sobre um mesmo fenômeno, sob o ponto de vista de um mesmo autor?

Os Fornos Quentes é a narrativa de um único dia, conturbado, cujo fluxo de consciência da personagem central se inicia e termina com a mesma notícia: o suicídio da companheira (Maria Auxiliadora). A partir desse evento trágico, o exílio é narrado sob diversas perspectivas – rememoração do passado pré-exílio; passagens por vários países e situações em exílio; os amigos encontrados e deixados, de diversas nacionalidades; a invenção de um general insano, símbolo dos ditadores latino-americanos – sendo que a central (embora não explicitamente mencionada) é a de Lara Barcelos, do momento em que ambos se conhecem até sua morte; e daí retornando num ciclo fechado de rememoração.

Entretanto, nesse livro, o autor não conta o exílio como um todo; mas, sim, seu fim terrível. Para compreendê-lo, sob a perspectiva de Guarany, é necessário recorrer à terceira parte de *A Fuga*, “Kaputt”.

Vidas e Narrativas em Abismo.

“No dia 13 de junho, formamos fila na frente do avião. Enquanto os flashes pipocavam, a porrada comia solta no nosso lombo. “Prá não sentirem

saudades”, explicava um dos batepaus.(...) Ao caminhar para a fila do avião, meus olhos se cruzaram com os de Dora e, somente então, fiquei lúcido daquela embriaguez de liberdade.”²¹²

No caso de Guarany, da maneira como ele narra suas memórias, é impossível falar da sua visão do passado no exílio sem mencionar Maria Auxiliadora Lara Barcelos²¹³, a *Dora*. Ela seria seu fiel da balança nas discussões políticas, na vivência da marginalidade no Chile, nas fugas subjetivas e objetivas da realidade. Ela é o começo e o fim das suas memórias.

A experiência chilena serviu para que estas constatações acima se consolidassem, bem como uma série de desafios em meio aos primeiros anos do processo democrático de esquerda naquele país. Um deles seria o deslocamento sentido em meio a uma sociedade estrangeira, por mais acolhedora que fosse aos banidos e exilados políticos; associa-se o descompasso a uma falta de contato inicial com a antiga organização²¹⁴ e o fantasma da violenta repressão brasileira, na figura do delegado Fleury que, segundo fontes chilenas da ALN e VPR, estaria no Chile. Guarany fora escolhido para ir ao hotel onde o delegado estaria hospedado, com duzentos escudos no bolso e duas armas, para assassiná-lo. Alarme falso.

É nesse ponto em que a figura de Maria Auxiliadora joga um papel fundamental, uma vez que, no passo em que o narrador de Guarany se encontrava, em franca marginalidade, ela trabalhava, estudava Medicina, discutia projetos políticos e tentava

²¹¹ Cf. Anexo de Capas.

²¹² GUARANY, Reinaldo. *A Fuga*, São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 99.

²¹³ Guarany afirma ter conquistado sua companheira de exílio no Chile, quando esta era cortejada pelo militante de apelido Tocha (que, segundo o autor narra à página 107 de *A Fuga*, “O cara era meio maluco, vivia condicionado pelos astros. Toda vez que Plutão alinhava-se com Peixes, Tocha deleitava-se com a pederastia e quando seu ascendente recebia a influência da Lua, ele casava, tinha filhos e era feliz por um ano. Resolvi salvar Dora e me meti naquela conversa. Acabei ganhando Dora.”). “Tocha” era Lúcio Flávio Uchoa Regueira, antigo militante da Dissidência da Guanabara (DI-GB), trocado pelo embaixador suíço em 1971 e responsável em 1974, como representante da Anistia Internacional, pelo salvamento de vários exilados brasileiros na Argentina, que lhes negara permissão de permanência em território nacional. Regueira conseguiu asilo para os exilados nas embaixadas de Cuba, Argélia e Suécia.

²¹⁴ “A ALN não aparecia e acumulávamos os problemas materiais. Como sobreviver? Havíamos recusado trabalho assim que chegamos e naquele momento não dava para correr atrás” (p. 104) Ou ainda: “Eu perambulava pela cidade o dia inteiro, procurando alguém para conversar, vendo que, aos poucos, todos iam ajeitando suas vidas, conseguindo emprego, montando casa e conformando-se em fixar residência no país. Geralmente eu acabava os dias nas barraquinhas de peixe do Mapocho, onde por algumas cervejas e outras tantas rodadas de pisco eu conseguia a companhia fugaz de cogoteiros (trombadinhas de Santiago, especializados em cortar o gogó dos incautos), putas e velhas cafetinas (...) e a minha mente embotada pela aguardente encontrava a paz(...) Mentia para Dora, dizia que passara o dia procurando emprego.(...)” (p.107)

melhorar a situação de vida de ambos. Era forte onde, naquele momento, ele não conseguia ser²¹⁵.

Após a recusa (embasada nas argumentações de Dora, que temia que ambos não pudessem retornar), em 1972, de seguir para Ásia, quando a ALN finalmente aparece no Chile (de forma precária, sendo destruída no Brasil e sem recursos para manutenção de seus militantes), Guarany e Maria Auxiliadora são punidos com um ano sem militância, no Chile. Período mais intenso de vivência no país, em estado permanente de iminência de um golpe de estado. Golpe este, que assim como relatado por Gabeira e Sirkis, igualmente o pega de surpresa e o faz correr, empreendendo mais uma nova fuga, dentro do exílio. Escapar da morte na mão de carabineiros, subornando um tenente por cem dólares, durante o toque de recolher. Dormir em caixa d'água, ao lado de uma casa de cachorro: tudo passado com Dora, até o asilo na embaixada mexicana.

Do México, que não os aceita e os expulsa do solo nacional, para Paris, com uma passagem por Bruxelas. Através de Régis Debray, via Ângelo Pezzuti, o autor consegue emprego na Universidade Paris-Nord. A sensação de dar voltas dentro de um circuito fechado é crescente: a impossibilidade de realização profissional – para ele e, especialmente, para Maria Auxiliadora, que queria ser médica – vigilância constante, medo

²¹⁵ Vários são os momentos em que Maria Auxiliadora aparece como essa figura de equilíbrio. Em *Os Fornos Quentes*, sua infância pobre e a luta para conseguir se instruir é recordada, através da memória de seu pai, de sua mãe. Dora sendo presa, em condições degradantes, tendo no DOPS a figura de Apolônio de Carvalho como apoio e incentivador moral constante. Na forma como é retratada, Maria Auxiliadora é sempre uma esperança: Para seus pais e irmãos, como a única a sair de casa, da roça, para estudar Medicina. Para os companheiros de luta, como uma mulher que não esmoreceu ante os piores momentos. Para Guarany, em *A Fuga*, a esperança reside em Dora como um exemplo a ser seguido: “Eu amava Dora, amava justo por ela ser aquilo que eu não estava conseguindo ser: forte na adversidade, amava-a pelo vigor com que ela encarava a “nova” vida, como se antes não tivesse havido nenhuma, enquanto eu me apegava ao passado, às “glórias” vividas, quase exigindo respeito reverencioso pelo herói que deveria representar, recusando-me à mediocridade do presente, reelaborando uma realidade que só quem vivia, era eu e os meus fantasmas, nos delírios a que eu era arrastado todas as madrugadas.” (p. 112) Trinta anos depois, para o autor, a esperança na mítica mulher que foi Maria Auxiliadora permanece: “(...) grande influência intelectual de minha vida e cujo suicídio em Berlim me deixou com seqüelas que duram até hoje – um tremendo sentimento de culpa. (...) Foi uma relação muito conturbada, da qual Dora tentou se libertar duas ou três vezes, e na qual um dia eu descobri que morava com uma pessoa desconhecida, porque nunca tentei começar a conhecer” (Entrevista concedida em 10/12/2004, por correio eletrônico, Rio de Janeiro, p. 20).

constante. Sensações permanentes que os acompanhariam até o próximo destino de fuga: o país dos fornos quentes.

“Anos mais tarde, quando eu subi no trem para abandonar definitivamente o país dos fornos quentes com Sabaneiro ajudando-me a carregar a pesada mala cheia de quinquilharia e dizendo-me: hermano, tranquilo, no te dejes agarrar por el miedo, me lembrei dessas noites. À medida que o trem ia avançando, vinham-me à mente as recordações daqueles primeiros tempos no Chile. Olhando para fora da janela vi que o ar estava tão poluído que daria para ser cortado a faca, que as chaminés das fábricas se elevavam tão alto que nunca poderíamos ver seu final. E pensando nos quase seis anos passados vi toda minha vida. A sensação de vazio era tão grande que já não importava mais para onde estava indo, pois afinal dali em diante seria tudo a mesma coisa”²¹⁶

A Alemanha, lembrando cadáveres, remete à morte de Maria Auxiliadora, em 1º de julho de 1976. Suicídio fruto de uma agudização crescente de crises, que a levaram a se atirar à frente de um trem numa manhã. Sua morte foi capaz de pressionar o governo da Alemanha Ocidental por melhores condições de estadia e assistência aos refugiados políticos, naquele país, até então tratados como indesejáveis, trazendo assim, mais uma vez, uma certa esperança a outras pessoas, em meio a mais um evento trágico. A morte de Maria Auxiliadora provocaria a confecção de um segundo filme sobre a situação dos exilados latino-americanos em solo europeu. Este, de nome *Quando o momento chegar*²¹⁷. Igualmente tal morte desencadeou um sentimento de medo e desolação profundos na comunidade de exilados brasileiros, aumentando os laços de solidariedade entre eles, num momento de extrema indeterminação. E, por fim, a morte de Maria Auxiliadora provocaria uma parcela de culpa latente em seu parceiro, fazendo-o escrever um testemunho político e

²¹⁶ GUARANY, Reinaldo. *Os Fornos Quentes*, São Paulo: Alfa-Ômega, 1978, p. 81.

²¹⁷ “Chegando na Suécia, Luiz Alberto Sans e um grupo de cineastas suecos ligados ao Filmcentrum – uma associação de cineastas independentes – me propuseram fazer um filme sobre os exilados brasileiros na Europa, usando o caso Dora como pilar central. Eu estava muito tomado de culpa, mas aceitei. Escrevi um primeiro roteiro, que Luiz e Lars Säfström modificaram. Luiz sugeriu que eu transformasse aquele primeiro roteiro num livro para mandar ao Prêmio Casa de Las Americas em Cuba. Foi como comecei a escrever *Os Fornos Quentes*. Acontece que sempre que eu examinava o “caso Dora” me descobria culpado. Então passei a usar de uma linguagem muito metafórica, de uma confusão proposital entre presente e passado, entre narrador e objeto da narrativa, com trocas de pessoas na mesma oração, parágrafo etc. Hoje sei que além da influência de *Pan América*, de José Agrippino de Paula, e de *O Outono do Patriarca*, de Garcia Marques, essa foi minha maneira de me esconder, de ocultar uma ação ou várias ações minhas que julgava co-responsáveis pela morte de Dora. Ao mesmo tempo, eu estava falando de Dora, quase com Dora presente.” – Entrevista com Reinaldo Guarany, concedida em 10/12/2004, por correio eletrônico, no Rio de Janeiro, p. 24.

um roteiro para um filme onde aparecem suas últimas imagens. *Os Fornos Quentes* é um pesadelo narrativo, uma argumentação em abismo, em que personagens e histórias rodopiam nos fracassos de utopias políticas e pessoais. É também uma narrativa feita para a afirmação de uma identidade – daí as impressões digitais na capa, em meio ao sangue –. Da mesma maneira, é a marca da última das fugas de Guarany, então na Suécia, para onde fora deportado por intervenção do primeiro-ministro social-democrata Olof Palme, após o suicídio.

“E empreendi fuga para Estocolmo. Pressionado por minha irmã, Olof Palme, primeiro-ministro da Suécia, concedeu-me asilo político. Fato inédito na relação Suécia-Alemanha, pois eu aleguei problemas políticos em Berlim. Ele me enviou uma carta, que seria meu único documento na viagem, na qual constava meu nome, minha idade e a palavra APÁTRIDA.

Resolvi viajar à noite, seria mais fácil sair do país. Sabaneiro acompanhou-me até a estação em Berlim Oriental. Assim que pisei na estação, fui preso por falta de documentos. Expliquei que estava indo para a Suécia, mostrei a carta do primeiro-ministro e os guardas chegaram à seguinte conclusão: tudo bem, viajar para Estocolmo eu podia, mas não podia atravessar o glorioso solo da Alemanha Oriental sem nenhum documento de identidade. Então, você está sendo preso, cara, e vai ser expulso para a Suécia.(...) [Já em solo sueco] alguém deu o maior esporro nos policiais por duvidarem da assinatura do Olof Palme. Minha irmã Lilian havia feito o maior banzé e acabou ganhando o Palme para a minha causa. A ordem era para eu fosse recebido como hóspede do Estado.”²¹⁸

A Suécia é o país onde, em pesadelos acordados, os mortos vêm-no visitar e onde as últimas arestas da figura do guerrilheiro heróico são cortadas. Naquele momento, sem laços afetivos ou políticos no exílio – que remetessem ao Brasil, para além da colônia dos exilados –; agora, sem perspectivas, há muito tempo, de participação ativa num processo revolucionário²¹⁹, a pergunta sobre o quê fazer se torna mais e mais premente, bem como para onde sinalizar.

²¹⁸ GUARANY, Reinaldo. *A Fuga*, São Paulo: Brasiliense, 1984, pp. 142-143.

²¹⁹ Mesmo com a Revolução dos Cravos, acontecida em 1974, ou a emancipação política de países africanos como Moçambique estivessem em curso (para onde muitos exilados brasileiros tinham se dirigido): a participação política como sujeitos históricos nesse processos é sempre de coadjuvação e não mais como

“Todos, invariavelmente todos apareceram por lá. Aldo, mais magro e vestido com uma capa longa de poeta francês, que na maioria das vezes nada falava, sentava-se em um canto da sala, amuado com sua condição de morto, e o máximo que fazia era recitar sua última poesia. Nonatinho, todo furado de balas, que às vezes me gozava pela condição de exilado desbundado e às vezes me consolava pelo suicídio de Dora. A Nacinovic, ainda bela e com o mesmo rosto de anos atrás, sem nenhuma ruga, mas um pouco amarelecido como uma página de um livro envelhecido. E Dora, revezando-se entre o amor e o ódio que nutria por mim. (...) O Brasil era algo remoto em minha mente. O concreto em minha memória eram as visitas dos fantasmas, meu cotidiano de vigia de escolas e os encontros diários com Cap e seus papos no chá das cinco.”²²⁰

“Ah, coisa sacana e inexorável é o tempo. Nosso ídolos de música da juventude deviam estar se parecendo com titias enrugadas e mal-humoradas, nossa gíria devia estar fora de moda, nossos sonhos amarelecidos pelo bolor das estantes da memória. O exílio fora uma espécie de corte no tempo e sempre que nos referíamos ao Brasil ou aos amigos do passado, falávamos como se fosse algo guardado na gaveta.”²²¹

Os Fornos Quentes e *A Fuga* são parentes muito próximos de *Em Câmara Lenta*, acentuando-se entre os três, com maior ou menor ênfase, aspectos semelhantes. Seria acertado conferir o mesmo subtítulo à análise daquelas duas obras pelo que denominei para o romance de Tapajós (“Bifrontalidade e Sobrevivência”). Destarte, cabe agora perguntar de que maneira essa categoria de *narrativa bifronte* ou *ambivalente* se aplica aos trabalhos de Guarany. E, decorrência da mesma pergunta, quais os usos e significados disso.

A resposta narrativa que Tapajós cria a essas perguntas é resultado das reflexões coletivas no Presídio Tiradentes, onde ainda havia um pólo concentrado de sua antiga organização, a Ala Vermelha. No caso de Guarany, sua obra é uma criação solitária, sem qualquer vínculo, segundo relata, à organização à qual pertencia (Ação Libertadora Nacional). O pano de fundo de seu trabalho, no entanto, é o exílio e seus personagens.

vanguarda ou direção de qualquer movimento. Cf. ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*, Rio de Janeiro: Record, 1999.

²²⁰ GUARANY, Reinaldo. *A Fuga*, São Paulo: Brasiliense, 1984, pp. 145-146.

Contudo, ambas as obras são povoadas e motivadas pelas memórias dos fantasmas, seja de antigos companheiros, seja de antigos projetos. A resposta de Tapajós é a criação de um arquétipo radical, cujas leituras podem ser múltiplas, sendo uma delas a do próprio autor, cuja narrativa da morte é um testemunho da sobrevivência do sujeito histórico. No caso de Guarany, cujos romances não tiveram impactos críticos semelhantes aos seus três predecessores analisados, a saída é a nudez dos fatos, beirando a insensibilidade tanto com o próprio narrador como para virtuais leitores com a expectativa da imagem do guerrilheiro heróico.

A Suécia é o país de reencontro com fantasmagorias, de vivência numa sociedade social-democrata, cujos índices de desenvolvimento social são altos e contrastantes com o Brasil, mas, cuja população – na visão do narrador – parece estéril e lobotomizada. A Suécia é também o ponto de referência de suas memórias, o local onde escreve e onde entra numa nova situação de marginalidade, após o suicídio da companheira. Não por conta de ausência de trabalho e estudo, pois tinha dois empregos. Mas em relação ao próprio passado e em relação às suas ações naquele presente.

Haveria, portanto, um descompasso entre a memória e a vida daquele momento, que precisaria ser acertado caso, inclusive, se quisesse um dia, retornar ao Brasil. Não mais um guerrilheiro e, sim, um cidadão comum; não mais parte da vanguarda política, mas, sim, um coadjuvante. Simbolicamente, no texto, não mais *blood on the tracks*, como na canção de Dylan, mas *on the rocks*, como um drinque qualquer sorvido por um cidadão qualquer²²².

O impacto dessas mensagens serão apresentadas no próximo capítulo.

²²¹ *Idem, ibidem*, p. 150.

²²² “No Galeão [1º de janeiro de 1980] havia uma multidão me esperando, esperando o “guerrilheiro heróico”. Coitados, mal sabiam que a última maquiagem de selva fora deixada nas mãos de um goiano que babava de raiva. Lá fora, Gaguinho puxou-me pela manga da camisa e sussurrou a pergunta:

- Blood...

Não deixei que ele terminasse, fui logo dizendo:

- On the rocks.”

Cf. GUARANY, Reinaldo. *A Fuga*, São Paulo: Brasiliense, 1984, p. 154. Colchetes meus.

Capítulo 4 : Estudos

Histórias de Leituras & Recepção Crítica às Obras e seus Autores

“Deixa eu fazer uma pergunta, a última: todos os exilados estão voltando e fazendo uma profissão de fé democrática. Todos estão pedindo que se acredite na sinceridade democrática, que se confie, por exemplo, nas autocríticas que estão sendo feitas. Que tipo de garantia se pode ter, levando-se em consideração que boa parte dos que estão voltando hoje, e boa parte dos que estão no poder também, cometeram ações que realmente ferem a legalidade, quer dizer, romperam com a chamada legalidade constitucional, se é que havia alguma. Então, há uma situação em que se tem de confiar na palavra, no discurso que está sendo veiculado através dos jornais. Que tipo de garantia você traz? Eu só posso falar da sua experiência e você também. É possível acreditar que a democracia seja um objetivo estritamente estratégico, hoje, e não apenas no momento em que todos estão posando de democratas para, em seguida, tomar o poder e aí instaurar uma ditadura stalinista ou qualquer coisa assim?”²²³

Afirmou-se, no capítulo anterior, que o aspecto da bifrontalidade existente na narrativa dos exilados representa uma análise e um uso do passado, tendo como foco atuações no presente do retorno à vida na sociedade brasileira. Tem-se como referência para narrar a experiência pregressa de prisão e/ou exílio, um Brasil diferente daquele que se objetiva recordar; diferente em relação aos personagens políticos ou ao papel ocupado por tais personagens.

A categoria da bifrontalidade também pode ser dimensionada pela recepção crítica que tais olhares e análises têm sobre aqueles que as leram e que com elas terão de dialogar. A *narrativa bifronte*, portanto, pressupõe certos leitores e leituras, que jogarão com as expectativas dos autores e a elas reagirão. A ambivalência ou a validade discursiva deverá ser testada, nos campos teórico e prático da atuação política. E, como se verá nesse último capítulo, tais aspectos foram efetivamente cobrados, implicando em questões e respostas

²²³ Pergunta elaborada por Reinaldo Lobo a Fernando Gabeira, em entrevista concedida a Lobo, Lenildo Tabosa Pessoa e Marco Antônio Rocha. In: “Democracia, um debate com Fernando Gabeira”, *Jornal da Tarde*, 22/09/1979.

múltiplas de e para uma nova realidade complexa, encontrada pelos autores e sua fração geracional. De certa maneira, isso tem efeito sobre as trajetórias diversas que assumiram os mesmos após seus retornos à sociedade. Com uma característica comum a todos os autores e à maioria de sua fração geracional, que pode parecer uma afirmação banal: ninguém deixou, em nenhum aspecto, de fazer ou pertencer à cena política.

Esse capítulo está dividido em duas partes: **a primeira**, sobre a recepção crítica das obras e autores²²⁴. **A segunda**, sobre aspectos das trajetórias dos autores na sua volta. No primeiro caso, tem-se em mente a idéia de que *um livro não é apenas um livro*, mas um *complexo de relações sociais numa circunstância histórica*; e, portanto, de alguma maneira, a ela submetido. No segundo caso, faz-se um exercício – que se demonstrará incompleto, como será esclarecido adiante – de verificar como a tal reinserção na nova realidade se realizou, efetivamente, de forma precária em alguns aspectos. É o que se quer demonstrar.

Disputas de Leituras, Guerras de Interpretação, Livre Exercício do Arbítrio.

Em Câmara Lenta foi lançado em São Paulo, em maio de 1977²²⁵. O lançamento, segundo o sociólogo Marcelo Ridenti, “(...) reuniu uma pequena multidão, convertendo-se num ato político.”²²⁶

Tratava-se do primeiro livro de memórias, um romance, fruto de um militante ativo do período de desenvolvimento e fim das ações armadas e guerrilha urbana. O livro ficou pouco menos que um mês à venda nas livrarias, esgotando rapidamente sua primeira edição

²²⁴ Sobre a recepção estética de obras, ver: ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*, São Paulo: Ática, 1989; JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*, São Paulo: Ática, 1993.

²²⁵ O autor esteve preso entre 1969 e 1974. Começou, como já foi dito, a escrever o livro em 1973. Entre 1975 e 1977 recebeu a recusa de várias editoras, como a Ática e Civilização Brasileira, que consideraram o momento impróprio para lançar uma obra como aquela. A editora que o acolheu, a Alfa-Ômega, havia acabado de lançar a reportagem *A Ilha*, de Fernando Morais e estaria, segundo Marcelo S. Ridenti, “embalada” em publicar material de esquerda, pois fazia sucesso. (Cf. RIDENTI, Marcelo. *Em busca do povo brasileiro*, Rio de Janeiro: Record, 2000, p. 154). De acordo com Fernando Mangarielo, editor e dono da Alfa-Ômega, o que o levou a publicar estas e outras obras foi “(...)o destemor, a identificação com os clamores.” da época (Cf. Entrevista concedida por Fernando Mangarielo ao autor, em 08/07/2005, em São Paulo, Transcrição da Fita 1, Lado B, p. 21).

²²⁶ Cf. RIDENTI, Marcelo. *Op. Cit.*, p. 154.

de três mil exemplares. Alguns de seus leitores foram membros do aparelho repressivo do Estado, particularmente da Polícia Civil do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS) e do II Exército, bem como o então Secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, o Coronel Antônio Erasmo Dias.

Após as leituras destes últimos, em 27 de julho de 1977, no fim de tarde de uma quarta-feira, no pátio da Editora Abril, onde o autor trabalhava à ocasião, Renato Carvalho Tapajós foi preso por investigadores do DEOPS, chefiados pelo delegado Sérgio Fernando Paranhos Fleury. Configurava-se assim o segundo caso na história editorial e literária brasileira de um autor preso pelo conteúdo de sua obra, no período republicano, expressando suas idéias na forma de um livro²²⁷.

O impacto de tal prisão e o espanto causados pelo fato podem ser sentidos pela mobilização urgente que apareceu nos órgãos de imprensa, tanto da Imprensa Alternativa como de grandes jornais e revistas. Também pode ser medido pela perplexidade ante uma ação que colocava sob suspeita os planos do General Ernesto Geisel, para uma abertura lenta, gradual e segura, sinalizados, como escreveu Élio Gaspari²²⁸, desde a noite de 12/01/1976, quando o General Presidente tomara a decisão de punir com demissão o subordinado de quatro estrelas, General Ednardo d'Ávila Mello, por conta da morte do preso político Manuel Fiel Filho, nas dependências do II Exército.

O livro de Tapajós recebeu uma primeira crítica da Grande Imprensa nas páginas da revista *Veja*, em sua edição da semana de 13/07/1977. Duas semanas antes da prisão do autor, a jornalista Marilena Vianna intitulava suas observações críticas acerca do romance como sendo apenas “Um bom projeto”, uma boa idéia que poderia ter contribuído para a revisão crítica do período pós-1964 e que, no entanto, não o fez, sendo impregnada e limitada por uma emoção exacerbada e unilateralismo analítico que contaminariam a obra. Segundo Vianna:

²²⁷ O primeiro escritor preso por delito semelhante foi José Bento Monteiro Lobato, com o livro *A Questão do Petróleo*, em 1941, pois teria infligido a Segurança Nacional.

²²⁸ Cf. “Alice e o Camaleão” In: GASPARI, Élio, HOLLANDA, Heloísa B. de. & VENTURA, Zuenir. *Cultura em Trânsito*, Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999, p. 13.

“Este romance, entretanto, distingue-se de tudo o que se vem escrevendo sobre o assunto, pelo ineditismo de tratamento, num estilo predominantemente jornalístico, com uma clara tendência ao documental; o enfraquecimento da carga ficcional é, por sua vez, compensado pelo impacto da ação, que, no livro de Renato Tapajós, ocupa lugar privilegiado, centralizando a narrativa; nisto reside sua originalidade (...).

Não conseguindo superar o tom do depoimento pessoal emocionado, o romance não chega a marcar sua presença, de modo significativo, na literatura de revisão do pós-64, por não representar uma tentativa real de interpretação histórica. Ele ousa na distribuição dos papéis principais, na dramatização do assunto; mas pela cumplicidade de sua linguagem, pela forma maniqueísta de equacionar o modo de ser político, a respeito do qual mostra-se profundamente romântico e inocente, fraqueja na crítica e perde-se na passionalidade”²²⁹

Não foi a mesma opinião de outros leitores da obra de Tapajós, distribuídos no aparato repressivo do Estado, em outros veículos da imprensa ou, posteriormente, na crítica e análise acadêmica, de quem sua obra mereceria atenção tão logo fora publicada²³⁰. Tratando dos primeiros, a opinião propiciada por *Em Câmara Lenta* era de que a obra possuiria *um alto teor subversivo*. No dia 18/07/1977, cinco dias após a matéria de *Veja*, o delegado Sérgio Fernando P. Fleury encaminharia à Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública um ofício, dizendo ter tomado ciência da publicação da obra do autor, que estaria cumprindo liberdade condicional por ter infligido a Lei de Segurança Nacional (LSN). Ele a teria violado novamente por, segundo o delegado, ter escrito “*A obra, cuja análise ora se encaminha, é uma apologia do “terrorismo da subversão e da guerrilha em todos os seus aspectos.”* (sic)²³¹.

Por sua vez, na quinta-feira do dia 21/07/1977, a Secretaria de Segurança Pública emitiu documentação confidencial, de difusão restrita a órgãos de informação e repressão do Estado, através de sua Seção de Informações, comunicando a Informação n.º 0713/77 – 12109, afirmando que:

²²⁹ Cf. VIANNA, Marilena. “Um bom projeto” In: *Veja*, São Paulo: Abril, n.º 462, 13/07/1977, p. 122

²³⁰ Cf. FILHO, Armando F., HOLLANDA, Heloísa B. de. & GONÇALVES, Marcos A. *Anos 70: Literatura*, RJ: Edições Europa, 1979; MACHADO, Janete Aparecida Gaspar. *Constantes Ficcionalis em Romances dos Anos 70*, Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981; FRANCO, Renato B. *Ficção e Política no Brasil: os anos 70*. Campinas [SP:s.n], 1992.

²³¹ Ofício n.º. 818/77, documento 40-Z-11-128 (microfilme). Acervo DEOPS, Arquivo Público do Estado de São Paulo. Cf. Anexo de Documentos.

“Informação Nº 0713/77 – 12109

A obra “CÂMARA LENTA” de Renato Tapajós: Editora Alfa-Ômega: 1977 – é uma apologia do terrorismo, da subversão e da guerrilha em todos os seus aspectos.

É um “romance” lírico, apaixonado e fanático em que se *[ilegível]* e se venera o terrorista, o guerrilheiro, e ao mesmo tempo que se execra o policial e o militar.

É uma obra essencialmente feita dentro da dialética marxista, tendo como doutrina e moral a ética comunista. O Comunista não mata, mas liberta! O Comunista não rouba, expropria!

O assassinato de um policial a tiros de metralhadora é tratado como fato apenas de passagem na narração: a prisão de um terrorista é traduzido num quadro de tortura e de violência que choca a qualquer mortal (vide os trechos: *[ilegível]*) Assim, dentro do *[ilegível]*, o terrorista é endeuzado (sic) *[ilegível até o fim do documento, que são mais três linhas]*²³²

Esses argumentos balizaram uma ordem de prisão, ainda que não tivesse sido avalizada pelo procurador da 3ª Auditoria Militar, Henrique Vailati Filho – que recebeu a obra, para apreciação, no dia 22/07/1977 –. A ordem de prisão foi emitida pelo Coronel Antônio Erasmo Dias, seguida de determinação de incomunicabilidade do preso por dez dias. Segundo a matéria publicada no jornal *Folha de São Paulo*, de 29/07/1977, na sexta-feira, dois dias seguintes à prisão de Renato Tapajós:

“Para o coronel Erasmo Dias, o livro de Renato Tapajós “é uma cartilha subversiva e, depois de ler o romance, cheguei à conclusão de que ele tem mais valia para a subversão do que o “Livro Vermelho” de Mao Tse Tung ou a “Cartilha da “Che Guevara”(sic)

Quanto à apreensão da obra o secretário da Segurança Pública afirmou que isso não lhe compete e que os órgãos competentes já foram informados. E acrescentou que Renato Tapajós “é um bom escritor e seu livro foi bem elaborado, mas não tem condição de ficar exposto à venda”²³³

Matéria semelhante foi publicada pelo *Jornal do Brasil*, no mesmo dia, sendo mais incisiva no título, bem encadeado e com clara intenção de demonstrar o arbítrio: “Secretário

²³² Informação n.º 0713/77 – 12109. Documento: 21-Z-14-3249 (microfilme). Acervo DEOPS. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Colchetes meus. Cf. Anexo de Documentos. Observar no mesmo anexo o Relatório Diário de número 602, do DEOPS.

²³³ “Livro publicado provoca a prisão do escritor” In: *Folha de São Paulo*, 29 de julho de 1977.

de Segurança de S. Paulo lê romance, acha-o subversivo e prende autor”. O jornal destacaria ainda que :

“O livro foi editado normalmente. *Casualmente*, o romance caiu nas mãos do Coronel Antônio Erasmo Dias, que encaminhou os informes básicos para apurações e providências do DOPS. O delegado Alcides Singillo, ainda no dia 27, oficiou ao Juiz-Auditor Francisco Fernando Rodrigues, da 3ª Auditoria da 2ª CJM, informando que Renato Tapajós se encontrava preso naquele departamento, indiciado em inquérito”²³⁴

Três aspectos chamam a atenção nessas reportagens. Primeiro, a *ausência da causalidade* apontada pelo jornal que, como foi visto acima na documentação do DEOPS, não existiu. Segundo, a *não-apreensão da obra*, decisão que não teria sido cogitada em detrimento da prisão do autor e cujo expediente era mais comumente praticado pela Censura Federal. Decorrencia deste ponto, a *prisão do autor*, à revelia do indicativo do procurador Vailati Filho, que não a julgara necessária, naquele primeiro momento, para a confecção do inquérito. Bastaria a apreensão e análise da obra.

Daí surgir a incômoda pergunta, expressa nos jornais dos dias seguintes: Por quê Tapajós foi preso?

Censurado em São Paulo, mas não no Brasil: Desentendimento e Incompreensão.

A partir do dia 30 de julho de 1977, sábado, quase quotidianamente, estendendo-se por todo o mês de agosto, ocorrem intervenções na imprensa, de intelectuais e associações, sendo entrevistados e publicando notas de protesto contra a prisão. O primeiro jornal a fazer isso é *O Estado de São Paulo*. Na sua edição de 30/07/1977, os professores Dalmo de Abreu Dallari – da Faculdade de Direito da USP e então presidente da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de SP – e Paulo Sérgio Pinheiro – sociólogo da UNICAMP e membro do Conselho Orientador da Editora Alfa-Ômega – são entrevistados acerca da prisão do escritor. Ambos o defendem, sendo que o primeiro caracteriza como

²³⁴ “Secretário de Segurança Pública lê romance, acha-o subversivo e prende autor” In: *Jornal do Brasil*, 29 de julho de 1977. Grifos meus.

inconstitucional sua prisão (bem como a possibilidade de censura à sua obra) e o segundo aprova o romance, “(...) *como uma obra perfeitamente enquadrada no gênero literário. Como leitor, ele destaca, inclusive, a técnica narrativa inovadora de Renato Tapajós que soube tomar o tema e desenvolvê-lo numa atmosfera literária surpreendente*”.

Para o professor Dallari, seria pouco provável que uma obra de ficção pudesse ser interpretada como meio mais adequado para a realização de propaganda de subversão política. Além disso, a prisão do escritor permaneceria indefensável e arbitrária

“(...)pois o autor tinha residência conhecida, profissão devidamente legalizada e não constituía, portanto, nenhuma ameaça à ordem pública pelo fato de estar livre”. O fato também de ter publicado seu romance com publicidade e através de uma editora cujo proprietário, Fernando Mangarielo, patrocinou o valor literário da obra, demonstra que “o escritor teve boa fé e não justifica prisão preventiva”, segundo o professor Dallari”.²³⁵

Nos dias que se sucederam, a Associação Paulista de Cineastas²³⁶, a União Brasileira dos Escritores²³⁷, e a Ordem dos Advogados do Brasil, na figura de seu Presidente do Conselho Federal, Raimundo Faoro²³⁸, protestaram contra a prisão. No caso do manifesto da UBE, a leitura que faz do romance de Tapajós, certamente em sua defesa, não seria a mesma esperada pelo autor. O manifesto afirma a certa altura que:

“(...)Contra a tortura estamos todos: está o presidente desta entidade, estão seus associados, está o presidente Geisel, o comandante do II Exército ou o Coronel Erasmo Dias – todos. É evidenciada nesse romance a **ingênu**a **generosidade** dos jovens que despreparados, isolados de tudo e de todos, sem contato com o povo, os trabalhadores e opinião pública, mas querendo mudar o mundo sem conhecê-lo ou ouvi-lo.(...)”

Há não muito tempo, as autoridades brasileiras se encarregaram de divulgar, através de todos os meios de publicidade, as confissões e o arrependimento de jovens condenados por atos de terrorismo. Agora, Renato

²³⁵ “Prisão de ficcionista constitui fato inédito” In: *O Estado de São Paulo*, 30 de julho de 1977.

²³⁶ “Cineastas protestam contra a prisão de Renato Tapajós” In: *Folha de São Paulo*, 31 de julho de 1977.

²³⁷ “Escritores divulgam protesto contra a prisão de Tapajós” In: *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 1977.

²³⁸ “Advogado pede acesso ao preso” In: *Folha de São Paulo*, 02 de agosto de 1977.

Tapajós apenas coloca em termos de ficção o mesmo libelo contra os que se entregaram à **mesquinha agitação** (sic) em que o povo era ignorado.”²³⁹

Nem mesmo a União Brasileira de Escritores (UBE) entendeu – ou demonstrou querer entender – *Em Câmara Lenta*. Tapajós nunca renegou sua experiência e nem seu livro foi feito para isso ou para detratar seus antigos companheiros. Por outro lado, o sociólogo e jurista Raimundo Faoro, ao comentar a prisão e os fatos que a encerram, resume em poucas e irônicas palavras o quadro de desentendimento e incompreensão – fosse no âmbito do Direito ou no âmbito literário – criado pela prisão de Renato Tapajós:

“(…)O presidente do Conselho Federal da OAB, Raimundo Faoro, comentando a prisão de Renato Tapajós, declarou ser espantoso que havendo Censura Federal, com poderes draconianos, poderes de verificação prévia – segundo uma lei que reputamos inconstitucional mas que está em pleno vigor – a polícia estadual interfira e repute subversivo um livro que à Censura Federal não causou nenhuma impressão negativa. O que se pode concluir é que existe um livro não subversivo para o País, mas especificamente subversivo para São Paulo.”²⁴⁰

Os editores de Tapajós, o casal Fernando e Claudete Mangarielo, foram intimados, no dia 03 de agosto de 1977, a depor sobre o livro que publicaram e que, até aquela data, ainda não havia sido censurado e já esgotara sua primeira edição. Nessa ocasião, o então deputado do MDB, Alberto Goldman e a Academia Brasileira de Letras, representada por seu presidente Austregésilo de Athayde, manifestaram seu repúdio à prisão de Tapajós, que permanecia incomunicável e era defendido pelo advogado Aldo Lins e Silva – de quem os órgãos de informação diriam se tratar de notório defensor de presos políticos e elemento de esquerda –. A Câmara Brasileira do Livro, através de Mário Fittipaldi, também manifestou seu protesto, naqueles dias, assim como o Sindicato dos Escritores de São Paulo, numa pressão constante entre os dias 02 e 05 de agosto de 1977.

No depoimento dos Mangarielo, no dia 03, o editor teria afirmado, segundo o jornal *Folha de São Paulo*, que “(...) os critérios empregados para a edição do livro foram uma análise de conteúdo sobre o valor literário da obra e a realização de uma pesquisa

²³⁹ Cf. “Escritores divulgam protesto contra a prisão de Tapajós” In: *O Estado de São Paulo*, 02 de agosto de 1977. Os grifos em negrito e a indicação de “sic” são do próprio jornal.

²⁴⁰ Cf. Nota de Rodapé 242.

mercadológica, “que resultou satisfatória, visto que os livros que tratam de ficção política provocam grande receptividade junto ao público”²⁴¹.

Duas semanas mais tarde, no dia 17/08/1977, o comando do II Exército emitiria uma opinião diferente acerca do livro, em seus mais diferentes aspectos (desde a composição física até as intenções de seu conteúdo). Em seu *Relatório de Análise*, de número 201, a certa altura, o documento afirma que o livro foi produzido com “*Capa e interior elaborados em papel de baixo preço, objetivando o barateamento de produção, escrito com letras graúdas e linguagem fácil para atingir diversificados níveis de leitores*”²⁴². Voltar-se-á a esse relatório mais adiante.

A incomunicabilidade de Tapajós – que até então não tinha o direito de avistar-se com advogados ou receber visitas, ler jornais, livros etc. – terminou no dia 06 de agosto de 1977. Ainda assim, permaneceria com prisão preventiva decretada por mais 30 dias, período no qual continuaria a prestar depoimentos. Nesse ínterim, entre 06 e 09 de agosto, foi lançado em São Paulo manifesto com quase 800 assinaturas de escritores, jornalistas, artistas plásticos etc. A notícia e o manifesto foram divulgados pelos jornais *Folha de São Paulo* e *O Estado de São Paulo* no mesmo dia (09/08/1977), sendo que no primeiro mereceram apenas uma pequena nota de poucas linhas; e, no segundo, publicou-se o texto como um todo, embora sem as assinaturas, como pode ser visto abaixo:

“Nós abaixo-assinados, escritores, cineastas, jornalistas, atores, teatrólogos e artistas plásticos, profissionais cuja atividade depende fundamentalmente da liberdade de pensamento e de expressão, protestamos publicamente contra a prisão, em São Paulo, do escritor Renato Tapajós. Achamos impertinente ao caso a discussão do passado do escritor: trata-se de fatos julgados pelo Judiciário, que não podem ser invocados para justificar a arbitrariedade cometida agora. Pela primeira vez no Brasil, um autor é preso porque o conteúdo de seu romance, editado e vendido legalmente, foi considerado subversivo pela autoridade policial. Essa violência fere frontalmente a liberdade de manifestação de pensamento, consagrada nos

²⁴¹ “Editor de Tapajós presta depoimento no Deops paulista” In: *Folha de São Paulo*, 04 de agosto de 1977.

²⁴² Cf. Anexo de Documentos.

“Direitos e Garantias Individuais” da Constituição e, pelo precedente que estabelece, constitui para todos nós uma ameaça intolerável. Agosto de 1977”.²⁴³

Somente quase um mês depois da prisão de seu autor e três meses depois de seu lançamento que *Em Câmara Lenta* foi censurado em nível nacional pelo então Ministro da Justiça, Armando Falcão. O assunto foi noticiado apenas pela *Folha de São Paulo*, de 13/08/1977

“BRASÍLIA (Sucursal) – O ministro da Justiça, Armando Falcão, assinou despacho ontem, proibindo a publicação e circulação em todo o território nacional do livro “Em Câmara Lenta”, da autoria de Renato Tapajós, escritor e jornalista preso recentemente por determinação do secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, coronel Erasmo Dias. Por outro lado, foi determinado à Polícia Federal a apreensão de todos os exemplares expostos à venda.

A proibição de “Em Câmara Lenta”, publicado pela Editora Alfa-Ômega de São Paulo, foi baseada no artigo 54 do decreto lei 898, de 29 de setembro de 1969 – Lei de Segurança Nacional. O despacho do ministro Armando Falcão foi encaminhado à Procuradoria Geral junto à Justiça Militar.”²⁴⁴

Numa ação concertada, apreende-se o livro de Tapajós, censura-se e expede-se o recolhimento ao mesmo tempo em que se pede a sua prisão preventiva, por crime de incitação à subversão, baseado na Lei de Segurança Nacional. A notícia deste fato é realizada pelo jornal *O Estado de São Paulo*, de 18 de agosto de 1977.

“O delegado Alcides Singillo, da Divisão de Ordem Social do Deops de São Paulo encaminhou ontem 2ª Circunscrição Judiciária Militar o inquérito em que é indiciado o jornalista Renato Carvalho Tapajós, por subversão e solicitou a decretação de prisão preventiva. Singillo, que presidiu o inquérito, fez uma demorada análise do livro “Em Câmara Lenta” e da atuação do acusado dentro da ala vermelha do Partido Comunista do Brasil, retratada integralmente, segundo o delegado, no livro. (...).

No inquérito realizado pelo Deops e encaminhado à Justiça Militar, o delegado Singillo afirma que o livro de Tapajós não apresenta uma ficção, “mas

²⁴³ “Prisão de Tapajós: mais dois protestos” In: *O Estado de São Paulo*, 09 de agosto de 1977.

²⁴⁴ “Falcão proíbe livro de Tapajós” In: *Folha de São Paulo*, 13 de agosto de 1977.

sim uma apologia da subversão, do terrorismo e da guerrilha rural e urbana”. O delegado assegura que, de acordo com confissão do autor, os personagens principais são o próprio Renato Tapajós, sua cunhada Aurora Furtado, ex-militante da Aliança Libertadora Nacional, morta na prisão, e seu amante José Arantes.²⁴⁵

A demorada análise do livro de que fala a reportagem é o “Relatório de Análise nº 201”, datado em 17/08/1977, cuja autoria do remetente e do destinatário, no II Exército, é feita por meio de códigos²⁴⁶. Trata-se de documento de nove páginas, que faz um resumo, inicialmente, das atividades de Tapajós na Ala Vermelha, que o condenaram à prisão entre 1969 e 1974. Após isso, o documento faz uma breve apresentação da Editora Alfa-Ômega e de seus membros à época da publicação de *Em Câmara Lenta* (editores, conselho orientador, revisores etc.). Na seqüência, em seu quinto item (reproduzido nessa dissertação, no Anexo de Documentos), procede-se a uma “Análise Circunstancial da Obra”, que se ocupa em provar que o livro de Tapajós, da maneira física como foi editado – papel, tipografia etc.) – passando pela capa até o seu conteúdo, é instrumento para incitação à subversão, concluindo pela culpa de Tapajós. E ressalta ainda o precedente perigoso que publicações como a obra *Em Câmara Lenta* abririam, naquilo que parte da crítica literária chamou de *Moderno Memorialismo Brasileiro*. Como conclui Singillo, ao final de seu relatório:

“Outro aspecto a ser abordado é que o livro “EM CÂMARA LENTA” seja nada menos que o embrião de uma nova modalidade de ataques e calúnias aos Governos, disfarçada por uma casca literária, o que confirma a publicação pela mesma editora do livro “UMA VIDA EM SEIS TEMPOS (MEMÓRIAS)”, de autoria de um ex-membro do Comitê Central do PCB, o qual já está sendo objeto de análise por esta Seção, onde se percebe um afinamento acadêmico com a técnica de terrível eficácia, utilizada por PAUL JOSEPH GOEBBELS, Ministro da Propaganda da Alemanha Nazista, baseada na premissa “Mintam, mintam que sempre alguma coisa ficará”²⁴⁷.

²⁴⁵ “Pedida a prisão de Renato Tapajós” In: *O Estado de São Paulo*, 18 de agosto de 1977.

²⁴⁶ Cf. Anexo de Documentos.

²⁴⁷ “Relatório de Análise n.º 201 – Conclusão”. Documento 50-Z-41891 (Pasta). Acervo DEOPS. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

O advogado de Renato Tapajós e da Alfa-Ômega, Dr. Aldo Lins e Silva, segundo noticiou a *Folha de São Paulo* no dia seguinte²⁴⁸, solicitou, para contrapor à análise literária elaborada pelo delegado do DEOPS, um parecer técnico do professor de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, Antônio Cândido de Mello e Souza, que aceitou o pedido e procedeu a análise minuciosa dos aspectos literários e intencionais de *Em Câmara Lenta*, bem como de seu autor. O documento final do professor Cândido foi lido durante a defesa de Tapajós e está datado de 12 de fevereiro de 1978. Ele se encontra reproduzido na íntegra no Anexo de Documentos dessa dissertação.

Liberdade exigida por quatro continentes e temor oficial de suicídio.

Renato Tapajós foi solto em 23 de agosto de 1977, às 17h30min, do Presídio do Hipódromo de São Paulo, para onde havia sido transferido dias antes. O mandado de soltura foi solicitado pelo procurador Henrique Vailati Filho – que pediria a sua condenação um mês depois, em 30/09/1977. A notícia da liberdade de Tapajós foi dada pelos jornais *Folha de São Paulo*²⁴⁹ e *O Estado de São Paulo*²⁵⁰. Ao fim da reportagem deste último jornal, afirma-se que havia um grande temor pelos policiais de plantão da delegacia, uma vez que “*Nos vinte dias que permaneceu no DOPS, Renato Tapajós foi constantemente vigiado por carcereiros, que informaram ter recebido instruções para evitar a qualquer custo “um possível suicídio”*”²⁵¹.

Certamente esse temor era provocado pela (até então tida e reafirmada como suicídio pelos órgãos oficiais) morte do jornalista Vladimir Herzog, nas mesmas dependências do DEOPS, dois anos antes, onde esteve preso Tapajós por um mês.

Esse temor dos policiais é diferente daquele expresso pelo grande volume de cartas que começaram a chegar ao Gabinete do Secretário de Segurança Pública de São Paulo, Coronel Erasmo Dias. A procedência, em geral, era de membros ou simpatizantes de

²⁴⁸ “Advogado requer a soltura de Tapajós” In: *Folha de São Paulo*, 19 de agosto de 1977.

²⁴⁹ “Procurador quer Tapajós em liberdade” In: *Folha de São Paulo*, 23 de agosto de 1977; “Tapajós solto por ordem da 3ª Auditoria” In: *Folha de São Paulo*, 24 de agosto de 1977.

²⁵⁰ “Libertado Renato Tapajós” In: *O Estado de São Paulo*, 24 de agosto de 1977.

²⁵¹ Cf. “Libertado Renato Tapajós” In: *O Estado de São Paulo*, 24 de agosto de 1977.

diversas seções da Anistia Internacional espalhados pelo mundo. As cartas foram remetidas de países de quatro continentes (Dinamarca, Finlândia, Alemanha, Hong Kong, Holanda, Canadá, Suécia, Estados Unidos, Austrália, Venezuela, Suíça etc). O assunto: pedido de soltura imediata de Renato Tapajós, bem como temor por sua vida nas dependências do DEOPS.

O conteúdo básico de todas as cartas escritas em português, pelos estrangeiros, com erros de ortografia, era²⁵²:

“Coronel Antônio Erasuno Dias (sic)
Secretaria de Segurança Pública
Cabinete do Secretario (sic)
Av. Brigadeiro Tobias, 527 – 10 andar.
São Paulo –SP, Brasilien. (sic)
Exmo. Sr. Secretario de Segurança Publica!
No dia 27 de julho, 1977, o escritor, cineasta (sic) e jornalista RENATO TAPAJÓS foi preso pelo DOPS em (sic) São Paulo.
A vida do Sr. Renato Tapajós corre sério risco já que ele se encontra incomunicado (sic) e talvez sofra torturas.
Peço a V. Exia. (sic) que garanta ao Sr. Renato Tapajós um tratamento de acordo com os direitos humanos bem como sua soltura imediata.
Saudações,
Assinatura.

Sobre a circulação mundial do caso *Em Câmara Lenta*, Tapajós afirma que:

“Então a primeira edição esgotou rapidamente, aí veio a Censura, proibiu o livro e tal... Em 79, já na época da Anistia, quando foi suspensa a Censura e o livro foi lançado, a maior parte das pessoas que... A maior parte do público que tinha prá ler o livro, já tinha lido. Em cópia xérox (risos). Eu fiquei sabendo de gente que leu o livro em cópia xérox em Moçambique, em Angola, na Argélia, no... Na Europa, várias pessoas, entendeu? Quer dizer, eu não sei quantas cópias xérox fizeram, mas esse livro circulou muito mais em cópias xérox do que em cópias vendidas pela editora, né?”²⁵³

²⁵² Cf. Anexo de Documentos – Seção Cartas para observar a reprodução integral de algumas cartas.

²⁵³ Entrevista com Renato Tapajós, concedida em 25/11/2004, Campinas, Transcrição da Fita 3, Lado B, p. 64. Ainda assim, não há registro de nenhuma carta do Continente Africano pedindo a soltura do escritor.

O General do Exército e Ministro do Superior Tribunal Militar, Augusto Fragoso, comunicou em 02 de setembro de 1977 o recebimento de **89** cartas provenientes do exterior, apelando pela soltura de Tapajós e temendo por sua vida²⁵⁴.

Após a liberdade concedida ao escritor e às pressões sofridas pelos órgãos de Segurança Pública, as notícias e o interesse pelo caso Tapajós decrescem nos jornais. As duas últimas grandes matérias sobre o assunto são fornecidas pelo *Jornal do Brasil*²⁵⁵ e a *Folha de São Paulo*²⁵⁶, espaçadas em quase um mês. No primeiro caso, no dia 30 de setembro de 1977, ambos publicam que o Procurador da Justiça Militar, Henrique Vailati Filho, finalmente apresentara sua denúncia ao Ministério Público contra o escritor e seu livro. A acusação se basearia no crime de incitação à subversão, previsto no artigo 47 da Lei de Segurança Nacional e que condenaria o acusado, se provada a culpa, de 02 a 05 anos de prisão. O livro de Tapajós, na visão do procurador, seria altamente condenatório, pelo fato de Tapajós ser:

“(...)homem de invulgar cultura e talento imenso, faz uma obra literariamente preciosa se converter em tribuna para o incitamento à guerra revolucionária e apologia do terrorismo(...) Absurdo é de se dizer que uma obra, ainda altamente artística, não pode ser o veículo da subversão. O importante é a análise de seu conteúdo, e a finalidade que lhe dá o autor e que emerge clara(...) há em toda narrativa, que flui harmoniosa e absorvente, um tom patético, algo de profundamente humano como imã psicológico a captar a simpatia do desavisado para a ação dos guerrilheiros que saltam em cena como quixotes esqueléticos e se convertem, nas pinceladas de tonalidade cada vez mais intensa, em imitáveis *bayards*, brandindo o gládio com o destemor dos justos.”²⁵⁷

²⁵⁴ “Apelos por Tapajós” In: *Folha de São Paulo*, 03 de setembro de 1977.

²⁵⁵ “Procurador denuncia Tapajós” In: *Jornal do Brasil*, 30 de setembro de 1977.

²⁵⁶ “Apresentada a denúncia contra Tapajós” In: *Folha de São Paulo*, 30 de setembro de 1977.

²⁵⁷ Cf. “Procurador denuncia Tapajós” In: *Jornal do Brasil*, 30 de setembro de 1977. Note-se também o contraste de linguagem existente entre aquela usada por Antônio Cândido (clara e distinta) e Vailati (gongórica), que se diz também um professor de literatura, naquela ocasião, há 33 anos.

A essa *análise de conteúdo*, que em muito se assemelha à do delegado Singillo do DEOPS ou do relatório informativo do delegado Fleury à Secretaria de Segurança Pública, Tapajós responderia em audiência no dia 25 de outubro de 1977, negando e refutando as acusações perante o Conselho Permanente de Justiça da Aeronáutica, na 3ª Auditoria da 2ª Circunscrição Judiciária Militar²⁵⁸. Seus argumentos são, basicamente, de que seu livro é uma crítica à guerrilha e à luta armada como formas de atuação política no país, destacando aspectos do romance; em especial, a trajetória da personagem principal. Suas argumentações, em nível literário, seriam reforçadas pelo parecer técnico de Antônio Cândido de Mello e Souza e junto com a atuação de Aldo Lins e Silva, culminariam no arquivamento do processo.

Em 1978, o *Jornal da Tarde*, na edição de 19/01/1978, retomaria o caso Tapajós²⁵⁹. Segundo o jornal, o escritor entraria com uma ação cautelar na Justiça para tentar a liberação de seu livro. Afirma-se, dentre outras considerações positivas sobre o autor e o romance que “(...)Atualmente, Renato Tapajós está escrevendo um novo romance que aborda a vida de operários da região de São Bernardo do Campo. O enredo gira em torno de um clima passionnal, mas pouco a pouco se desliga desse acontecimento para abordar as vidas das pessoas envolvidas no crime.” O romance não foi publicado, não se tem notícia que tenha sido finalizado, mas o tema será retomado na segunda parte desse capítulo.

As notícias sobre o processo Tapajós correm esparsas a partir daí, mas não menos interessantes. A 02 de março de 1978, a *Folha de São Paulo* divulga que a defesa do autor, conduzida por Aldo Lins e Silva, estava concluída.²⁶⁰ O que permite a instauração do julgamento, como publica o mesmo jornal em 25/04/1978. Este ocorreria às 14h do mesmo dia, na 2ª Auditoria Militar²⁶¹.

O que ocorreu naquela ocasião foi a revelação de um processo sem fundamentos jurídicos claros, embora a acusação conduzida por Henrique Vailati Filho quisesse provar o contrário, como se vê, na ocasião em que Tapajós é absolvido:

“O julgamento começou às 14 horas com a leitura das principais peças do processo, seguindo-se a acusação pelo procurador da Justiça Militar, Henrique

²⁵⁸ Cf. “Tapajós depõe e nega acusações” In: *Folha de São Paulo*, 26 de outubro de 1977.

²⁵⁹ “Na estréia, censura e violência contra Tapajós. E o sucesso” In: *Jornal da Tarde*, 19 de janeiro de 1978.

²⁶⁰ “Defesa de Tapajós está concluída” In: *Folha de São Paulo*, 02 de março de 1978.

²⁶¹ “Escritor é julgado hoje em São Paulo” In: *Folha de São Paulo*, 25 de abril de 1978.

Vaillati Filho, que considerou o livro de Tapajós como “incitamento à guerra revolucionária”. O advogado de defesa, Aldo Lins e Silva, considerou a denúncia inepta e pediu para que se deixasse o livro para os entendidos, fazendo em seguida a juntada aos autos de parecer do professor Antônio Cândido de Mello e Souza, da USP, que externou ponto de vista segundo o qual a obra de Tapajós não era de cunho subversivo. O advogado falou ainda do manifesto da União Brasileira dos Escritores em favor de Tapajós, afirmando em seguida que o livro não chegou a ser vendido pelo que estranhava que a denúncia não sopesasse possível responsabilidade do editor e dos componentes do Conselho Consultivo da Editora. Respondendo, o representante do Ministério Público Militar disse que não incluía o editor e seus companheiros na denúncia porque eles só analisaram a obra por suas características de venda, sendo pois o autor o único responsável pelos conceitos emitidos.

O procurador disse ainda que na condição de professor de Literatura há 33 anos, tem conhecimento mais do que suficiente para a crítica do livro.(...) Terminou dizendo que, ao contrário do que afirma a defesa, a edição do livro está totalmente esgotada.

O Conselho Permanente de Justiça reuniu-se em sessão secreta, proclamando em seguida o resultado do julgamento absolvendo Renato Carvalho Tapajós”²⁶²

As matérias do 26 de abril da *Folha da Tarde*²⁶³ e *Folha de São Paulo*²⁶⁴ são unânimes em festejar a absolvição em primeira instância do escritor. Este último jornal transcreveu momentos do julgamento que parecem ser inusitados, como descritos abaixo:

“Ao absolver o acusado, o Conselho rejeitou, também por unanimidade, a proposição da defesa para que aquele tribunal militar se considerasse incompetente para julgar a matéria. Em decisão lida pelo presidente do Conselho, major Cláudio José Vieira da Silva, o tribunal considerou-se competente e, em conseqüência proferiu a decisão, absolvendo o acusado. A seguir, o presidente do Conselho desceu ao plenário e cumprimentou Renato Tapajós.(...)

²⁶² “Conselho absolve Tapajós” In: *O Estado de São Paulo*, 26 de abril de 1978.

²⁶³ “Foi absolvido Renato Tapajós” In: *Folha da Tarde*, 26 de abril de 1978.

²⁶⁴ “Absolvido autor de “Em Câmara Lenta”” In: *Folha de São Paulo*, 26 abril de 1978.

“Assim, temos de julgar conforme as condições de cada época – argumentou [Henrique Vaillati Filho] - mesmo que amanhã essas condições mudem. Tiradentes, então condenado , é hoje herói nacional. E se Hitler tivesse vencido a II Guerra Mundial, certamente ele seria hoje o herói nacional da Alemanha.

Henrique Vaillati Filho, no entanto, reconheceu “Em Câmara Lenta” como “uma obra de arte, inegavelmente, e devo admitir que gostei muito”, mas afirmou nela ter enxergado incitação e apologia a atos subversivos”.

Os promotores militares afirmam que, forçados pelo dispositivo da Lei de Segurança Nacional, são obrigados a recorrer da decisão da Auditoria Militar junto ao Supremo Tribunal Militar – procedimento exigido em casos de *absolvição* – Também nessa instância, Tapajós é absolvido, concluindo assim um dos casos mais extraordinários de arbitrariedade, abuso de poder e, até mesmo, disputas de leituras e visões de mundo a partir de uma mesma obra, conhecidos nas histórias política e literária brasileiras contemporâneas. É bastante ilustrativa, nesse aspecto, um trecho da leitura final, do Ministro Lima Torres, relator do processo, pela qual encaminhava a absolvição, noticiada em *O Estado de São Paulo*²⁶⁵ e *Folha de São Paulo*²⁶⁶:

“Se, de um lado, se menciona a ação repressiva, às vezes dita violenta, outras há em que não é menor a violência e a insensibilidade dos indigitados defensores da nova ordem.”

Em 1979, o jornal alternativo *O Movimento*, em sua 195ª, anunciaria a liberação do livro de Tapajós configurando-se como

“O último ato do ex-ministro da Justiça, Armando Falcão, publicado no *Diário Oficial* do dia 17, foi liberar à circulação o romance “Em Câmara Lenta”, de Renato Carvalho Tapajós. Por causa dele, há dois anos atrás, o autor foi preso e processado pela Justiça Militar, sendo posteriormente absolvido. O livro foi recolhido das livrarias e, durante muito tempo, teve como único crítico e leitor

²⁶⁵ “STM absolve autor de ficção” In: *O Estado de São Paulo*, 20 de outubro de 1978.

²⁶⁶ “STM nega que livro de Reenato (sic) Tapajós incite à subversão” In: *Folha de São Paulo*, 26 de outubro de 1978.

o então Secretário da Segurança do Estado, coronel Erasmo Dias, que se referiu várias vezes a ele como sendo “obra notoriamente subversiva”.²⁶⁷

Após isso, já em 23/05/1979, *Em Câmara Lenta* apareceria na 560ª edição da Revista *Veja*, daquela semana, na Seção “Os Mais Vendidos”, como o nono colocado entre os dez mais, na categoria ficção. Ainda receberia uma crítica de Fernando Gabeira para o jornal de literatura *Leia Livros*²⁶⁸, finalizando sua recepção crítica no período abrangido por essa dissertação.

²⁶⁷ “A guerrilha liberada em câmara lenta” In: *O Movimento*, n.º 195, 26/03/1979 – 01/04/1979, p. 21.

²⁶⁸ “No que diz respeito à temática de luta armada e repressão, pelo menos três importantes romances surgiram no Brasil nesses últimos dez anos. Pela ordem de aparição: *Em Câmara Lenta*, de Renato Tapajós, *Nas Profundezas do Inferno*, de Artur J. Poerner e *Cabeça de Negro*, de Paulo Francis. *Em Câmara Lenta*, de Tapajós, foi proibido e talvez tenha sido o único romance na história recente que valeu a prisão ao seu autor. *Em Câmara Lenta* confirma a proximidade que Tapajós tem com o cinema, a mesma proximidade que o levou a preparar documentários sobre o movimento operário. A técnica do cinema estava presente no romance psicológico contando as angústias dos guerrilheiros em processo de destruição. O passo seguinte foi a documentação cinematográfica do movimento operário, autocrítica social e na prática daquele período elitista. Tapajós capta o drama do guerrilheiro e joga para toda a sociedade um outro drama: como julgá-los? É verdade que estavam errados mas não há dúvida de que toda a generosidade e disponibilidade de uma geração foi jogada ali e reprimida a bala e a pau-de-arara. (...)” Cf.: GABEIRA, Fernando. “*As memórias e a literatura política nos anos 70*.” “O romance na política: um balanço” In: *Leia Livros*, n.º 20, de 15 de dezembro a 14 de fevereiro de 1980, p. 20.

Por quê uma pergunta é tão provocativa?

Seria uma boa hipótese afirmar que houve um desgaste à Censura Federal e aos governos, em nível estadual e nacional, após o caso Tapajós, dada a mobilização ocorrida por parte de intelectuais, artistas e jornalistas brasileiros e de diversas outras partes do mundo, face ao arbítrio deflagrado contra o autor e seu livro. Essa hipótese é carente, nessa dissertação, de documentação oficial, mas pode ser respaldada por evidências históricas e factuais; uma vez que, após os eventos ocorridos em 1977, nenhum outro livro de autor, cuja trajetória anterior estivesse ligada às organizações de luta armada, foi apreendido ou teve seu autor preso e/ou processado.

Além disso, a partir do ano de 1979, a pergunta-título do primeiro relato de Fernando Gabeira provocaria reações de diversas ordens em diversos espaços, confirmando a decorrência daquela hipótese referida, de que as memórias e as ficções políticas dos antigos guerrilheiros a partir da publicação pioneira de Tapajós e da Alfa-Ômega deixariam de ser um caso de polícia para se tornar objeto de discussão e atuação intelectual.

O volume de páginas gastas para discutir Gabeira e/ou seus livros entre 1979 e 1981 é enorme, espalhados entre 47 matérias mapeadas em jornais, sem contar participação em programas televisivos ou radiodifundidos²⁶⁹. Tudo começa com a entrevista que ficaria famosa, concedida a *O Pasquim*, em Paris – para Ziraldo e sua esposa, Milton Temer, Darcy Ribeiro, José Maria Rabelo, Geraldo Rabelo – para a edição 490, da semana de 17 a 23/11/1978. Aquela que seria, para Ziraldo, “(...) a entrevista mais emocionante de que participei no Pasquim. Uma entrevista que eu gostaria que todos brasileiros lessem. Todos. Meus filhos, principalmente.”²⁷⁰

²⁶⁹ Lembrando mais uma vez que “O exílio rapidamente entrou na moda. Mas não era só isso. Havia um interesse dos que ficaram em saber o que não viveram. As autobiografias se multiplicavam e vendiam. Algumas foram *best sellers*. As reportagens sobre os exilados tornaram-se freqüentes, a maior parte tentando criar versões conciliatórias, onde se estimulavam os relatos folclóricos, pitorescos, os casos divertidos. No redemoinho, muitas entrevistas, entretanto, abriram-se para outras dimensões da experiência do exílio. Mas, nos primeiros anos, não deixou de pairar no ar a mistificação do exilado, até porque era um *personagem* que estava sendo conhecido – e construído – como um viajante que vem de outras terras, de uma longa distância, e conta, no centro da roda, o que viu. (...)” Cf. ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: entre raízes e radares*, Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 16.

²⁷⁰ “A Entrevista do Pasquim” In: GABEIRA, Fernando. *Carta sobre a Anistia*, Rio de Janeiro: Codecri, 2ªed., 1979, p. 22.

Para Gabeira, essa entrevista marcaria, como já escrevi, o seu descobrimento, a sua projeção em nível nacional e o começo de uma exposição nos veículos de comunicação, para a época, sem precedentes. Basicamente, a entrevista d’*O Pasquim* trata da formação do então apenas ex-guerrilheiro e ex-jornalista, da sua opção pela luta armada e de sua vivência no exílio, bem como sobre a tortura – tema que ocupa grande parte da entrevista. Outro grande assunto é o seqüestro do embaixador norte-americano, do qual o entrevistado participou.

Aquela entrevista gerou, três edições mais tarde, a publicação de um artigo também n’*O Pasquim*: “Conversação sobre 1968” veio a público na semana de 08 a 14/12/1978. Ambos os textos foram publicados, junto com um terceiro – “Carta sobre a Anistia” – no livro homônimo, pela Editora Codecri, do mesmo jornal, alcançando duas edições em semanas. No meio disso, ficou o convite de Ziraldo para que Gabeira transformasse aquelas estórias em livro, coisa que já vinha fazendo, como afirma em *O Crepúsculo do Macho*²⁷¹.

O livro, que seria o segundo de Gabeira lançado no Brasil, com a pergunta-título provocativa, seria publicado ainda no segundo semestre do ano de 1979, esgotando sucessivas edições apenas naquela ocasião.

A entrevista d’*O Pasquim* e a publicação de *Carta sobre a anistia* seriam elogiados nas edições dos jornais *Em Tempo*²⁷² e *O Movimento*²⁷³, respectivamente. Tudo isso antes do autor pisar, anistiado, em solo nacional – o que ocorreria em 02 de setembro de 1979. A empolgação em relação à sua pessoa e idéias já era muito grande.

Poucos dias depois de sua chegada, em 22 de setembro de 1979, uma longa entrevista para o *Jornal da Tarde* é publicada com os editorialistas Reinaldo Lobo, Lenildo Tabosa Pessoa e Marco Antônio Rocha. O título da conversa é “Democracia, um debate com Fernando Gabeira”²⁷⁴ e renderia mais uma edição de continuidade, na semana seguinte.

²⁷¹ “Naquela época, escrevia um livro que ia se chamar *Que país era esse*, nome mais tarde mudado para *O que é isso, companheiro*, por sugestão de Carlos Lemos(…)” In: GABEIRA, Fernando. *O Crepúsculo do Macho, Op. Cit.*, p. 238.

²⁷² “Gabeira no Pasquim” In: *Em Tempo*, nº 39, de 27/11 a 09/12/1978, p. 02.

²⁷³ “Autoritarismo, exílio e outras leituras” In: *O Movimento*, nº 190, de 19/02 a 25/02/1979, p.23.

²⁷⁴ “Democracia, um debate com Fernando Gabeira” In: *Jornal da Tarde*, 22 de setembro de 1979 (primeira parte) e 29 de setembro de 1979 (conclusão).

A entrevista ocorre concomitantemente ao lançamento de *O que é isso, Companheiro?* Contudo, o livro, enquanto tema, ocupa um espaço pequeno na conversa. Um dos motivos é o fato de pelo menos dois dos três entrevistadores oficiais – uma vez que existem outros jornalistas que participam do debate – demonstrarem não ter lido o livro de memórias lançado naquela semana, embora façam menção a ele. O debate possui momentos em que o próprio Gabeira fica desconcertado com certas perguntas (no momento, por exemplo, em que Lenildo Tabosa lhe questiona se, caso fosse possível retornar a 1964, qual seria o método de atuação política pelo qual ele optaria; ou momentos em que se disputa a palavra para questionar o entrevistado, necessitando que este intervenha para organizar o debate, de forma *democrática*).

De um modo geral, a entrevista se interessa pelas posições de Gabeira face ao momento de então da vida política brasileira, a questões relacionadas aos movimentos sociais – contra a carestia, pela democracia urbana, negros, mulheres, homossexuais etc. – Cuba e o comunismo no mundo etc. É bem ruim no que tange ao conteúdo das perguntas, mas serve para apresentação do autor a mais um novo público potencial.

O que se sucede, a seguir, é um impressionante festival de matérias, de diversas ordens, versando sobre variados assuntos (comportamento, educação, sexualidade, política, literatura, os estudantes e a UNE, economia) para os quais a opinião de Fernando Gabeira parecia importante. Tudo começa com seus livros. Heloísa Buarque de Hollanda e Carlos Alberto Messeder Pereira, junto com uma equipe de pesquisadores da UFRJ, argüiriam-no em 04 de outubro de 1979, dentre outros temas, sobre a polêmica das *Patrulhas Ideológicas*, debate em voga no meio intelectual carioca do final da década. A entrevista, realizada após um mês da sua chegada, seria publicada no livro organizado por ambos²⁷⁵. Novamente, os temas se repetem: formação pessoal, exílio, luta armada, Cuba etc.

A revista *Veja* anunciaria em 1979²⁷⁶ que *O que é isso, companheiro?* após pouco mais de um mês de lançamento alcança a nona posição entre os dez mais vendidos. Um

²⁷⁵ Cf. HOLLANDA, Heloísa B. de. & PEREIRA, Carlos A. M. *Patrulhas Ideológicas (marca reg.)*, São Paulo: Brasiliense, 1981, pp. 181-199.

²⁷⁶ “Os mais vendidos” In: *Veja*, nº 581, 24/10/1979.

mês mais tarde, na semana de 28/11/1979 já é o terceiro; e sete dias depois, o primeiro colocado (edição de *Veja* nº 587) em apenas sete semanas de lançamento (05/12/1979)²⁷⁷.

Nesse meio tempo, Galeno de Freitas²⁷⁸ e Affonso Romano de Sant'Anna – para o *Jornal do Brasil* – escrevem matérias muito elogiosas sobre o livro e as novas posturas do autor. O primeiro afirma que no livro de Gabeira “(...)há uma autocrítica do caminho percorrido(...) que tem uma certa importância para esta nova geração de universitários do fim dos anos 70.” No caso do segundo, Sant'Anna escreve um longo artigo intitulado “É isso aí, companheiro” que, entre outras coisas, afirma que:

“Quando terminei a leitura de **Que é isso, Companheiro?** fiz viciosamente uma frase que continha mais impacto do que a verdade: - Essas são as **Memórias do Cárcere** de nossos dias. A frase soava bem e em muitos pontos é verdadeira. Gabeira havia avançado em relação a Graciliano: introduzira humor e uma crítica jovem e amorosa onde a autocrítica de Graciliano era seca e corrosiva. Imediatamente olho a estante em minha frente cheia de livros narrando a tragédia desses últimos 15 anos. Na verdade, estão ali dezenas de **memórias do cárcere**.”²⁷⁹

O artigo começa fazendo paralelos entre a geração de 22 – criadora do Partido Comunista – e a geração dos anos 60 que escreve suas memórias nos anos 1980, fundindo revolução, erotismo, política e humor “(...) querendo empolgar as minorias negras, os homossexuais e as mulheres.” Para Sant'Anna haveria uma grande positividade nisso. Ao mesmo tempo em que traça essas comparações, o articulista coloca a si e a outros membros de sua fração geracional ao lado daquela geração mais nova, assumindo uma postura crescente nesse sentido, que acaba obscurecendo, em certo momento, o sentido original do

²⁷⁷ Para o jornalista Carlos Hard, a narrativa de Gabeira seria comparável à de Jorge Semprún, quando este escreve a *Autobiografía de Federico Sánchez*, publicada na mesma época de *O que é isso, companheiro?* Segundo aquele analista, “São dois livros muito diferentes e no entanto, semelhantes; livros de memória, e memória política, estão carregados daquela amargura que assinala a vida dos revolucionários que, afinal de contas, perderam a batalha (...). Tanto Semprún como Fernando Gabeira são mestres na arte de escrever; o brasileiro, vindo para o Rio de Juiz de Fora, trazendo as tradições mofinas de uma sociedade como a nossa, descobre um dia, na redação do jornal onde trabalhava, que na rua se luta.(...) Seu livro é mais simplesmente humano, mais cheio de dúvidas confessadas; há um sabor também de amargura no fundo do livro, um reconhecimento que a luta armada nem chegou a se corporificar. (...) Muito mais jovem, Gabeira tem, apesar de tudo, mais esperança do que Jorge Semprún.” In: “O que é isso, companheiro?/ Autobiografía de Federico Sánchez”, *Leia Livros*, nº 19, de 15 de novembro de 1979 a 14 de dezembro de 1979.

²⁷⁸ FREITAS, G. de “Fernando Gabeira, da sacada ao exílio” In: *Folha de São Paulo*, 28 de outubro de 1979.

²⁷⁹ SANT'ANNA, Affonso R. “É isso aí, companheiro!” In: *Jornal do Brasil*, 25 de novembro de 1979.

texto – que seria discutir Gabeira e seu livro – raiando um certo autobiografismo. Apesar de tudo, consegue gerar uma boa pergunta, ainda na comparação com Graciliano Ramos:

“Nem Graciliano nem Gabeira foram os melhores, os principais revolucionários, e ambos repetem e sabem disto em seus livros(...) E é sintomático que os revolucionários de ontem tenham trocado a metralhadora e o Taurus pela ficção, depoimento e poesia. Muitos não eram jornalistas, nem sonhavam em ser escritores. Mas, de repente, a escrita se impôs como elemento erótico de extensão do corpo imaginário possuindo a História. Por que a ditadura de Getúlio não gerou tantos livros? Por que tão pouca coisa além de Graciliano? Certamente que esta última parece ter sido pior. Pelo menos é o que se conclui do volume de mortos, feridos e livros publicados.”²⁸⁰

A “*superestrela da nova esquerda*”, como o afirma Sant’Anna, é menos discutido por seu livro que por suas atitudes. A pergunta que incomoda se refere menos ao livro em si, mas à sua inscrição no corpo, nas roupas, no assumir ou negar uma bissexualidade do autor. Coisas que, à época, pareceram tão mais importantes que discutir a política enquanto projeto. Contudo, o problema que Gabeira procura trazer, em suas mensagens e seus livros, é justamente esse: todas essas atitudes e choques intencionalmente provocados constituem um projeto político. Algo que será batizado, à época, de **política do corpo**. O jornal *O Movimento* questionaria o autor acerca disso em sua edição 233. Flávio de Carvalho e Roldão Oliveira conduziram uma entrevista no sentido de explicar aquele Gabeira que se apresentava no momento para a nova geração e que nada tinha a ver com a imagem anterior do autor. Este responde que o lapso existente entre o passado e o presente, naquele momento, devia-se a que:

“Talvez o aspecto principal tenha sido uma superação de algumas lacunas do marxismo através da antropologia, com a qual comecei a questionar algumas omissões do marxismo, no sentido de aprender, por exemplo, o aspecto progressista da religião. Eram lacunas que impediam de aprender a especificidade da luta das mulheres, que impediam de formular teoricamente as lutas das minorias raciais e das minorias étnicas.”²⁸¹

²⁸⁰ *Idem, ibidem.*

²⁸¹ CARVALHO, F. & OLIVEIRA, R. “Gabeira é isso, companheiros!” In: *O Movimento*, nº 233, de 17/12/1979 a 23/12/1979, pp. 11-14.

Trata-se, portanto, de um encontro de fatores entre o sucesso do livro, o interesse midiático por Gabeira e a ligação, em parte, unilateral com os movimentos sociais – isto porque não se sabe de nenhum que tenha reivindicado as idéias do autor; nem mesmo o ambientalista²⁸² - Esse interesse midiático só se fará aumentar até 1981. Ainda em 06 de janeiro de 1980, o autor concede uma longa entrevista à *Folha de São Paulo*, no seu caderno “Folhetim”, para Vera Saavedra Durão. O título da sessão seria “Liberdade para o corpo” e aposta do autor de *O que é isso, companheiro?* na política do corpo como sendo um dos temas mais importantes dos próximos anos. Para ele, haveria no país uma expectativa muito grande em relação a “(...)pessoas que falassem coisas novas.” E uma dessas novidades seria a liberdade de disposição do corpo da maneira como se achasse devido. Nesse sentido que caminhariam as inquietações da juventude e dos novos movimentos sociais em sua visão, ainda que essa abordagem não eliminasse temas clássicos da política – desigualdade social, luta de classes, luta pelo poder etc²⁸³ - mas os complexificaria.

Esta nova abordagem seria saudada n’*O Movimento* de maneira esufuziante por Amnérís Maroni, via carta, com o título “Gabeira voltou. Era o que faltava”²⁸⁴ Mas vista com grande desconfiança num âmbito mais geral.

O Primeiro Jabuti de Memórias

Em maio de 1980, *O que é isso, companheiro?* alcança traduções com alta vendagem na França, Estados Unidos e Alemanha²⁸⁵, segundo a correspondente d’*O Globo*,

²⁸² Isto contraria as idéias de Cláudio Novaes Pinto Coelho, que foram comentadas no item do capítulo dois dessa dissertação, sobre Gabeira, para quem tal identidade existiria.

²⁸³ “Para mim, a ligação entre o comportamento e a política se dá através dos “fronts”. No momento em que o movimento popular se institui, ele vai sentir a necessidade aliados. E todos estes movimentos, que colocam a questão discutida desta forma, vão acabar se articulando num “front” democrático, em que a democracia seja tratada em todos os campos. O movimento que coloca a questão da liberdade sexual, que os homossexuais colocam em algum nível; o movimento das mulheres coloca diretamente e o racial também. Acredito que será o encontro do movimento popular com o que houver de organizado em termos de transformação neste campo, entende?” In: DURÃO, V.S. “Liberdade para o corpo”, *Folha de São Paulo*, 06 de janeiro de 1980.

²⁸⁴ “Gabeira voltou. Era o que faltava” In: *O Movimento*, nº 238, de 14/01/1980 a 20/01/1980, p. 22.

²⁸⁵ Até maio de 1980, o original brasileiro já tinha alcançado a sua 16ª edição, vendendo 120.000 exemplares ao ano. Na França, as Éditions Métallie o lançariam em 04/09/1980, com o nome *Os guerrilheiros estão cansados*. Na Alemanha, seria a Editora Surkamp e na Itália, a Feltrinelli.

Any Bourrier²⁸⁶. Uma semana antes a *Veja* anunciava a possibilidade do livro ser levado às telas do cinema naquele ano ou no próximo, tendo o cantor-ator Fábio Jr. como o personagem representando Gabeira²⁸⁷. Projeto que somente se concretizou 17 anos depois, com o controvertido filme de Bruno Barreto. 1980 também é o ano em que, ao lado de Fernando Sabino (categoria Romance), Modesto Carone (Contos/Crônicas/Novelas), Sebastião Uchôa Leite (Poesia), Sérgio Buarque de Hollanda (Estudos Literários/Ensaaios), dentre outros, Fernando Gabeira ganha o Prêmio Jabuti de melhor livro na categoria Biografia e/ou Memórias, por *O que é isso, Companheiro?*. Trata-se do primeiro prêmio nessa categoria conferido a um autor com a sua trajetória histórica (ex-guerrilheiro). O curioso é que em nenhuma edição ou comentário de época a titulação é mencionada, embora seja confirmada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) em sua lista oficial²⁸⁸.

1980 é igualmente o ano d’*O Crepúsculo do Macho*. Consolidação do sucesso entre uma faixa do público leitor no Brasil, este livro inicialmente tem o problema de ser lançado no momento em que *O que é isso, companheiro?* estava há já 25 semanas entre os mais vendidos, o que não parecia incomodar o autor, desde que pudesse “(...)tumuluar o mundo das idéias um pouco. A questão comercial não é a mais importante, o que me interessa é que a edição seja bem cuidada”. A idéia do autor seria atingir em cheio o público jovem, a geração 80, consumidora de música mas não de livros. “*Não existem livros políticos que incluam também a vida diária(...) Meu projeto é sensibilizar a juventude brasileira, uma das mais evoluídas do mundo, da mesma maneira que isto é feito através dos discos, música*”²⁸⁹

O Crepúsculo do Macho foi lançado na VI Bienal do Livro de São Paulo, no ano de 1980. O lançamento foi saudado no jornal *Leia Livros* por Artur José Poerner, também exilado e escritor²⁹⁰. *O Globo* entrevistou-o à ocasião do lançamento, em sua edição de 26 de agosto de 1980, onde Gabeira explicitaria mais um componente de seu novo projeto:

“SÃO PAULO (O GLOBO) – “Eu não escrevo para viver. Eu escrevo porque vivi. Eu conto as histórias que se passaram comigo algum tempo atrás. Eu

²⁸⁶ “O Crepúsculo do Macho: a vida no exílio, por Fernando Gabeira” In: BOURRIER, A. *O Globo*, 14 de maio de 1980.

²⁸⁷ Sessão “Gente” In: *Veja*, nº 609, 07/05/1980.

²⁸⁸ Cf. <http://www.cbl.org.br> Acessado em 06 de fevereiro de 2006.

²⁸⁹ Todas as citações anteriores, Cf.: “O Crepúsculo do Macho: a vida no exílio, por Fernando Gabeira” In: *O Globo*, 14 de maio de 1980.

²⁹⁰ “Parabéns, companheiro!” In: POERNER, A. J. *Leia Livros*, nº 26, de 15/07/1980 a 14/08/1980, p. 17.

digos que não escrevo para viver no sentido de que se eu tivesse que escrever para viver eu teria que reavaliar minha vida. Se eu não ganhasse nenhum dinheiro com a minha literatura, eu ia arrumar um trabalho para sobreviver e ia continuar escrevendo. Acho que acima de salários altos ou bons rendimentos autorais, o que vale é transmitir uma experiência.”²⁹¹

Entre o ser e o estar, o dizer e o atuar: o limite.

Há um claro limite entre a eficácia simbólica (discursiva e narrativa) e a eficácia prática (de atuação política) na trajetória de Gabeira no período que pode ser medido pelo declínio de recepção a seus livros e idéias. Declínio este, note-se, que não significa menor número de matérias publicadas a seu respeito ou sobre seus livros. Mas quanto à sensível queda de entusiasmo. Gabeira, a partir de seu quarto livro – o terceiro de memórias, *Entradas e Bandeiras* – passa a ser visto como uma velha novidade²⁹². Dizer que o marxismo estaria superado porque “(...) é uma doutrina que não assume qualquer compromisso com o homem que luta para preservar o meio em que vive.”²⁹³ é muito mais pobre e menos consistente teoricamente que tentar politizar o direito de dispor do próprio corpo – o que o aproximaria de feministas, ativistas homossexuais e negros, por exemplo²⁹⁴ – como é expresso em suas idéias. E formular isso num momento em que se tornaria um “fabricante de best-sellers”, como o diria Paulo Sérgio Markun²⁹⁵ (ou seja: no ápice de uma produção de uma mercadoria cultural cujo aspecto crítico é diluído), comprometeria qualquer atuação ou guinada política séria. Mesmo que houvesse, como afirmaria Emiliano Gonçalves em *O Movimento*²⁹⁶, a presunção de que seus leitores fossem:

²⁹¹ “Fernando Gabeira – O que importa não é o sucesso. É transmitir experiências” In: *O Globo*, 26 de agosto de 1980.

²⁹² Dado o volume de informações acerca do autor, a partir deste ponto, ater-se-á não mais à ordem cronológica das matérias, mas ao rastreamento desse momento de declínio expresso por elas. O conjunto geral dos artigos pode ser visto no Anexo Fortuna Crítica.

²⁹³ “O Marxismo está distante da realidade atual” In: *Jornal do Brasil*, 13 de setembro de 1980.

²⁹⁴ Entretanto, essa aproximação não ocorre, efetivamente, a não ser anos mais tarde, a partir de 1981 e 1982, quando o escritor se filia à forma política que criticava como tradicional e ultrapassada: partidos (inicialmente o Partido dos Trabalhadores e, em 1986, o Partido Verde; oscilando sempre entre os dois, a partir daí).

²⁹⁵ “Gabeira entre o ser e o estar” In: MARKUN, Paulo. S. *O Globo*, 1º de março de 1981.

²⁹⁶ “O que é que o Gabeira tem?” In: GONÇALVES, E. *O Movimento*, nº 303, de 20/04/1981 a 26/04/1981, p.17.

“(…)os operários que denunciam o sindicalismo pelego atrelado ao Estado e lutam pela autonomia sindical e a independência da classe. São as mulheres que protestam contra a condição de objeto para “usar, gozar e abusar”. São os negros que se revoltam contra a discriminação da cor e da cultura. São os homossexuais que lutam pelo direito de fazer o amor com quem quiserem. São os ecologistas perplexos ante a destruição da vida pelo capital. São os setores com reivindicações próprias que abrangem cada uma delas um aspecto da exploração e da barbárie capitalista sob um regime despótico. E se expressam como movimentos sociais, como forças sociais que negam a ser enquadrados em qualquer forma de organização institucionalizada, ante as quais manifestam uma desconfiança visceral (...) Um público cético das direitas e das esquerdas, que com seu maniqueísmo bipolar – burgueses versus proletários – não os considera nas suas análises. Parcelas da população que, não sendo proletárias, têm entretanto coisas a dizer sobre o projeto de sociedade que deve nascer da ação revolucionária.(...)”

Opinião diferente teria a *Veja* na matéria “O Cronista do País Oculto: com “Entradas e Bandeiras”, seu terceiro livro de memórias, Fernando Gabeira redescobre com sua prosa um país que percorre como feliz andarilho”²⁹⁷:

“(…) Era uma vez o guerrilheiro e a estrela.(...) “O que é isso, Companheiro?” e “O Crepúsculo do Macho”, os dois anteriores, venderam 36 edições (cerca de 110.000 exemplares), ficaram na lista de VEJA por 86 semanas, tarefa que nenhum outro escritor já conseguiu e renderam-lhe 6,1 milhões de cruzeiros(...) Este Gabeira já não é mais o mesmo. Desapareceu o autocrítico militante que despontava em 1979 e derreteu-se o astro do verão em 1980. Há agora uma espécie de peregrino solitário, caminhando na busca “de um país com liberdades democráticas e sol o ano inteiro(...) De todos os retornados da Anistia de 1979, ele é o mais bem sucedido. Luís Carlos Prestes ficou sem Partido Comunista. Leonel Brizola, sem Partido Trabalhista. Miguel Arraes, sem importância. Os líderes estudantis, treze anos mais velhos, ficaram

²⁹⁷ Cf. *Veja*, edição 651, 25 de fevereiro de 1981, pp. 38-43. Aspecto semelhante é apontado pelo *Jornal do Brasil*: “Quando vivia na Suécia ainda à espera da anistia, confessa Fernando Gabeira(...) que imaginava a sua volta ao Brasil como se fosse fazer um **script** de cinema(...) **Abrindo o livro, uma seqüência de cenas habilmente montadas mostra Gabeira-Ulisses (ele diz que muitas vezes pensou em si voltando de Tróia e em certa época referia-se ao país natal como Brasítaca) desembarcando no Rio, voando no avião em companhia de jogadores do Flamengo, discutindo com o fiscal da Alfândega por causa de uma velha máquina de escrever, solicitando um passaporte em Estocolmo, sendo abraçado por amigos e aclamado por desconhecidos. E desde logo sofrendo o choque do guerreiro que, por ter ficado tanto tempo ausente, não é imediatamente reconhecido pela sua também envelhecida Penélope**” In: “‘Entradas e Bandeiras’ – o livro dos espantos de Fernando Gabeira”, *Jornal do Brasil*, 22 de fevereiro de 1981.

sem estudantes. Os teóricos da luta armada, sem teoria. Todos os que, de uma forma ou de outra, tentaram fazer do retorno um resgate do passado, fracassaram. E Gabeira é o símbolo do retorno ao presente e, se possível, ao futuro.(...)”²⁹⁸

Logo, entre o sucesso editorial e a prática discursiva, àquela época, existe um vazio, algo em descompasso que não convence. Gabeira seria, para o articulista d’*O Movimento*, com pseudônimo do personagem do livro de Juan Rulfo, “*o intelectual que queria “levar a consciência ao proletariado”*”. Agora “*é o intelectual que assume a luta de outro ângulo”*. *Eu diria que Gabeira, antes de tudo, tem sido coerente. Antes como agora ele continua assumindo a luta do ângulo da pequena-burguesia e não do ângulo do proletariado(...)*”²⁹⁹

No correr do ano de 1981, as interpretações acerca da obra e da figura de Gabeira continuam no terreno de disputa, embora a idéia de “velha novidade” aventada por Markun³⁰⁰ prevaleça (ao menos, no âmbito das críticas em jornais). Ainda assim, um debate organizado pela *Folha de São Paulo*, em 06 de agosto de 1981, conseguiu congrega cerca de duas mil pessoas em São Paulo para discutir com o escritor sobre suas obras e posições. Foram convidados para o debate o jurista Dalmo de Abreu Dallari, o cientista político José Augusto Guilhon de Albuquerque e a apresentadora de rádio e TV, Xênia Bier.

²⁹⁸ Cf. *Veja*, edição 651, 25 de fevereiro de 1981, pp. 38-43

²⁹⁹ PÁRAMO, Pedro. “Minorias Políticas: Gabeira, descobrindo o descoberto” In: *O Movimento*, nº 306, de 04/05/1981 a 10/05/1981, p. 17.

³⁰⁰ “O mais novo livro de Fernando Gabeira já era.(...) O ponto final de “Entradas e Bandeiras” (o verão de 81) quase coincide com o momento em que os leitores chegam à sua primeira página. Com ele, Fernando Gabeira esgotou as possibilidades do memorialismo, a menos que passe a relembrar suas últimas encarnações ou a estada no útero materno. (...) Mais do que isso, escreve para vender. Tanto, que adota um distanciamento só comparável ao dos primeiros cronistas, como Caminha, Hans Staden e outros. Gabeira escreve para inglês ver.(...) Como os primeiros viajantes, Fernando Gabeira produz um relato que fascina. Pode conter uma dose razoável de ficção, mas não é ficção. O próprio livro é definido como “Depoimento”, um relato de um certo tempo e um certo lugar. Um texto que pode ser consumido pelos terráqueos, dos que andam de paletó e gravata por força da obrigação, dos que botaram o pé na estrada, dos que falam de paz e amor ou dos que nem sequer conhecem a estrada ou esse circo chamado Brasil, onde alguém se torna um mito porque um dia seqüestrou um embaixador por razões políticas, viveu dez anos no exílio, foi anistiado e voltou com roupas coloridas e um discurso pouco comum.(...) A única dúvida sobre Fernando Gabeira fica para o próximo livro, em que ele deverá abandonar a generosa e fascinante matéria-prima de sua vida pessoal para ingressar no escorregadio campo da ficção. E nesse campo é que ele deverá mostrar, à maneira do ex-ministro Eduardo Portella, se é ou se está escritor.” Cf. MARKUN, Paulo S. “Gabeira, entre o ser e o estar” In: *O Globo*, 1º de março de 1981.

Heterogeneidade de debatedores e temas de discussão, o resultado ficaria por conta da avaliação do público, em tese, aquele que lia Fernando Gabeira.

O debate ocorre após, nos meses anteriores, seus dois primeiros livros de memórias continuarem a vender bem (embora ainda não tivessem sido submetidos a uma crítica demorada); seu comportamento ser julgado em detrimento de suas idéias, especialmente num momento em que estas idéias se diluem em meio à mercadoria de alto valor de troca, ao menos para os jornais; e, de maneira semelhante, a ligação dessas idéias com os movimentos sociais se mostrar ineficaz.

Resultante disso é que as notícias mais importantes sobre o autor, antes do debate de agosto, foram de sua prisão em julho por ter sido confundido em Diamantina com um traficante de drogas³⁰¹. Ou, ainda, de sua *nova estratégia de superação do marxismo*, após ter viajado à Índia, através da religião e do zen-budismo³⁰².

Voltando ao debate. As questões de Dallari – acerca de seu exemplo para o público e fuga de uma responsabilidade maior –, Guilhon de Albuquerque – sobre sua transição da escrita jornalística para a literária – e de Xênia Bier – sobre a tortura – parecem ser de menor importância para o autor (que as responde de maneira rápida e pouco diligente) e para a repórter Lígia Sanches, da *Folha de São Paulo*; para ambos, o que importa é o público que, na visão da jornalista:

“A presença de um público totalmente diversificado foi a maior prova de que Fernando Gabeira não é uma personalidade que interessa e desperta curiosidade, hoje, apenas a uma elite intelectual e estudantil. Pessoas dos 14 aos 60 anos deslocaram-se de suas casas e locais de trabalho e estudo e foram chegando ao pátio da “Folha” em grupos, instalando-se nas poltronas ou sentando-se no chão. “Li ‘O Crepúsculo do Macho’ e me interessou o aspecto existencial que ele coloca, por isso vim ao debate. Considero, porém, que como

³⁰¹ Cf. “Confundido com traficante, Gabeira é preso em Minas” In: *Folha de São Paulo*, 19 de junho de 1981; “Confundiram Gabeira com traficante e o detiveram” In: *Jornal da Tarde*, 19 de junho de 1981; “Minas prende Gabeira por engano” In: *Jornal do Brasil*, 19 de junho de 1981.

³⁰² Cf. “Gabeira na linha suíça: Revolucionário é você assumir a própria vida” In: *O Globo*, 02 de agosto de 1981. A longa entrevista versa sobre essa viagem; sobre a estadia do autor na Bahia; seu ponto de vista sobre as relações amorosas; os estudantes suecos; presos políticos e presos comuns; sua vida sexual; um pequeno trecho sobre seus livros etc.

político Gabeira nada tem a registrar, pois suas idéias não se aplicam ao povo brasileiro.” Luiza, 19 anos, sem profissão”.³⁰³

As opiniões expressas pelo público, em geral, circulam pelo pedido de uma definição mais clara das posições assumidas pelo escritor ou de apoio parcial a elas. Duas colocações são incisivas em pontos de que o autor se esquiva: suas relações com a questão do Partido dos Trabalhadores³⁰⁴ e a originalidade pouco confiável de suas idéias com relação aos novos movimentos sociais³⁰⁵. Ainda assim, é feito um balanço positivo do debate, dando a entender, com a colocação com a qual a jornalista responsável fecha sua matéria, que : “Gabeira é alguém da geração 81, a geração da abertura. E pelo que se propõe, parece ser uma pessoa autêntica”, Antônio, 30 anos, advogado”.

Três anos (1979 – 1982), cinco livros (*O que é isso, companheiro?*, *O Crepúsculo do Macho*, *Entradas e Bandeiras*, *Hóspede da Utopia*, *Sinais de Vida no Planeta Minas*),

³⁰³ SANCHES, Lígia. “Hipnotizada, a platéia pede mais” *apud* TAIAR, Cida. “Gabeira encontra seu público – Falando na ‘Folha’ a cerca de duas mil pessoas, o jornalista e escritor diz o que pensa do Brasil e sua gente” In: *Folha de São Paulo*, 07 de agosto de 1981.

³⁰⁴ “Respondendo a Dallari, Gabeira disse que não pretende se filiar a qualquer partido, “porque os movimentos mais importantes acontecem fora deles”. Citou como exemplo o movimento das mulheres, dos homossexuais e dos negros. “Na história oficial do Brasil não há negros, e no entanto existe uma efervescência nas ruas que não chega aos livros. Por isso digo sempre que tudo o que tenho sacado da vida vem da rua. Não condeno as pessoas que se filiam aos partidos políticos, mas para mim isso representaria um estreitamento.”

“Você fala em partidos políticos e se esquece das pessoas que atuam neles. O PT, por exemplo, não é só o Lula, mas cada um dos seus integrantes. Por que, então, essa desconsideração?”, indagou uma jovem. “Não desconsidero o PT, principalmente porque é o único formado de baixo para cima. Mas ele tem características semelhantes aos demais. Não sei, por exemplo, qual a visão que o PT tem do movimento das mulheres, dos negros. Hoje mesmo estive numa manifestação contra a construção de usinas nucleares e não havia ninguém do PT presente”. Alguém da platéia protestou: “Havia sim, o deputado Eduardo Matarazzo Suplicy esteve lá”. “Bem, no momento em que estive lá, não assisti a qualquer manifestação do partido”, disse Gabeira. “De qualquer forma, não estou a par das atividades do PT. Mas posso dizer que não trabalhamos com os mesmos referenciais.” In: TAIAR, Cida. “Gabeira encontra seu público – Falando na ‘Folha’ a cerca de duas mil pessoas, o jornalista e escritor diz o que pensa do Brasil e sua gente” In: *Folha de São Paulo*, 07 de agosto de 1981.

³⁰⁵ “Quando Gabeira chegou, já havia no Brasil um debate sobre minorias, feminismo, homossexualismo. Ele aproveitou isso, para dar seu recado apresentando essas coisas como se fossem uma novidade, quando elas já estavam em plena discussão aqui há alguns anos antes. Ele nunca menciona isso em suas entrevistas, mas acho, que de toda forma, que sua atuação é positiva, porque o seu passado de militante fez com que ele fosse ouvido por setores significativos da esquerda”, Antônio Carlos, 28 anos, jornalista”. Cf. SANCHES, Lígia. “Hipnotizada, a platéia pede mais” *apud* TAIAR, Cida. “Gabeira encontra seu público – Falando na ‘Folha’ a cerca de duas mil pessoas, o jornalista e escritor diz o que pensa do Brasil e sua gente” In: *Folha de São Paulo*, 07 de agosto de 1981.

quase meio milhão de livros vendidos – até 03 de outubro de 1982 contabilizava 400.000 – exposição crescente na mídia. E o que foi feito disso tudo? Esse é o debate que aparece nos jornais ao fim do ano de 1981 e ao correr de 82. Que tipo de proposta, que forma de atuação, que resultado teria gerado a pergunta-título de *O que é isso, companheiro?*

Literariamente, para seus críticos, algo muito pequeno face ao anúncio. Como afirma José Onofre em “A velha novidade de Gabeira”:

“É paradoxal, mas Gabeira sonha com a novidade e faz uma literatura marcada: seu texto, de um ex-jornalista da grande imprensa, é higiênico e educado. Falta-lhe a literatura nova que o diferencie da massa de escritores que perseguem estruturas que eram revolucionárias na década de 30, mas agora são repetições. Gabeira pode ser a personalidade de um determinado “Verão de Abertura”. Pode ser também um ex-jornalista que se dedica a experiências pessoais, as quais divulga num texto que parece congelado. Mas não é o romancista do tempo admirável e ameaçador que se instala. Ainda vê seu País, economia ou política, com os olhos de uma esquerda mal preparada. Tudo lhe acontece num repente: rompe e seqüestra um embaixador; percebe a tolice de ganhar batalhas estratégias que, para o inimigo, eram apenas derrotas táticas; está na Índia, vagueia pelas ruas, faz de um garoto seu amigo. Está só, exilado de seu tempo; ainda não achou o caminho da história que gostaria de inaugurar.”³⁰⁶

Politicamente, declara-se simpatizante do Partido dos Trabalhadores do Rio de Janeiro, em 1982, mas de maneira pouco explícita e pouco convincente para um público que, segundo os jornais, lhe cobraria isso mais tarde³⁰⁷ e para quem responderia que “*Eu tenho uma relação emocional com meus leitores, explicou Gabeira, e não seria correto me valer disso para influenciar seu voto*”.

Em suma: o balanço dessa primeira abordagem de leitura sobre a recepção de Gabeira e de seus livros é menos interessante que o do caso Tapajós, mas se constitui

³⁰⁶ ONOFRE, José. “A velha novidade de Gabeira” In: *Folha de São Paulo*, 29 de novembro de 1981.

³⁰⁷ Cf. “Jovens interrogam Gabeira sobre sua postura política” In: *Folha de São Paulo*, 27 de novembro de 1982. Trata-se da ocasião em que o autor foi convidado para a sessão do “Escritor 82”, elaborado pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, na Biblioteca Mário de Andrade e, segundo o jornal, encontrou-se com cerca de 500 estudantes de escolas estaduais de segundo grau e o assunto menos discutido foi sua literatura (o jornal afirma que “a maioria flagrante” dos jovens era petista).

igualmente num fenômeno importante e necessário. Gabeira inaugura a capacidade de um exilado ser *best seller* – o que, em alguns aspectos, pôde ser visto como algo positivo, no âmbito da difusão de idéias – ao mesmo tempo em que é transformado – e se deixa transformar – juntamente com seus livros, em uma mercadoria midiática, parecendo pouco se importar com isso (ao menos, não manifesta crítica a respeito do assunto).

De certa forma também, com ele se perceberá um limite à profusão dessas memórias e autores, crescendo a cobrança feita em relação às obras e atitudes expressas de maneira contundente na pergunta usada como epígrafe para iniciar esse capítulo. Nos dois últimos casos que se analisará a seguir, *o fenômeno Gabeira* se faz presente e ele será o fiel da balança, para o bem e para o mal, das narrativas de Sirkis e Guarany. A leitura desses dois autores será extremamente determinada pela recepção dada nos momentos distintos em que o fenômeno editorial e social que a figura do autor de *O que é isso, Companheiro?* durou. Tapajós será sempre um caso não-repetido em nenhum aspecto – nem repercussão política, nem repercussão literária, tampouco em vendagem – De original, na maior parte dos casos, o Moderno Memorialismo Brasileiro – como o cunhou Sirkis – só teria a oferecer os assuntos abordados.

Introdução aos *Carbonários* ou Por quê uma derrota é premiada?

Alguns dias depois do anúncio da Lei de Anistia – 28 de agosto de 1979 – o jornal *O Movimento*, em sua edição número 218³⁰⁸, publica dois textos sobre uma mesma guinada política de um mesmo sujeito, representando muitos outros. Os textos são: “O PTB contra as armas” e “Os Guerrilheiros de Brizola”. A alteração de rumo assumida por Alfredo Hélio Sirkis torna-se alvo de discussão, especialmente pela ligação com Leonel Brizola, sua participação na reorganização do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e a sua adoção de um discurso nacionalista em detrimento de suas posições anteriores.

Tudo isso tem a ver com o período pós-Chile e as impressões causadas pelo golpe de estado de 11 de setembro de 1973 e a passagem rápida no período do retorno de Péron ao poder (narrado rapidamente ao fim de *Roleta Chilena*). A estadia na Argentina dura meses³⁰⁹, que coincidem com o período da morte de Péron e ascensão de sua esposa e vice-presidente, Isabelita, bem como o recrudescimento das ações de grupos para-militares de direita e de esquerda, como os Montoneros.

Os Novos Guerrilheiros de Brizola.

“*Em Portugal tinha acabado de se dar a Revolução dos Cravos. Peguei um avião pela rota do Pacífico com escala em Lima e Caracas. Posso verificar a data precisa do meu velho passaporte.*”³¹⁰ Mas o quê acontece em Portugal para promover tal alteração de rumo tão criticada pela imprensa alternativa? Trata-se de uma pesquisa ainda a ser feita acerca da participação de exilados brasileiros na Revolução dos Cravos de 1974³¹¹, culminando com o fim do governo de Marcelo Caetano. Sobreviventes de outras situações

³⁰⁸ “O PTB contra as armas” & “Os Guerrilheiros de Brizola” In: *O Movimento*, nº 218, de 03/09/1979 a 09/09/1979, p. 07.

³⁰⁹ Segundo Sirkis, em pergunta respondida por correio eletrônico a mim, em 31/01/2006, acerca disso: “Passei uns nove meses na Argentina e saí de lá logo depois de Isabelita assumir o governo, com a morte de Perón, pela extrema insegurança: a AAA estava seqüestrando e executando exilados uruguaios, brasileiros e chilenos, em Buenos Aires”.

³¹⁰ Resposta concedida por correio eletrônico, acerca do período em Portugal, em 31/01/2006.

³¹¹ Algo semelhante como foi feito em CERVELLÓ, Josep Sánchez – *A revolução portuguesa e a sua influência na transição espanhola (1961-1976)*, Lisboa : Assírio e Alvim, 1993.

revolucionárias ou golpes de estado e/ou viajando (já na condição de exilados) de países europeus onde a social-democracia vigorava, essa colônia de exilados tem, segundo Sirkis, em Portugal, um papel secundário na Revolução, num certo momento, porque:

“A gente saiu do Brasil, querendo fazer a revolução e não conseguiu; foi pro Chile, tentou fazer a revolução e não conseguiu; foi prá Argentina, tentou fazer a revolução, não conseguiu; chegou em Portugal, tentou fazer a revolução e não conseguiu... Só que a diferença das outras coisas é que Portugal não foi uma tragédia, foi uma comédia! A atuação que os brasileiros tiveram em Portugal naquele período(...) entre o 25 de setembro de 1974 e 11 de março de 75 – foi uma das coisas mais ridículas que eu já vi na minha vida(...) a gente tava convencido de que iam prender a gente e fuzilar e deportar(...) Em Portugal houve um golpe de estado progressista, militar, contra o Colonialismo. Depois de uma situação de transição, restabelecida a democracia, e a extrema esquerda achou que tinha que implantar uma república dos soviets em Portugal de qualquer jeito! E começou a... desde o primeiro momento, a conspirar contra a democracia que estava sendo implantada em Portugal. E os brasileiros lá... nós todos participamos disso, metidos com aquelas organizações de extrema esquerda que eram basicamente o PRP, o MFA e com a ala ultra-esquerda do Movimento das Forças Armadas, chefiada pelo Saraiva de Carvalho(...) E aí depois que aquilo foi derrotado, quando o Ramalho Eanes, chefe do Estado Maior, o Jaime Neves, comandante do Regimento de Comandos da Armadora... eles se mobilizaram numa ação militar extremamente eficiente, incruenta, neutralizando todos os quartéis controlados pela extrema-esquerda... Eu fui prá casa dizendo: “Mais uma vez fomos derrotados”; eu tava tão deprimido que deitei na cama, falei: “Vou ficar aqui esperando que venham me prender!” (risos). Aí eu passei um, dois, três dias, quatro dias, ninguém veio prender, nem a mim (risos)... e o Carlos Minc, que morava na mesma casa; ninguém veio nos prender, esqueceram da gente... E depois perdoaram a gente... O Partido Socialista, o Mário Soares... daqui a pouco tavam fazendo campanha pela nossa Anistia no Brasil, perdoaram a gente pelas merdas que a gente aprontou lá em Portugal! (risos) Então aquilo foi um choque altamente didático, porque não houve lá a tragédia a ser digerida... como no caso do Chile, na Argentina, a revolta, aquela coisa(...) Não! Houve... a gente achou que ia ter uma ditadura militar... porra nenhuma! Convocaram eleições, houve eleições, Governo democrático. O pessoal... inclusive... o pessoal que deu o contragolpe, digamos assim, é... bom, era... o Ramalho Eanes talvez fosse o mais de centro, os outros eram todos uma esquerda moderada, o Melo Antunes, sobretudo, que

era o grande ideólogo dos oficiais(...) então, porra, então a gente caiu em si! E viramos meio social democratas e com uma sensibilidade ambientalista, e passamos a trabalhar muito ligados ao Partido Socialista Português, do Mário Soares.”³¹²

A ligação com Leonel Brizola se dá com a chegada do ex-governador em Portugal, após sua expulsão do exílio uruguaio e passagem pelos Estados Unidos (1977). Chegando em Portugal, Brizola teria se encontrado, segundo Sirkis, “(...) *com o nosso grupo de pessoas que eram... da VPR, MR8, ALN que tavam lá. Ex! Tudo ex, ex, ex. E aí ele já tinha feito a transição entre a extrema-esquerda e a social-democracia(...)*”³¹³.

Após a, de acordo com Alfredo Sirkis, desonrosa participação do grupo de ex-guerrilheiros na Revolução dos Cravos, o grupo de Lisboa decide se aproximar de Brizola e fundar um novo projeto para o Brasil, que novamente naufragaria. “(...) *o Brizola chega em Lisboa e vislumbra-se a possibilidade de usar a liderança do Brizola e a tradição do Partido Trabalhista Brasileiro prá se criar um Partido Socialista, de cunho social-democrata, baseado numa história, com raízes históricas no Brasil*”³¹⁴.

A consolidação desse encontro de 1978 pode ser conferida com o documento final do “Encontro dos Trabalhistas do Brasil com os Trabalhistas no Exílio – Lisboa, 15, 16, 17 de Junho de 1979”. O tom do documento, enquanto uma mudança propositiva de rumo, (inclusive para a realização de um congresso, em 19/04/1980, visando organizar um novo PTB) pode ser sentido logo abaixo, em seus excertos essenciais:

“Reconhecendo que é urgente a tarefa da libertação do nosso povo, nós, brasileiros que optamos por uma solução Trabalhista, nos encontramos em Lisboa. E se o fizemos fora do país, é porque o exílio arbitrário e desumano impediu este Encontro no lugar mais adequado: a Pátria Brasileira.

A tarefa de organizar com o nosso povo um Partido verdadeiramente nacional, popular e democrático é cada vez mais premente(...)

³¹² Entrevista com Alfredo Sirkis, concedida em 28/04/2005, no Rio de Janeiro, Transcrição da Fita 1, Lado B, pp. 24-26. Observação: Em virtude da falta de uma bibliografia maior sobre o assunto em questão, ou de entrevistas, valer-se-á fartamente da transcrição de entrevista com Alfredo Sirkis.

³¹³ Entrevista com Alfredo Sirkis, concedida em 28/04/2005, no Rio de Janeiro, Transcrição da Fita 1, Lado B, p. 24.

³¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 26.

A experiência histórica nos ensina, de um lado, que nenhum partido pode chegar e se manter no governo sem contar com o povo organizado e, de outro lado, que as organizações populares não podem realizar suas aspirações sem partidos que as transformem em realidade através do poder do estado. A falta de respaldo popular organizado pode levar a situações dramáticas, como aquela que conduziu o Presidente Getúlio Vargas a dar um tiro em seu próprio peito. (...)

O grande desafio com que nós, Trabalhistas, nos defrontamos hoje é o de nos situarmos no quadro político brasileiro para exercer o papel renovador que desempenhávamos antes de 1964 e em razão do qual fomos proscritos. Com efeito, apesar de termos tido numerosas deficiências, não foi por ela que caímos. Fomos derrubados, isto sim, em virtude das bandeiras que levantamos. A velha classe dominante brasileira e os agentes internos do imperialismo, não nos podendo vencer pelo voto, nos excluíram pelo golpe.(...)

Com o Congresso continuaremos firmemente, sob a inspiração da Carta Testamento do Presidente Getúlio Vargas, a caminhada junto ao povo que nos levará à emancipação da Pátria.”³¹⁵

Essa aproximação com Brizola e tentativa de refundação do PTB (que, em tese, deveria mascarar o projeto de um Partido Social-Democrata, na visão de Sirkis) dá errado por, segundo o entrevistado, interesses próprios do líder carismático que acabara de ser adotado pelo grupo de Lisboa. Quando retornam ao Brasil, a análise efetuada por Brizola (e pelo grupo também que, apesar do que expressa o documento, segundo Sirkis, gostaria ainda de ser vanguarda de algum movimento) se altera:

“(...)E o Brizola jogou o jogo, muito, porque... a gente, nós que apresentamos o Brizola ao Mário Soares; ele imediatamente seduziu o Mário Soares, foi apresentado um ano depois numa reunião da Internacional Socialista pro Willy Brandt, pro Olof Palm(...) ele seduziu os manda-chuvas da Social Democracia internacional de uma forma...! O Willy Brandt passou a achar o Brizola O Máximo! O Mário Soares passou a achar o Brizola O Máximo!(...) e o Brizola virou uma grande influência da Internacional Socialista. E nós, achando que seríamos os luas-pretas do Brizola, né? Que uma vez voltando

³¹⁵ Cf. “Encontro dos Trabalhistas do Brasil com os Trabalhistas no Exílio – Lisboa, 15, 16, 17 de Junho de 1979”. Documento 50-Z-0-15267 (pasta), folhas 01-09. Acervo DEOPS. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Checar o Anexo de Documentos.

pro Brasil, nó seríamos os grandes dirigentes de um grande Partido Socialista criado em volta do Brizola, poderia se chamar PTB, mas de fato era um Partido Socialista... é [suspiro]... Foi um erro de cálculo, porque quando o Brizola voltou pro Brasil, imediatamente foi cercado pela Turma da Maçoneta, pelos velhos puxa-sacos do Trabalho, estabeleceu aquela... relação... Líder Caudilho – Massas, aquela relação direta do Caudilho com as Massas, sem intermediação de uma elite política esclarecida, que... nós julgávamos que éramos nós. E... então fomos nos afastando dele, cada um foi... todo mundo praticamente se afastou dele, daquele grupo, alguns mais rápidos, outros mais... Eu me afastei dele em 80, mas sem nunca ter tido nenhuma briga com ele; mantive uma relação cordial e carinhosa com o Brizola, até o fim da vida dele... e gosto dele... mas, sempre à minha distância, né? (risos)³¹⁶.

³¹⁶ Entrevista com Alfredo Sirkis, concedida em 28/04/2005, no Rio de Janeiro, Transcrição da Fita 1, Lado B, pp. 26-27. Ainda sobre o caso PTB: Após a reforma partidária de 1977, a deputada Ivete Vargas e Leonel Brizola, este ainda no exílio, iniciaram a rearticulação do Partido Trabalhista Brasileiro. A impossibilidade de união entre essas duas lideranças levou a uma disputa pela sigla, que acabou por ficar em mãos dos partidários da deputada, falecida pouco depois da obtenção do registro no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). O grupo brizolista fundou, então, o Partido Democrático Trabalhista (PDT), em maio de 1980. O programa do PDT se inspirava na Declaração dos Direitos Humanos da ONU e no conteúdo da carta testamento de Getúlio Vargas.

Breves Leituras, efeito pedagógico e mais um Jabuti

É em meio a mais essa derrota política que *Os Carbonários* é finalizado, em Foz do Arelho, Portugal, 06 de agosto de 1979 e lançado em meados de 1980. Augusto Nunes e Marcos Sá Corrêa escrevem para a revista *Veja* a primeira crítica sobre o livro de Sirkis. Compara-se o livro com o segundo depoimento de Gabeira, uma vez que ambos seriam lançados na mesma semana. Para os jornalistas, ambos os autores, especialmente Sirkis, forneceriam uma experiência didática, em particular para os atores da então nova realidade política brasileira:

“Lições para dar

(...)O livro de Sirkis, uma sucessão de parágrafos curtos e secos como soluções, não tem o charme estilístico de “Que é isso, Companheiro” (sic), de Fernando Gabeira. Mas a exemplo de Gabeira, Sirkis não tem a preocupação – evidente em panfletos como “Memórias do Exílio” ou “A Esquerda Armada no Brasil” – de provar que os seqüestradores e militantes das organizações radicais da última década eram super-homens (...) Sirkis, que voltou do exílio certo de que a liberdade é muito mais que uma bandeira tática mais fácil de carregar que a “ditadura do proletariado”. Repórter talentoso, ele traça exatos perfis dos parceiros de sua dramática viagem, - entre eles não há santos integrais nem canalhas completos. Essa virtude do livro talvez se deva ao fato de que ao escapar da prisão, da tortura e de confissões terrivelmente dolorosas, Sirkis pôde mudar de rumos sem carregar na alma cicatrizes irremediáveis (...).

Por tudo isso, “Os Carbonários” tem lições a oferecer a leitores de diferentes calibres ideológicos. O relato de Sirkis talvez corrigisse a miopia política de homens como Luís Inácio da Silva, o “Lula”, para quem “o Brasil não pode ficar pior que está”. Estudantes que hoje voltam a apregoar a luta armada “como única forma de derrubar a ditadura” talvez compreendessem, ao fim da leitura, que o submundo dos “aparelhos”, “pontos” e “ações” não têm espaço para passeios revolucionários. A direita, enfim, poderia aprender que é muito

fácil juntar jovens extremistas num “grupo tático armado”, sobretudo em terrenos regados a seqüestros e incêndios de bancas de jornais”³¹⁷

Esse efeito pedagógico seria reforçado em algumas análises posteriores, fossem favoráveis ou contrárias, aliadas a uma certa idéia de autenticidade autoral. Caio Graco Prado escreve em seu jornal, *Leia Livros*, sua ótima impressão (e admiração) do livro, com um texto que denominou “O Momento da Decisão”:

“Estou cansado de memórias guerrilheiras. Tenho lido muitas e quase todas se parecem nas glórias, angústias e perplexidades da clandestinidade. Esse livro que me chamou a atenção porque pensei reconhecer no autor, cuja foto aparece na quarta capa (...) um jovem que passou dois dias em minha casa, nos idos de 70, a caminho do exílio sem que eu ficasse sabendo sequer seu nome real a despeito dos longos papos que tivemos madrugada afora. Não se tratava do mesmo, mas essa feliz coincidência me fez iniciar a leitura do livro de Syrkis que como aconteceria com qualquer um, não consegui mais pôr de lado, mergulhando nas 346 páginas que percorri num fôlego só tal o clima de ternura, suspense e ação que o autor, tão bom na escrita quanto no gatilho, descreve.

Não acredito em heróis. Acredito na coragem e pelo muito que ela lhes é necessária, admiro os coerentes. Sem conhecer o autor, posso afirmar, contudo, que lhe custou muito mais abandonar a luta armada após quatro anos de militância (...) – na qual reconhece não ter mais condições pessoais para seguir numa luta que já sabia errada e prévia derrotada – do que ingressar nessa mesma luta, menino ainda com 16 anos, que para ela se encaminhou naturalmente à medida que a selvageria da opressão lhe tolhia todas as outras formas de protesto.

Nos cruzamos certamente no Rio, na vigília ao corpo do estudante Edson Luís, assassinado pela polícia de Negrão de Lima em 1968.

A diferença é que eu tomei um avião a São Paulo e ele uma decisão.”³¹⁸

³¹⁷ CORRÊA, Marcos S. & NUNES, Augusto. “As letras da Anistia: jovens dos anos 60 contam como o AI-5 fabricou o terrorismo de Estado e como é dura a vida no exílio” In: *Veja*, nº 623, 13/08/1980, pp. 79-80.

³¹⁸ PRADO, Caio G. “O momento da decisão” In: *Leia Livros*, nº 28, de 15 de setembro de 1980 a 14 de outubro de 1980, p. 04.

Flávio de Carvalho, n' *O Movimento*, escreve crítica em direção contrária à de Prado e os jornalistas da *Veja*. Comparando o fenômeno das memórias de Gabeira e Sirkis Carvalho aponta para elementos cruciais que fizeram, naquele momento, aquelas memórias, um sucesso. A adequação ao presente vivido (1979), o uso de *marketing*, uma visão desfocada. Para ele, “*Quem se limitar à leitura apenas desses três livros que estão liderando vendas, certamente terá uma imagem desfocada do período, principalmente porque esses dois memorialistas torcem e retorcem a realidade para enquadrá-la em suas propostas existenciais atuais.*” Contudo, o autor reconhece que “*Os dois se apresentam com toda a sinceridade e sem mistificações dos super-heróis guerrilheiros(...)*”.

Ainda assim, ele condena o que chama de dias promocionais do retorno. É uma voz dissonante em meio a tantas outras entusiastas dos autores, especialmente de Gabeira. Para Flávio de Carvalho:

“Sirkis está realizado em *Os Carbonários* de maneira freqüentemente defeituosa para o público consumidor de memórias. As descrições das passeatas estudantis são desnecessariamente alongadas, edifícios e automóveis se tornam insetos metálicos com uma freqüência anormal e algumas construções, francamente, eram melhor não terem sido criadas (“A preocupação materna atravessou vários quarteirões, pelos cabos da Telerj.”)(...)

Enquanto Gabeira escolheu como proposta atual coisas simpáticas como a política do corpo, a ecologia, a defesa das minorias, Sirkis se vinculou a uma proposta de ação política que, para o público mais jovem, raia a caretice: o brizolismo e a renegação da luta armada sob o pretexto discutível de que “já fizemos e não deu certo”. Contra ele pesa especialmente a crítica de não ter se emendado. Ou seja, entrou apressadamente demais na luta armada esperando conquistar a revolução instantânea, via militarismo das organizações foquistas, e agora tenta de novo fabricar a política de massas instantânea que já vem pronta no petebismo.”³¹⁹

³¹⁹ Esta e as outras citações imediatamente anteriores, em itálico: CARVALHO, Flávio de. “Livros: As memórias, documentos e estórias da guerra urbana – A década passada já é livro de história. Mas ainda falta muito para se ter um retrato da época” In: *O Movimento*, nº 278, de 27/10/1980 a 02/11/1980, pp. 19-21.

Em junho de 1981, antes de ganhar o Prêmio Jabuti³²⁰ daquele ano (na categoria de melhor livro de Memória/ Biografia) e um mês antes de lançar seu segundo livro de memórias, Sirkis concederia às páginas amarelas de *Veja* a entrevista da semana do dia 24. Nela, o autor discute a recepção d’*Os Carbonários* entre antigos companheiros, as opções políticas que realizou no passado e naquele momento. Afirma, dentre outras coisas que:

“(…) Mas não escrevi “Os Carbonários” para a minha geração. Escrevi pensando especialmente na geração que hoje está com a mesma idade que eu tinha na época dos fatos relatados. Aliás, tenho indicações de que meus leitores são fundamentalmente, jovens. Sobretudo estudantes secundaristas(…)Convém lembrar que “Os Carbonários”, no fundo, não é um livro alegre; é triste. Tem momentos hilariantes, mas é, em essência, um livro sobre alguém que perde alguns dos melhores amigos, vê desabarem as coisas em que acreditava e, principalmente, pinta um quadro muito triste do Brasil dos anos 60 e começo dos 70. Quanto à avaliação dos erros que cometemos, entendo que nossa atitude deve ser não de arrependimento e, sim, de superação crítica de determinadas visões. (...) mas qual a linguagem mais eficaz para transmitir essa experiência à nova geração? Certamente não é a linguagem dos documentos teóricos da esquerda nem a postura apologética adotada por certas pessoas.”³²¹

Trinta dias depois, *O Estado de São Paulo*³²² anunciaria o lançamento de *Roleta Chilena*. Muito pouco se fala de seus livros – comparando-se com os casos Tapajós e Gabeira –. O fato de não ter sido preso em função de suas idéias ou ter se associado a algum tipo de choque comportamental rendeu-lhe poucas análises e menções. Mas não menos cobranças quanto a seus projetos de então. Sirkis escreveu *Roleta Chilena* em apenas três meses (dezembro de 1980 a março de 1981)³²³. Ao *Jornal da Tarde* do mesmo

³²⁰ Sobre o Jabuti de Sirkis, ver a última parte de “O Dobrado do Barão do Rio Branco”, no segundo capítulo dessa dissertação. O autor foi premiado pela Câmara Brasileira do Livro junto com Dyonélio Machado (Romance), José J. Veiga (Contos/Crônicas/Novelas), Gilda de Mello e Souza(Estudos Literários), João Gilberto Noll (Autor Revelação – Literatura Adulta).

³²¹ “Entrevista com Alfredo Sirkis” In: *Veja*, nº 668, 24/06/181, pp. 05-08.

³²² “Ex-militante político lança outro livro” In: *O Estado de São Paulo*, 22 de julho de 1981.

³²³ “Hoje – explica Sirkis – eu não me identifico com boa parte daquelas opiniões. Na época eu ainda era ligado a grupos de extrema esquerda, mas hoje estou no PDT (o partido presidido por Leonel Brizola), e me considero um socialista reformista. Aliás, não tenho medo dessas palavras que ainda constituem para muitos dos meus ex-companheiros, uma espécie de tabu.(…) Tenho planos. Da minha saída da Argentina até minha estadia em Portugal, onde fui um dos articuladores da volta de Leonel Brizola e da reconstrução do PTB, muito poderia ser dito. O mesmo vale sobre a minha passagem pela Polônia. Talvez escreva dois livros

dia, o autor é mais enfático no que tange ao seu projeto de escrever uma trilogia literária³²⁴. O terceiro livro deveria retratar os nove meses que passou na Argentina e o período da Revolução dos Cravos. Nunca foi publicado ou se tem notícia de que tenha sido escrito³²⁵. Ao invés disso, investiu no terreno da ficção com *Corredor Polônês*, semi-memorialístico³²⁶, segundo o autor.

Em março de 1982, a *Veja*³²⁷ afirma que haveria o projeto de Alfredo Sirkis e Geraldo Sarno para filmar *Os Carbonários* (ambos estariam preparando a versão cinematográfica do livro). O projeto nunca se concretizou porque, segundo o escritor

“Não, não saiu aquele... Eles compraram uma opção por dezoito meses... e ele e o falecido Nei Sroulevich, não conseguiram reunir a produção, depois o Luís Carlos Barreto ficou me enrolando durante dois anos... até que eu descobri que na verdade ele tava me segurando prá não vender prá mais ninguém, prá ele poder filmar *O que é isso, Companheiro?* sem concorrência... a única explicação... é que o Barretão e o [trecho incompreensível] me enrolaram durante dois anos pelo menos... Também acabaram não fazendo o filme e... *Os Carbonários* tá aí, qualquer dia desses alguém vai fazer. O que eu não me disponho é escrever o roteiro, eu quero que uma outra pessoa roteirize... Decididamente, não quero fazer o roteiro d’*Os Carbonários*.”³²⁸

separados, mas é mais provável um só. Ainda não sei.” Cf.: “Ex-militante laça outro livro político” In: *O Estado de São Paulo*, 22 de julho de 1981.

³²⁴ “(...) Narrado na primeira pessoa, eu fujo ao mero depoimento na medida em que recorro aos recursos literários ou mesmo ao bom humor. Pois bem, vou intercalando episódios de modo que as aventuras terminem com a minha chegada na Argentina, com a posse de Péron, numa época em que Buenos Aires era invadida por turistas brasileiros, e o leitor fique na expectativa de um terceiro livro.” Cf. “O segundo livro de Sirkis. E mais um depoimento político” In: *Jornal da Tarde*, 22 de julho de 1981.

³²⁵ “O terceiro, Sirkis não sabe quando ficará pronto – já que nem sequer começou a escrever.(...) [Sirkis] acha que ainda é cedo para completar a trilogia. “Não tive tempo suficiente para amadurecer toda essa experiência porque ainda estou vivendo a sensação da volta. Quando sentir que é a hora, escrevo o último livro de memórias e parto definitivamente para a ficção” Cf.: “Sirkis, aos 30 anos, faz suas memórias do exílio” In: *Folha de São Paulo*, 22 de julho de 1981.

³²⁶ “(...) *Corredor Polônês*(...) Esse aí é uma tentativa de um romance mais baseado realmente em fatos reais... conta a estória da minha mãe e do meu pai na Polônia e das minhas duas viagens à Polônia, um pouco ficcionalizado, quase nada... e também muita influência do Semprún, ainda nesse livro, que levou uma cacetada do Washington Novaes, que eu saí catando cavaco até hoje... mas acho que tem toda razão na crítica dele, em termos assim de que realmente a última parte do livro há uma perda de substância grande...” Cf. Entrevista com Alfredo Sirkis, concedida em 28/04/2005, no Rio de Janeiro, Transcrição da Fita 1, Lado A, p. 12.

³²⁷ Cf. *Veja*, nº 708, 31/03/1982, p. 76

³²⁸ Entrevista com Alfredo Sirkis, concedida em 28/04/2005, no Rio de Janeiro, Transcrição da Fita 1, Lado A, p. 16.

Como se pôde perceber, há um declínio significativo da cobertura da imprensa e da recepção crítica a esses autores, sendo mais importantes, na maior parte do tempo, os fatores externos às obras, ocorridos nos momentos de seus lançamentos – opções políticas, prisões, eventos de natureza comportamental etc. – que os livros em si. Se o declínio ou desinteresse é sensível até mesmo para um autor premiado com um Jabuti, cujas memórias, em geral, ao mesmo tempo em que servem de referência para o período são igualmente acusadas de falta de maturidade para a escrita (questionando o projeto do autor de se tornar escritor), o que dizer do caso de Reinaldo Guarany, que se verá a seguir e, como já foi afirmado, pega certamente a última parte da onda dos livros de antigos exilados?

Sem comentários. Sem Leituras? Sem Leitores?

“Esse rapaz foi muito injustiçado. Não sei se é o estilo dele, que é um pouco, um pouco... O próprio livro é denso demais. Ele não foi entendido.(...) Peguem, analisem a literatura dos anos de chumbo. Debulhem isso. Destrinchem isso, dissequem isso. Ele precisa ser reconhecido o... o menino do Rio de Janeiro, o Reinaldo Guarany Simões. O livro dele é bom!”³²⁹

Num capítulo que se dispõe a debater a recepção crítica às obras e autores estudados por essa dissertação, parecerá estranho abordar um caso de absoluto silêncio crítico sobre as obras de um escritor. Em outros momentos do texto, afirmou-se que uma hipótese para esse silêncio estaria relacionada ao fato de, por exemplo, *A Fuga* ter sido editado num momento adverso para essas memórias, 1984. Contudo, isso não é inteiramente verdadeiro para o caso de *Os Fornos Quentes*, editado em 1978 e publicado um ano depois do caso Tapajós (na mesma editora) e dois anos antes da chegada do autor³³⁰.

Seria o caso, então, de questionar ou se posicionar claramente sobre o valor literário das obras de Guarany. Feito isso, é possível afirmar: ambos os livros são bons. Ambos são passíveis de apreciação estética tanto quanto os outros analisados. Comparativamente, *Os Fornos Quentes* é hermético e mais difícil de ler que as obras de Gabeira ou Sirkis, o que certamente comprometeu sua absorção junto a uma determinada faixa de público ou da crítica literária e jornalística. Aproxima-se da atmosfera de *Em Câmara Lenta*, embora não realize os recursos formais propostos por Renato Tapajós com o mesmo sucesso, ainda que igualmente os utilize: repetição de cenas, fluxo de consciência, *flash backs*, desenrolar progressivo de um mesmo fato repetido, histórias paralelas etc. No caso de *A Fuga*, a clareza de seu estilo poderia aproximá-lo do livro de Sirkis – ainda que o autor tenha afirmado ter tentado repetir a técnica e seguir no esteio do caso Gabeira. – Igualmente sem sucesso.

³²⁹ Entrevista com Fernando Mangarielo, concedida ao autor em 08/07/2005, em São Paulo, Transcrição da Fita 2, Lado A, p.37.

³³⁰ “O primeiro livro, *Os Fornos Quentes*, foi aceito na primeira editora, a Alfa-Ômega. Eu ainda estava na Suécia e os contatos eram feitos por correio. Mas mandei os originais, assinei contrato e quando cheguei no Brasil já encontrei o livro nas livrarias.” Cf.: Entrevista com Reinaldo Guarany, concedida por correio eletrônico em 10/12/2004, no Rio de Janeiro, p. 30.

Admita-se a idéia, do próprio autor, de que ambos os livros sejam mal escritos. Ora, mesmo livros mal escritos recebem críticas, especialmente para confirmar tal caráter. Também não foi o caso. Destarte, efetivamente, o que se passou?

As duas únicas referências encontradas por mim sobre Guarany e seus trabalhos, na imprensa do período, são indiretas e estão distante dois anos uma da outra, em jornais alternativos. A primeira aparece no *Em Tempo*, com o título “Exílio, Luz, Câmera, Ação!”³³¹ que faz referência ao filme *Quando o momento chegar*. A segunda matéria também versa sobre o exílio e já foi utilizada anteriormente nessa dissertação: é o texto de Flávio de Carvalho, “Livros: As memórias, documentos e histórias da guerra urbana”³³². Como já se viu, nesse texto, o articulista analisa aspectos das obras de Gabeira e Sirkis – comparativamente – e afirma, a certa altura que:

“Para muitas pessoas, esse período [1968-1976] é ainda um pesadelo do qual, em alguns casos, só se acorda para morrer, como Dora em *Fornos Quentes*, ou como no caso de Frei Tito, que só viu o suicídio como saída para aplacar os sofrimentos causados pelo delegado Fleury.

Os livros de memórias sobre o período mal seriam a superfície desses pesadelos, principalmente porque os trabalhos mais divulgados nesse enfoque são polarizados em praticamente duas obras, que procuram retratar o período – *Os Carbonários* e os dois livros de Fernando Gabeira.”

Nem mesmo o nome do autor de *Os Fornos Quentes* é mencionado ou se procede a uma análise de seu livro. Entretanto, dizer que Guarany e suas obras foram tragadas numa onda de sucesso onde não se conseguiram realizar é dizer algo, mas muito pouco. Dizer que seus textos estão em descompasso com uma certa temporalidade e um certo sujeito histórico é avançar um pouco mais; desta forma, é sob este aspecto que se procederá a segunda parte desse capítulo, finalizando-o.

³³¹ Cf.: “Exílio, Luz, Câmera, Ação!” In: *Em Tempo*, nº 37, de 13/11/1978 a 19/11/1978, p.08.

³³² CARVALHO, Flávio de. “Livros: As memórias, documentos e histórias guerra urbana – A década passada já é livro de história. Mas ainda falta muito para se ter um retrato da época” In: *O Movimento*, nº 278, de 27/10/1980 a 02/11/1980, pp. 19-21. Colchetes meus.

As Trajetórias de um Projeto Político

Essa parte da dissertação não abordará temas novos. E para aqueles que conhecem razoavelmente a bibliografia acerca do período ditatorial, na época que abrange a Anistia (1978-1980), parecerá um tanto repetitivo. No entanto, parece-me que o novo reside não tanto nos fatos apresentados, mas na visão de alguns personagens sobre esses fatos – no caso, os escritores estudados. E a ligação dessa visão com seus livros, vinte e cinco ou trinta anos mais tarde. Quanto aos fatos, já existe uma bibliografia clássica e imprescindível sobre o tema dos novos movimentos sociais surgidos ao fim dos anos 1970 – Feminismo, Negros, Ambientalismo, Trabalhadores, Contra a Carestia, Contra o Custo de Vida etc. – cuja tentativa de tentar esgotá-la ou apresentá-la sucintamente erraria pela omissão e/ou desconhecimento de alguns detalhes³³³.

Nesse sentido, retoma-se a atenção ao objeto da dissertação. No capítulo anterior e na primeira parte deste último, procurou-se explorar a categoria da *bifrontalidade* em dois aspectos precisos: narrativa e recepção (estética e social). Nas linhas predecessoras, a idéia de bifrontalidade está ligada à recepção crítica à narrativa elaborada pelos autores cujas origens estão enlaçadas pela experiência da luta armada, exílio e/ou prisão. Como hipótese da dissertação, num primeiro momento, essas narrativas são permeadas pelas idéias de revisão, de reavaliação de uma atitude pessoal e de um projeto coletivo. Simultaneamente, como se procurou abordar, essa reavaliação implica num diálogo, quer seja com as novas estruturas sociais – a realidade social brasileira do fim da década de 70 – quer seja com frações de sujeitos históricos nessas novas estruturas.

Tornando mais claro: Talvez seja demasiado forte afirmar que haveria um *público* consolidado pronto para a recepção dessas memórias. O público e a opinião pública, a

³³³ Por exemplo: SADER, Éder. *Quando novos atores entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980)*, RJ: Paz e Terra, 1988; TELLES, Vera da Silva. *Experiência do autoritarismo e práticas instituintes: os movimentos sociais em São Paulo nos anos 70*, São Paulo: Vera, 1984.; KOTSCHO, Ricardo. *Explode um novo Brasil: diário da campanha das diretas*, São Paulo: Brasiliense, 1984; RODRIGUES, Alberto Tosi. *Diretas Já: o grito preso na garganta*, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003;

priori, não existem³³⁴, mas são construídos socialmente a partir de diversos fatores que os influenciam. Daí, portanto, concluir que os livros desses autores (especialmente nos casos de Tapajós e Guarany) são formatados para um determinado público é parcialmente correto. Muitos seriam esses públicos-leitores e muitas foram as leituras possíveis. E, provavelmente, o(s) leitor(es) de Guarany e Tapajós não é(são) o(s) mesmo(s) de Sirkis e Gabeira.

Todavia, também não seria de todo errado formular a hipótese de que houve uma *aposta de leitura* a um certo tipo de leitor e/ou interlocutor ideal. Senão, para começar, essas memórias não teriam sido publicadas. A aposta é formulada por editores e autores, com as diversas motivações possíveis que tal empreendimento possui³³⁵. Desta forma, no âmbito dos autores, o que cabe questionar é se tal empreendimento se realizou positivamente ou não. Em termos literários, teve pouca duração. *Em Câmara Lenta* nunca passou da segunda edição; *O Crepúsculo do Macho* e *Roleta Chilena* não repetiram o sucesso estrondoso de seus predecessores – e as investidas literárias posteriores de seus autores não conheceram o sucesso –. *A Fuga* e *Os Fornos Quentes*, face a repercussão dos outros livros, são apenas dignos de registro histórico. Tudo isso pode ser dito se for observado em termos numéricos, somente. No plano da importância literária e sócio-política, os termos são inteiramente outros. Nesse sentido, pergunta-se: o que aconteceu ao sujeito histórico daquelas memórias, no tempo transcorrido ao redor da Anistia?

Documentando o ABC da Greve.

³³⁴ Cf. COHN, Gabriel (org.). *Comunicação e Indústria Cultural* São Paulo: Companhia. Editora Nacional/EDUSP, 1971; COHN, Gabriel. *Sociologia da Comunicação: teoria e ideologia*, São Paulo: Pioneira, 1973; BOURDIEU, Pierre. “A Opinião Pública não existe” In: *Questões de Sociologia*, Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, pp. 173-182.

³³⁵ Por exemplo: Se Fernando Mangarielo afirma que publicou (e ainda publica) os livros progressistas por estar identificado com os clamores de época (como já foi visto anteriormente), o editor da Global, Luis Alves Jr, diz que o fez “Por conhecer o mercado e saber o que era deficitário na época, Luís Alves Jr. criou a editora publicando aquilo que ele sabia que faria sucesso(...) O mercado pedia esse tipo de literatura” – Entrevista com Luís Alves Júnior, concedida por correio eletrônico, em São Paulo, em 27/06/2005, pp. 02 e 04 respectivamente. No caso dos autores, Tapajós afirmou que, além de uma obra coletiva, partiu de uma necessidade interior. Gabeira, transmissão de experiência; Sirkis, ser um contador de histórias para não ter mais que repeti-las e; por fim, Guarany, raiva e uma certa expectativa de sucesso.

Após o caso *Em Câmara Lenta* a trajetória de Tapajós está ligada a quatro conflituosas linhas de força, naquele momento: participação na Ala Vermelha que encontra pós-cadeia(1974); documentarista do programa *Globo Repórter* (ao lado de Eduardo Coutinho, João Batista de Andrade e outros); no mesmo plano do documentário, situa-se a realização de seus trabalhos pessoais, como *Linha de Montagem*; e, por fim, decorrência da presença e ligação com o Sindicato de Metalúrgicos em São Bernardo, a participação na articulação do Partido dos Trabalhadores em 1980.

“Então, qual era a proposta? A proposta era voltar ao movimento espontâneo prá levar ao movimento espontâneo uma... Uma visão do... duma proposta revolucionária socialista que era a nossa[da Ala Vermelha], tá certo? E foi o que nós fizemos. Então, nós estávamos lá em São Bernardo quando todo o movimento começou, nós tivemos, todos os militantes da Ala estiveram situados em posições chave dentro do desenvolvimento desse processo, né? Na imprensa, na comunicação, na assessoria ao sindicato, dentro de todas, dentro desse troço todo, né? E, quer dizer, com uma visão já um pouco diferente da leninista clássica. Que a nossa visão era a de que as lideranças desse processo não iam sair do Partido, elas iam sair do Movimento Social, né? E que cabia àqueles que estudam o Marxismo, o Leninismo, dentro da teoria etc., trabalhar junto a essas lideranças, pra que elas se encaminhassem nesse sentido. E agora, dando um salto de 20 anos, eu acho que o que acontece naquele momento é que o movimento social que surgiu em São Bernardo e Diadema, ele tinha um ímpeto tão grande, ele tinha uma lógica interna tão forte, né? Que nós, militantes, socialistas, marxistas e leninistas etc., nós não conseguimos acompanhar. Nós não fomos absolutamente condutores daquele movimento. Nós fomos, quando muito, consultores daquele movimento, no primeiro estágio do movimento, mas ele adquiriu uma dinâmica própria, né? E quando o Lula surge, quando o PT é criado, quando o resto das forças de esquerda e da classe média são polarizados em torno desse movimento, né? O nosso papel específico perdeu importância. E depois nós não fomos capazes, pelo contrário, nós fomos, aos poucos, sendo cuspidos prá fora do movimento. (...) A idéia de que o próprio movimento realizou o processo de afastar determinadas lideranças socialistas que... enfim, não tavam de acordo com a lógica interna desse movimento, né?”³³⁶

³³⁶ Entrevista com Renato Tapajós, concedida em 25/11/2004, em Campinas, Transcrição da Fita 1, Lado B, pp. 12-13.

O desencontro, na visão de Renato Tapajós, com o movimento social se estende também ao reencontro com a antiga organização à qual pertenceu. Tapajós fica ligado à Ala Vermelha, após ter saído da cadeia, por um breve tempo. Segundo o autor, isso se deveu basicamente porque:

“(...) A Ala Vermelha que eu encontrei depois que eu saí da cadeia não era a mesma organização que tinha deixado quando fui preso, entendeu? Quer dizer, a maior parte dos quadros que eram importantes na organização foram presos ou mortos, né? Os quadros que tomaram conta da organização nesse período foram outros, né?(...) Houve um conflito entre o pessoal que tinha ficado de fora e o pessoal que foi preso(...) A Ala se formou num momento de auge do movimento clandestino(...) e portanto ela tinha que se estruturar como uma organização clandestina extremamente segura e longe da superfície, né?(...) Quando eu saio da cadeia em 74, 75, o que eu vou perceber aqui fora é que os controles da Ditadura já tinham diminuído muito, não agüentavam mais a ascensão de um determinado movimento político que... tava vindo, que já era perceptível nesse momento, entendeu? Tanto é assim que a gente vai prá São Bernardo e as coisas tão acontecendo lá e dois ou três anos vai explodir tudo, né?(...) só que a Ala continuava vendo a realidade, vendo a sua inserção na realidade, da mesma maneira como ela tinha visto há cinco anos atrás(...)”³³⁷

O descompasso com a Ala Vermelha coincide com uma aproximação crescente com o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e/ou com temáticas em seu

³³⁷ Entrevista com Renato Tapajós, concedida em 25/11/2004, em Campinas, Transcrição da Fita 2, Lado B, pp. 41-42. Sobre o mesmo assunto, Alípio Freire, membro da Ala Vermelha junto com Renato Tapajós e outros, tem a seguinte visão: “(...) E a Ala não era o espaço para organizar esse povo que emergia militando na política, não cabiam numa organização com um viés... tão definido ideologicamente, tão... é... com um perfil tão rígido... Ela foi prá outro momento, ela foi um instrumento adequado pro momento anterior, tá? Não cabia trazer esses novos militantes que surgiam no movimento popular prá dentro da Ala, ia ficar... Era outra coisa. Tanto que nós fomos, por caminhos diferentes, mas juntos com a Convergência Socialista, que tínhamos divergências imensas, sem termos discutido, as duas organizações propuseram a criação de um partido de massas dos trabalhadores, entende? Então, é preciso entender também que aquele movimento do final dos anos 70 é uma construção da esquerda, dentro da possibilidade histórica que tava posta, óbvio. Se não houvesse desagregação da ditadura, aquela crise, todas as coisas que tavam acontecendo, talvez nós não emplacássemos. O fato é que as coisas foram como foram e nós tínhamos esse projeto e emplacamos esse projeto naquele momento.(...) Então... Prá dizer se fomos expelidos pelo Movimento ou não fomos expelidos pelo Movimento... Eu acho um pouco... uma visão rígida demais, né? Muito... um desenho muito fechado(...) Nós sofremos uma derrota dentro do PT... A gente tem que encarar isso! Nós fomos derrotados dentro do PT! Ou encara isso ou não vai entender o que está acontecendo. Agora, não estamos mortos. Nós continuamos a ter uma representatividade dentro de vários setores(...) eu não sei o quê o Renato quis dizer mas, eu me sinto dentro do curso da História. E acho que ele também está, entende?” Cf. Entrevista com Alípio Freire, concedida em 03/12/2004, em Campinas, Transcrição da Fita 1, Lado A, pp. 08-09.

trabalho simpatizantes à classe operária³³⁸. Entre 1975 e 1982, Tapajós dirige o documentário *Fim de semana*, sobre os mutirões de trabalhadores para a construção de casas populares; oferece um curso de cinema no Museu Lasar Segall, tendo a composição de metade de uma das turmas de dirigentes sindicais de São Bernardo; desse encontro, surgem os documentários *Acidente de Trabalho*, *Teatro Operário*, *Trabalhadoras Metalúrgicas* (em co-direção com Olga Futema), *Greve de Março* (sobre a greve dos metalúrgicos do ABC em março de 1979) e, finalmente, *Linha de Montagem*, cuja trilha sonora é de Chico Buarque. O filme foi produzido pelo Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Esse período de efervescência no âmbito do documentário político está atrelado também, para Tapajós, com o período em que trabalha para o *Globo Repórter*, numa época em que antigos guerrilheiros da luta armada e membros do Partido Comunista são admitidos na emissora. No *Globo Repórter*, segundo o relato do autor a Marcelo Ridenti, a censura interna acontecia da reunião de pauta até a finalização dos vídeos. O autor chegou a realizar filmagens sobre a greve de 1979 e o enterro do operário Santo Dias, morto durante uma passeata; só que o material foi solicitado pela Central do programa, no Rio de Janeiro e jamais foi visto novamente. Ao mesmo tempo, ele afirmaria sobre a contradição ou crise que o trabalho provocaria nele e em outros documentaristas de mesma origem histórica:

“(...) Por outro lado, ele conta que fez todo tipo de filme para o programa, inclusive uma série sobre ecologia. Seu documentário de maior sucesso no *Globo Repórter* foi *Os peçonhentos*, a respeito de animais venenosos: cobras, escorpiões e aranhas. O filme lhe valeu uma “crise de identidade profissional”: Tapajós estava muito feliz com o resultado de uma pesquisa no meio sindical e popular, que mostrara que seu documentário *Greve de Março* patrocinado pelo Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo, no prazo de um ano, fora visto pelo expressivo número de cerca de 250 mil pessoas, fato raro para um filme alternativo, de mercado independente. A alegria só durou até chegarem os dados do IBOPE da audiência de *Os peçonhentos*: 35 milhões de espectadores. Então, ele se perguntou: nos movimentos populares, “a gente

³³⁸ As informações sobre a aproximação de Tapajós com São Bernardo do Campo foram extraídas do livro do sociólogo Marcelo S. Ridenti, *Em Busca do povo Brasileiro*, Op. Cit. pp. 340-346.

está fazendo filme para 250 mil pessoas, e os caras aqui têm 35 milhões, numa noite. O que nós estamos fazendo?”³³⁹

Ao mesmo tempo, as relações com o PT também estremeceem, em momentos cruciais, também por conta de seu entendimento do que seria o papel de um Partido dos Trabalhadores, do intelectual nesse partido e da forma de comunicação desse partido, com as massas e os quadros, num contexto de propaganda política:

“Cuspidos pelo movimento, quer dizer(...) Ou a gente não compreendeu, né? Ou a gente compreendeu e não quis admitir e quis levar em frente o projeto que a gente tava, que a gente tinha na cabeça, né? E aí, cada um foi cuspidos da maneira que...(...)Na minha trajetória pessoal, isso vai acontecer dentro dos trabalhos de comunicação do PT, né? Eu dirigi todos os filmes, a primeira campanha do PT, os primeiros programas e tal. Eu tinha a responsabilidade de direção de todo o processo. Aí, quando chegou 84, 85... A direção do Partido começou a chamar um pessoal ligado à Publicidade, que não tinha uma trajetória, uma trajetória política, né? Botar junto, né? Forçar a barra, né? Prá essas pessoas entrarem no programa que eu tava dirigindo. Até o momento em que eu me senti sobrando ali naquela história. “Bom, já que é assim, então... tô pulando fora. Porque eu não vou assinar esse programa que tá saindo daqui porque não é o que eu penso”(...) Quando se propõe à direção e a direção aprova, né? Prá mim isso aí é o ponto de clivagem, né? (...) Um *slogan* como: “Experimente Suplicy, é diferente de tudo o que tem aí”, aí eu falei: “Não, não dá. Aí eu tô fora” (risos) Entendeu?”³⁴⁰

Renato Tapajós esteve ligado ao Partido dos Trabalhadores até 1990, após a campanha de Luis Inácio Lula da Silva, em 1989, à Presidência da República, perdida para Fernando Collor de Mello.

³³⁹ Cf. RIDENTI, Marcelo. *Em Busca do Povo Brasileiro, Op. Cit.*, p. 326.

³⁴⁰ Entrevista com Renato Tapajós, concedida em 25/11/2004, em Campinas, Transcrição da Fita 3, Lado A, pp. 53-54. O *slogan* a que o escritor se refere é da candidatura de Eduardo Matarazzo Suplicy para o Governo do Estado de São Paulo, perdida para André Franco Montoro, em 1986.

Ambientalizando a Política & Politizando o Corpo

Um aspecto da trajetória de Fernando Gabeira, ao menos no que se refere à recepção às suas idéias, já foi abordado na primeira parte do capítulo. Desta forma, apesar de se juntarem nesse sub-item as análises acerca deste autor e de Sirkis, se tratará daquele apenas ao final, quando ocorre o encontro entre ambos, no plano político.

Tratando de Alfredo Sirkis, a sua ligação e posterior afastamento do grupo brizolista e pedetista, ocorrida em 1980, coincide com o fraco desempenho de seus livros *Corredor Polonês* e *A Guerra da Argentina*³⁴¹ – este último, escrito ainda em Portugal, sob o pseudônimo de Marcelo Dias e publicado naquele país em 1978. Foi lançado no Brasil em 1982, pela Editora Record, no auge da Guerra das Malvinas, tendo o autor, à época, alegado ser uma coincidência.

Além da aproximação com o Nacionalismo das propostas de Leonel Brizola, outro fruto do contato com a experiência de países sociais-democratas é a plataforma da Ecologia Política. Segundo Sirkis, o Ambientalismo aparece para ele e outros exilados:

“(...)na última fase do exílio, lá pra... a partir de 77, 78. Muito Movimento Ambientalista na Europa, Movimento Anti-Nuclear... Movimento Ambientalista. A gente vendo aquelas coisas acontecer e fomos nos aproximando e... conhecendo os dirigentes e sendo influenciados por eles e... querendo fazer uma coisa similar no Brasil. No Brasil já havia um movimento ambientalista no sul, sobretudo... o Lutzemberger, Marta Hener, um pessoal que começou antes

³⁴¹ Cf. DIAS, Marcelo. *A Guerra da Argentina*, Lisboa: A Regra do Jogo, 1978. Cf. “‘A Guerra da Argentina’, 32 anos de luta política” In: *O Estado de São Paulo*, 22 de julho de 1982. Na reportagem, o autor afirma que: “(...) faz questão de explicar que o livro não tem nenhuma ligação com o recente conflito entre a Argentina e a Inglaterra, nas Ilhas Malvinas. (...) Com humor, Sirkis lembra que o lançamento português foi um fracasso. “Na noite de autógrafos apareceram uns três gatos pingados terceiro-mundistas. Eram argentinos que moravam em Lisboa. Os 30 livros que consegui vender de uma só vez foram comprados pela embaixada argentina, que estava de olho no meu trabalho”. O livro de Alfredo Sirkis abrange o período de 17 de outubro de 1945, data da grande concentração de massa que consagrou a ascensão do maior caudilho populista da história latino-americana, Juan Domingo Perón, e termina no dia 24 de março de 77, quando se comemorava o primeiro aniversário de mais um regime militar na Argentina (...)Claro que, se eu fosse reescrevê-lo hoje, eu o faria de uma forma diferente. Foi o meu primeiro livro, eu o trabalhei sem pretensão literária. Por isso mesmo, relutava em reeditá-lo, tinha certa vaidade intelectual que não me permitia abrir mão da condição de escritor – em agosto de 80 lancei “Os Carbonários” e, no ano passado “Roleta Chilena”. Além da vaidade, Sirkis, hoje mais maduro, também mudou de opinião a respeito de alguns pontos levantados no seu livro. “Tinha um certo fascínio pelos Montoneros. Na época achava que a Argentina seria o país onde tudo o que deu errado, nos demais países da América do Sul, teria sucesso. Os tempos provaram que não. (...)”.

da gente, mas, a Ecologia Política, acho que foi introduzida no Brasil com a volta dos exilados.”³⁴²

Atuar no Movimento Ambientalista foi uma atividade realizada entre 1980 e 1985, de maneira sistemática e diletante. Ao mesmo tempo, como no caso de Tapajós – já relatado por Marcelo Ridenti – se torna um dos antigos guerrilheiros que começam a trabalhar para a Rede Globo, como roteirista, o que coincide com o declínio das vendas de seus livros:

“(…) Mas é difícil você ser escritor no Brasil... Por outro lado é um exercício muito solitário e... o negócio do *Silicone 21* [livro criticado por Paulo Leminski e Luis Felipe Moisés, a quem o autor atribui o insucesso do lançamento da obra] me deixou muito amargurado, eu passei, você passa seis meses da tua vida... escrevendo um negócio, ali, fazendo... e aí, chega um sujeito, em dez minutos, demole seu livro, influencia o mercado, você não vende e... bom, mas basicamente não tava dando dinheiro, os adiantamentos que eu tava conseguindo eram muito pequenos e, de repente, eu comecei a me encantar com negócio de roteiro. Porque eu comecei a escrever roteiro prá TV Globo e... era muito mais legal, porque você escrevia um negócio e daqui a pouco você puxava um monte de gente prá dentro do teu barato, você tinha um diretor, aí você tinha os atores, você conversava com eles sobre os personagens, seus personagens eram mutantes, a sua estória era aperfeiçoada... então, me pareceu uma coisa muito menos solitária o roteiro do que o livro.”³⁴³

Sirkis escreveu roteiros para o programa “*Teletema, uma série de 5 capítulos que substituiu o Caso Verdade. Escrevi os seguintes roteiros: Maria Testemunha, O Russo Desaparecido e a Mulata Esmeralda, O Grande Jogo, Estrela do Mar e a Figueira Mágica*”³⁴⁴. A militância pelo Ambientalismo, que acaba por superar o papel do escritor e roteirista, culmina na criação do Partido Verde em 1986. Segundo o autor, não havia espaço para a discussão ambientalista no partidos de então porque:

“Porque o PT... rejeitava... exatamente aquelas bandeiras que... configuravam exatamente a parte moderna do que a gente queria acoplar. O PT

³⁴² Entrevista com Alfredo Sirkis, concedida em 28/04/2005, no Rio de Janeiro, Transcrição da Fita 1, Lado B, p. 28.

³⁴³ Entrevista com Alfredo Sirkis, concedida em 28/04/2005, no Rio de Janeiro, Transcrição da Fita 1, Lado A, p. 15. Observe-se a diferença da visão sobre essa fase de trabalho numa emissora de televisão, entre Tapajós e Sirkis.

³⁴⁴ Pergunta adicional respondida por e-mail, transcrita na entrevista com Alfredo Sirkis, p. 31.

cagava e andava pro Ambientalismo... Achava... logo nos seus primórdios... Achava que negócio de Ecologia... era besteira, coisa de veado (risos) E... e...que... “Primeiro temos que resolver o problema da miséria, prá depois se preocupar com o Meio Ambiente...!” Tô... caricaturando um pouco mas era mais ou menos por aí... E, porra! Questão de... minorias, homossexuais, não-sei-o-quê... “O negócio é luta de classes! Trabalhadores contra Patrões, Revolução... de Massas... Movimentação de Massas! Grande Movimento Sindical, Comunidades de Bases!” (...) então, eu, realmente nunca tive... tive um breve momento em que eu me aproximei um pouco, mas percebi que não tinha espaço no PT prá nossas bandeiras e a gente que... durante cinco anos achou que era o Verde em vários partidos e não o Partido Verde, a gente se convenceu, nas alturas de 85 de que, não havia muito espaço, no fundo, pro Verde em vários partidos e até prá haver Verde em vários partidos, a gente tinha que criar o Partido Verde, aí os outros Partidos, até por necessidade de concorrer com o PV iriam... há.. prestar mais atenção a essa problemática. Foi... o que aconteceu.”³⁴⁵

Nesse ponto, as trajetórias de Sirkis e Gabeira coincidem numa plataforma política comum; assim como a de vários antigos guerrilheiros: a criação do Partido Verde. O Manifesto de lançamento do Partido³⁴⁶ é assinado por antigos exilados e participantes do movimento ambientalista no Brasil. Segundo Eduardo Viola, já desde 1971, no Rio Grande do Sul, o que pode ser considerado como Movimento Ecológico, no Brasil, passou a existir com iniciativas como as do engenheiro agrônomo José Lutzenberger e a AGAPAN (Associação Gaúcha de Proteção ao Meio Ambiente Natural). Em 1974, cria-se em São Paulo o Movimento Arte e Pensamento Ecológico. Para Viola, este seria um marco na luta ecológica no país, associado ao retorno dos exilados, em especial “(...) *Fernando Gabeira, que introduz valores pós-materialistas na cultura de massas, em particular na juventude.*”³⁴⁷ (sic).

³⁴⁵ Entrevista com Alfredo Sirkis, concedida em 28/04/2005, no Rio de Janeiro, Transcrição da Fita 1, Lado B, pp. 27-28.

³⁴⁶ Cf. Anexo de Documentos.

³⁴⁷ Cf. VIOLA, Eduardo. “O Movimento Ecológico no Brasil (1974-1986): Do Ambientalismo à Ecolítica”, p. 92. In: PÁDUA, José Augusto(org.) *Ecologia e Política no Brasil*, Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/IUPERJ, 2ªed[1ªed.: 1987], 1992.

Ainda que a proposta ecológica pareça assumir a identidade de um movimento total (com plataformas que vão desde a defesa à paz, à vida, à liberdade até ações na esfera econômica, estatal, geopolítica etc.), segundo Viola existem uma série de impasses na articulação dessas plataformas com outros movimentos sociais e/ou partidos políticos. O autor usa como momento sintomático disso as eleições de 1982 (ano de eleições diretas para todos os cargos eletivos, inclusive governador, menos presidência da República) e a campanha pelas Diretas Já, em 1984, observando a atuação de ecologistas.

“O ano de 1982 é crucial na transição democrática brasileira(...) De qualquer modo, à diferença dos outros movimentos sociais (novo sindicalismo, associação de moradores, comunidades eclesiais de base, feminismo) que se envolveram intensamente na luta político-eleitoral de 1982, o movimento ecológico interveio apenas tangencialmente. (...) O segundo momento de envolvimento político das associações ecológicas acontecerá em março de 1984, por ocasião da campanha pelas diretas. À diferença das eleições de 1982, a grande maioria dos ativistas ecologistas decide participar nas mobilizações em favor de eleições diretas para presidente da república(...)”³⁴⁸

Para Gabeira, em artigo no mesmo livro (da época em que foi candidato a governador do estado do Rio de Janeiro, em 1986, pela coligação PV-PT), a idéia de criação de um Partido Verde seria fundamentalmente para barrar um certo oportunismo na utilização das plataformas defendidas por aquele movimento. A certa altura do texto, o escritor afirma que:

“Não temos ainda um partido, apenas um movimento político. Estamos tentando formá-lo, mas o caminho é árduo. Aqueles que pretendem fundar o Partido agora argumentam que, uma vez institucionalizado, é possível dinamizar o movimento. Um segundo argumento de peso para a formação imediata do Partido é o fato de que alguns náufragos da política clássica perceberam que a ecologia é um tema com grande potencial eleitoral e começaram a convergir para esse campo. Há um grupo que veio do PTB e fundou um partido em Curitiba e São Paulo. Em São Paulo apoiaram o Jânio Quadros e o presidente do partido afirmou que o fizeram por “uma questão dialética”. Então muitos temem que essa gente assuma as lutas ecológicas no Brasil. Há o risco de comprometer essas lutas com a direita, com os setores

³⁴⁸ *Idem, ibidem*, pp. 95-96.

mais conservadores, queimando o projeto para sempre ou pelo menos por alguns anos. Daí argumentaram que é preciso registrar, atuar como partido, ainda que seja para evitar esse tipo de oportunismo.”³⁴⁹

Em poucos anos pós-retorno (1979-1986), as idéias sobre partidos e movimentos sociais, no caso desses dois escritores, se alteram sensivelmente. No caso de Sirkis, a anulação do papel de vanguarda, como foi visto sobre o PTB e seu documento oficial. No caso de Gabeira, a aproximação com um movimento social, visando partidará-lo, algo que lhe causava ojeriza anos antes, recém-chegado do exílio e até mesmo em 1984-85³⁵⁰. Caberia perguntar como tal alteração se deu em profundidade, algo que não será possível nessa dissertação, infelizmente. Ficando as indicações, pode-se, entretanto, formular algumas respostas hipotéticas para esse fato, que conteriam as idéias de que: 1) a dinâmica dos movimentos sociais atraíram esses escritores como simpatizantes e/ou militantes de suas causas; tornando-se, portanto, antes uma incorporação ao movimento e não o encabeçamento do mesmo, como o quer Viola, por exemplo; 2) o perigo do desaparecimento político, dado o papel secundário que passaram a ocupar, inicialmente, nessa nova realidade. Nesse segundo caso, a hegemonia dentro do movimento social é construída penosamente e a longo prazo, significando luta interna e contradições entre

³⁴⁹ GABEIRA, Fernando. “A idéia de um Partido Verde no Brasil” In: PÁDUA, José Augusto(org.) *Ecologia e Política no Brasil*, Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/IUPERJ, 2ªed[1ªed.: 1987], 1992, p. 177. Na mesma página, o autor afirmaria ainda que: “No meu caso, o fato é que eu nasci numa convicção política de que o partido surge das lutas. E como não existem lutas suficientes, minha perspectiva é de primeiro criá-las, não propriamente criar, mas pelo menos estimular, porque o partido para existir tem que passar por esse processo de afirmação, e isso ainda não está acontecendo como queríamos.”

³⁵⁰ Basta ver o debate que trava com Daniel Cohen-Bendit, publicado em 1985, no livro *Nós que amávamos tanto a revolução*. “Essa poderia ser a primeira questão do nosso debate. Por que não éramos políticos profissionais, deputados, senadores ou ministros em nossos países? Aliás, o tema foi suscitado por ele, quando me perguntou por que não era deputado. Fiz uma ligeira alusão aos políticos profissionais, mencionei a decadência política do Congresso e apontei para ele alguns dados típicos de um país em desenvolvimento: muitos deputados, mesmo os de esquerda, nas regiões mais pobres do Brasil, elegem-se comprando votos. Num contexto desses, tornar-se deputado é aceitar um pouco cair num pântano mais complicado do que aquele que iríamos visitar em Mato Grosso. Na realidade, era aceitar reduzir a própria capacidade de intervenção numa sociedade quase que totalmente desiludida com políticos profissionais” (pp. 15-16). E ainda: “Mas ainda assim a questão central ficaria de pé: a relação com o poder. As pessoas que se lançaram às rebeliões de 68 e muitos que foram à luta armada nos anos 70 representam uma reserva humana indispensável(...) Mas elas suportariam as dores de estarem participando de um governo real, completamente diferente do governo sonhado?” (p. 21). E, por fim: “A história não teve um curso brilhante como imaginávamos. E com o declínio dessas belas esperanças, tivemos que olhar nosso próprio papel de uma maneira menos inflacionada.” (p.85). Todas as citações: Cf. GABEIRA, Fernando. *Nós que amávamos tanto a revolução: diálogo Gabeira-Cohen Bendit*, Rio de Janeiro: Rocco, 1985. O título do livro é baseado no filme homônimo de Ettore Scola. Agradeço a Melina I. Marson pela indicação do texto.

propostas assumidas em outros momentos. Entretanto, são apenas hipóteses, que merecem uma pesquisa mais ampla e profunda.

Sobrevivendo, politicamente, sem partido ou movimento.

A decisão de voltar precisamente no dia 1º de janeiro de 1980 foi menos sentimental e política do que se possa imaginar. Reinaldo Guarany, segundo afirma, não queria retornar imediatamente, depois de decretada a Lei de 28 de agosto de 1979, por dois motivos principais: desconfiança da Anistia, em primeiro lugar; e, em segundo, para tentar angariar fundos para a volta, que deveriam mantê-lo numa situação razoável por ao menos um ano³⁵¹.

A chegada tem como fato imediatamente anterior um processo de rompimento com antigos companheiros de exílio, da época em que, na Suécia, procuraram organizar uma revista de debate, *Reflexos da cultura do exílio*. Teve um único número, publicando texto de exilados e presos. Acabou por discordâncias quanto ao conteúdo, por conta de uma discussão acerca de um poema de Alex Polari de Alvarenga, vetado por alguns membros da revista, que dizia gostar de fazer sexo oral em mulheres. Segundo Guarany:

“(…) e um dos organizadores da Reflexo, acho que Berquó, quis breçar, alegando que era baixaria etc. Na primeira edição eram quatro os organizadores: Jaime Cardoso, Luiz Carlos Guimarães, Alberto Berquó e eu. Nas reuniões para a segunda houve um racha, em que eu fui o primeiro a ser expelido, depois foi o Berquó. Ficaram Jaime e Luiz Carlos que produziram a revista *Fragmento*.”³⁵²

Essa fase final do exílio, em que o desejo de voltar ao país não se manifestou, está ligada à vivência de uma situação relativamente conveniente, sem grandes sobressaltos de qualquer ordem, segundo o autor. Talvez por conta de sua grande referência de Brasil ter se

³⁵¹ “Ao mesmo tempo, eu pressentia que a Abertura era uma coisa forjada, uma nova necessidade do capitalismo em alguma fase nova. (...) Fiquei trabalhando algum tempo em Estocolmo porque sabia que a realidade aqui no Brasil seria dura. Haveria dificuldade para conseguir emprego, ocupação. Então, juntei o suficiente para viver um ano aqui.” Cf. Entrevista com Reinaldo Guarany, concedida em 10/12/2004, por correio eletrônico, no Rio de Janeiro, pp. 37-38.

³⁵² *Idem, ibidem*, p. 36. Denise Rollemberg em seu estudo sobre o exílio afirma que: “A *Reflexo* foi criada por um grupo de brasileiros em Estocolmo. O primeiro número saiu em setembro de 1978, ou seja, já no período final do exílio. Segundo o editorial, “a revista *Reflexo* nasceu da necessidade de um instrumento de divulgação do que está sendo criado, em nível artístico-literário no exílio”(…) Editou contos, poesia, fotografia, artigos sobre temas ligados à arte, notícias de livros lançados por brasileiros no exílio e informações sobre acontecimentos e atividades no campo artístico.” Cf. ROLLEMBERG, Denise. *Op. Cit.*, p. 196.

perdido na Alemanha, numa manhã de 1976, quando Maria Auxiliadora Lara Barcellos se suicidou. Suas lembranças dessa fase final, na Suécia, são bastante precisas e ilustrativas nesse sentido:

“Em meu íntimo estava satisfeito com a situação sueca. Trabalhava no metrô de Estocolmo, estudava línguas, aproveitava sexta-feira e o sábado, nos verões para ir ao *Kälaren* (se pronuncia chélarem, o porão) para as noites de jazz, namorava quem eu podia, como podia, quando podia. Morava num subúrbio distante chamado Rinkeby, tinha pouco contato com a família no Brasil, viajava sempre.(...) Estava lendo pouco porque tinha dificuldade para comprar livros em espanhol, e o sueco que aprendi foi quase nas ruas, então não era para mim uma língua culta. Comprei um romance de Sartre escrito em português de Portugal e rejeitei. Ouvia pouca música, mais brasileira, como Aírto Moreira, e jazz, como Thelonious Monk(...) Havia um lugar, Hög Toriet, onde se tomava um ótimo café e onde um dia comprei uma manga do Brasil por um pouco menos de um milhão de dólares. Era uma manga imensa, uns 25 centímetros, avermelhada, macia. Quando dei a primeira mordida o gosto era de... nada. A segunda mordida tinha gosto de nada guardado em porão de navio. A terceira mordida me disse que eu estava comendo uma fotografia do passado.”³⁵³

A narração do retorno ao país natal ocupa em *A Fuga* nove linhas, que se encerram no feliz desembarque no aeroporto carioca. O que acontece depois, segundo o escritor, são desencontros múltiplos: A impossibilidade de trabalhar nos negócios familiares, que culmina na utilização das habilidades aprendidas e desenvolvidas no exílio – tradução, desenho, fotografia etc. – Simultaneamente, a tentativa de emplacar uma carreira de escritor, que também não dá certo, o que fez com que acabasse se tornando “*Enfim, um bóia-fria intelectual, com suas devidas conseqüências: tempos com trabalho, tempos sem trabalho*”³⁵⁴

³⁵³ Entrevista com Reinaldo Guarany, concedida em 10/12/2004, correio eletrônico, no Rio de Janeiro, p. 37.

³⁵⁴ *Idem, ibidem*, p. 27. Além de *Os Fornos Quentes* e *A Fuga*, o autor escreveu o livro de contos *O último Banido*, que “foi co-patrocinado por uma companheira da Editora História de Belo Horizonte. Não teve repercussão e estava mal escrito. Foi escrito na Suécia”; *Banho de Sangue*, publicado pela Editora Tchê de Porto Alegre, escrito em 1980, logo que chegou ao Brasil, “(...) uma novela muito violenta que o Caio Graco recusou dizendo: “o Brasil agora é outro, acabou-se a violência, o desmando, a corrupção, o futuro agora sorri, o Brasil vai mudar para sempre”, coitado)”. Na seqüência saiu uma novela policial, *A Grande Missão*, editado pela Mercado Aberto “e virou livro escolar no Rio Grande do Sul”. Todas as citações anteriores, concedidas em entrevista, p. 30.

A ligação com o movimento político também se deu de maneira complicada e de forma muito pior que os casos narrados anteriormente, ao mesmo tempo em que trabalha num veículo da grande imprensa, o *Jornal do Brasil*. Sobre esse aspecto, faz um balanço final que define sua posição:

“(...) Na verdade, abandonei a militância porque a militância parlamentar aberta e pública, em partido legal, convivendo com o rebotalho que compõe a maioria dos partidos de esquerda no Brasil (os de direita estão excluídos de minhas opções) me dá engulhos.(...) o PT nunca foi leninista. Foi, sim, o maior partido de esquerda revisionista do Ocidente.(...) Estive no PMDB, no PT, no PSB (em todos por pouco tempo, questão de meses, logo que voltei ao Brasil, em 1980, 1981, 1983) e conheço gente em vários partidos, há inclusive gente que um dia foi de esquerda e hoje está no PFL. (...) Sou contra partido de massa porque, na verdade, se essa linha estivesse certa, o melhor que faríamos, nós, os militantes de esquerda oriundos da classe média intelectualizada, seria ir à praia esperar o desfecho do processo histórico inteligentemente comandado por essas massas. As massas, no fundo, sempre serviram para a frente de combate.(...)”

Fiquei de saco cheio. Mas eu milito. Sou diretor-cultural da **Chave Mestra** – Associação de Artistas Visuais de Santa Teresa(...).³⁵⁵

Desde meados dos anos 1980 e 90 tem se dedicado à tradução³⁵⁶ e às artes plásticas.

³⁵⁵ Entrevista com Reinaldo Guarany, concedida em 10/12/2004, por correio eletrônico, no Rio de Janeiro, pp. 39-42.

³⁵⁶ Traduziu dezenas de livros, especialmente em inglês e alemão, para as editoras do selo Record, Nobel e L&PM.

Capítulo 5 : Considerações Finais

As Metamorfoses do Sujeito Histórico

Renato Carvalho Tapajós continua atuando como renomado documentarista e escritor. Seu último filme foi *No Olho do Furacão* (2003), em parceria com Toni Venturi. Tapajós e Alípio Vianna Freire foram os consultores de Venturi no longa de ficção *Cabra Cega* (2005), premiado em diversos festivais nacionais e no exterior. A temática de ambos os trabalhos é sobre a formação e a identidade dos guerrilheiros. No âmbito literário, Tapajós enveredou pela ficção infanto-juvenil com temática política, na década de 90, com os livros *Cara Pintada* e *Rádio Muda* (ambos pela Editora Ática).

Fernando de Paula Nagle Gabeira exerce, atualmente, o cargo de deputado federal, pelo Partido Verde – RJ. Oscilou nos últimos anos entre o Partido dos Trabalhadores e o PV. Nada seu no ramo da ficção e/ou depoimento político surgiu desde o fim da década de 1980.

Alfredo Hélio Sirkis, até a época em que me concedeu entrevista, exercia os cargos de Secretário de Urbanismo da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro – administração de César Maia (PFL-RJ) – e Presidente do Instituto Pereira Passos, naquela cidade. Foi presidente do Partido Verde e candidato à Presidência da República, em 1998. Escreveu e publicou dois conjuntos de ensaios ao longo da década de 90 (*Verde Carioca* e *Ecologia Urbana e Poder Local*), bem como a última edição de *Os Carbonários*, em 1998. Nada de novo, de sua autoria, foi publicado no terreno ficcional ou de depoimento nos últimos anos, embora pretenda voltar a escrever.

Reinaldo Guarany Simões é pintor e tradutor. Membro fundador e, à época da entrevista, Diretor Cultural da Associação Chave Mestra em Santa Teresa, Rio de Janeiro. Não milita em qualquer partido político ou movimento social desde meados dos anos 1980. Seu livro, *A Fuga*, impossibilitado de reedição por processo judicial, encontra-se

digitalizado na internet³⁵⁷. Além disso, possui um *blog* na rede, onde expõe alguns de seus quadros (<http://reinaldoguarany.fotoblog.uol.com.br>, acessado em 20/02/2006).

Os livros desses escritores podem ser encontrados, com maior ou menor dificuldade, em suas edições mais antigas e/ou originais, em bibliotecas públicas – com algumas mutilações de capa e papel – e livrarias de usados (sebos), assinados por seus leitores da década de 1980³⁵⁸.

O quê aconteceu com o sujeito histórico? A pergunta ecoa ao longo dessa dissertação, talvez vitimada por aquilo que já foi caracterizado como **os perigos do presentismo**, isto é: originada por um analista distante 30 anos do momento de publicação daquelas obras e 40 anos mais jovem que o seu objeto de estudo vivo. Talvez vítima também dos eventos presentes no cenário político e cultural nacional de então (2002-2006), pelos quais, obviamente, esses escritores não são responsáveis. Mas membros de suas frações geracionais e antigas organizações são.

Contudo, se essa pergunta ainda repercute no texto e não se dá por satisfeita à guisa das *considerações finais*, cabe questionar então o por quê. Ao longo do texto, fiz diversas indagações em vários momentos, sendo que algumas ainda permanecem sem respostas ou insatisfatoriamente respondidas. Vamos a elas.

³⁵⁷ Cf. http://br.geocities.com/a_fuga_o_livro/ Acessado em 20/02/2006.

³⁵⁸ Alípio Vianna Freire é artista plástico, escritor e editor. Foi, durante os anos 1990, editor da revista *Teoria & Debate*, da Fundação Perseu Abramo do PT. Trabalhou nas administrações municipais do PT em São Paulo, Santo André e Campinas, onde se aposentou. Trabalha em seu ateliê atualmente e como jornalista no periódico *Brasil de Fato*. Editou, junto com Izaías Almada e José G. Ponce o livro sobre o Presídio Tiradentes, em 1997, e escreveu livros de contos e poemas não-publicados. Fernando Mangarielo continua à frente da Alfa-Ômega, em São Paulo. A orientação de suas publicações permanece a mesma, editando livros de caráter progressista. Além da edição tradicional, dedica-se ao livro virtual, expandindo conhecimento para um público não alcançado anteriormente. Luís Alves Júnior e filhos são os editores da Global atualmente. Além de autores nacionais de temática adulta (95% do catálogo), a Global publica livros infanto-juvenis. José Carlos Rolo Venâncio afastou-se, nos anos 90, da Global, dedicando-se à política na administração de Luíza Erundina (1989-1992, PT-SP) e atualmente faz parte do PSB-SP. A Editora Brasiliense, desde a morte de Caio Graco Prado, em 1992, é dirigida por sua irmã, Danda Prado. Tem sofrido sucessivos reveses de diversas ordens e perdido títulos para outros grupos editoriais.

A meu ver, a mais incômoda em termos históricos e políticos no Brasil Contemporâneo é, sem dúvida, **o por quê de tais memórias terem sido publicadas?** E isso visto não do âmbito dos escritores (suas motivações pessoais e políticas, expressas nos sentidos conferidos nas narrativas etc. que procurei analisar) e de seus editores. A pergunta, com o sinal trocado, se torna mais clara se formulada assim: **Por quê um Estado de ditadura civil-militar permitiu a publicação das memórias e ficções políticas de antigos guerrilheiros (seus opositores diretos, inimigos) quando ainda vigorava um governo ditatorial?**

Com as fontes disponíveis até o momento, qualquer resposta será hipotética e parcial. Porque, caso essa pergunta seja relacionada a qualquer plano artístico (cinema, teatro, música, televisão em menor escala) e científico, especialmente para o período compreendido entre 1974 e 1982, pode-se argumentar favoravelmente a qualquer um dos pólos de embate entre a ação e a estrutura. Ou seja: o *destemor* de diversos sujeitos históricos que, apesar de um aparato de Estado ditatorial, continua escrevendo, publicando, noticiando, representando, atuando politicamente em movimentos sociais, compondo, filmando, cantando etc. enfim: criando formas de driblar o arbítrio e a censura, com maior ou menor sucesso.

Ou, que um Estado ditatorial, com poderes repressivos e órgãos de informação extraordinários e que, entre 1969-1972 já tinha boa parte de seus inimigos considerada eliminada (mortos, presos, exilados), não se preocupou com iniciativas, inicialmente isoladas, facilmente controláveis por Censura Federal (que deve ser, então, considerada incompetente) e, eventualmente, uso de força policial.

E disto, que pareceria ser fácil de controlar – basta ver o dispêndio de dinheiro, papel e efetivo humano nos arquivos DEOPS e BNM – especialmente a partir de 1975, perde-se o controle, por motivos múltiplos (crise econômica; crescente mobilização social; morte de Herzog; denúncia sistemática do governo no exterior; culminando em perda de apoio internacional; reorganização dos operários; fim do milagre econômico; crise interna do governo etc.) Qual seria a melhor resposta? A mais isenta?

A outra pergunta, mais do começo do texto, seria: **o que resta do teor testemunhal da narrativa dos ex-guerrilheiros ao fim dessa dissertação?** A ética e a estética da Literatura de Testemunho seriam aplicáveis a esses quatro escritores (ou a outros, com temáticas e origens semelhantes)? Em determinados aspectos sim, para todos. Os quatro são sobreviventes de situações limites; e narram porque, justamente, sobreviveram, estabelecendo com o passado e com o grupo ao qual pertenceram no passado uma relação que ultrapassa o literário, o histórico, o sociológico, o psicológico; mas que incorpora todas estas dimensões. Narram para ou para não entender a situação que viveram. Narram por uma necessidade que, talvez, sobrepuje as intenções daquilo que categorizei como *bifrontalidade* (voltarei a isso).

Entretanto, e quando o teor testemunhal é analisado *pari passu* à noção de *uso político do passado*? E quando se observa qual foi, efetivamente, esse uso? Essa dimensão não é alheia à Estética do Testemunho e está presente em algumas das discussões teóricas travadas pelos especialistas. Em verdade, ela guarda em si o problema da *autenticidade*, quer dizer: só estaria autorizado a narrar um fato (do passado) aquele que viveu tal fato (no passado) e mantém com o fato (no presente) uma relação eticamente respeitável. A partir daí, é possível compreender as reações que os livros tiveram, não tanto no âmbito crítico e/ou jornalístico, mas entre os pares dos escritores, membros dos mesmos grupos ou frações geracionais que eles. Não entrarei nessa discussão. O que parece ser pertinente é discutir o uso político do passado dentro de sua dimensão social. Neste aspecto, como foi visto, as memórias dos antigos guerrilheiros cumpriram um papel importante, ao mesmo tempo limitado pela dinâmica social ao fim da década de 1970.

Uma terceira pergunta teórica a ser considerada é sobre a questão da memória. Utilizei os termos *narrativa*, *ficção política*, *ilusão biográfica* e *trajetória* (estes últimos, idéias de Pierre Bourdieu). Apresentei a imagem dos *círculos concêntricos de memória* (pensando com Roger Bastide, Marie Claire Lavabre), culminando posteriormente na análise de aspectos de um determinado sujeito histórico (determinado historicamente, por classe e frações de classes sociais, espacial, circunstancial e politicamente). Ao mesmo

tempo, em particular nos capítulos dois e três, em função das escolhas acima, ao invés de tratar os textos como *depoimentos puros* e fidedignos, aparece a figura da *personagem* daqueles textos, que difere, evidentemente, do autor, mas é por ele e pelas circunstâncias nas quais ele se insere, determinada. E não apenas por serem entes literários distintos, mas por conta da própria abordagem teórica acerca da memória social a que atrelei esse trabalho.

Admitindo que tal abordagem tenha sido correta, pergunta-se: seria possível repeti-la – sem normalizar as experiências – para outros escritores com o mesmo histórico (por exemplo: Alex Polari de Alvarenga, Herbert Daniel, Antônio Marcello e outros)? Ou seja: o que teriam, as memórias que analisei, de particulares? Inovações técnicas, recepção junto aos leitores, experiências de vida etc. Contudo, isso se repetiria nos outros livros? Para responder a essa questão, seria necessário estudar caso a caso com os mesmos procedimentos. Haveria o perigo de se tornar o estudo uma coletânea de repetições. Mas valeria a pena, dentro deste tipo de abordagem, para compreender os usos do passado.

O que há de específico na categoria de *bifrontalidade*? Na dissertação, ela faz a ponte entre os argumentos analíticos do segundo capítulo (sujeito histórico, personagens, usos políticos do passado etc.) e o quarto (recepção, trajetória, críticas, alterações de projetos etc.). Em termos históricos, está ligada às construções das narrativas e às expectativas em torno delas. Olhar para o passado, querendo justificar o presente, esperando algo para o futuro é o que torna essa categoria interessante.

A idéia da bifrontalidade está atrelada a uma problemática que tratei indiretamente, em especial nos capítulos três e quatro: *a construção da personagem*, não como um ente literário, mas como uma figura política e sócio-histórica. É justamente **a personagem política** – não separada da literária – que é construída nessas memórias. É ela quem dá sentido à idéia de uma narração ambivalente, quem está por trás das autocríticas e das tentativas de reinserção social e militante. Nos textos e nos processos sociais, as personagens políticas se alteram, refletindo os contextos que as conformam, assimilando os

novos papéis sociais assumidos. A categoria da bifrontalidade é incompreensível sem se ter isso em mente.

Memória é um tipo de ficção, com estatutos de verdade pouco maiores que outros gêneros ficcionais (ainda que, neste caso, *a verdade* seja reivindicada com maior necessidade por todos os entes do sistema literário). Nesse sentido, retorno a pergunta que deu origem a todo esse trabalho: Por quê os ex-guerrilheiros resolveram utilizar esse gênero particular da ficção – a prosa memorialística, a ficção/romance político – como forma de tratar suas experiências, de analisar suas trajetórias? Estes quatro escritores e tantos outros o fizeram, não se constituindo num fenômeno isolado, portanto.

Que resposta dar? Nas entrevistas, todas as respostas que recebi para essa pergunta foram, sem exceção, precedidas de um suspiro e/ou respondidas diretamente com a frase “Não sei”. Essa foi a resposta de Tapajós³⁵⁹. Guarany afirmou que isso se deveu “*Porque você se compromete menos. Pode errar à vontade*”³⁶⁰. Sirkis não considera que seus textos sejam ficcionais. Mas todos apostam como uma resposta comum o fato de terem feito parte de uma fração geracional extremamente influenciada pela literatura e pela prosa (romances, contos, novelas etc.)

Uma outra resposta hipotética é que, à margem de documentos formais de crítica e autocrítica, resultado de suas inquietações e discordâncias com o processo vivido, estes autores tenham optado por uma narrativa alternativa, fruto de fatores tão complexos e objetivos como foram vistos antes, como de inquietações subjetivas de vulto semelhante ou maior, afirmando igualmente o desejo de ser escritor. Ambas as respostas são possíveis e boas. Porque, no limite, a busca pelas motivações puras, especialmente as literárias, são ineficazes.

³⁵⁹ “(suspiro) Não sei, não sei. Não sei, eu acho que... É... A partir de um determinado momento, né? Eu li durante toda a minha infância, juventude, eu li muito romance etc. mas eu lia muita teoria, né? Muita, muita teoria... A partir de um determinado momento, eu comecei a ler cada vez mais romances e a considerar que aquilo que me interessa como literatura são romances, entendeu?” Entrevista concedida ao autor, em 25 de novembro de 2004, Transcrição da Transcrição da Fita 2, Lado B, p.44.

³⁶⁰ Entrevista concedida ao autor, em 10 de dezembro de 2004, Rio de Janeiro, por correio eletrônico p.48.

Por quê algumas daquelas memórias venderam muito e outras nem tanto? A resposta que conferi está ligada ao momento, à envergadura do fenômeno (ex: a prisão de Tapajós, as opções políticas de Gabeira e Sirkis, o momento e a incompreensão da escrita de Guarany) ou, em alguma medida, às qualidades literárias inatas do texto. Contudo, também é de se supor que, no âmbito da leitura, algo estava sendo dito e escrito naquelas narrativas que passou a ser, efetivamente, lido e ouvido com interesse. Por qual público? Quem teria interesse numa narrativa que assumisse uma derrota (mas que não fosse necessariamente derrotista) por conta dos antigos guerrilheiros? Tangenciei essas respostas nos últimos capítulos, mas ainda paira essa dúvida no ar.

Enfim, essa dissertação é uma contribuição ao estudo de um aspecto da história brasileira contemporânea. Não tem a pretensão de ter esgotado o tema, tampouco de ter acertado em todas as suas respostas e hipóteses. Há que ser feito muito mais, com o apoio e interesse crescente da sociedade, da universidade e das instituições públicas brasileiras para entender o seu um quarto de século do último período ditatorial. Da mesma maneira, para compreender os seus mais de 20 anos de difícil articulação da Nova República. Ainda mais num momento em que, vários dos sujeitos históricos das décadas de 1960, 70 e 80 tiveram e têm, assumiram e assumem grandes responsabilidades na década de 1990 e nos dias correntes(em postos nos governos, universidades, partidos, movimentos sociais etc.); com seus paradoxos e trajetórias, espantos e desilusões, trata-se de um desafio social que ainda não foi confrontado, a meu ver, com o devido respeito que o tema merece, por alguns setores da sociedade.

Campinas, fim do verão de 2006.

Seção de Anexos:

Anexo I: Fortuna Crítica – (Fonte: Banco de Dados da Folha de São Paulo)

Observação: Não aparecem os números de páginas em que os textos abaixo foram publicados pelo fato de terem sido fotocopiados, mediante pesquisa paga, e enviados desta forma ao autor.

Referência: Renato Tapajós

Folha de São Paulo – 29 de julho de 1977. “Livro publicado provoca prisão de escritor”.

Jornal do Brasil – 29 de julho de 1977. “Secretário de Segurança de S. Paulo lê romance, acha-o subversivo e prende autor”.

O Estado de São Paulo – 30 de julho de 1977. “Prisão de ficcionista constitui fato inédito”.

Folha de São Paulo – 31 de julho de 1977 – “Cineastas protestam contra a prisão de Renato Tapajós”.

O Estado de São Paulo – 02 de agosto de 1977. “Escritores divulgam protesto contra a prisão de Tapajós”.

Folha de São Paulo – 02 de agosto de 1977. “Advogado pede acesso ao preso”.

Folha de São Paulo – 03 de agosto de 1977. “Deops intima os editores de Renato Tapajós”.

O Estado de São Paulo – 03 de agosto de 1977. “Editores de Tapajós chamados a depor”.

Folha de São Paulo – 04 de agosto de 1977. “Editor de Tapajós presta depoimento no Deops paulista”.

Folha de São Paulo – 05 de agosto de 1977. “Tapajós ainda incomunicável”.

Folha de São Paulo – 06 de agosto de 1977. “Fim da incomunicabilidade”.

Folha de São Paulo – 09 de agosto de 1977. “Advogado pôde ver Tapajós”.

O Estado de São Paulo – 09 de agosto de 1977. “Prisão de Tapajós: mais dois protestos”.

Folha de São Paulo – 13 de agosto de 1977. “Falcão proíbe livro de Tapajós”.

O Estado de São Paulo – 18 de agosto de 1977. “Pedida a prisão de Tapajós”.

Folha de São Paulo – 19 de agosto de 1977. “Advogado requer a soltura de Tapajós”.

Folha de São Paulo – 23 de agosto de 1977. “Procurador quer Tapajós em liberdade”.

O Estado de São Paulo – 24 de agosto de 1977. “Libertado Renato Tapajós”.

Folha de São Paulo – 24 de agosto de 1977. “Tapajós solto por ordem da 3ª Auditoria”.

Folha de São Paulo – 03 de setembro de 1977. “Apelos por Tapajós”.

Folha de São Paulo – 30 de setembro de 1977. “Apresentada a denúncia contra Renato Tapajós”.

Jornal do Brasil – 30 de setembro de 1977. “Procurador denuncia Tapajós”.

Folha de São Paulo – 26 de outubro de 1977. “Tapajós depõe e nega acusações”.

Jornal da Tarde – 19 de janeiro de 1978. “Na estréia, censura e violência contra Tapajós. E o sucesso”.

Referência: Alfredo Sirkis

O Estado de São Paulo – 22 de julho de 1981. “Ex-militante político lança outro livro”.

Jornal da Tarde – 22 de julho de 1981. “O segundo livro de Sirkis. E mais um depoimento político”.

Folha de São Paulo – 22 de julho de 1981. “Sirkis, aos 30 anos, faz suas memórias do exílio”.

O Estado de São Paulo – 22 de julho de 1982. ““ A Guerra na Argentina”, 32 anos de luta política”.

Folha de São Paulo – 22 de julho de 1982. “Sirkis dedica seu livro à saga do povo argentino”.

Referência: Fernando Gabeira

Jornal da Tarde – 22 de setembro de 1979 – “Democracia, um debate com Fernando Gabeira”, por Reinaldo Lobo, Lenildo Tabosa Pessoa e Marco Antônio Rocha, editorialistas do Jornal.

Jornal da Tarde - 29 de setembro de 1979 – “Democracia, um debate com Fernando Gabeira”, por Reinaldo Lobo, Lenildo Tabosa Pessoa e Marco Antônio Rocha, editorialistas do Jornal.

Folha de São Paulo – 28 de outubro de 1979. “Fernando Gabeira, da sacada ao exílio”, por Galeno de Freitas.

Folha de São Paulo – 28 de outubro de 1979. “Fernando Gabeira e a juventude atual”, por Miguel Almeida.

Jornal do Brasil – 25 de novembro de 1979 – “É isso aí, companheiro”, por Affonso Romano de Sant’Anna.

Folha de S. Paulo - 6 de janeiro de 1980 – “Liberdade para o corpo”.

O Globo – 14 de maio de 1980 – “‘O crepúsculo do macho’: a vida no exílio, por Fernando Gabeira”, por Any Bourrier (correspondente do Globo em Paris, fotos de Pedro P. Guimarães).

O Globo – 26 de agosto de 1980 – “Fernando Gabeira – O que importa não é o sucesso. É transmitir experiências”.

Jornal do Brasil – 13 de setembro de 1980 – “O Marxismo está distante da realidade atual”, por Maurílio Torres.

Jornal do Brasil – 21 de setembro de 1980 – “Fernando Gabeira acha que os terroristas estão isolados.”

Folha da Tarde – 23 de outubro de 1980. “CONVERSA: A (pobre) entrevista do Gabeira”, por Domingos de Lucca Junior.

Jornal do Brasil – 22 de fevereiro de 1981 – “‘Entradas e Bandeiras’ – o livro dos espantos de Fernando Gabeira”.

O Globo – 1º de março de 1981. “Gabeira, entre o ser o estar”, por Paulo Sergio Markun.

Folha de São Paulo – 19 de junho de 1981. “Confundido com traficante, Gabeira é preso em Minas”

Folha da Tarde – 19 de junho de 1981. “Confundiram Gabeira com traficante e o detiveram”.

Jornal do Brasil – 19 de junho de 1981. “Minas prende Gabeira por engano”.

O Globo - 02 de agosto de 1981 – “Gabeira na linha suíça. Revolucionário é você assumir a própria vida”.

Folha de S. Paulo – 07 de agosto de 1981 – “Gabeira encontra seu público – Falando na ‘Folha’ a cerca de duas mil pessoas, o jornalista e escritor diz o que pensa do Brasil e sua gente”, por Cida Taiar.

Folha de São Paulo – 16 de agosto de 1981 – “Encontro com Fernando Gabeira”.

Folha de São Paulo – 16 de agosto de 1981 – “A vida diária em uma visão polêmica”, por Cida Taiar.

Folha de São Paulo – 25 de setembro de 1981. “Gabeira prega o pacifismo na CPI do Terror”.

O Estado de São Paulo – 25 de setembro de 1981. “Gabeira: democracia pode eliminar o terror”, da sucursal de Brasília.

Folha de São Paulo - 29 de novembro de 1981 – “A velha novidade de Gabeira”, por José Onofre.

O Globo - 26 de fevereiro de 1982 – “*A rebeldia da mulher em Minas, tema do próximo livro de Gabeira*”.

Folha de São Paulo – 27 de abril de 1982. “Gabeira, maior atração da Feira de Ituiutaba”.

Folha de S. Paulo – 03 de outubro de 1982 – “O novo Gabeira quer dar um basta ao narcisismo de antes” por Isa Cambará.

O Estado de São Paulo – 10 de outubro de 1982. “Gabeira e seu novo “crime passional”, por Gilson Rebello, da sucursal do Rio.

Folha de São Paulo – 27 de novembro de 1982. “Jovens interrogam Gabeira sobre sua postura política”

Folha de São Paulo – 02 de dezembro de 1982. “O meu vestibular – Gabeira, aprendendo com a vida”, por Marina Teixeira de Mello.

Leia Livros (Fonte: AEL)

Leia Livros – de 15 de novembro de 1979 a 14 de dezembro de 1979, no. 19. “O que é isso, companheiro / Autobiografia de Federico Sánchez”, por Carlos Hard.

Leia Livros – de 15 de dezembro de 1980 a 14 de fevereiro de 1980, no. 20, Ano II. *As memórias e a literatura política nos anos 70*. “O romance na política: um balanço”, por Fernando Gabeira. (p. 20)

Leia Livros, de 15 de julho de 1980 a 14 de agosto de 1980, no. 26, Ano III. “Parabéns, companheiro!”, por Artur José Poerner. Sobre “O Crepúsculo do Macho” (Codecri), (p.17).

Leia Livros, de 15 de setembro de 1980 a 14 de outubro de 1980, no. 28, Ano III. “O momento da decisão”, por Caio Graco Prado. Sobre Os Carbonários, (p.9).

Leia Livros, de 15 de março a 14 de abril de 1981, no. 33. “Vesti uma camisa listrada e saí por aí”, por Caio Túlio Costa, (p.11)

Leia Livros, de 15 de agosto de 1981 a 14 de setembro de 1981, no. 38, Ano IV, *Risenha*: “Roleta Chilena de Alfredo Sirkis, Record, 174 pp., 480,00”, por Ziraldo, (p.10).

Leia Livros, de 15 de agosto de 1981 a 14 de setembro de 1981, no. 38, Ano IV, “Os mortos insepultos”, por Rodolfo Konder, p. 15.

Leia Livros, de 15 de novembro a 14 de dezembro de 1981, no. 41. “Pizza, tevê e utopia”, por Silviano Santiago. Sobre o livro de Gabeira, *Hóspede da Utopia*.

Imprensa Alternativa (Fonte: AEL)

Cadernos de Opinião – SANTIAGO, Silviano. “Repressão e Censura no Campo das Artes na Década de 70”, São Paulo: Paz & Terra, out/nov, 1979, pp. 61-66.

Em Tempo, nº 37, 13 –19/11/1978, p. 08 – “Exílio: Luz, Câmera, Ação!”.

Em Tempo, nº 39, 27/11 –09/12/1978, p. 02 – “Gabeira no Pasquim”.

O Movimento, nº 190, 19 –25/02/1979, p. 23 – “Autoritarismo, exílio e outras leituras”.

O Movimento, nº 195, 26/03 –01/04/1979, p. 21 – “A guerrilha liberada em câmara lenta”.

O Movimento, nº 218, 03 –09/09/1979, p. 07 – “O PTB contra as armas”.

O Movimento, nº 218, 03 –09/09/1979, p. 07 – “Os Guerrilheiros de Brizola”.

O Movimento, nº 233, 17 –23/12/1979, pp. 11-14 – “Gabeira é isso, companheiros!”.

O Movimento, nº 238, 14 –20/01/1980, p. 22 – “Gabeira voltou. Era o que faltava”

O Movimento, nº 243, 18 –24/02/1980, pp. 20-21 – “Saltando fora, né companheiro?”

O Movimento, nº 278, 27/10 –02/11/1980, pp. 19-21 – “Livros: As memórias, documentos e histórias da guerra urbana – A década passada já é livro de história. Mas ainda falta muito para se ter um retrato da época”, por Flávio de Carvalho.

O Movimento, nº 303, 20 –26/04/1981, p. 17 – “O que é que o Gabeira tem? – Como se explica façanha de Fernando Gabeira, que vendeu 125 mil livros?”, por Emiliano Gonçalves.

O Movimento, nº 306, 04 –10/05/1981, p. 17 – “Minorias Políticas: Gabeira, descobrindo o descoberto” – por Pedro Páramo.

Revista Veja (Fonte: AEL)

Revista Veja, nº 462, 13/07/1977, p. 122 – “Um bom projeto” – por Marilena Vianna.

Revista Veja, nº 560, 23/05/1979, p. 112 – “Os mais vendidos” – “Em Câmara Lenta” aparece como o 9º colocado (de uma lista de 10), categoria ficção;

Revista Veja, nº 581, 24/10/1979, p. 122 – “Os mais vendidos” – “Que é isso, Companheiro?” (sic) entre os 9 mais vendidos de não-ficção. Alcança em 28/11/79 a 3º colocação e em 05/12/79 o 1º colocado em 7 semanas (edição 587);

Revista Veja, nº 609, 07/05/1980, **Sessão Gente** – Anuncia-se a possibilidade de se filmar *O que é isso, companheiro?* já em 1980/81, sendo que o personagem representativo de Fernando Gabeira seria o ator e cantor Fábio Jr.

Revista Veja, nº 623, 13/08/1980, pp. 78-80 – “As letras da Anistia: jovens dos anos 60 contam como o AI-5 fabricou o terrorismo e como é dura a vida no exílio” – por Marcos Sá Corrêa e Augusto Nunes

Revista Veja, nº 651, 25/02/1981, pp. 38-43 – “*O Cronista do país oculto*: Com “Entradas e Bandeiras”, seu terceiro livro, Fernando Gabeira redescobre com sua prosa um país que percorre como feliz andarilho”.

Revista Veja, nº 668, 24/06/1981, pp. 05-08 – “Entrevista: Alfredo Sirkis”.

Revista Veja, nº 670, 08/07/1981, p. 104 – **Livros**, “A rota da Sorte” – Augusto Nunes – Sobre o livro *Roleta Chilena*, de Alfredo Sirkis;

Revista Veja, nº 682, 30/09/1981 – **Livros**, “Guia Requentado” – por Marília Pacheco Fiorillo – sobre o livro *Hóspede da Utopia*, de Fernando Gabeira;

Revista Veja, nº 708, 31/03/1982, p. 76 – Alfredo Sirkis estaria preparando a versão cinematográfica de *Os Carbonários*, em 1982, com o diretor Geraldo Sarno.

Anexo II: Documentos

Manifesto do Partido Verde

Retirado do livro: *Partido Verde: Propostas de Ecologia Política*, Rio de Janeiro: Anima Produções Artísticas e Culturais, Coleção Anima Verde, vol. 1, 1986. O livro possui textos de: Alfredo Sirkis, Júlio César Monteiro Martins, Carlos Minc, Herbert Daniel, José Augusto Pádua, Antônio Lago, Luiz Alberto Py, Vilmar Berna, Liszt Vieira e Denise Crispim.

“O Partido Verde (PV) se forma para lutar pela liberdade, paz e ecologia, pelos direitos civis, pela autonomia, autogestão e formas alternativas de vida. Surge de uma reflexão sobre questões que dizem respeito à vida de todos.(...)”

Em diversos países os adeptos da ecologia política se organizam em partidos para levar sua mensagem. Com o fim da ditadura, com o inegável avanço político registrado nos últimos anos e a perspectiva de eleições para uma Assembléia Nacional Constituinte, amadurecem as condições para a criação de um Partido Verde no Brasil.(...)

O Partido Verde se define como um movimento de cidadãos e não de políticos profissionais ou homens de aparelho. Considera que o povo brasileiro está descontente com a chamada “classe política” e almeja um tipo de representação e ação mais eficiente, desinteressada e moderna. O povo brasileiro está cansado de uma elite fisiológica que vê na política não uma forma de representação das aspirações dos cidadãos mas uma carreira profissional, um caminho de enriquecimento e poder individual.

O Partido Verde pretende ser um canal de expressão das novas idéias que surgiram nos últimos anos na sociedade brasileira. Ele pretende contribuir para a formação de um grande movimento ecológico, pacifista e alternativo, capaz de influenciar os destinos da nação brasileira nesse limiar do século XXI. Participar do debate e da solução dos problemas crônicos que há séculos afligem a nossa sociedade e também dos novos problemas que começam a se colocar e que irão, fatalmente, provocar mudanças como é o caso da informática e da robótica.(...)

O Partido Verde no Brasil tem ainda outras responsabilidades. Também é parte integrante de um bloco social e político que trava a luta mais ampla contra a opressão, a desigualdade, a fome, a miséria, a prepotência das elites, a corrupção, o atraso cultural e os resquícios do autoritarismo(...) Estará ao lado das mulheres, dos negros, das chamadas minorias, de todos os grupos vítimas da opressão generalizada ou específica.(...)

(...) Por isso o Partido Verde surge como alternativa política para os que acreditam na possibilidade de uma vida diferente e de uma nova sociedade.”

Documentos Do Acervo DEOPS – Arquivo do Estado de SP

Referência: José Carlos Rolo Venâncio

- *Documento: 50 – Z – O – 15267 (pasta), fls. 1 – 9.*

“Encontro dos Trabalhistas do Brasil com os Trabalhistas no Exílio – Lisboa, 15, 16, 17 de Junho de 1979.

Reconhecendo que é urgente a tarefa da libertação do nosso povo, nós, brasileiros que optamos por uma solução Trabalhista, nos encontramos em Lisboa. E se o fizemos fora do País, é porque o exílio arbitrário e desumano impediu este Encontro no lugar mais adequado: a Pátria Brasileira.

A tarefa de organizar com o nosso povo um Partido verdadeiramente nacional, popular e democrático é cada vez mais premente. Não desconhecemos as permanentes tentativas das forças autoritárias de esmagar os movimentos dos trabalhadores. Mas o repositório de coragem e dignidade dos trabalhadores faz com que eles não se dobrem nem se iludam. E com ele estamos nós, Trabalhistas.

Não podemos deixar de salientar, também que aqueles que defendem uma posição de paciência, assim como a inoportunidade da luta contra a opressão, não são exatamente os que se encontram em condições de sofrimento e perseguição, mas ao contrário, navegam nas águas da abundância e dos privilégios. (...)

O fato novo mais importante da conjuntura brasileira não é nem a crise do regime, nem o fracasso de todos os seus projetos e promessas.

O novo, importante e fundamental é a emergência do povo trabalhador na vida política do País.

Não de um povo amedrontado depois de 15 anos de opressão, mas de um povo que se organiza sob as mais variadas formas – nos sindicatos, em associações, em comunidades, em movimentos e organizações profissionais – com o mesmo objetivo: o de lutar por seus direitos, pela democracia.

A experiência histórica nos ensina, de um lado, que nenhum partido pode chegar e se manter no governo sem contar com o povo organizado e, de outro lado, que as organizações populares não podem realizar suas aspirações sem partidos que as transformem em realidade através do poder do estado. A falta de respaldo popular organizado pode levar a situações

dramáticas, como aquela que conduziu o Presidente Getúlio Vargas a dar um tiro em seu próprio peito.

Partidos e Povo organizado constituem, por conseguinte, as duas condições fundamentais para a construção de uma sociedade democrática.

Analisando a conjuntura brasileira, concluímos pela necessidade de assumirmos a responsabilidade que exige o momento histórico e de convocarmos todas as forças comprometidas com os interesses dos oprimidos, dos marginalizados, de todos os trabalhadores brasileiros, para que somemos na tarefa da construção de um Partido Popular, Nacional e Democrático, o nosso novo PTB. (...)

Tarefa que não se improvisa, que não se impõe por decisão de minorias, mas que nasce do encontro do povo organizado com a iniciativa dos líderes identificados com a causa popular.

Nós, Trabalhistas, assumimos a responsabilidade desta convocatória, porque acreditamos que só através de um amplo debate, com a participação de todos, poderemos encontrar nosso caminho para a construção no Brasil de uma sociedade socialista, fraterna e solidária, em Democracia e em Liberdade. (...)

Nós, Trabalhistas, queremos representar para o povo brasileiro o espírito da tolerância e da fraternidade. Nós, Trabalhistas, participamos ao lado do nosso povo em todas as suas lutas, e porque o nosso projeto é profundamente democrático, procuraremos alianças com todas as outras forças também democráticas e progressistas do nosso País. Nós, trabalhistas, militaremos ativamente em todas as frentes e, porque o nosso projeto é pluralista, não pretendemos absorver ou manipular os sindicatos ou as organizações populares das mais diversas origens. (...)

O grande desafio com que nós, Trabalhistas, nos defrontamos hoje é o de nos situarmos no quadro político brasileiro para exercer o papel renovador que desempenhávamos antes de 1964 e em razão do qual fomos proscritos. Com efeito, apesar de termos tido numerosas deficiências, não foi por elas que caímos. Fomos derrubados, isto sim, em virtude das bandeiras que levantamos. A velha classe dominante brasileira e os agentes internos do imperialismo, não nos podendo vencer pelo voto, nos excluíram pelo golpe. (...)

O desafio com que nos defrontamos é, por conseguinte, o de retomar as bandeiras daquela tentativa generosa de empreender legalmente as reformas institucionais indispensáveis para liberar as energias do povo brasileiro. Especialmente uma reforma agrária que dê terra a quem nela trabalha, em milhões de glebas de vinte a cem hectares, em lugar de entregá-las em províncias de meio, de um e até de mais de dois milhões de hectares na forma de superlatifúndios. (...) E teremos também de levantar a bandeira da luta pela regulamentação do capital estrangeiro, para por fim à apropriação das riquezas nacionais e ao domínio das próprias empresas brasileiras pelas organizações internacionais. (...)

Nestas circunstâncias, o nosso primeiro compromisso é o de reconduzir o Brasil a uma institucionalidade democrática em que todo o poder emane do povo e seja por ele periodicamente controlado através de eleições livres e diretas. (...)

Nosso segundo compromisso é o de levantar as bandeiras do trabalhismo para reimplantar a liberdade sindical e o direito de greve, com os instrumentos fundamentais de luta de todos os que dependem do salário para viver. (...)

Nosso terceiro compromisso é o de reverter as diretrizes da política econômica, com o objetivo de afirmar, em lugar do primado do lucro, a prioridade de dar satisfação às necessidades vitais do povo. (...)

Por tudo isso é que devemos definir prontamente as formas de ação política e os procedimentos legais mais adequados para mobilizar o nosso povo para uma campanha de salvação nacional. (...) O drama social pungente destas massas marginalizadas, que humilha e envergonha a Nação brasileira, afeta, especialmente, a quatro categorias de pessoas cujos problemas estão a exigir a atenção prioritárias dos trabalhistas.

Primeiro, o de salvar milhões de crianças abandonadas e famintas (...) bem como o meio milhão de jovens que, anualmente, alcançam os dezoito anos de idade analfabetos e descrentes de sua Pátria.

Segundo, o de buscar as formas mais eficazes de fazer justiça aos negros e índios (...).

Terceiro, o de dar a mais séria atenção às reivindicações da mulher brasileira (...).

Quarto, o de fazer com que todos os brasileiros assumamos a causa do povo trabalhador do norte e do nordeste, espoliado tanto por uma economia local obsoleta, como por um colonialismo interno exercido de forma escorchante pelas unidades mais ricas da federação e pelo próprio governo federal (...).

A proposta do novo Partido trabalhista a ser discutida pelo nosso povo e formulada em território brasileiro, despida de soluções importadas, tem que levar em conta a necessidade de criar um Partido que expresse os anseios e seja dirigido pelas classes populares. A nova proposta começa com a repulsa àqueles que vêem no ressurgimento do PTB uma sigla de fácil uso eleitoral. A nossa proposta tem um sentido claro de opção pelos oprimidos e marginalizados. (...)

A partir deste momento devemos concentrar todos os nossos esforços na preparação e organização do Congresso Nacional da organização do novo PTB a realizar-se no Rio de Janeiro, no dia 19 de abril de 1980.

No Congresso recolheremos, através de nossas bases, as grandes aspirações e definições da vontade popular.

Com o Congresso continuaremos firmemente, sob a inspiração da Carta Testamento do Presidente Getúlio Vargas, a caminhada junto ao povo que nos levará à emancipação da Pátria.”

A.M. Doutel de Andrade, Ajadil de Lemos, Alberto Martins da Silva, Aldo Pinto, Alex Souza, Alfredo Hélio Sirkis, Paula Crêspo, Anníbal Fernandes, Anselmo Francisco Amaral, Antônia Gonçalves da Silva Oliveira, Antônio Alves de Moraes, Antônio Sérgio Monteiro, Artur José Poerner, Augusto Calmon Nogueira da Grama, Benedicto Cerqueira, Calino Pacheco,

Carlos Augusto de Souza, Carlos Cunha Contursi, Carlos Fayal, Carlos Franco, Carlos Minc Baumfeld, Cesar Behs, Chizuo Osava (sic), Cibilis da Rocha Viana, Cícero Silveira Vianna, Cláudio Augusto de Alencar Cunha, Clovis Brigagão, Danilo Groff, Darcy Ribeiro, Domingos Fernandes, Edmar Gopfert, Eduardo de Azeredo Costa, Erasmo Chiapeta, Eric Nepomuceno, Eunice de Souza, Eva Ban, Fernando Perrone, Flávio Tavares, Francisca Brizola Rota, Francisco Barreira, Francisco Dal Prá, Francisco Goulart Lopes de Almeida, Francisco Julião, Genival Tourinho, Georges Michel Sobrinho, Geraldo Lopes Burmeister, Gil Cunegatto Marques, Haroldo Sanford Barros, Hélio Ricardo Carneiro da Fontoura, Hebert de Souza, Hildérico Pereira Oliveira, Índio Vargas, Irany Campos, Irineu Garcia, Isaac Ajnhorn, J.G. de Araújo Jorge, Jackson Kepler Lago, João Vicente Goulart, José Wanderley, José Carlos de Oliveira Mendes, José Macêdo de Alencar, José Maria Rabelo, José Maurício, José Roberto Silveira, José Carlos Rolo Venâncio, José Gomes Talarico, José Guimarães Neiva Moreira, Josino de Quadros Assis, Landa Maria Lopes de Almeida Ajnhorn, Leonel Brizola, Lúcio Rigo Marques, Luiz Alberto Moniz Bandeira, Luiz Carlos Soares Severo, Lygia de Azeredo Costa, Lisânea Dias Maciel, Magnus Francisco Antunes Guimarães, Manoel Sarmento Barota, Marcelo Carvalho, Marcio W. Almeida, Marco Antônio de Andrade Leão, Maria do Carmo Brito, Maria Margarida Parente Galamba de Oliveira, Matheus Schimidt, Maurílio Ferreira Lima, Maurício Vieira de Paiva, Miguel Bodea, Mila Cauduro, Moema Correia São Thiago, Murilo Rocha Mendes, Neusa Goulart Brizola, Ney Ortiz Borges, Nielsen de Paula Pires, Norma Marzola, Olga Martins, Orlando Maretti, Osvaldo Lima Filho, Osvaldo Pimentel, Otávio Goulart Brizola, Paulo Cezar Tinn, Paulo Medeiros, Pedro Celso Uchoa Cavalcanti Neto, Pedro Dietrich Júnior, Pedro Veronese, Raimundo Arroio, Ronaldo Lyra, Tertuliano dos Passos, Theotonio dos Santos, Trajano Ribeiro, Tuffik Mattar, Vânia Bambino, Vera Mathias, Wilson Vargas da Silveira, Zoe Rodrigues Dias.

Referência: Fernando Mangarielo

- *Documento: 40 - Z - 11 - 128 (microfilme).*

“Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública
Divisão de Ordem Social – DOPS -:

Of. no. 818/77. DOS. São Paulo, 18 de julho de 1.977
R/C.

M. M. Juiz Auditor:

Esta divisão recebeu a informação no. 878 – B – 77 – divulgada pela Divisão de Informações deste ODS, acompanhando a obra* de autoria de Renato Carvalho Tapajós, que leva o título de “Em Câmara Lenta”.

O autor da obra, cujos assentamentos políticos-sociais, bem como a informação e a obra mencionada, seguem em anexo se encontra em liberdade condicional, uma vez que foi condenado por infringência à Lei de Segurança Nacional. É elemento de reconhecida atuação marxista, tendo até mesmo, o que lhe valeu condenação (sentença em anexo), militância em organização clandestina de atuação “goguista”.

A obra, cuja análise ora se encaminha é uma apologia do “terrorismo da subversão e da guerrilha em todos os seus aspectos”.

Foi o livro impresso na Editora Alfa Omega que tem como diretor, Fernando Mangarielo e no conselho orientador, 11 – (onze) membros. Segundo as informações anexas do Fichário desta Divisão (não foram consultadas as das Divisões de Informações de Ordem Política), o Editor e quatro membros do Conselho, apresentam igualmente assentamentos que os indicam como elementos de esquerda.

Diante do exposto, M. M. Juiz, nos parece que a obra em questão representa uma violação a Lei de Segurança Nacional. Porém “ad cautelam”, esta Divisão prefere proceder respaldada na Douta opinião dessa Mui Digna Corte de Justiça, ouvindo o Ministério Público, para após, se o entendimento for comum, adotar as competentes medidas legais.

Rendo a Vsra, os protestos de minha elevada estima e distinta consideração.

BEL. SÉRGIO FERNANDO PARANHOS FLEURY
DIRETOR DA DIVISÃO DE ORDEM SOCIAL

A. S. Exa. o Sr.

Dr. JUIZ AUDITOR DA AUDITORIA MILITAR.”. (sic)

- *Documento: 50 – J – 152 – 1443),(pasta).*

Folha da Tarde, 25/02/1978.

“Polícia prende escritor que volta de Cuba.

Ao desembarcar ontem cedo em Congonhas, o escritor e diretor da Editora Alfa – Ômega, Fernando Mangarielo, foi detido pela Polícia Federal, a fim de que respondesse a uma série de perguntas sobre sua viagem ao Exterior, que compreendeu, entre outras, uma visita à Cuba, onde participou do júri do prêmio “Casa de Las Américas”, juntamente com o compositor Chico Buarque de Hollanda, o jornalista Fernando de Moraes e o escritor Antônio Callado.

Fernando Mangariela (sic) que vinha de Lisboa, no vôo 735 da Varig, ficou detido em uma das salas da PF de Congonhas, das 9h15 às 11h40. Ao deixar o aeroporto, já liberado pela polícia, demonstrando muito cansaço pela viagem de mais de 11 horas, e do interrogatório, o escritor não quis falar à imprensa, solicitando que os repórteres se dirigissem, no início da tarde, à sua casa, em Pinheiros.” (sic).

Referência: Renato Tapajós

- *Documento: 30 – Z – 160 – 16707 (microfilme) – Informe no. 389 – B/81.*

“Renato Carvalho Tapajós (“Cláudio”, “Pedro” ou “Passarinho”).

Assunto:

1. O nominado é fichado nesta A. I. e possui os seguintes dados de qualificação
 - a. filho de Ipojucan Moura tapajós e Maria Hemengarda Carvalho Tapajós;
 - b. nascido em 05 fev 43, em Belém – PA;
 - c. foi preso em Ago 68, por militar na Ala vermelha do PC do B;
 - d. condenado pela Justiça Militar/SP, cumpriu pena;
 - e. é escritor e cinegrafista;
 - f. é autor do livro “Em Câmara Lenta” sobre a guerrilha urbana, pelo que foi processado (*incompreensível*) pela 2ª. Aud/ 2ª. CJM, em 1977;
 - g. ultimamente, vem mantendo contato com o Movimento Sindical.
2. Nos dias 14 e 15 do corrente mês foi exibido nos Sindicatos dos Jornalistas Profissionais de São Paulo o filme “A Luta do Povo”, de autoria do epigrafado, o qual, entre outros aspectos, aborda a “Manifestação do 1º de Maio de 1980, o Movimento Contra a _____ (MCC), o Movimento das Favelas e o enterro do operário SANTO DIAS DA SILVA.
3. o referido filme voltou a ser exibido nos dias 21 e 22 do mês em curso, no Sindicato dos Químicos, à Rua Tamandaré, 348, - obedecendo a um plano de que o mesmo seja exibido no maior número possível de Sindicatos, bem como em entidades populares e associações religiosas. Para tanto, nos cartazes distribuídos para alguns e comprados por outros, está o impresso o seguinte aviso: “Para a utilização do filme telefone 293.3032, das 18 00 às 20 00 hs”.
4. O telefone acima referenciado pertence a JOSÉ CARLOS TURA, residente à Rua Vicó, 18, RG – 10.155.205, sem dados de qualificação nesta AI.
5. O referido assunto continua em processamento nesta AI.

Março 81.

EM LETRAS MAIÚSCULAS, NO CENTRO DO TEXTO, HÁ A FRASE: “NÃO DIVULGUE ESTE DOCUMENTO”.

- *Documento 21-Z-14-3249 (microfilme)*

"Secretaria de Segurança Pública Coordenação de Informações e Operações Seção de Informações	CONFIDENCIAL 21/07/1977
1. Assunto: Renato Tapajós	
2. Origem: CAB/SP	
3. Classificação:	
4. Difusão: II EX – IV COMAR – SNI/ANP – DPF – PMESP – DEP – DOPS	

(...)

Informação Nº 0713/77 – 12109

A obra "CÂMARA LENTA" de Renato Tapajós : Editora Alfa-Ômega: 1977 – é uma apologia do terrorismo, da subversão e da guerrilha em todos os seus aspectos.

É um "romance" lírico, apaixonado e fanático em que se *[ilegível]* e se venera o terrorista, o guerrilheiro, e ao mesmo tempo que se execra o policial e o militar.

É uma obra essencialmente feita dentro da dialética marxista, tendo como doutrina e moral a ética comunista. O Comunista não mata, mas liberta! O Comunista não rouba, expropria!

O assassinato de um policial a tiros de metralhadora é tratado como fato apenas de passagem na narração: a prisão de um terrorista é traduzido num quadro de tortura e de violência que choca a qualquer mortal (vide os trechos: *[ilegível]*) Assim, dentro do *[ilegível]*, o terrorista é endeuzado (sic) *[ilegível até o fim do documento, que são mais três linhas]*

- *Documento encontrado através das Referências de Aldo Lins e Silva (50-Z-941891) e Fernando Mangarielo (50-Z-9-41894 – 1977 e 50-Z-9-41895 – 1977)*

"MINISTÉRIO DO EXÉRCITO
COMANDO II EXÉRCITO
QUARTEL GENERAL
CODI/ II EX – DOI

São Paulo, SP, 17 Ago 77

Do Ch SAI
Ao Sr Ch SOI

Assunto: RENATO CARVALHO TAPAJÓS ("CLÁUDIO", "PEDRO" ou "PASSARINHO") e o livro de sua autoria, intitulado "EM CÂMARA LENTA"
Anexo: O livro em epígrafe

RELATÓRIO DE ANÁLISE Nº 201

(...) 6. Ultimamente, o elemento em pauta escreveu um livro, ao qual, pretensiosamente, classificou-o de romance, dando-lhe o título de "EM CÂMARA LENTA", impresso pela Editora Alfa-Omega Ltda., à rua Cristiano Viana , 302 – Tel. 280-9972 (...)

V - ANÁLISE CIRCUNSTANCIAL DA OBRA

1. Confecção

Capa e interior elaborados em papel de baixo preço, objetivando o barateamento de produção, escrito em letras graúdas e linguagem fácil para atingir diversificados níveis de leitores

2. Capa

Conforme registra o exemplar em análise, é de autoria de MOEMA CAVALCANTI, que através de um desenho representando uma secção de um filme, onde aparecem três bocas, em estágios sucessivos, sugerindo respectivamente, uma pessoa falando, calada e morta.

3. Objetivo

De uma maneira velada, pois o autor já protejeu (sic) suas responsabilidades, classificando a citada obra de romance que, na restrita acepção da palavra, significa estória imaginária e artística, procura difundir os erros e acertos da subversão, incentivar o ingresso de incautos em tal

mister, bem como denunciar o que todo subversivo chama de “crimes e abusos da repressão”, colocando, por assim dizer, o Governo no pelourinho, ao mesmo tempo que representa uma juventude sempre exposta, pela própria psicologia da idade, ao fascínio dos extremismos, como uma epopéia heróica, romanceando a respeito da “ingênua generosidade daqueles que “jogaram tudo, inclusive a vida na tentativa de mudar o mundo”

4. Método e Estilo

No translato do registro de sua “imaginação” ao papel, utilizou-se o autor do que em estilo literário os profissionais do ramo classificam como Campo Psicológico ou Reflexivo, também denominado de “Flash Back”, em literatura internacional, sendo o que existe de mais atualizado no gênero, introduzido no Brasil pela escritora LÍGIA FAGUNDES TELES, com o livro “As Meninas”. Esse método é largamente empregado na Europa, onde se originou e encontra-se em estágio mais avançado.

VI - INTRODUÇÃO À ANÁLISE

Logo nas primeiras linhas, à guisa de antelóquio, descreve-se como sendo pessoa de elevado gabarito e vivência no mundo artístico, ao mesmo tempo que explica tratar-se a presente obra de uma reflexão sobre o aspecto fundamental dos acontecimentos políticos que terminaram por eclodir em guerrilha urbana, dentro das condições dadas pela época, após a Revolução de Março de 64, situando, como decisivo, o período decorrido entre 1968 e 1973.

Prosseguindo em seu proselitismo de abertura, esclarece, outrossim, que a referida obra é, também, uma denúncia às violências e torturas indescritíveis, pois na época em questão, ninguém pôde escrever com um mínimo de honestidade sobre os fatos que serão representados a quantos leiam a obra em análise.

VII – ANÁLISE DA COMPOSIÇÃO

O livro apresenta duas estórias narradas concomitantemente e intercaladas e para melhor compreensão da análise da mesma, vamos denominá-las de Estória Principal e Estória Secundária, a saber:

1. Estória Principal

Desenvolve-se em torno de uma ação ocorrida, numa oportunidade em que três terroristas, dois homens e uma mulher, viajavam num automóvel e foram surpreendidos por uma ação policial denominada “Operação Arrastão”, bem como as conseqüências que este fato gerou.

Tal relato é feito em cinco estágios, começando efetivamente na página 25 e sucedendo-se nas páginas 56, 87, 142 e 167, onde o autor prossegue do início até um determinado ponto, aumentando-o sucessivamente em cada estágio, conforme o método que adotou, já citado anteriormente, descrevendo com fantasiosas e inverossímeis pormenores a prisão e morte, sob tortura, de uma militante, em algum órgão de segurança.

Nos demais fatos congruentes, narra “cobrimento de pontos”, assaltos e suas devidas preparações, angústia da permanência em aparelhos, quando faz críticas a um dos personagens, que segundo o autor, é um ex-militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e pai de outra personagem, nos seguintes termos: “Ser de esquerda é bom da boca pra fora, na hora de fazer qualquer coisa, não podia, era preciso ter tantos cuidados que talvez fosse melhor ficar trancado em casa. Além do que, revolução era pra ser feita pelos filhos dos outros, alguém precisa fazer a revolução, mas não minha filha”.

Pratica também o que se pode classificar como incitamento, nos seguintes termos:

- a) devem (os terroristas) continuar com seus princípios para não dar razão ao inimigo (o Governo), aos que exploram, aos que oprimem, aos que matam e torturam para poderem continuar a explorar, a oprimir, a matar e torturar. Eles precisam ser destruídos e serão destruídos” (sic);
- b) critica aos que não aderiram ou desistiram das organizações subversivas;
- c) faz relatos de panfletagens armadas, estratégia para a fuga após assaltos, como jogar “carrapichos”, estrela de três pontas, que ao cair no chão, ficam sempre com uma ponta para cima.
- d) tece considerações que são verdadeiros ensinamentos, nos seguintes termos:
 - referindo-se às organizações terroristas, diz: “as quedas devem ser por causa da linha militarista”;
 - “o que pode mesmo atrapalhar o sistema é se os operários se movimentarem”;
 - “meu compromisso é com os mortos”, manifestando perseverança (sic) e instigando à vingança de companheiros mortos;
 - “LAMARCA morreu porque sua organização desmantelou-se na cidade”, fazendo alusão ao apoio cidade-campo às guerrilhas;
 - narra também os fatos oriundos do Movimento Estudantil, na época, que deram origem à dissidência ocorrida no PC do B e o desmantelamento, posteriormente, dessa dissidência

2. Estória Secundária

Consiste na narração fria e chocante com que descreve a cena do guerrilheiro que leva os companheiros através do rio, pilotando um barco, e, ao chegar à margem oposta, é eliminado pelo chefe do grupo “aventureiro e generoso” com um tiro na testa, “justiçado por querer desertar”.

Como os outros não sabem pilotar, a citada embarcação é abandonada e levada pela correnteza, conduzindo o cadáver, alguns livros e um disco da UNE, de nome "O povo canta". Daí, prosseguem selva a dentro, até serem presos, após uma fantástica operação conjunta das Três Forças Armadas, fazendo, evidentemente, uma alusão às guerrilhas ocorridas na Região Amazônica do Estado do Pará.

3. Finalmente, na página 173, a título de epílogo, descreve uma aventura suicida e mirabolante, onde um terrorista, em holocausto, morre enfrentando, temerariamente, a vários agentes policiais.

VIII – OUTROS DADOS RELATIVOS AO AUTOR

1. Pela publicação do livro em análise, RENATO CARVALHO TAPAJÓS foi preso pelo DEOPS/SP, em 27 Jul, próximo passado, e colocado em regime de incomunicabilidade.
2. ALDO LINS E SILVA, advogado que defende alguns dos subversivos presos durante às últimas prisões de militantes do PC do B, ocorridas em fins de 1976, requereu, em 1 Ago, do corrente mês, à 3ª Aud/2ª CJM, a cassação da incomunicabilidade imposta a RENATO CARVALHO TAPAJÓS, sendo certo que o causídico em apreço é contumaz defensor de subversivos
3. No dia 6, do corrente mês, o nominado teve sua incomunicabilidade suspensa, recebendo a visita de seu advogado.
4. Em 12 Ago, do mês em curso, o Ministro da Justiça, baseado no DL 898, de 29 de setembro de 1969, Lei de Segurança Nacional, assinou despacho proibindo à publicação e circulação do livro em epígrafe, em todo o Território Nacional, sendo o referido despacho encaminhado ao Procurador Geral Junto à Justiça Militar.

IX – CONCLUSÃO

A obra analisada apresenta, como finalidade precípua, à discussão da guerrilha urbana e a denúncia de "torturas e violências policiais", numa apologia e incitação às guerras subversiva e revolucionária, atitudes capituladas na Lei de Segurança Nacional, bem como fazer propaganda subversiva, utilizando-se de quaisquer meios de comunicação social.

O supradito exemplar incita, da primeira à última linha, à guerra revolucionária, faz da revolução violenta o fim da sociedade, emula o guerrilheiro e a guerrilha, numa verdadeira profissão de fé, de ideologia e fanatismo, relembrando, pormenorizadamente, episódios dos idos

de 68 a 73, com minúcias das técnicas terroristas-comunistas em “expropriação” e “justiçamento”, nomes que os subversivos dão aos crimes de roubar e matar dolosamente, parodiando outros manuais de guerrilha, das mais diversas origens.

É de bom alvitre acrescentar, ser um dever social, não permitir que a população esqueça-se da época, não muito distante, em que o terrorismo estava no auge, no Brasil, quando suas vítimas inocentes tombavam nas ruas, deixando pobres crianças em dolorosa orfandade, sendo que nessa mesma época, não faltaram pessoas, principalmente do Clero, que classificavam tais elementos como jovens idealistas, denunciando violentamente a repressão ao terrorismo como uma violação aos direitos humanos, demonstrando que tais terroristas, verdadeiros representantes do extremismo, em suas confusões mental e ideológica dos grandes vates do marxismo-leninismo, infelizmente, encontra complacentes proteções e conivências psicológica e política, cujos exemplos vislumbramos a cada dia.

Sobretudo, deve ser esclarecidos aos incautos, principalmente sobre àqueles que iludidos por tais ensinamentos, já não podem mais escrever livros, narrando romanescas aventuras porque “jogaram tudo, inclusive a própria vida, numa aventura sem sentido e objetivo”. Certamente, teriam preferido que “o povo não cantasse suas aventuras”, e que, em vez da generosa “justiça revolucionária”, fosse-lhes aplicada a Lei de Segurança Nacional, pois suas possibilidades de absolvição seriam enormes, sendo que a referida legislação caracteriza-se, principalmente, pela redenção e RENATO CARVALHO TAPAJÓS é a prova cabal de tal afirmação.

Outro aspecto a ser abordado e que o livro “EM CÂMARA LENTA” seja nada menos que o embrião de uma nova modalidade de ataques e calúnias aos Governos, disfarçada por uma casca literária, o que confirma a publicação pela mesma editora do livro “UMA VIDA EM SEIS TEMPOS (MEMÓRIAS)”, de autoria de um ex-membro do Comitê Central do PCB, o qual já está sendo objeto de análise por esta Seção, onde se percebe um afinamento acadêmico com a técnica de terrível eficácia, utilizada por PAUL JOSEPH GOEBBELS, Ministro da Propaganda da Alemanha Nazista, baseada na premissa “Mintam, mintam que sempre alguma coisa ficará”.

ooooOOOM/MOOOoooo

Ch S A I

- *Documento 21-Z-14-3254 (Microfilme)*

Departamento Estadual de Ordem Política e Social

Divisão de Informações

Relatório Diário nº 602

1 – Período:

Das 12,00 hs do dia 22 até às 12,00 hs do dia 23 de julho de 1977

Das 12,00 hs do dia 23 até às 12,00 hs do dia 24 de julho de 1977

Das 12,00 hs do dia 24 até às 12,00 hs do dia 25 de julho de 1977

2 – Ocorrências registradas

(...)

b-SUBVERSÃO

I – Anexo xerox de cópia da informação nº 0913/77, encaminhada por Autoridade Policial à Secretaria da Segurança Pública, sobre livro intitulado “CÂMARA LENTA”, de autoria de Renato Tapajós, publicado pela editora “Alfa-Ômega”, no corrente ano.” (...)

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CIDADE UNIVERSITÁRIA - C. P. 8.105 - SÃO PAULO - SP.

P A R E C E R

Tendo sido indicado como Perito no Processo movido contra o escritor Renato Tapajós, por causa da publicação de seu romance "Em câmara lenta", penso que os pontos importantes, no caso, são os seguintes:

1. este livro é subversivo?

2. a sua leitura induz a uma atitude subversiva, ou à prática de atos subversivos?

Antecipo que a resposta é - "Não", - pelos motivos abaixo discriminados.

1. "Em câmara lenta" não é um livro subversivo, devido a uma série de razões. Em primeiro lugar, porque é um romance e, portanto, escrito num tipo de discurso marcado pela predominância da "função poética" (Jakobson), isto é, a que se caracteriza pelo fato da palavra ter a si mesma como finalidade principal; pelo fato da palavra ser trabalhada em função das suas propriedades específicas.

No discurso literário existem, é claro, outras funções da linguagem, como a "referencial", cuja finalidade é a representação objetiva do mundo interior e exterior. Mas os diversos tipos de discurso se caracterizam pela predominância, não a exclusividade de funções. Na linguagem quotidiana, no discurso administrativo ou científico, por exemplo, predomina a função referencial, que visa a informar, a exprimir diretamente o que percebemos ou inferimos da realidade. Na linguagem literária, predomina a função poética, que visa a realçar as qualidades estéticas da palavra. Não se pode, portanto, tomar como informativo, como documento, um discurso de tipo literário, que visa a criar um universo específico, diferente da realidade, embora a tenha como matéria prima e procure

tomar o seu lugar. Um erro vulgar consiste em pensar que a força da literatura vem da realidade que descreve; quando, de fato, esta força provém do teor estético da linguagem usada. O sentimento real, por exemplo, não basta para fazer literatura, porque, ao contrário do que tendemos a pensar, o que nos toca não é a autenticidade objetiva disso ou daquilo, mas a eficiência estética do discurso, que faz parecer autêntico isso ou aquilo (mesmo que não o seja).

A estas considerações é preciso juntar outra, de grande importância: a que se refere ao caráter de ambiguidade do discurso literário. Neste, as coisas, os sentimentos, as idéias, nunca têm um único significado, mas vários; e isto faz a sua força. Daí a necessidade de "interpretação", que é o modo de ler literatura, sendo uma tentativa de estabelecer quais são os sentidos possíveis, de cujo concurso se forma o, ou se formam os, significados dominantes.

Pelo exposto, vemos que é arriscado tomar como documento um romance, que foi construído deliberadamente como obra literária, portanto artificial, com predomínio da função poética e alta taxa de ambiguidade.

"Madame Bovary", de Flaubert, é pró ou contra o adultério? "À busca do tempo perdido", de Proust, é uma apologia ou uma condenação do homossexualismo? "Sob o olhar do Ocidente", de Conrad, exalta ou denigre os revolucionários? Todas estas questões são secundárias e, na verdade, inócuas. Quando alcança o devido nível literário, o romance ultrapassa tais dilemas e se apresenta como um feixe de possibilidades de significar. Como a vida, ele ^{pode} nos deixar perplexos, nos leva ao tacteio, ao erro de visão; mas, como ela, enriquece, enquanto totalidade de experiência.

"Em câmara lenta" não é um retrato documentário, contínuo e fiel da realidade. É escrito conforme uma técnica requintada de fragmentação do real, mistura de planos temporais, visão rota-

tiva, - tudo ordenado em torno da ação que se completa aos poucos e dá nome ao livro. E não apresenta um significado, mas uma série deles; tantos, quantas são as faces da realidade e os correspondentes ângulos de visão.

2. Isso leva à segunda pergunta: a sua leitura induz a uma atitude subversiva, ou à prática de atos subversivos?

No meu entender, não. Um leitor de "Em câmara lenta" pode se interessar pelos dramas pessoais, pela sucessão de atos, pelo suspense das cenas, pelas imagens poéticas, etc. E, sobretudo, pelo mistério lentamente desvendado da cena central recorrente; do ato que vai se perfazendo aos pedaços, até compor uma ação total. Trata-se, pois, de interesse cuja natureza é sobretudo estética. É claro que o leitor poderá ter uma visão panorâmica de atos revolucionários, apresentados nas suas diversas dimensões e podendo, sem dúvida, constituir uma visão política, um modo de conceber a participação nos problemas do nosso tempo. Mas não vejo, em momento algum, convite à prática, induzimento, ou sequer sugestão por meio do embelezamento ou realce do que é descrito, - como ocorre nos romances doutrinários e, em geral, alegóricos, que estiveram em moda sobretudo até o século XVIII. "Em câmara lenta" nada tem a ver com este gênero, hoje relegado ao 'segundo time da ficção. E note-se que no livro não há sequer (como é frequente nos romances de cunho naturalista) descrição pormenorizada de atos revolucionários. Como vimos, a narrativa, muito moderna, é descontínua, fragmentada, procede por flashes que adquirem certo tom de irrealidade e entra por vezes na dimensão atemporal, que nos arranca do cotidiano presente para entrar no universo da fábula realista.

3. Alguém poderá fazer uma reflexão como esta: admitindo embora isso tudo, a leitura de um livro não pode, entre as suas diversas interpretações possíveis, levar entre outras a uma con-

clusão de ordem prática? Portanto, uma pessoa que lê "Em câmara lenta", mesmo plenamente capacitada da sua natureza de produto ficcional, não pode extrair uma determinada conclusão de vida? Apesar de toda a neutralidade de Flaubert, o leitor de "Madame Bovary" não pode, por sua conta, concluir que o adultério é bom?

- Sim, isso é possível. É possível que o leitor de "Em câmara lenta", tudo sentido, tudo vivido, tudo pesado, tire da sua interpretação uma conclusão prática do que leu. E qual seria ela? Poderia (voltando ao nosso tema) ser um convite, ou induzimento à subversão?

Admitindo para argumentar e por dever de probidade este plano meramente pragmático e portanto secundário de leitura, que não me interessa enquanto crítico literário, eu concluiria, mais uma vez, pela resposta negativa que antecipei no começo. Com efeito, note-se que a partir da página 186 o livro vai tecendo uma série de dúvidas, de proposições alternativas, de críticas ao tipo de atividade descrita. Ressalvando a ambiguidade dos textos literários, o que pessoalmente infiro, se me situo neste plano, é uma sugestão, indireta, não formulada, mas poderosa, contra a subversão. Sugestão contra a eventual inutilidade de tudo que se descreveu. Parece haver no fim do livro, com efeito, uma atmosfera que faz sentir como são inúteis os tipos de ação que nutrem a narrativa; como é negativo o caráter isolado e quase anti-social do guerrilheiro; como é vazia a ação humana que não se enquadra nos desígnios, na vontade dos outros homens, de uma coletividade.

4. Resumindo para concluir: em qualquer nível que me coloque, sou levado a negar que "Em câmara lenta" constitua um inventivo ou sequer um mero exemplo para a atividade subversiva. E se fosse necessário extrair dele uma lição, como dos velhos romances alegóricos, eu concluiria que é, antes, o contrário.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
CIDADE UNIVERSITÁRIA - C. P. 8.105 - SÃO PAULO - SP. -

- 5 -

Esta é a opinião que emito, cômico da minha responsabilidade e com base em análise atenta, como professor, crítico e estudioso de literatura.

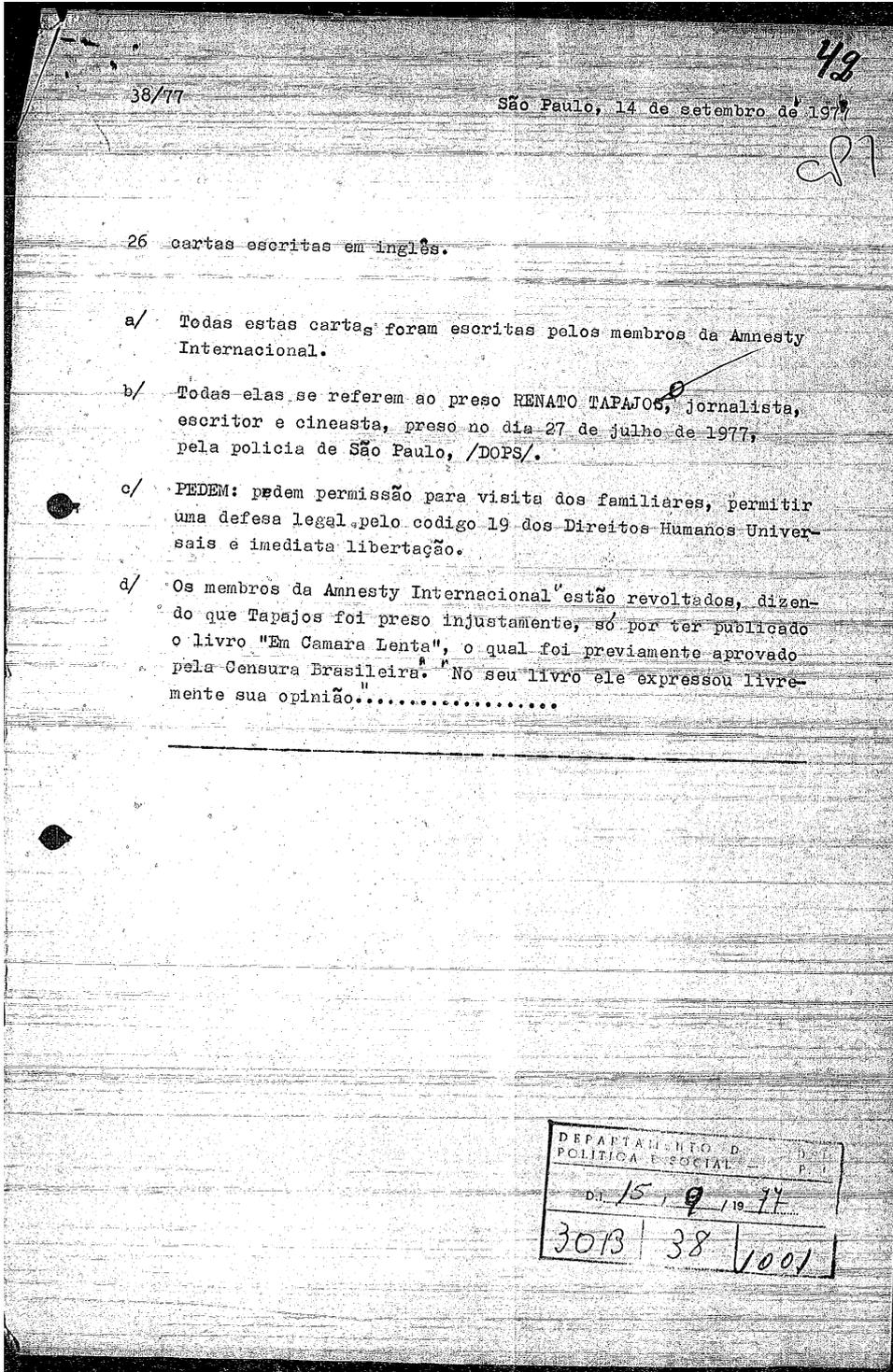
São Paulo, 12 de fevereiro de 1978

A.C. de Mello e Souza

Antonio Candido de Mello e Souza

Professor Titular Aposentado da
Universidade de São Paulo. Coordenador do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

Documento 7: Informativo ao Gabinete do Secretário de Segurança Pública de São Paulo, Coronel Antônio Erasmo Dias. Fonte: Acervo DEOPS.



Documento 8: Carta do Sindicato de Jornalistas da Finlândia pedindo a libertação de Tapajós. Fonte: Acervo DEOPS.

SUOMEN SANOMALEHTIMIESTEN LIITTO — FINLANDS JOURNALISTFÖRBUND ry.
UNION OF JOURNALISTS IN FINLAND

Yrjänkatu 11 A 2
00120 HELSINKI 12
Puhelin 647 326 vaihde



Georgsgatan 11 A 2
00120 HELSINGFORS 12
Telefon 647 326 växel

Coronel Antonio Erasuno Dias
Secretaria de Segurança Pública
Gabinete do Secretário
Avenida Brigadeiro Tobias 527 - 1o andar
SAO PAULO

Helsinki 31. august 1977
F.b.3. EH/uml

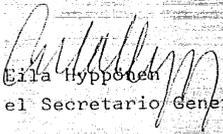
Vuestra Excelencia:

En calidad el Secretario General de la Federación Nacional de los Periodistas de Finlandia me permito expresar a Vuestra Excelencia mi más profunda inquietud causada por las noticias del arresto del periodista

RENATO TAPAJOS

El arresto fue efectuado por el Departamento de Orden Política e Social (DOPS) el 27 julio, y ya que desde entonces el Sr. Tapajos ha estado incomunicado le suplico a Vuestra Excelencia que se tomen las medidas necesarias sin demora con miras a garantizarle un tratamiento justo. Además, dado que el arresto del Sr. Tapajos significa un ataque a la libertad de prensa y de opinión le solicito encarecidamente que sea libertado inmediatamente.

Le quedaria muy agradecido a Vuestra Excelencia por su pronta intervención en favor del periodista Renato Tapajos y le saluda atentamente.


Eila Hyppönen
el Secretario General

LA FEDERACIÓN NACIONAL DE LOS
PERIODISTAS DE FINLANDIA

General Dilermando Monteiro
Comandante do II Exército
Rua Abílio Soares 1600
São Paulo, BRAZIL

10, Mount Austin Road,
Flat 18, The Peak,
Hong Kong.

28th August, 1977

Dear Sir,

I am writing to you concerning the case of Renato Tapajos. He works for Editora Abril. On 27th July, he was arrested by the DOPS - the Political Police. His book, "En Camara Lente" was published in June; in it reference is made to the use of torture during the period covered (1964-8).

Since his arrest, Sr Tapajos has been held incommunicado and I am concerned by this attack on freedom of the press and of opinion. I ask you to guarantee fair treatment of Sr Tapajos and urge you to take immediate steps to release him from DOPS.

Thanking you for your kind attention,

Yours sincerely,



Roger H. Parry

cc. Sr Prefeito Olavo Setubal
Sr Augusto Fragoso
Coronel Antonio Erasmo Dias

Robert L. Garrison
5428 Loughborough Avenue
Saint Louis, Missouri 63109
U.S.A.
August 31, 1977

Coronel Antonio Erasuno Dias
Secretaria de Seguranca Publica
Gabinete do Secretario
Avenida Brigadeiro Tobias 527- 10 andar
Sao Paulo, Brazil

Dear Colonel Dias:

I am writing to you to urge that Mr. Renato Tapajos, a Brazilian journalist and film maker, be released from custody unless the most compelling evidence of criminal conduct can be shown against him in open court.

Mr. Tapajos was arrested last July 27 by officials of the Departamento de Ordem Politica e Social, apparently because he published a book about Brazilian politics as it existed between 1964-'68. Since his arrest, Mr. Tapajos has been held incommunicado by security officials.

I fear that the use of incommunicado detention may lead to mistreatment of Mr. Tapajos by overzealous local authorities. If the government of Brazil insists on jailing this citizen further, then I request that you give some public guarantee that he will receive humane treatment and allow him to receive family visits.

Mr. Tapajos has already served one prison sentence in Brazil of five years. Don't you see that looking up writers who express unpopular opinions constitutes the most basic kind of attack on the democratic idea itself?

As an attorney, I believe that every prisoner has an absolute right to a fair, speedy, and public trial, regardless of what offense may be charged against him. Mr. Tapajos should either be given such a trial at the first possible moment or else released at once. If he must be tried, I am sure journalists from all over the world will wish to report on the fate of their colleague.

I hope you will consider intervening personally in this matter on behalf of Mr. Tapajos. The arrest of this writer does great damage to the good name of Brazil among the peoples of the world. Very Best Wishes,

Sincerely,

Robert L. Garrison

Robert L. Garrison

Documento 6: Carta pedindo a libertação de Tapajós. Origem: Pen Club Dinamarca. Fonte: Acervo DEOPS.

SECRETARY:
Erik Vagn Jensen
3 Klareboderne
DK-1001 Copenhagen K

PRESIDENT:
Søren Egerod

VICE-PRESIDENT:
Jørgen Sonne

THE DANISH P.E.N.

26th August, 1977.

Coronel Antonio Erasmo Dias
Secretaria de Segurança Pública
Gabinete do Secretário
Avenida Brigadeiro Tobias 527-10 andar
Sao Paulo - SP - Brazil

Dear Sir,

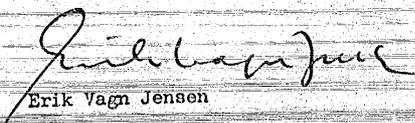
On behalf of the Danish section of the international PEN, an association of poets, playwrights, publishers, essayists, and novelists, I wish to protest against the arrest of writer Sr. Renato TAPAJOS by the political police DOPS on 27th July and his subsequent incommunicado detention. The reason for the arrest seems to be the views he expresses in his recent book "En Camara Lenta", which was approved by the Brazilian Board of Censorship.

This arrest is a violation of the freedom of expression, guaranteed by the Universal Declaration of Human Rights of the United Nations, and will have an adverse effect on the reputation of your country abroad. It also contradicts the announcement by President Geisel of a forthcoming liberalisation in Brazil, which news was warmly welcomed by all people in Europe who are interested in the cause of human freedom.

In my capacity as secretary of the PEN club, I, therefore, appeal to you to ensure that Sr. Renato Tapajos be given a fair treatment by the police and be released immediately.

I thank you in advance for your efforts and attention to this urgent matter.

Yours respectfully


Erik Vagn Jensen

c.c.: The Embassy of Brazil in Copenhagen
Ryvangs allé 24, 2100 Copenhagen Ø



amnistía internacional grupo venezuela

APARTADO 51184
CARACAS 105

28 de Agosto de 1977

Coronel Antonio Erasuno Dias
Secretario de Seguranca Publica
Gabinete do Secretario
Avenida Brigadeiro Tobias 527 -10 andar
Sao Paulo, SP, Brasil.

Señor Coronel:

Nos permitimos reclamar su atención ante el caso del encarcelamiento del escritor brasileño, Renato Tapajos, ocurrido el 27 de Julio pasado. Aparentemente la detención fué debida a la publicación del libro de dicho escritor "En Camara Lenta", el cual fué debidamente aprobado por la Junta Censora Brasileña antes de ser publicado. Aparte de parecernos sumamente anormal esta situación, nos preocupa seriamente el hecho de que el Sr. Tapajos ha sido mantenido incomunicado desde el día de su detención y en consecuencia no dudamos en acudir a Usted de inmediato solicitando su intervención para lograr que se devuelva la libertad a Renato Tapajos.

Agradeciendo altamente su atención, nos es grato saludarle respetuosamente,

F. J. Larrauri, Arq.

Syndicat des Journalistes Français

Fondé en 1886 Enregistré sous le numéro 990 à la Préfecture de Paris
26, rue Montholon - 75439 PARIS Cedex 09 - Tél. 824.88.00 et 280.62.43. - CCP. 8214.75 Paris



(7)

Le 27 août 1977, Paris

Coronel Antonio Erasmo Dias
Secretaria de Segurança Pública
Cabinete do Secretário
Avenida Brigadeiro Tobias 527 -
10 andar
Sao Paulo, BRASIL

Monsieur le Coronel,

Nous avons appris l'arrestation par la DOFS, le 27 juillet dernier, dans l'Etat de Sao Paulo, de M. Renato Tapajós, journaliste et cinéaste.

Depuis cette date, il a été gardé au secret; ses amis et ses proches, dans l'ignorance des conditions de sa détention, expriment les plus vives inquiétudes.

Les causes de son arrestation ne semblent pas connues avec précision. On suppose qu'elle est consécutive notamment à la parution de son livre "En Camara Lenta", qui avait pourtant été autorisée par les autorités brésiliennes compétentes.

Cette arrestation nous paraît donc une atteinte à la liberté de la presse et à la liberté d'opinion. Nous vous exprimons notre préoccupation à ce sujet, au nom des journalistes français qui sont très attachés à ces libertés pour eux et pour leurs confrères du monde entier.

Nous souhaitons que Renato Tapajós puisse bénéficier d'une procédure légale d'urgence permettant sa remise en liberté dans les plus brefs délais.

Nous serions très heureux d'avoir des informations sur son sort.

Croyez, Monsieur le Coronel, à l'assurance de notre considération.

Le secrétaire général

Noël MONIER

Documento 9: Carta pedindo a libertação de Tapajós. Origem: Suécia. Fonte: Acervo DEOPS.

Bollnäs Aug 26th 1977

Colonel Antonio Erasuno Dias
Secretaria de Seguranca Publica
Cabinete de Secretario
Avenida Brigadeiro Tobias 527-10 andar
Sao Paulo Sp

I am a Swedish journalist working at the paper Ljusnan in Bollnäs. It has come to my knowledge that the filmmaker and journalist Renato Tapajos, working for Editora Abril has been arrested on the 27th of July this year by the political police, Departamento de Ordem Politica e Social (DOPS).

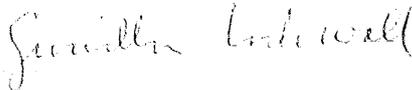
I am very concerned at the arrest and hope that it is a big mistake. Arresting a journalist ~~and~~ and writer because of what he has written is an attack on the freedom of the press and the freedom of opinion. And I am sure that all writers and journalists all over the world agree with me in this.

All the writers and journalists in Sweden are very much concerned about what happens in Latin America and of course specially of what happens to our colleagues all over the world.

Therefore I now urge you to guarantee fair treatment of Renato Tapajos and that he will be released immediately.

Yours most respectfully

Gunilla Lockwall
Brattbacksv 13
821 00 Bollnäs
S-Sweden



22, Stubbin Lane,
Sheffield, S5 6QL.,
England.

23.8.77.

Coronel Antonio Erasuno Dias,
Secretaria de Seguranca Publica,
Sao Paulo, Brazil.

Dear Sir,

I am very much disturbed
by the arrest and imprisonment of
Mr. Renato Tapajos, journalist and
writer.

This imprisonment is a res-
triction to his basic human right to
non-violent expression of views, free from
harassment.

As a writer, I urge you
most earnestly to release Mr. Tapajos
so that he may be free to write as
we and others are free to do.

Yours sincerely,

Edward W. Fisher

amnesty international
australian section

Erasmo Dias,
Seguranca Publica,
quartel do secretario
Avenida Brigadeiro Tobias
527-10 andar
Sao Paulo, Brazil.

Mr. C. Barrett
15 Price Avenue
Northmead 3094
28.8.77

Dear Sir,
I am writing to you to protest against the arrest and incommunicado detention of Sr. Renato Tapajós, the film maker and journalist. As his arrest is evidently connected with the publication of his book "En Camera Lenta" is constituted an attack on the freedom of expression of every Brazilian citizen, especially since this book was approved by the Brazilian Board of Censorship. I respectfully request that Sr. Tapajós be guaranteed fair treatment and urge you to do all you can to see that he is released immediately.

Thanking you for your attention
I am yours faithfully
Christine Barrett.

Documento 12: Carta pedindo a libertação de Tapajós. Origem: Alemanha Ocidental. Fonte: Acervo DEOPS.

Peter Barwinski

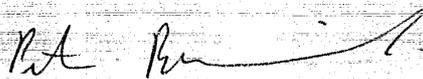
5130 Geilenkirchen, the 23rd Aug.
Zum Frieppusch 1
West Germany

Coronel Antonio Erasuno Dias
Secretaria de Segurance Publica
Gabinete do Secretario
Avenida Brigadeiro Tobias 527-1o andar
Sao Paulo - SP -
Brazil

Dear Sr,

In the last times the news increase that citiziens of your state disappear or are imprisoned without any reason, for example Renato Tapajos. Because I fear that Renato Tapajos isn't treated as it answers all requirements of the Universal Declaration of Human Rights of the United Nations I ask You most respectfully to stand up for Renato Tapajos so that he is set free or that his location and his charge are published.

Most respectfully



amnesty international

Schweizer Sektion / Section Suisse
Postfach 1051, 3001 Bern
PC-Kto / Chèque postal 80-68972

Bewegung für die Meinungs- und Religionsfreiheit
Mouvement pour la liberté d'opinion et de religion

Groupe 44
CH-2000 Neuchâtel

Neuchâtel, le 25.8.1977

Coronel Antonio Erasmo Dias
Secretaria de Segurança Pública
Gabinete do Secretário
Av. Brigadeiro Tobias 527-1o andar
Sao Paulo - SP - Brasil

Colonel,

Amnesty International, en tant que mouvement mondial pour la liberté d'opinion et la défense des prisonniers politiques non violents, se permet de vous faire part de ses profondes préoccupations au sujet de la disparition de M. Renato TAPAJOS, écrivain, cinéaste et journaliste, arrêté le 27 Juillet 1977 par la police politique de votre pays (DOPS).

L'arrestation de cet écrivain, survenue un mois après la publication de son livre "En Camara Lenta", publication pourtant autorisée par le Comité de Censure Brésilien, nous semble être une nouvelle atteinte flagrante à la liberté d'opinion et d'expression. L'article 19 de la Déclaration Universelle des Droits de l'Homme stipule que " tout individu a droit à la liberté d'opinion et d'expression. Ce qui implique le droit de ne pas être inquiété pour ses opinions et celui de répandre les informations et les idées par quelque moyen que ce soit." Votre grand pays n'est certes pas sans savoir que ce droit de tout homme à exprimer sa pensée librement est la seule condition possible à une publication enrichissante d'écrits divers.

Nous vous prions donc instamment de prendre rapidement toutes les mesures nécessaires pour que M. Renato TAPAJOS ne soit pas maltraité et qu'il soit remis en liberté aussi rapidement que possible.

La mise en liberté de M. TAPAJOS sera hautement appréciée par tous ceux qui, dans le monde entier, défendent les droits fondamentaux à la liberté de pensée et d'expression.

Veuillez agréer, Colonel, l'assurance de notre très haute considération .

Ehrenpräsidenten der Schweizer Sektion / Sous le patronage de: Alfred Andersch -- Alexandre Benoit -- Rolf H. Bigler -- Sean McBride -- Walther Bruggli -- Pierre Bungenier -- Friedrich Dürrenmatt -- Jean Graven -- Paul Guggenheim -- Heinz Hediger -- Jean-Flavien Lallve -- Kurt Marti -- Denis de Rougemont -- Willi Spöhler -- Hans O. Staub -- Michel Virally -- International Patrons: The Archbishop of Canterbury, Great Britain -- Roger Baldwin, President of the International League for the Rights of Man, USA -- Danilo Dolci, Italy -- Professor Erich Fromm, New York and Mexico -- Lt. Gen. Sir Brian Horrocks, Great Britain -- Jean-Flavien Lallve, Switzerland -- Professor Salvador de Madariaga, Spain -- Yehud Meshkin, Great Britain -- Professor Gunnar Myrdal, Sweden -- Alan Paton, South Africa -- Dr. Martin Niemöller, Germany -- Sean McBride, S.C., Ireland -- Professor Giorgio La Pira, Italy -- Professor Julius Stone, Australia

Amnesty hat beratenden Status bei den Vereinten Nationen (ECOSOC) und beim Europa-Rat -- Amnesty est une organisation non-gouvernementale ayant statut consultatif auprès de l'O.N.U. et du Conseil de l'Europe

Anexo III: Capas e Imagens

Por um curioso e inexplicável capricho de normas de algumas bibliotecas públicas, muitas capas originais de livros não podem ser visualizadas, sendo alegadas *razões de preservação* para que o livro tenha a capa com a qual foi editado pela primeira vez, num certo momento, retirada e substituída por outra, dura e preta ou de outra cor qualquer. É pena, pois muito do conteúdo de um livro, das intenções do autor, editor e outros elementos sistema literário (como a presunção de um certo público-leitor, um certo público-alvo e um leitor ideal, com que se jogam com as expectativas) podem ser depreendidas da observação cuidadosa daquelas capas.

Estas são discursos representativos de uma época; suas imagens são igualmente narrativas (é como se uma página do livro fosse retirada) e o seu arranque é uma violência que tem diferentes dimensões: 1º) contra o próprio livro; 2º) contra o artista responsável pela capa; 3º) contra os elementos do sistema literário que a autorizam e por ela são influenciados; e, 4º) por fim contra o pesquisador, estando no presente ou futuro, que dessas narrativas simbólicas será privado, por vezes, sem necessidade justificada.

As capas que serão apresentadas nesse anexo são originais e foram utilizadas ao longo da dissertação. Foram conseguidas através dos arquivos da Editora Global (no caso da primeira edição de *Os Carbonários*) ou das edições que o autor da entrevista possui (compradas em sebos), tendo sido impossibilitado de checar outras capas, de eventuais outras edições, por conta do procedimento técnico expresso no primeiro parágrafo.

Capa 1: Capa de "Em Câmara Lenta".



Capa 2: Contracapa de "Em Câmara Lenta"



EM CÂMARA LENTA

RENATO TAPA JÓS

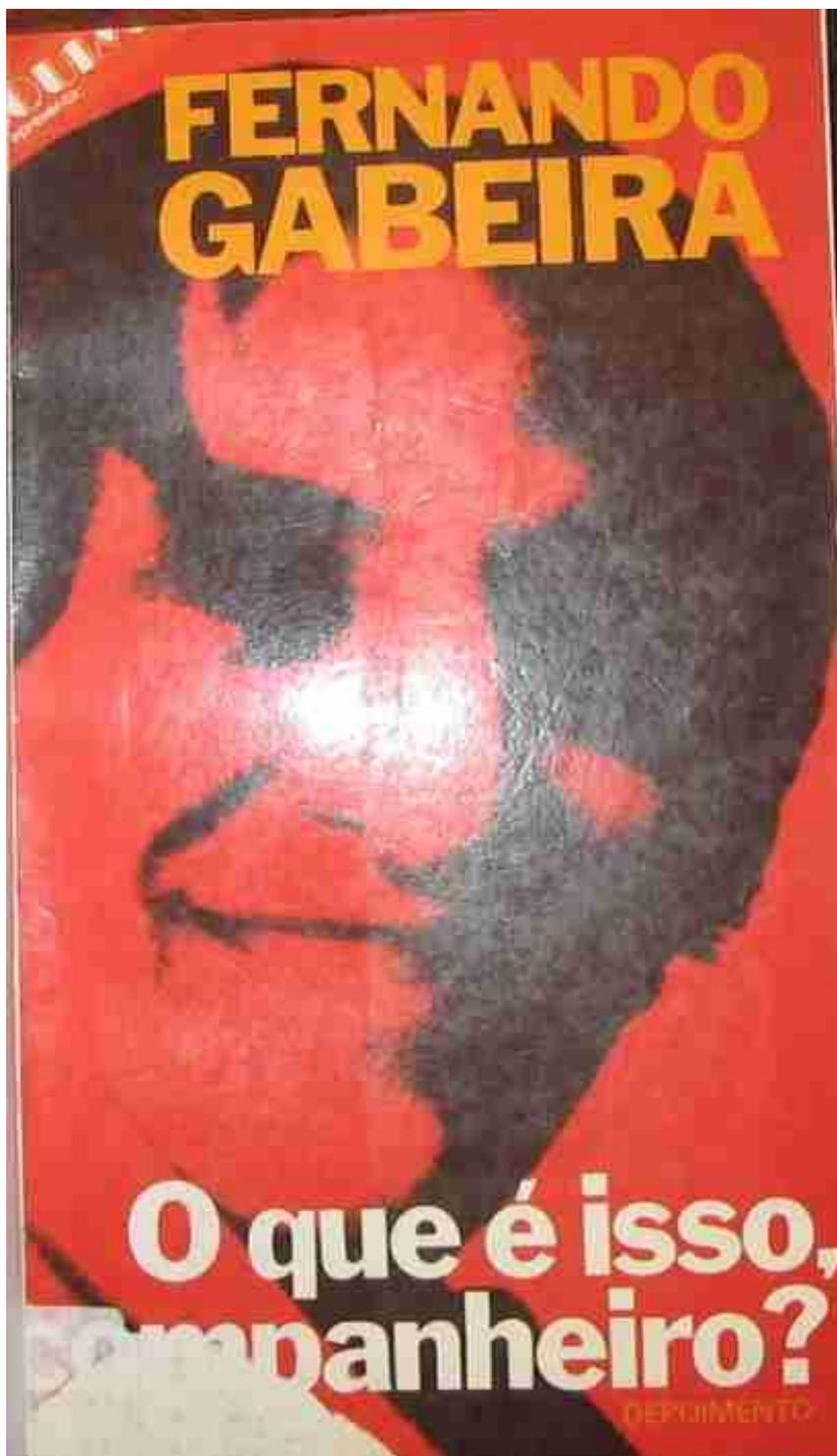
O autor é um jovem, de 34 anos, paraense de nascimento, paulista de profissão: um homem em contacto com a realidade urbana brasileira, vivendo exatamente no centro do grande conflito que é a sociedade industrial moderna.

O romance é o resultado da vida desse paraense: muitas páginas escritas no confinamento entre quatro paredes. Uma crítica, uma auto-crítica, imaginação e arte a serviço da compreensão de uma realidade muito próxima do nosso tempo e da nossa vida pessoal: **Em câmara lenta** é, como diz o autor, "uma reflexão emocionada, porque tenta captar a tensão, o clima, as esperanças imensas, o ódio, e o desespero" que marcaram uma tentativa política desesperada e extrema em nosso país: um romance a respeito da ingênua generosidade daqueles que jogaram tudo, inclusive a vida, na tentativa de mudar o mundo.

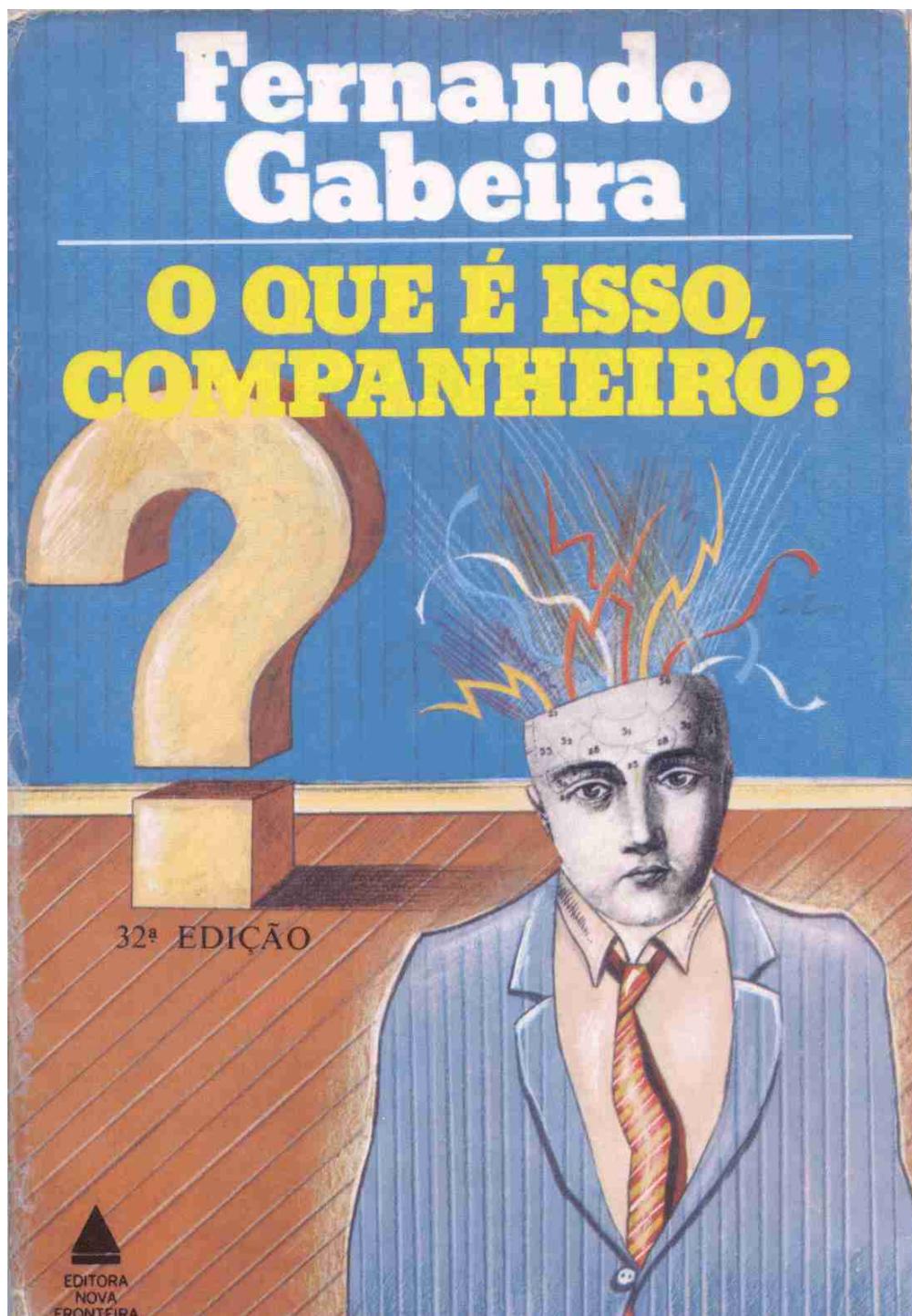


AUTOR NACIONAL CULTURA BRASILEIRA

Capa 3: Capa da 1ª edição de "O que é isso, companheiro?", Rio de Janeiro: Codecri, 1979.



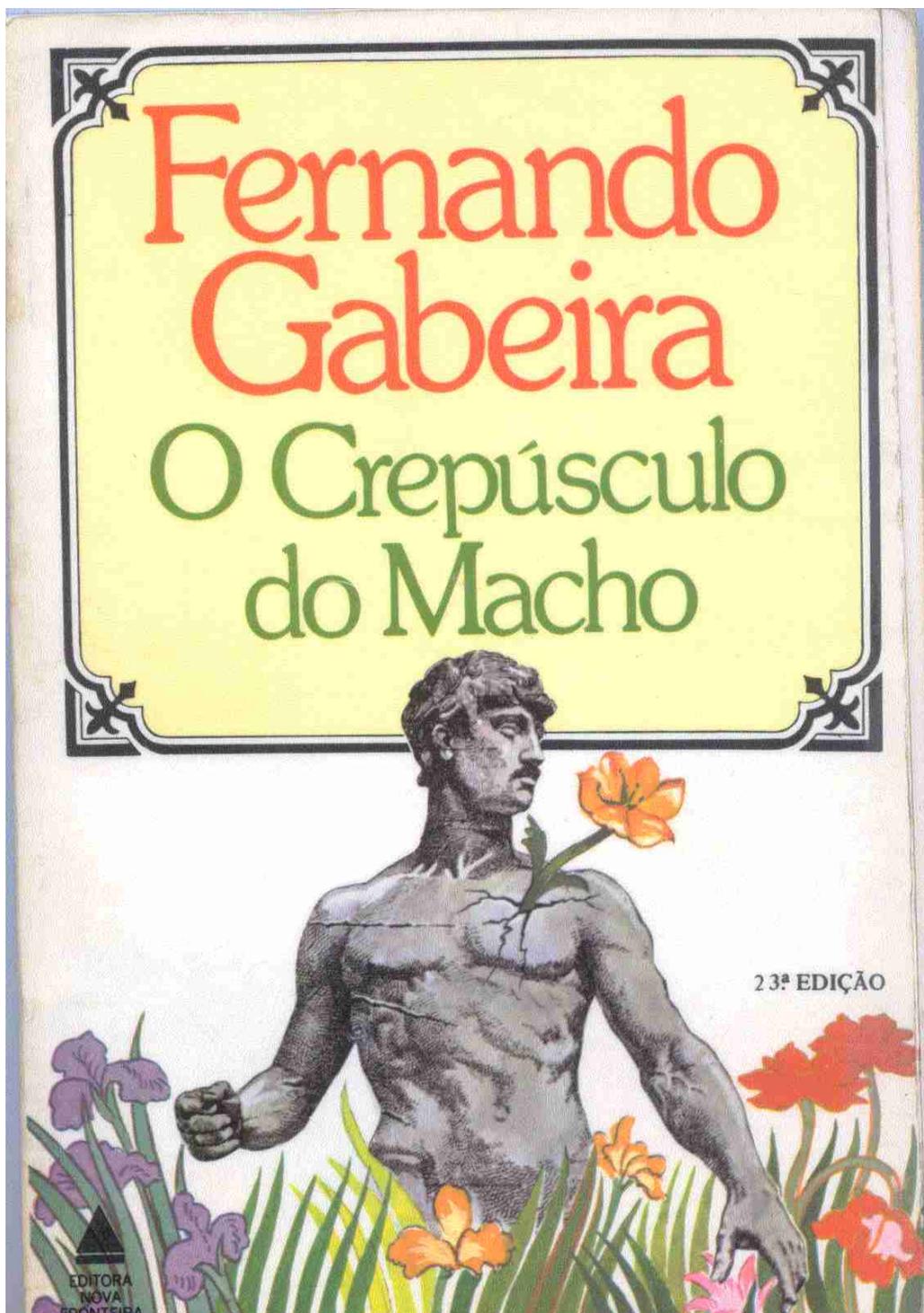
Capa 4: Capa da 32ª edição de "O que é isso, companheiro?", Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.



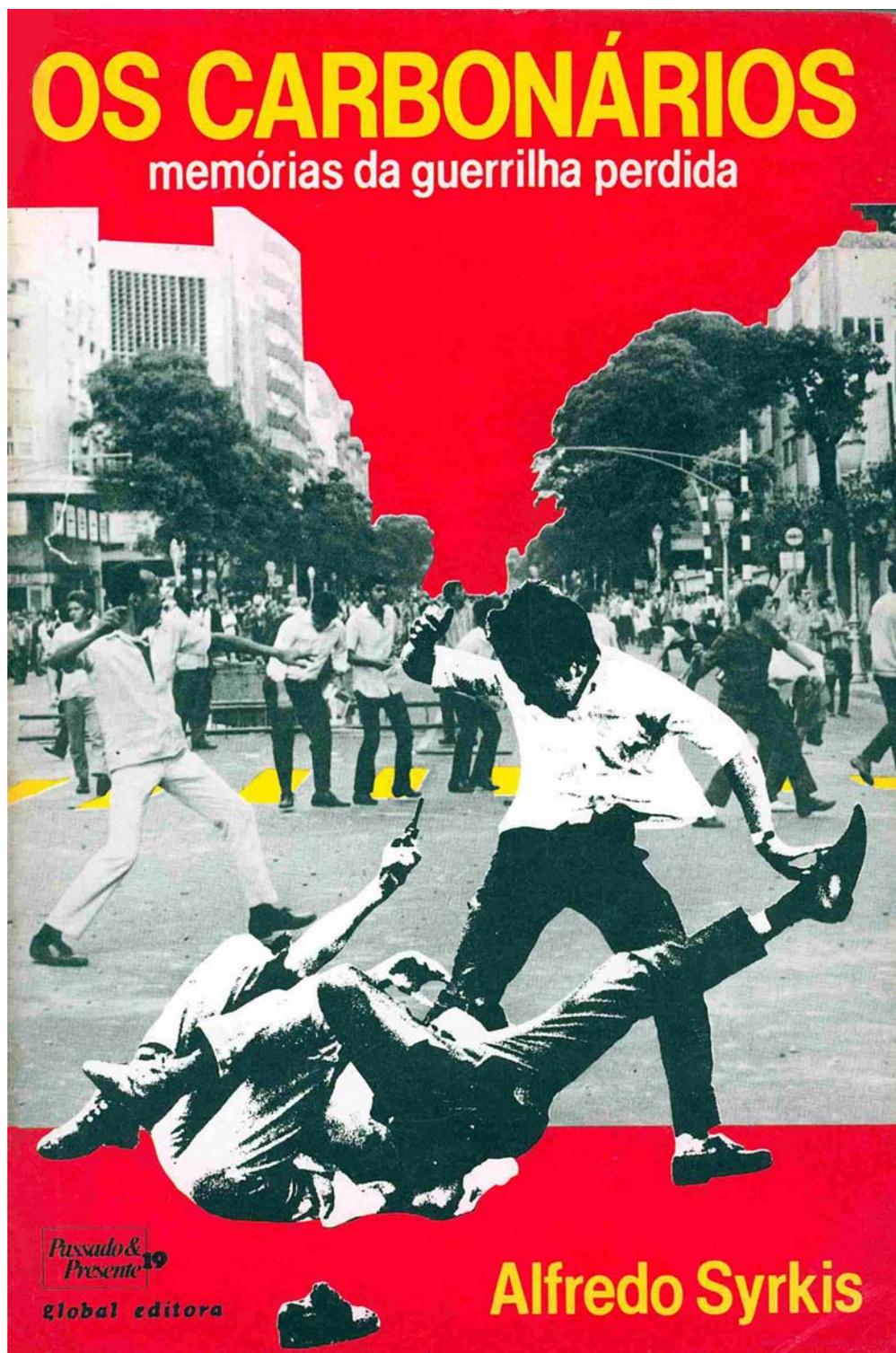
Capa 5: Capa da 1ª edição de "O Crepúsculo do Macho", Rio de Janeiro,, Codecri, 1980.



Capa 7: Capa da 23ª edição de "O Crepúsculo do Macho", Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

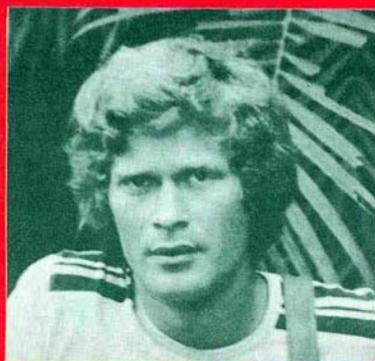


Capa 8: Capa da 1ª edição de "Os Carbonários", Global Editora, 1980 .



Capa 9: Contracapa da 1ª edição de "Os Carbonários".

As passeatas de 68 e o sufoco do AI-5. O esmagamento do movimento estudantil. Como um jovem secundarista se torna guerrilheiro urbano. O sequestro dos embaixadores da Alemanha e da Suíça e a libertação de 110 presos políticos, narrada pelo autor, que atuou como intérprete no "aparelho" mais procurado do país. Os dilemas de Lamarca. Crise e destruição da guerrilha. São alguns dos tópicos deste testemunho real, eletrizante e cheio de suspense.



Alfredo Syrkis, carioca, 29 anos, ex-exilado, profissão jornalista.

Líder secundarista em 68, aderiu a guerrilha urbana depois do AI-5 já em pleno governo Médici.

Foi para o exílio em maio de 71. Residiu na França, Chile, Argentina e Portugal. Iniciou carreira de jornalista, em 73, como correspondente do matutino parisiense *Libération*, em Santiago. Ocupou o mesmo posto no ano seguinte, em Buenos Aires.

Em Portugal colaborou com os vespertinos *Diário Popular*, *Diário de Lisboa*, *A Luta* e *República*, com os semanários *Expresso*, *A Gazeta da Semana* e outros. Foi redator do *Jornal Novo*, editor internacional do matutino *Página Um* e redator-chefe da edição portuguesa da revista *Cadernos do Terceiro Mundo*.

É colaborador do *Le Monde diplomatique*.

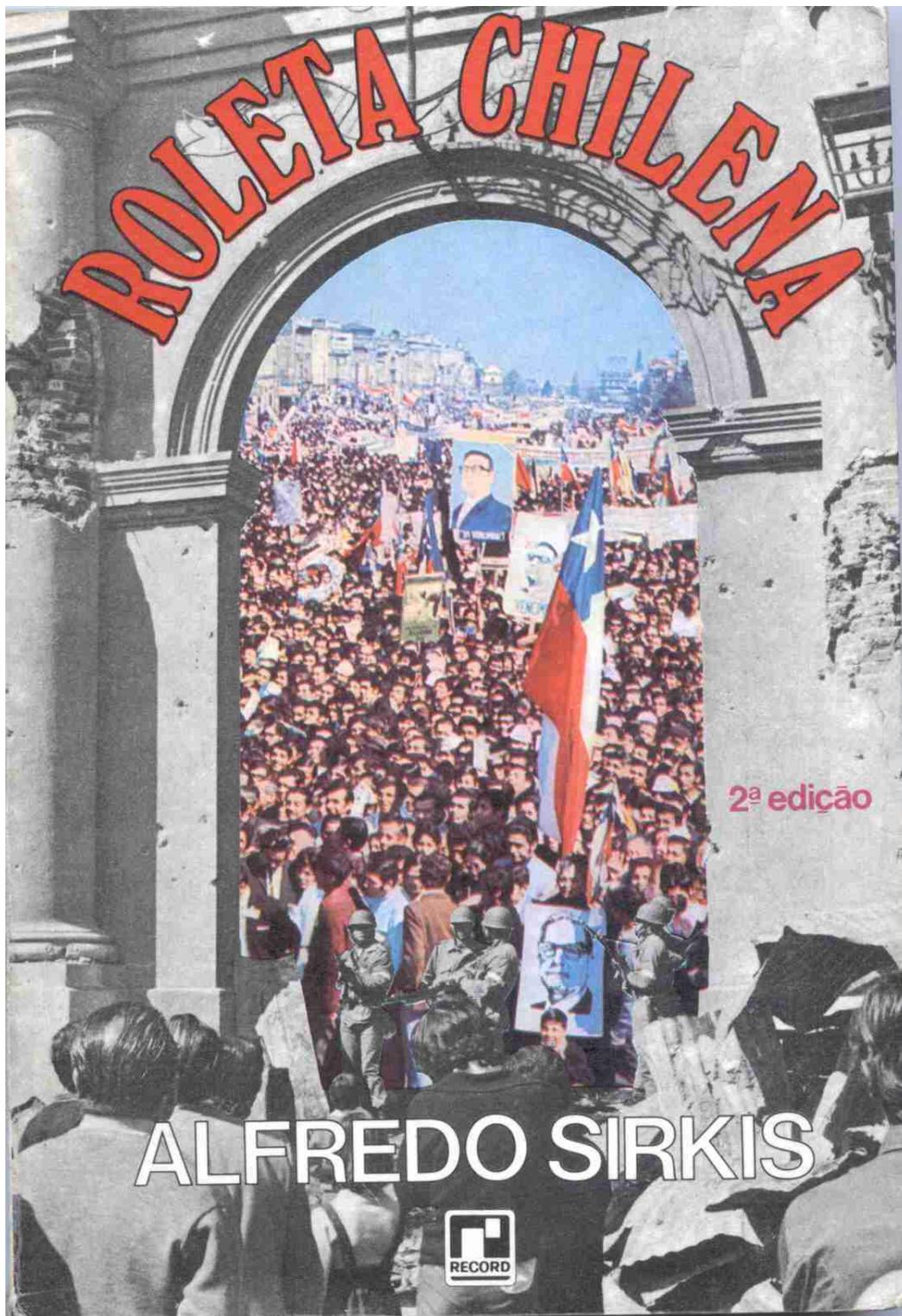
Seus dois livros anteriores "*Chile/Setembro*" e "*A Guerra da Argentina*" foram publicados em Portugal. Durante o exílio Alfredo costumava assinar seus escritos com o pseudônimo literário Marcelo Dias.

Anistiado, regressou ao Brasil, em fins de 79. Atualmente é considerado um adepto do socialismo com liberdade, das teses ecológicas e da não-violência ativa.

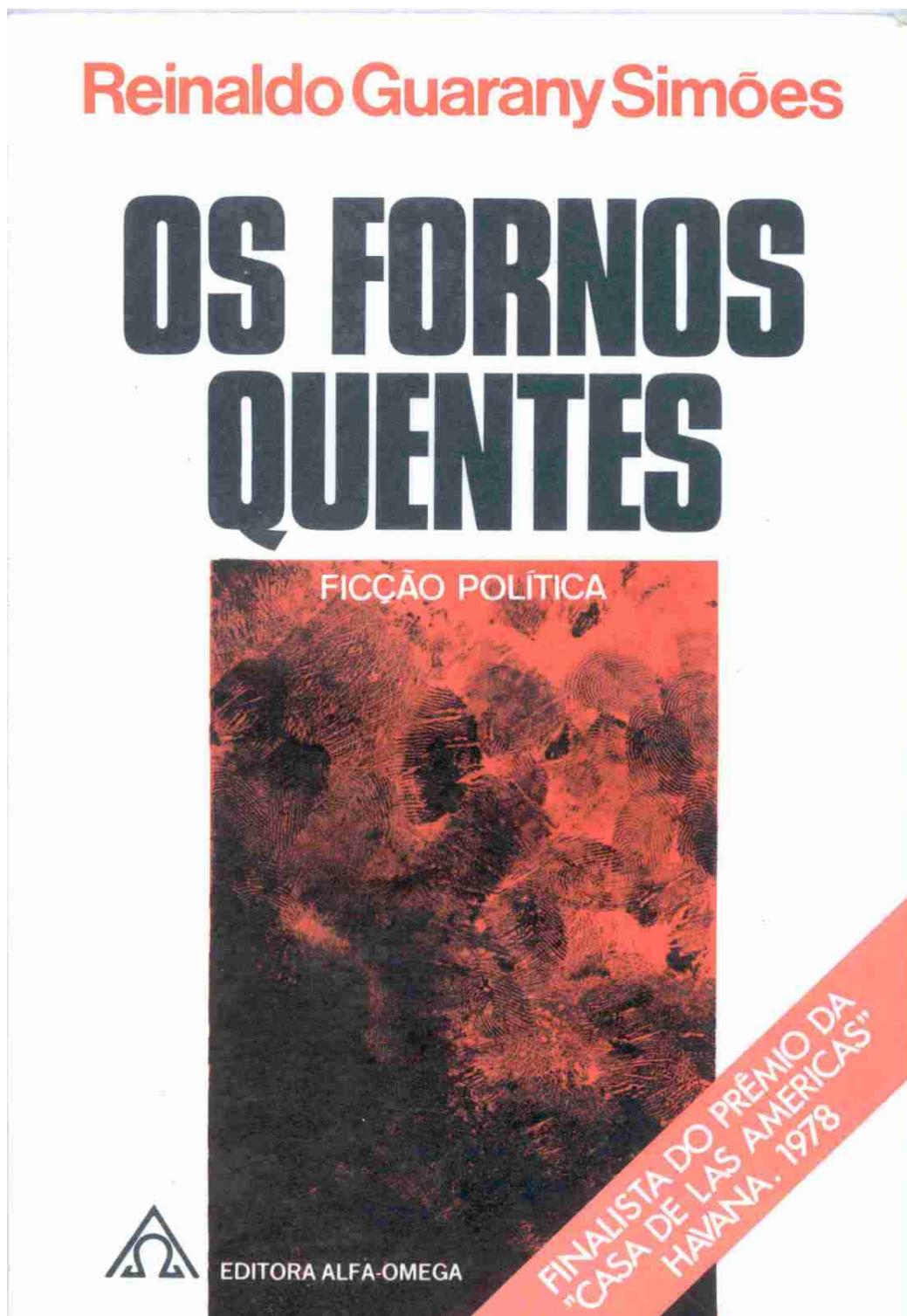
A obra **OS CARBONÁRIOS/memórias da guerrilha perdida** foi escrita no exílio.

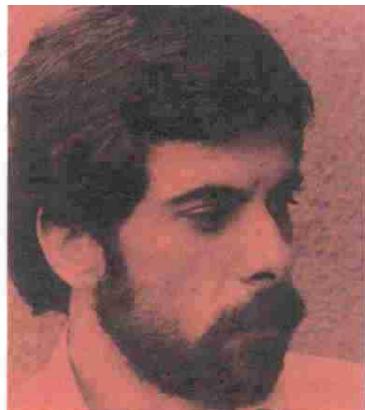
Carbonário. [Do it. *carbonaro*, 'carvoeiro'] S. m. 1. Membro de uma sociedade secreta e revolucionária que atuou na Itália, França e Espanha no princípio do século XIX. 2. P. ext. Membro de qualquer sociedade secreta e revolucionária.

Capa 10: Capa de "Roleta Chilena".



Capa 11: Capa de "Os Fornos Quentes".





OS FORNOS QUENTES

Reinaldo
Guarany Simões

"Em **Os fornos quentes**, não tento abarcar toda a realidade brasileira destes últimos anos. Procuo comunicar o clima, o ritmo, o ambiente e as perseguições que sofremos no exílio, optando pela forma ficcional do que seria nossa fantástica aventura.

Lanço mão de um personagem, escolhido ao azar, no caso o velho general, ao lado de personagens reais, para demonstrar que existe exílio e exílio, causas e causas. Denuncio uma situação, ainda existente, movido por um profundo sentimento de amor ao Brasil, diferente daquele amor nutrido pela **Dow Chemical**.

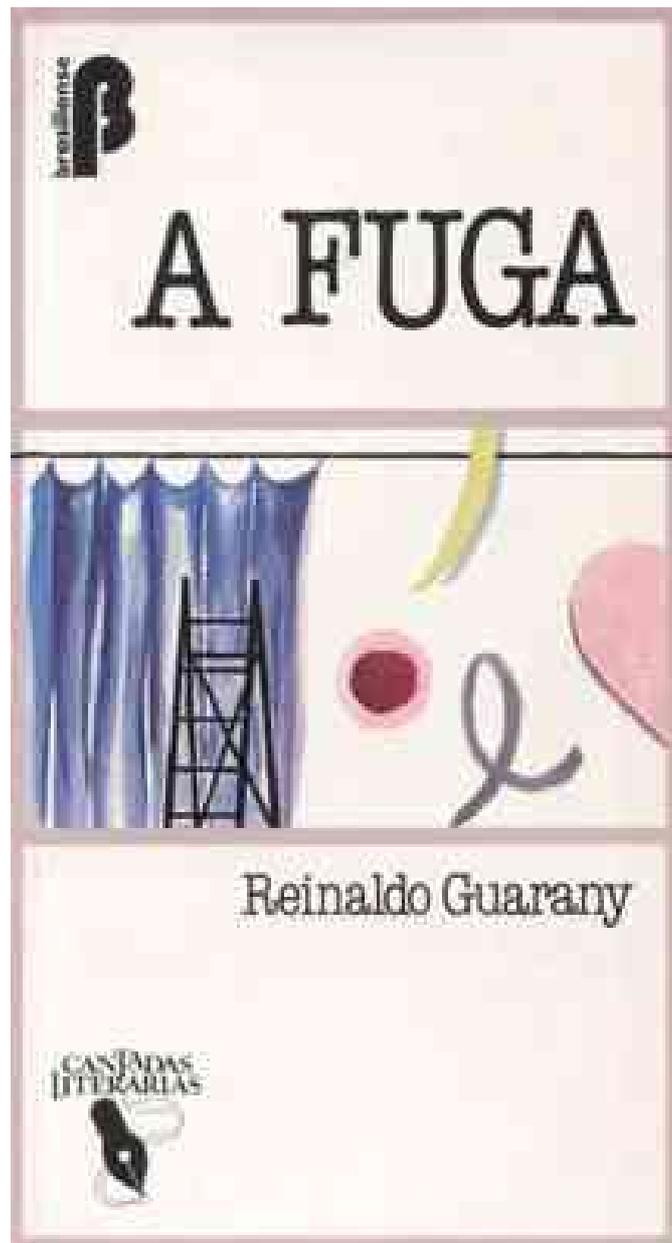
Quando escrevi **Os fornos quentes**, estava imbuído da necessidade de denunciar a perseguição implacável movida contra os exilados latino-americanos, em quase todos os recantos do mundo. Tento transmitir o choque provocado por línguas e culturas novas, desconhecidas, abruptas, inesperadas, incompreensíveis. O rechaço que sentimos pela situação de caos, de terror, de insegurança e de desespero que, no exílio, nos atingiu por um longo período.

Minhas dores, os choques elétricos, os afogamentos, as cadeiras do dragão, palmatórias, fuzilamentos simulados e porradas que levei não me levam mais a sentimentos de vingança, apesar de ter escrito **Os fornos quentes** com raiva, também. **Os fornos quentes** não é o sumário de culpa da ditadura ou de seus sócios — a História é quem vai julgar os que tentaram afogar em sangue as aspirações mais elementares do povo brasileiro."



AUTOR NACIONAL CULTURA BRASILEIRA

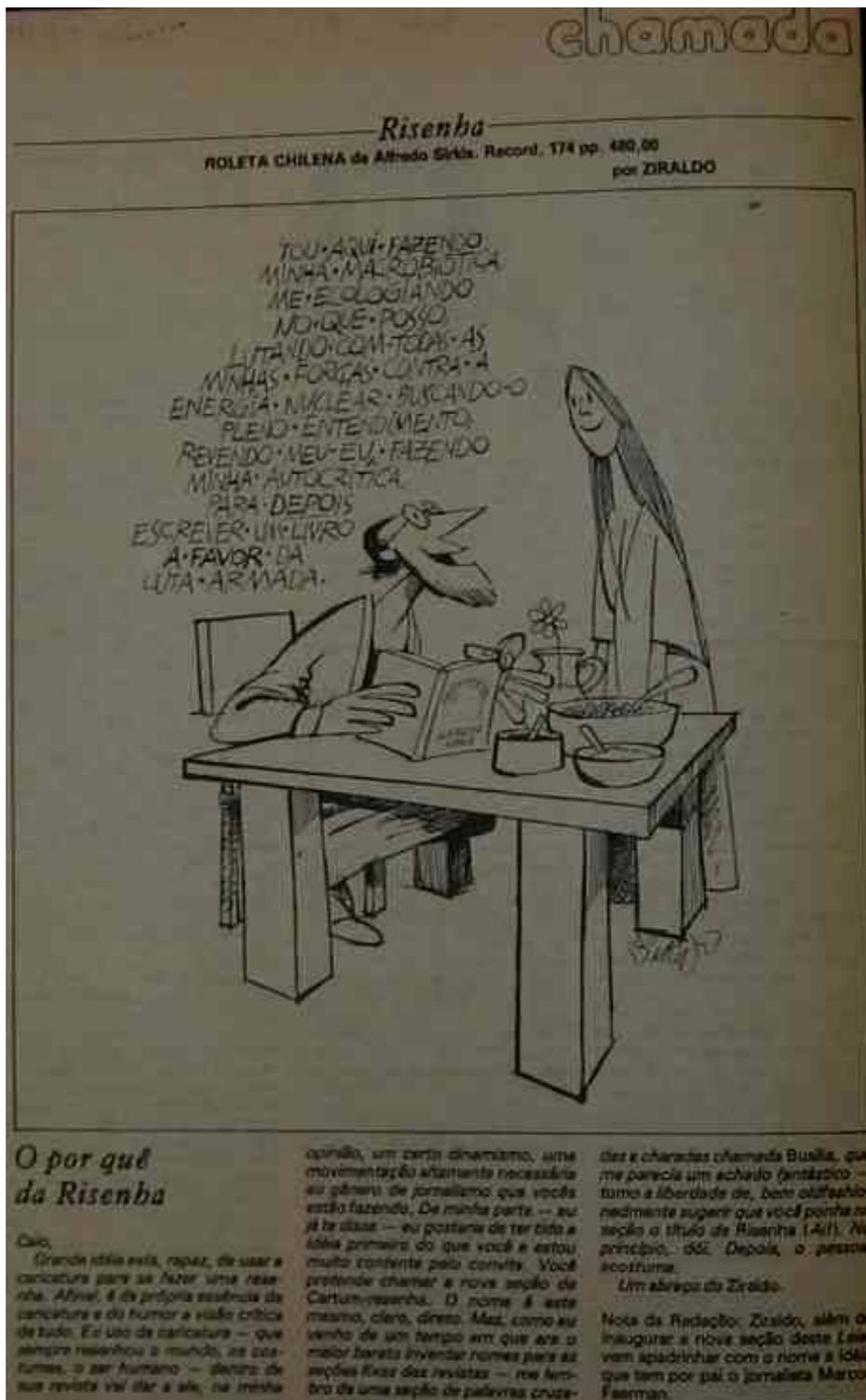
Capa 13: Capa de "A Fuga"



Capa 14: Capa da edição 43 de "Leia Livros", de 15 de dezembro de 1981 a 14 de fevereiro de 1982.



Figura 1: "Leia Livros" de 15 de agosto de 1981 a 14 de setembro de 1981, nº 38, Ano IV. Risenha : "Roleta Chilena", por Ziraldo



O por qué da Risenha

Ciao,

Grande stória está, rapaz, de usar a caricatura para se fazer uma risenha. Afinal, é de própria essência da caricatura e do humor a visão crítica de tudo. É o uso da caricatura — que sempre resenhou o mundo, os costumes, o ser humano — dentro de sua revista vai dar a ele, na mesma

opinião, um certo dinamismo, uma movimentação altamente necessária ao gênero de jornalismo que vocês estão fazendo. De minha parte — eu já te disse — eu gostava de ter tido a ideia primeira do que você e estou muito contente pelo convite. Você pretende chamar a nova seção de Cartum-risenha. O nome é este mesmo, claro, direto. Mas, como eu venho de um tempo em que era o maior barata inventar nomes para as seções fixas das revistas — me lembro de uma seção de palavras cruza-

des e charadas chamada Busla, que me parecia um achado fantástico — tanto a liberdade de, bem otiosamente sugerir que você ponha na seção o título de Risenha (A). No princípio, dói. Depois, o pessoal acostuma.

Um abraço do Ziraldo.

Nota da Redação: Ziraldo, além de inaugurar a nova seção deste Leia, vem apadrinhar com o nome a loteria que tem por pai o jornalista Marcos Faerman.

Anexo IV: Um estudo Rápido de Mediações Possíveis.

Existencialismo, Terceiro-Mundismo, Revolta.

O que será apresentado aqui não são conclusões, uma vez que cada um desses temas merece, no mínimo, uma tese de grande envergadura. Contudo, creio que algumas considerações merecem ser tecidas sobre aquilo que se costuma chamar de *acidentes de pesquisa ou temas menores*³⁶¹. Tratam-se de ilações estabelecidas por mim e representadas de diferentes formas por meus interlocutores (os autores). Tratam-se de mediações, e esse estudo é uma discussão superficial sobre elas.

Como ponderar as determinações? Escaloná-las em primárias, secundárias, terciárias etc.? Um primado individualista – as escolhas, a revolta, uma opção romântica – versus outro, de natureza sócio-histórica – o contexto, o estudo teórico, a ação prática - ? Esse é um debate árido, mas que precisa ser confrontado caso se queira compreender as motivações do sujeito histórico no que tange ao seu engajamento, à imersão na luta e na marginalidade; e, posteriormente, à representação e reorganização desses fatos. Especialmente no que tange aos discursos e às origens do extrato do sujeito histórico aqui analisado que, por análise e/ou por depoimentos – nas entrevistas e livros – se revelam uma *traição de classe* inicial, uma ruptura com os padrões, levando não necessariamente à militância e/ou à luta armada em todos os casos.

Tentou-se demonstrar, no capítulo dois, a origem do sujeito histórico autor e narrador daquelas ficções políticas e romances, com suas limitações e (auto) definições. São redundantes os temas de traição de classe, com maior ou menor grau, e ruptura com a origem familiar. O que há de significativo nisso é que, talvez, não haja cisão mais forte e marcante que com o ambiente familiar, no qual são marcados os caracteres primários do

³⁶¹ Esse anexo é um intervalo que originalmente estaria entre o segundo e o terceiro capítulo da dissertação. O grande tema do trabalho são as memórias dos guerrilheiros e suas decorrências históricas. As mediações iniciais, temas menores. Todavia, por vezes, esses temas considerados menores podem dar mais luz o foco: assim como autores considerados de importância secundária podem revelar problemas e preocupações dos considerados de maior relevância. Devo, em parte, essas discussões a Felipe G. Gava Cardoso, Eugênio Braga, Vítor Cooke Vieira, Clécio, Fernando Alves da Silva e Mariana M. Chaguri.

indivíduo. Se, como querem diversos autores, a estrutura de uma família – especialmente o modelo mononuclear e patrilinear – é, para além de uma estratégia de sobrevivência, uma micro-estrutura do Estado Nacional³⁶², autoritária, repressora, provedora e modeladora de caracteres psico-sociais, imprimindo constrangimentos sócio-culturais, a fala dos autores quanto às suas opções nesse sentido são relevantes

De origem oligárquica, burguesa ou pequeno-burguesa, com um caminho natural já traçado, tem-se uma quebra na engrenagem. Seja na tradicional família mineira de Gabeira ou no autoritarismo pátrio-comunista de Guarany; nas leituras d' *O Globo* e direita sadia de Sirkis, filho de migrantes bem sucedidos; ou, por fim, no prejudicado passado oligárquico e queda no desvio de Tapajós: algo ocorreu, houve uma influência, um estalo de e na consciência. Que determinação foi essa? E aqui, retorna a pergunta: como ponderar as mediações?

Como recorrência difusa – o que lhe valeria a chamada de tema menor – parece que, enquanto proposição formal, o Existencialismo ateu é um sistema de questionamentos e um universo filosófico-literário que permeia três dos quatro autores, estendendo-se a companheiros de mesma origem e possibilidade de acesso igual a bens simbólicos. Por coincidência são os mais velhos – Tapajós, Gabeira e Guarany – que ainda têm na adolescência algum contato e impacto com as obras de Jean-Paul Sartre e Albert Camus, servindo-se delas – no momento ou para uma racionalização posterior das escolhas – como motor de seus questionamentos iniciais.

Um estudo dessa mediação leva a pensar que se trata de uma perspectiva individualista, então, o motor de uma ação social. Contudo, não se trata nem disso nem de um conjunto circunstancial de temas, isolados, que se apresentam para o sujeito histórico. É um amálgama de *condições objetivas subjetivadas e inquietações subjetivas objetivadas* que compõem uma ação. Daí o Existencialismo ser uma boa hipótese racionalizada que conduziria a algum tipo de conduta prático-política, culminando numa ligação com o marxismo, tornando-se aqui um subsistema, mas podendo retornar, como por exemplo, em Gabeira, numa noção de política alternativa, a chamada *política do corpo*, estudada no quarto capítulo.

³⁶² Cf. ALTHUSSER, Louis. *Os Aparelhos Ideológicos de Estado*, São Paulo: Graal, 1977; BOURDIEU, Pierre. “Violência Simbólica e Lutas Políticas” In: *Meditações Pascalinas*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. ARIÉS, Phillipe. *História Social da Criança e da Família*, Rio de Janeiro: LTC, 1981.

Condições objetivas subjetivadas têm a ver com um contexto imediato que, para ficar em apenas algumas mediações e fatos históricos, há que se citar a temática de discussão em torno do Terceiro-Mundismo e das Guerras por Libertações Nacionais, de caráter anti-imperialista e anti-neocolonialistas, como Cuba, Argélia, Vietnã. E, claro, a experiência da prisão e do exílio.

No caso das *condições subjetivas objetivadas*, vale a pena fixar a atenção nos problemas da Revolta³⁶³, como uma espécie de motor da História e da necessidade de um sistema ordenador e racional contra aquilo que se indigna e é necessário explicar o porquê, nomear: nesse caso, dois sistemas, o Existencialismo e o Marxismo. Haveria ainda que se lembrar dos laços de afetividade com companheiros. É disso que se tratará, começando por este último tema.

Condições Subjetivas Objetivadas: Existencialismo e Revolta

“Mas se você for fazer uma análise, e eu posso fazer hoje com(...) 30 anos já de distância(...) o discurso central do *Câmara Lenta* é profundamente existencialista.(...) Eu acho que o meu grande tema é: Por quê uma pessoa escolhe ou deve escolher a luta política? É a formação do militante, é a opção do militante? Se você for ver o *Câmara Lenta* é isso(...) eu acho que a minha preocupação foi nesse sentido exatamente de vincular essa escolha ao sentido da vida. Continuo achando isso, continuo pensando isso. Que a gente só dá sentido à vida a partir do momento no qual a gente escolhe alguma coisa pela qual lutar.”³⁶⁴

A presença e influência de Jean-Paul Sartre no pós-guerra é algo afirmado constantemente pela bibliografia existente sobre esse autor. Sartre aparece como a figura de um intelectual total, atuando na Filosofia, na Literatura e na Política com a mesma intensidade. O impacto de suas obras, nos terrenos que as mesma tematizaram, talvez não possa ser sentido e recebido da mesma maneira. A filosofia sartreana, intérprete e atualizadora da corrente fenomenológica da qual fizeram parte Kieckegard, Husserl e

³⁶³ Sobre isso, ver: CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, Rio de Janeiro: Record, 1997 e LÖWY, Michel & SAYRE, Robert. *Revolta e Melancolia – o romantismo na contramão da modernidade*, Petrópolis: Vozes, 1995.

³⁶⁴ Entrevista com Renato Tapajós concedida ao autor em 25/11/2004, Transcrição da Fita 1, Lado B, p. 22.

Heidegger encontra menos discussão e comentários que sua literatura – atualmente, também pouco lida e estudada. Mas isso parecia não ser um grande problema para o autor, como ele próprio comenta numa carta endereçada a Maurice Merleau-Ponty, em que a sua idéia de *estar em situação* é mais importante que ser alguma coisa:

“Você me critica por ir longe demais, por me aproximar demais do PC. Não é impossível que neste ponto você esteja certo, e eu errado. Mas a crítica que lhe faço e que é bem mais severa, é por você abdicar, em circunstâncias nas quais tem de decidir como homem, como francês, como cidadão e como intelectual, valendo-se da filosofia enquanto álibi. Porque você não é filósofo, Merleau, da mesma maneira que não o sou, nem Jaspers (ou nenhum outro). Somente é ‘filósofo’ quem já morreu e foi reduzido pela posteridade a alguns livros. Em vida, somos homens que, entre outras coisas, escrevemos obras de filosofia.”³⁶⁵

O impacto de Sartre no Brasil alcança especialmente os intelectuais adultos, nos anos 1940 e 1950, sendo sentido e historiado, por exemplo, nos pensadores do ISEB³⁶⁶. Contudo, alcança, também, na década de 1960, jovens intelectuais e leitores de sua obra. O trabalho de Luiz Antônio Contatori Romano, *A Passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*³⁶⁷, é primoroso no sentido de historiar e discutir o debate provocado pela visita feita pelos autores, descendo pelo Nordeste (sempre na companhia de Jorge Amado), Norte, chegando ao Sudeste, em especial São Paulo, proferindo palestras que, invariavelmente versavam sobre os temas do *neocolonialismo e revolução; revolta nacional; Argélia e Frente de Libertação Nacional; Revolução Cubana e as possibilidades de revolução na América Latina*; e, por fim, *as relações entre Marxismo e Existencialismo*.

O ano era 1960 e havia alguns meses que a Revolução Cubana tinha sido deflagrada. Ao mesmo tempo em que a Argélia e França se encontravam em meio a uma

³⁶⁵ Carta de Jean-Paul Sartre a Maurice Merleau-Ponty, datada de “até 18 de julho” de 1953. A discussão gira em torno do relacionamento de Sartre com o Partido Comunista, após a morte de Stálin, naquele ano, e descoberta da existência de campos de concentração na URSS. Cf. ROMANO, Luís Antônio C. *A Passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*, São Paulo: Mercado Aberto/ FAPESP, 2002, p. 51.

³⁶⁶ Cf. ORTIZ, Renato. “Alienação e cultura: o ISEB” In: *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*, São Paulo: Brasiliense, 1986, pp. 45-67.

³⁶⁷ Para referência bibliográfica, ver antepenúltima nota de rodapé. Contatori reconstrói o caminho dos dois intelectuais, analisando seus itinerários, os jogos de poder por trás de suas presenças, seus encontros com outros intelectuais, elementos da elite econômica e estudantes, bem como a repercussão de suas idéias, noticiadas pelos jornais. Ainda faz uma rápida discussão na penetração do Existencialismo no país, na década de 1940 e no pós-visita de Sartre, na área do teatro, cultura popular, literatura e política. Trata-se de sua tese de doutoramento defendida em 2000 e apresentada ao departamento de Teoria Literária da UNICAMP.

guerra pela descolonização, na qual Sartre se pronunciava a publicamente a favor. No caso de Cuba, acabava de ser lançado no país, em tempo recorde de uma semana antes de sua vinda, seu *Furacão sobre Cuba* – uma série de entrevistas com os revolucionários e análises do processo histórico em curso na ilha. No caso da Argélia, Sartre esforçava-se por promover a discussão e se engajar na causa argelina, criando espaços para publicação de intelectuais e livros que denunciassem o Neocolonialismo, como o martinicano Frantz Fanon. Era sobre isso que ele vinha falar e isso que todos queriam ouvir. Além disso, o autor acabara de publicar seu *O Fantasma de Stálin e Crítica da Razão Dialética*, em que, no primeiro caso, fazia uma autocrítica sobre suas ligações com o Partido Comunista sem abnegar o marxismo; e, no segundo, debatendo com Lukács, analisava o Marxismo como a grande filosofia necessária para atuação e compreensão do século, aliando-o a algumas temáticas existencialistas.

O que isso tem a ver com os autores analisados nessa dissertação é que suas leituras mais precoces são desse Sartre literário³⁶⁸, passando por textos de divulgação como *O Existencialismo é um Humanismo*. Pode-se argumentar que nenhum deles leu, nessa fase, entre os quinze e dezessete anos, *O Ser e o Nada*, a grande obra filosófica sartreana, de discussão fenomenológica. Mas também não seria lá – e seria muito estranho se o fizessem – que encontrariam a objetivação, (ou seja: uma certa materialidade de um sistema de idéias) para questionamentos subjetivos – quer dizer: crítica à família, aos costumes, à situação dos indivíduos no mundo, aos papéis sociais e à ação social.

Pode-se ainda contrargumentar duas invectivas à essa hipótese que seriam: a 1ª) no que diz respeito à imaturidade para a absorção de literatura tão densa e; a 2ª) que se tratam de obras pouco científicas e filosóficas³⁶⁹. Bons argumentos, mas insuficientes, caso se

³⁶⁸ Da trilogia dos Caminhos da Liberdade: *A Idade da Razão*, *Sursis* e *Com a morte na alma*. Ou ainda de *O Muro*, *A Náusea* e suas peças de teatro.

³⁶⁹ Nesse ponto, a argumentação vai no sentido de se dizer que obras literárias são incapazes de determinar as ações ou pensamentos de sujeitos; ou ainda, não seriam capazes de fazê-lo na mesma intensidade que obras filosóficas e/ou históricas. Isso não é absolutamente certo ou seguro. Caso fosse, boa parte da análise que se faz sobre a história do pensamento social ou história de intelectuais teria de ser desconsiderada ou classificada como inútil. Uma segunda réplica, valendo-se dos quatro sujeitos aqui estudados, é que o marxismo – enquanto uma filosofia objetiva e uma determinação material – é algo que chega para aqueles sujeitos numa etapa posterior (Sirkis, Guarany e Gabeira) ou concomitantemente, aliando-se às leituras primárias (Tapajós), que são do contexto intelectual-literário dos anos 1940 e 50. Em vários momentos – e aqui vai um terceiro argumento – os autores dirão que ninguém mantém um compromisso por fé no materialismo histórico, no marxismo-leninismo ou no caráter revolucionário do proletariado. Ao contrário: em suas perspectivas, a manutenção do compromisso está ligada a um *senso de responsabilidade* – ação determinando ação – e à

pense que o impacto de uma obra vai muito além dos seus pressupostos e, no caso daquelas obras em particular, seus pressupostos são de discutir questões básicas do pensamento e ações humanas, num contexto próximo e numa situação-limite como a guerra, donde a filosofia e literatura que emergem são exatamente a da desesperança, do desassossego e de o quê, efetivamente, fazer, influenciando várias gerações e frações geracionais subseqüentes.

Contudo, isso ainda não é o suficiente para justificar tal opção e/ou racionalização posterior dessa opção. O que dessa inquietação subjetiva pode ter alcance no sistema de idéias sartreano? Sua obra de vulgarização, *O Existencialismo é um Humanismo*, pode iluminar a questão. O ensaio de 1946 é, em verdade, uma conferência na qual o autor tem o objetivo de defender o Existencialismo das críticas que teria recebido até então – quer fossem dos marxistas, dos católicos conservadores ou dos defensores de uma certa moral e bons costumes.

Para Sartre, nesse texto, não existe uma condição humana ou uma natureza humana. O que existe é ação, que é definida pela subjetividade. A ação do indivíduo é fundante de uma verdade cujo motor é a subjetividade humana. A não aceitação de uma condição ou natureza humanas – ou até mesmo de um destino histórico – para o autor, assim como para existencialistas ateus, como Heidegger, está alicerçado na idéia de que *a existência precede a essência*, sendo o sujeito apenas definível enquanto ação, em situação. Como o autor desenvolve esse argumento, apresenta-se a seguir:

“O existencialismo ateu que eu represento(...) Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define.(...) O homem é tão-somente, não apenas como ele se concebe, mas também como ele se quer; como ele se quer após esse impulso para a

formação intelectual familiar e literária, anterior à entrada na esquerda. *O marxismo objetivaria e/ou catalisaria aquele compromisso, mas não o criaria.*

existência. O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo: é esse o primeiro princípio do existencialismo.”³⁷⁰

A definição enquanto ação, ou melhor, enquanto um ser agindo, implica num confronto permanente com outros homens e com as estruturas que encerram a todos. Essa definição é criada pelo *problema da escolha*. Escolher, em Sartre, é agir. É impossível não escolher, não ser produto de uma escolha ou criar outras. A escolha implica em uma responsabilidade e tal responsabilidade culmina naquilo que Sartre apresenta como uma condenação humana. Como a escolha não é individual, mas determinada e determinante, cada ato implica numa ação com, para, através de, decorrente de e/ou sobre outros sujeitos numa mesma situação.

“Assim, quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é apenas responsável pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os homens.(...) Sou, desse modo, responsável por mim mesmo e por todos e crio determinada imagem do homem por mim mesmo escolhido; por outras palavras: escolhendo-me, escolho o homem.(...) o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade.”³⁷¹

Essas são questões que afligem a todos os sujeitos, segundo o autor. A condenação da ação é também a condenação da liberdade de ação, pois “(...) *Estamos sós e sem desculpas. É o que posso expressar, dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não criou a si mesmo, e como no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz.(...) o homem, sem apoio e sem ajuda, está condenado a inventar o homem a cada instante.*”³⁷²

Qual teria sido o efeito dessas leituras no sujeito histórico aqui analisado? O que se está buscando é mais que uma influência, pois não é algo palpável ou direto. Não se está enunciando, portanto, que o sujeito histórico tenha lido *O Existencialismo* e daí tenha partido para ações contra a ditadura militar. Ao mesmo tempo que dizer isso parece ser dar

³⁷⁰ SARTRE, Jean-Paul. “O Existencialismo é um Humanismo” In: *Os Pensadores*, 3ª ed. tradução: Rita C. Guedes, São Paulo: Nova Cultural, 1987, pp. 05-06.

³⁷¹ *Idem, ibidem*, pp. 06-07.

³⁷² *Idem, ibidem*, p. 09.

um tiro no pé, é uma inquietação quanto à formalização de mediações. De certo que o marxismo, enquanto uma prática difusa em diferentes vertentes, é algo muito mais palpável e que induz muito mais à ação. Contudo, o que é anterior ao próprio conhecimento, pelos sujeitos analisados, do Marxismo? Um conjunto de obras e autores, aliados a questões particulares, concomitantes com as alterações de natureza sócio-cultural. Pode até mesmo ser uma ilusão biográfica a idéia da mediação pelo Existencialismo; entretanto, parece ser demasiado coerente.

Ao mesmo tempo em que as idéias expressas pelo autor estão presentes em suas obras literárias, o diálogo que Sartre estabelece com o marxismo parece estar presente no enunciado da frase de Karl Marx em *O 18 Brumário de Louis Bonaparte*, em que este autor afirma que “*Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.*”³⁷³ O problema de Sartre está, com maior peso, no primeiro período do enunciado. Mas, aliada à questão da ação, o filósofo francês se pergunta sobre o próprio sentido moral da ação. Os homens fazem a sua história, agem e são compelidos a agir, comprometidos com os destinos de todos os outros homens e a eles submetidos. Esse humanismo sartreano pode ser tachado de idealismo, tanto quanto as obras de juventude de Marx. Pois é certo que falar em *homens ou sujeitos* difere de se falar em *classes sociais*. Mas tanto em um ponto – idealismo/ humanismo x materialismo – como outro – sujeito x classe – existem continuidades, aprimoramentos e discontinuidades. Destarte, é impossível falar em classes sem sujeitos históricos das mesmas – ou materialismo histórico sem idealismo.

A idéia da ação em Sartre, do estar em situação, “*(...) se explica também por uma responsabilidade para com os outros homens engajados pela escolha. Não se trata de uma cortina entreposta entre nós e ação, mas parte constitutiva da própria ação.*”³⁷⁴ – é a própria idéia do comprometimento. O comprometimento é anterior à qualquer ação, ou melhor, parte constitutiva dela. Ato objetivamente explicado, enquanto subjetivo objetivado, sem garantia alguma de sucesso na escolha da ação, como afirma o autor:

³⁷³ MARX, Karl. “O 18 Brumário de Louis Bonaparte” In: *Manuscritos Econômico-Filosóficos e outros textos escolhidos*, tradução: Leandro Konder, São Paulo: Nova Cultural Coleção Os Pensadores, volume II, p. 07, 1988.

³⁷⁴ SARTRE, Jean-Paul. “O Existencialismo é um Humanismo” In: *Os Pensadores*, 3ª ed. tradução: Rita C. Guedes, São Paulo: Nova Cultural, 1987, p. 08.

“(...)devo ater-me ao que vejo; não posso ter certeza de que meus companheiros de luta retomarão o meu trabalho após a minha morte para conduzir à máxima perfeição, visto que esses homens são livres e decidirão livremente, amanhã, sobre o que será o homem; amanhã, após minha morte, alguns homens podem decidir instaurar o fascismo e outros podem ser bastante covardes ou fracos para permitir que o façam; nesse momento, o fascismo será a verdade humana e pior para nós; na realidade, as coisas serão como o homem decidir que elas sejam. Isso significa que eu deva abandonar-me ao quietismo? De modo algum. Primeiro, tenho que me engajar; em seguida, agir segundo a velha fórmula: “não é preciso ter esperança para empreender”. Isso não quer dizer que eu não deva pertencer a um partido, mas que não deverei ter ilusões e que farei o melhor que puder.”³⁷⁵

Logo, a conferência de sentido à vida se dá com o comprometimento com a ação, com o conhecimento da condenação à escolha, uma vez que o homem nada mais seria que o seu próprio projeto, nada mais que o conjunto dos seus atos. Creio que são essas as questões postas para o sujeito histórico que analiso aqui e parece compreensível a rememoração de um existencialismo vazado pela Literatura, mas que permite a objetivação, num certo sentido, das inquietações subjetivas, anterior ao conhecimento das idéias marxianas e suas interpretações e/ou a uma reapropriação de Sartre anos depois, para justificar ações e sentidos conferidos num dado momento.

Se, como Sartre nos diz às páginas quatorze e quinze de sua conferência que, “*O que conta é o engajamento total, e não é com um caso particular, uma ação particular, que alguém se engaja totalmente*”, pode-se dizer que a guerrilha urbana e/ou a luta armada são eventos circunstanciais, *momentos de extremo paroxismo*³⁷⁶, não explicativos para uma consciência formada no sujeito histórico. Esta é anteriormente formatada – ou ainda, anteriormente preparada – e também não é circunstancial, mas total e para, aparentemente, toda uma vida.

O projeto sartreano de existencialismo, se for levado conceitual e praticamente ao extremo, conduz ao reconhecimento do absurdo da vida humana e das ações, tal qual o faz Albert Camus em seus livros, por exemplo. Nem mesmo Sartre o realiza completamente, pois faz uma série de concessões ao Partido Comunista Francês (embora se desligue do

³⁷⁵ *Idem, ibidem*, p. 13.

³⁷⁶ Entrevista com Alfredo Sirkis, concedida ao autor em 28/04/2005, Transcrição da Fita 1, Lado A, p. 04.

mesmo com uma crítica e auto-crítica ácida), rompe com Camus (ainda que pareça se arrepender disso, quando da morte desse autor, em 1960) e outros companheiros dos tempos da Resistência.

Condições Objetivas Subjetivadas: Terceiro-Mundismo, Exílio, Prisões.

É necessário ser breve nessa discussão, pois muito já foi dito e escrito sobre o contexto histórico dos anos 1960 e as relações que isso teve com uma juventude em diversas partes do mundo. Lendo-se documentos de organizações, relatos, entrevistas; vendo-se os jornais de épocas ou documentários feitos sobre a época; ouvindo-se pessoalmente os sujeitos que participaram do momento e que hoje fazem parte da História, será senso comum que a Revolução Cubana, a Revolução Argelina, o Maio de 1968 francês, o Conflito no Vietnã, a Primavera de Praga, as Revoltas pela Descolonização no Continente Africano e outros eventos históricos sirvam como referências importantes, quase auto-explicativas, tanto quanto eventos nacionais, para o que ocorreu no Brasil, especialmente entre os anos 1967 e 1971.

A pergunta é: como eventos históricos podem ser determinantes para ações individuais? No início desse estudo, foi escrito que uma ação social é um amálgama entre o subjetivo e o objetivo, ambos internalizados no sujeito que a executa. Desta forma, o contexto histórico deve ser objetivamente trabalhado, pelo sujeito, de maneira que sirva igualmente como motor de uma ação. Essa *objetivação subjetivada* e seus estatutos possíveis de apropriação é o que nos parece interessante discutir.

Os eventos históricos citados anteriormente podem ser incluídos ou servir para ter importância determinante na categoria do chamado *Terceiro-Mundismo*³⁷⁷, ou uma preocupação maior por essa região imaginária do sistema político internacional. É claro que situar todos aqueles fatos numa planície categórica retira a especificidade de cada processo. Contudo, esse reducionismo pedagógico ajuda a pensar o que está em jogo a partir de tal determinação.

³⁷⁷ Cf. SCHWARZ, Roberto. “Existe uma estética do terceiro mundo?” In: *Que horas são?*, São Paulo: Companhia. Das Letras, 1989, pp. 127-128; WALLERSTEIN, Immanuel. “O que era mesmo o Terceiro Mundo?” In: *Le Monde Diplomatique*, agosto/ 2000 (<http://www.diplo.com.br/aberto/008/09.htm>)

As condições históricas subjetivadas são um momento da mediação no sujeito histórico. Reinaldo Guarany falará nas alterações de natureza sócio-espacial na qual estava imersa a sua família, fruto de uma ideologia desenvolvimentista; Alfredo Sirkis tratará, num determinado ponto, da sua particular apreciação norte-americana via Kennedy e, mais tarde, Cuba; Renato Tapajós tratará da felicidade de ver Sartre nas ruas, vendendo jornais maoístas, considerando correta a guinada do escritor, o que credenciaria também às suas opções; o caso de Gabeira é semelhante aos dos outros acima.

Se foram essas – e tantas outras – as mediações que moveram esses – e muitos outros – sujeitos históricos para as ações que executaram, é importante frisar que se tratam de mediações circunstanciais. E que, como se verá mais adiante, elas se alterarão e servirão para a produção de um novo discurso, de novas memórias e depoimentos. Ou ainda, dentro das mesmas obras que foram analisadas no segundo e terceiro capítulos, a narrativa sofre o impacto do presente em que elas são escritas; e, mesmo refletindo sobre algo passado uma ou duas décadas anteriormente, a crítica via novas mediações, se faz presente.

Ao que parece, esse é um evento comum e não apenas partilhado pelos autores das narrativas aqui estudadas. O termo *terceiro-mundo* e os processos históricos que ele procurou encerrar, que, segundo Wallerstein:

“A expressão é de Alfred Sauvy. O demógrafo francês empregou-a, pela primeira vez, no início dos anos 50 [num artigo do *France-Observateur*, intitulado “Trois mondes, une planète”], escolheu-a para título de um livro dirigido por Georges Balandier [*Le Tiers du monde, sous-développement et développement*, 1956], do qual escreveu o prefácio. Rapidamente foi adotada pelo discurso intelectual mundial. (...) Seu mérito foi o de lembrar a existência de uma imensa zona do planeta para a qual a questão primordial não era a do alinhamento a um ou outro campo, mas qual seria a atitude dos Estados Unidos e da União Soviética em relação a ela. Em 1945, a metade da Ásia, a quase totalidade da África, bem como o Caribe e a Oceania permaneciam colônias. Sem falar dos países “semi-colonizados”. Para esse vasto mundo tutelado, onde a pobreza ultrapassava – e muito – as dos países “industrializados”, a prioridade era dirigida à “libertação nacional”³⁷⁸

³⁷⁸ Cf. WALLERSTEIN, Immanuel. *Op. Cit.* Colchetes meus.

Tal conceito e tais eventos faziam sentido, ainda segundo o mesmo autor, nos anos 1960, sendo marginalizados e enterrados nos anos 1980 e 90³⁷⁹. Contudo foram suficientemente influentes para determinar ações, visando a auto-determinação, num certo sentido. Como foi visto, para o sujeito histórico presente nas narrativas estudadas, a crítica necessária para uma nova inserção na sociedade brasileira também passa por uma crítica à idéia de terceiro-mundismo, quer seja aos processos sociais, quer sejam aos dirigentes de países em tal situação. As novas mediações – as experiências de guerrilha, prisões e exílio-corroboraram para isso. Como diz a historiadora Denise Rollemberg, autora de um estudo importante sobre o assunto:

*“O exílio abria a possibilidade de vivência em países socialistas, o que colocava o militante em confronto com suas próprias referências anteriores. A experiência foi decisiva para a confirmação, a negação ou a redefinição do projeto socialista.”*³⁸⁰

³⁷⁹ O autor é mais incisivo quando afirma que: “Ninguém mais imagina que a Líbia possa comprar os Estados Unidos. O dirigismo econômico ficou ultrapassado. O espírito [da conferência] de Bandung ficou ultrapassado. Por quê e como se produziu essa reviravolta?”

³⁸⁰ ROLLEMBERG, Denise. *Exílio: Entre Raízes e Radares*, Rio de Janeiro: Record, 1999, p.141.

Fontes e Bibliografia Consultadas

Fontes Primárias:

- TAPAJÓS, Renato. *Em Câmara Lenta*, São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.
- GABEIRA, Fernando. *O que é isso, Companheiro?*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 32ªed., 1982.
- _____ . *O Crepúsculo do Macho*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 23ª ed., 1984.
- SIRKIS, Alfredo. *Os Carbonários: memórias da guerrilha perdida*, São Paulo: Global, 4ª ed., 1980.
- _____ . *Roleta Chilena*, Rio de Janeiro: Record, 2ª ed., 1981.
- GUARANY, Reinaldo. *Os Fornos Quentes*, São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.
- _____ . *A Fuga*, São Paulo: Brasiliense, 1984.

Entrevistas:

Concedidas a Mário Augusto Medeiros da Silva:

- Renato Carvalho Tapajós, Campinas – SP, 25 de novembro de 2004;
- Alípio Vianna Freire, Campinas – SP, 03 de dezembro de 2004 (1ª parte) e 08 de março de 2005 (2ª parte);
- Reinaldo Guarany Simões, Rio de Janeiro – RJ, 10 de dezembro de 2004 (correio eletrônico);
- Alfredo Hélio Sirkis, Rio de Janeiro – RJ, 28 de abril de 2005;
- Luís Alves Júnior, São Paulo – SP, 27 de junho de 2005 (correio eletrônico);
- Fernando Celso C. Mangarielo, São Paulo – SP, 08 de julho de 2005.

Entrevistas Concedidas a Marcelo Siqueira Ridenti:

- Seis pastas de entrevistas realizadas entre 1985 e 1986, depositadas no Arquivo Edgar Leuenroth, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP

- Entrevistas realizadas por Marcelo S. Ridenti para a confecção do livro *Em busca do povo brasileiro*;
- Entrevista concedida por Reinaldo Guarany Simões a Denise Rollemberg, realizada em 1995, depositada em fitas no Arquivo Edgar Leuenroth da UNICAMP, sob os tombos CPDS-FC/01310-85 e CPDS-FC/01310-86.

Arquivos:

Fundo Brasil Nunca Mais - Arquivo Edgar Leuenroth (AEL) – UNICAMP.

(Livro dos Atingidos)

- Fernando de Paula Nagle Gabeira – Processo BNM n° 100 e 295
- Renato Carvalho Tapajós – Processo BNM n° 294.
- Alfredo Hélio Sirkis - Processos BNM n°s 47, 75, 103, 361.
- Reinaldo Guarany Simões - Processos BNM n°s 539 e 679

Acervo DEOPS – Arquivo Público do Estado de São Paulo

Dossiês Consultados :

Referência: Fernando Celso Castro Mangarielo

- 50-J-152-1443 – Pasta – Ano 1978
- 50-K-104-3041 – Pasta – Ano 1978
- 50-J-0-5918 – Pasta – Ano 1978
- 50-J-0-5918 – Pasta
- 20-C-44-20054 – Microfilme – Ano 1981
- 20-C-44-1963 – Microfilme – Ano 1979
- 30-B-38-1198 – Microfilme - Ano 1978
- 40-Z-11-128 – Microfilme
- 21-Z-14-12298 – Microfilme – Ref. Movimento. Estudantil Campus da FMU
- 50-Z-9-8516 – Época em que Mangarielo era estudante e morava no CRUSP
- 50-C-22-2220 – CRUSP
- 40-Z-11-173 – set/ 77 – Editora Alfa Omega.

- 50-Z-9-41894 – 1977
- 50-Z-9-41895 – 1977 – Min. Exército

Referência: Aldo Lins e Silva

- 21-Z-14-3365 – Agosto de 1977 – Requerimento de cassação de incomunicabilidade de Renato Carvalho Tapajós
- 50-Z-941891 – idem
- 52-Z-0-14672 - Pasta resumo de processos
- 50-J-0-758/1333 – Fotografias
- 50-Z-703-584/628 – Fotografias

Referência: Caio Graco Prado

- 20-C-44-26004 – Microfilme
- 50-Z-130-8179 – Pasta
- 52-Z-0-14896 – Pasta – Ficha de atividades entre 1960 e 1978.

Referência: José Carlos Rolo Venâncio

- 50-Z-0-15267 – Pasta – Encontro de Trabalhistas em Lisboa

Referência: Alfredo Hélio Sirkis

- 50-K-123-127 – 11/03/1981 – Recorte do Jornal “O Globo”: “CPI do terror se reúne hoje para debater as convocações” (sic)
- 50-K-118-716 – referência ao artigo jornal Estado de São Paulo, 11/03/1981
- 50-K-118-454 – Pasta – Artigo jornal “O Est. De S. Paulo” – 11/03/1981
- 50-K-118-733 – Pasta – 11/03/1981, Jornal Estado de S. Paulo
- 20-C-44-12415 – Microfilme – Peça Publicitária – 22/08/80
- 50-K-118-675 – Ref. Artigo jornal O Estado de S. Paulo, 20/11/1979 – Anistiado

Referência: Renato Carvalho Tapajós

- 20-C-44-26566 – Microfilme – Sobre “Linha de Montagem”

- 20-C-44-26-564 – Referência ao filme “Linha de Montagem” – 02/01/1984
- 30-Z-160-16707 – Microfilme - Relações com o Movimento Sindical
- 30-Z-160-11362 – Microfilme
- 50-J-0-6725 – Pasta– Congresso Pró Fundação CONAM – 28/09/1981
- 50-J-0-6770 – Pasta – Congresso da Conam – 17/01/1982
- 50-Z-130-7147 – Pasta – 01/1982 - CONAM
- 52-Z-0-16487 – Pasta – (Checado) – Informes para o Sr. Dr. Romeu Tuma.

Microfilmes sobre Tapajós:

- 21-Z-14-3249.
- 21-Z-14-3254.
- 30-B-38-1096.
- 30-C-1-24754.
- 40-Z-11-128.

- 30-B-38-1002 (microfilme) e 30-B-38-1001 (microfilme) = + de 100 fotogramas das cartas da anistia internacional.

Referência: Fernando Paulo Nagle Gabeira

- 20-C-44-1031 – 03/1979 – Ex-banido: sobre a relação de condenados
- 20-C-44-443 – 02/79 - Relação de banidos.
- 20-C-44-449 – Relação de Banidos – Processo sobrestado.
- 21-Z-14-6290 – 08/03/79 – Ref. Citado em declaração de Caio Venâncio Martins.
- 21-Z-14-6123 – 08/02/1979 – Banidos – Processo sobrestado.
- 30-Z-160-15655 – Frente de Publicações da Junta de Coordenação Revolucionária – Portugal.
- 30-Z-160-15602- Portugal.
- 30-Z-160-16490 – 21/09/78.
- 30-Z-160-16477 – 21/09/1979.
- 30-Z-160-16582 – Relações de Banidos do Território Nacional.

- 50-D-26-6496 – CISA – Relação Mensal de Informações.
- 50-D-26-6528 – CISA – Relação Mensal de informações.
- 50-D-26-6983 – 01/1980 – DOPS – Exilado, retorno ao Brasil.

- 50-E-33-2347 – 21/11/1978 – Decl. De Beatriz Forjaz Giannini.
- 50-E-33-2597- 19/03/1979 – Decl. Caio Venâncio Martins.
- 50-E-33-2592 – 19/03/1979 – idem.
- 50-E-33-2650 – 17/03/1979 – idem.
- 50-E-33-2655 – 20/03/1979 – idem.
- 50-E-33-2995 – 20/0379 – idem.

- 50-E-33-2990 – 17/03/79 – idem.
- 50-E-33-2020 – Trocado pelo Embaixador Alemão.
- 50-E-33-2019 – Foto.
- 50-Z-9-42774 – 21/11/1978 – Decl. Beatriz Forjaz Giannini.
- 50-Z-9-43176 – 11/10/79 – Extinção de punibilidade.
- 50-Z-9-43-174 – 10/10/1979 – Extinta punibilidade – Anistia.
- 50-K-118-187 – 20/01/79 – Auditoria encaminha processo.
- 50-K-123-18 – 22/01/79 - Jornal “O Globo”- Referência ex-banido.
- 50-K-123-68 – 03/10/1979 – Referência “O Globo” – Preso Político.
- 50-Z-130-3860 – 12/08/1980 – Movimento Comunista Internacional e Frente Brasileira de Informações.
- 52-Z-0-19-024 – Frente de Publicações da Junta de Coordenação Revolucionária (Portugal).
- 30-Z-163-398 – Fotos.
- 50-D-26-4295 – idem.
- 50-Z-9-22067 – idem.
- 50-Z-130-5863 – Documento sem data, com foto.

Referência: Reinaldo Guarany Simões

- 20-C-44-1027 – 03/1979 - Nome consta de lista de ex-banidos, ou de processos e condenações sobrestados por conta de banimento.
- 30-B-2-363 – 14/06/1979 – Ref. Cit. rec. Da Folha de São Paulo.
- 30-B-2-343 – 17/05/1979 – Citação Folha de São Paulo.
- 30-B-2-234 – Jornal Folha de São Paulo – ou: Octávio Almeida de Souza .
- 30-Z-160-16576 – 23/11/1978.
- 30-Z-160-16481 – 21/09/1978.
- 50-E-33-2203 – 28/09/1978 – Cit. declarações de Hilda de Andrade Fernandes.
- 50-E-33-2205 – idem.
- 50-K-119-37 – 03/01/1979 – Jornal do Brasil: Lista de Anistiados
- 50-K-123-33 – 01/05/1979 – Jornal “O Globo”: Processo como revel
- 50-K-123-68 – 03/10-1979 – Jornal “O Globo”: Lista de Anistiados
- 50-K-123-18 – 22/01/1979 – IDEM – Situação de ex-banido.

- 50-Z-130-5068 – 11/1978 – Relação de Desaparecidos – Pasta I – Congresso Nacional para Anistia.
- 50-Z-0-15001 – Ref. Citado como desaparecido no I Congresso pela Anistia.
- 52-Z-0-20-970 – 27/9/1978 – Brasileiro que se encontrava no Chile, em ocasião dos acontecimentos de 11/9/1973, naquele país; Asilou-se no México.
- 50-E-4-169 – FOTOS
- 50-Z-9-19101 - FOTOS
- 50-Z-9-19395 – FOTOS

Referência: Editora Global

- 50-E-332134 – Referente à apreensão do livro de autoria de Plínio Marcos (O ABAJUR LILÁS) – Julho de 1978.

Referência: Editora Codecri

- 50-Z-0-14942 – Em 6/78 no encaminh. 0393/78 do CIM. (sic)
- 50-D-8-2547 – Em 8/78 – no PB.0065 – do Min. Marinha.

Referência: Editora Alfa-Ômega

- 52-Z-0-24147 – Pasta Resumo de Processos. Dossiê sobre a Editora.

Revistas Acadêmicas

- ALBERTI, Verena. “Literatura e Autobiografia: A questão do Sujeito na Narrativa” In: *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, pp. 66-81.
- _____ . “A Existência na História: Revelações e Riscos da Hermenêutica” In: *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, n.17, 1996.
- _____ . “Narrativas na História Oral” In: Simpósio Nacional de História (22. João Pessoa, PB). Anais Eletrônicos. João Pessoa, PB. ANPUH – PB, 2003, 10f.

- BARROS, Myriam Moraes Lins de. “Memória e Família” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 29-42.
- BIROLI, Flávia. “A Literatura e as “Baixas Vozes”: um ensaio sobre ficção, história e heterogeneidade” In: *Revista de História Social*, n.º.8/9, Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2001/2002.
- BORGES, Vavy Pacheco. “História Política: Totalidade e Imaginário” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 17, 1996, pp. 01-10.
- CARDOSO, Irene. “Maria Antônia: a interrogação sobre um lugar a partir da dor” In: *Tempo Social*, São Paulo, 8(2), pp.01-10, 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. “História do Tempo Presente: Desafios” In: *Cultura Vozes*, Petrópolis, vol. 94, n. 3, pp. 111-124 (maio/junho 2000).
- GARCIA, Marco Aurélio. “O Gênero da Militância” In: *Cadernos Pagu*, Campinas, IFCH: UNICAMP, vol. 8/9, 1997, pp. 319-342.
- KOLLERITZ, Fernando. “Testemunho, juízo político e história” In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 24, n. 48, pp. 73-100, 2004.
- LEJEUNE, Philippe. “O Guarda-Memória” (trad. Dora Rocha) In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, 1997, pp. 01-07.
- LOVISOLO, Hugo. “A Memória e a formação dos Homens” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, pp. 16-28.
- MARCO, Valéria de. “A Literatura de Testemunho e a Violência de Estado” In: *Revista Lua Nova*, São Paulo: CEDEC n.º 62, 2004, pp. 45-68.
- PIETROCOLLA, Luci Gatti. “Anos 60/70: Do sonho revolucionário ao amargo retorno” In: *Tempo Social*, São Paulo, 8(2), pp.119-145, 1996.
- POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social” In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC, vol. 5, n.º 10, 1992, pp. 200-212.
- POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento e Silêncio” In: *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC, vol. 2, n.º 3, 1989, pp. 03-15.
- PONTES, Heloísa. “Por uma sociologia do mundo intelectual” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 4, n.º 7, 1991, pp. 112-126.
- ROLLEMBERG, Denise. “Exílio: Refazendo Identidades” In: *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, Rio de Janeiro, n. 2, junho 1999, pp. 39-73.

- SCHIMIDT, Benito B. “Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, 1997.
- SINDER, Valter. “A Reinvenção do Passado e Articulação de sentidos: O Novo Romance Histórico Brasileiro” In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 14, n. 26, 2000, pp. 256 - 264.
- TAPAJÓS, Renato. “Qual é a tua, Companheiro?” In: *ADUSP*, São Paulo, n. 10, 1997, pp. 18-23.

- POLLAK, Michael & HEINICH, Nathalie. “Le Témoignage” In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n.62/63 (juin), 1986, pp. 03-29.
- POLLAK, Michael. “La gestion de l’indicible” In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n.62/63 (juin), 1986, pp. 30-53
- HAHN, Aloïs. “Contribution à la sociologie de la confession et autres formes institutionnalisées d’aveu: autothématisation et processus de civilisation” In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n.62/63 (juin), 1986, pp. 54-68.
- BOURDIEU, Pierre. “L’Illusion Biographique” In: *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n.62/63 (juin), 1986, pp. 69-72

Livros Consultados:

- ACHUGAR, Hugo. *En otras palabras, otras historias*, Montevideo: Universidad de la Republica, 1994.
- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*, Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ANDRÉ, Rina Landos Martinez. *El testimonio, Roque Dalton y la representación de la catástrofe*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, USP, 2003.
- ALTHUSSER, Louis. *Os Aparelhos Ideológicos de Estado*, tradução: Walter Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

- ALVES, Maria Helena M. *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*, tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- ARNS, D. Paulo E. (prefácio). *Brasil: Nunca Mais*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- AVELAR, Idelber. *Alegorias da derrota: A ficção pós ditatorial e o trabalho do luto na América Latina*. Trad. Saulo Gouveia. Belo Horizonte: Ed. UFMG/Humanitas, 2003.
- BAGATIM, Alessandra. *FALN: Forças Armadas de Libertação Nacional: o grupo de esquerda armado ribeirão-pretano (1967-1969)*, Campinas: IFCH/UNICAMP, Coleção Monografias, 2004.
- BASTOS, Elide R. & Rego, Walquíria D.L. *Intelectuais e Política: A moralidade do compromisso*, SP: Olho d'água, 1999.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BICUDO, Hélio P. *Meu Depoimento sobre o esquadrão da Morte*, São Paulo: Pontifícia Comissão de Justiça e Paz de SP, 7ª ed., 1978.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*, São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.
- BRESCIANI, Maria Stella & NAXARA, Márcia (orgs.) *Memória e (Res)sentimento: indagações para uma questão sensível*, Campinas: Ed. Da Unicamp, 2001.
- Cadernos AEL nº 5: *Tempo de Ditadura*. Campinas: AEL/ IFCH/ UNICAMP, v. 8, nº.14/15, 2001.
- CAMPBELL, James. *À Margem Esquerda*, Rio de Janeiro: Record, 1999.
- CAMUS, Albert. *O Homem Revoltado*, Rio de Janeiro: Record, 1997
- CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*, São Paulo: Ed. Nacional, 1965
- _____. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*, Belo Horizonte: Itatia Editora, 1975
- CÂNDIDO, Antônio *et alli*. *A Personagem de Ficção*, São Paulo: Perspectiva, 10ª ed., 2004.

- CARDOSO, Irene. *Para uma crítica do presente*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- CARNEIRO, Maria L. Tucci (org.). *Minorias Silenciadas: História da Censura no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil: Mito Fundador e Sociedade Autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- COELHO, Cláudio Novaes P. *Os Movimentos libertários em questão: a política e a cultura nas memórias de Fernando Gabeira*, Rio de Janeiro: Vozes, 1987
- COUTO, Ronaldo Costa. *História Indiscreta da Ditadura e da Abertura (1964-1985)*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- DIAS, Marcelo. *A Guerra da Argentina*, Lisboa: A Regra do Jogo, 1978.
- *Dossiê dos Mortos e Desaparecidos Políticos a partir de 1964*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1995.
- ECO, Umberto. *Seis Passeios pelo Bosque da Ficção*, trad.: Hidelgard Feist, São Paulo: Cia. Das Letras, 1994
- FAUSTINO, Jean Carlo. *Um amor idiota: análise do romance “O Idiota” de Dostoievski*. Monografia de Conclusão de curso apresentada ao Departamento de Sociologia da UNICAMP em 2001.
- FILHO, Armando F., HOLLANDA, Heloísa B. de. & GONÇALVES, Marcos A. *Anos 70: Literatura*, Rio de Janeiro: Edições Europa, 1979
- FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*, São Paulo: Loyola, 1996
- FRANCO, Renato B. . *Ficção e Política no Brasil: os anos 70* . Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Teoria Literária da UNICAMP em 1992
- _____ . *Itinerário político do romance pós-64: A Festa*, São Paulo: UNESP, 1998.
- FREIRE, Alípio, ALMADA, Isaías & PONCE, J. A. de(orgs.). *Tiradentes, um presídio da ditadura: memórias de presos políticos*, São Paulo: Scipione Cultural, 1997.
- GABEIRA, Fernando. *Carta sobre a anistia*, Rio de Janeiro: CODECRI, 1979.
- _____ . *Nós que amávamos tanto a Revolução: diário Gabeira - Cohen*, Rio de Janeiro: Rocco, 1985.
- GASPARI, Elio. *A Ditadura Envergonhada*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

- _____ *A Ditadura Escancarada*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- GOLDMAN, Lucien. *Sociologia do Romance*, São Paulo: Paz & Terra, 1990.
- GORENDER, Jacob. *Combate nas Trevas*. São Paulo: Ática, 1987.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil (sua história)*, São Paulo: T.A. Queiroz Editor & Ed. Da Universidade de São Paulo, 1985.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Impressões de Viagem: CPC, Vanguarda e Desbunde*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. & GONÇALVES, Marcos A. *Cultura e Participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense, 6ªed., 1982.
- _____ & Pereira, Carlos Alberto M. *Patrulhas Ideológicas (marca reg.): arte e engajamento em debate*, SP: Brasiliense, 1980.
- _____, GASPARI, Élio, VENTURA, Zuenir. *Cultura em Trânsito: da repressão à abertura*, RJ: Aeroplano, 2000.
- IANNI, Octávio. *Ensaio de Sociologia da Cultura*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- _____. *Sociologia e Literatura*, Col. Primeira Versão, vol. 72, Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 1997.
- JAUSS, Hans Robert. *A História da Literatura como provocação à Teoria Literária*, São Paulo: Ática, 1993
- KEROUAC, Jack. *On the road: Pé na Estrada*, tradução Eduardo Bueno & Antônio Bivar, São Paulo: Brasiliense, 3ªed., 1984.
- KUSHNIR, Beatriz. *Cães de Guarda: Jornalista e Censores do AI-5 à Constituição de 1988*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de História da UNICAMP, Campinas, 2001.
- KUSHNIR, Beatriz(org.). *Perfis Cruzados: trajetórias e militância política no Brasil*, Rio de Janeiro: Imago, 2002
- LAVABRE, Marie-Claire. *Le Fil Rouge: Sociologie de la mémoire communiste*, Presses de La Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1999
- LEVI, Primo. LEVI, Primo. *É isto um homem?*, tradução: Luigi Del Re, Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

- LÖWY, Michel & SAYRE, Robert. *Revolta e Melancolia – o romantismo na contramão da modernidade*, Petrópolis: Vozes, 1995.
- LUKÁCS, Georg. *Teoria do Romance*, Lisboa: Editorial Presença, 1961.
- MACHADO, Janete Aparecida Gaspar. *Constantes Ficcionalis em Romances dos Anos 70*, Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981.
- MACHADO, Cristina Pinheiro. *Os Exilados: 5 mil brasileiros à espera da anistia*, São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.
- MARCONI, Paolo. *A Censura Política na Imprensa Brasileira (1968-1979)*. São Paulo: Global Editora, 1980.
- MARX, Karl. “O Dezoito Brumário de Louis Bonaparte” IN: *Manuscritos Econômicos –Filosóficos e outros textos escolhidos*, Col. Os Pensadores, 4ª ed., SP: Nova Cultural, 1988.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MILLS, Charles Wright. *A Imaginação Sociológica*, Rio de Janeiro: Zahar, 1982
- MOREIRAS, Alberto. *A Exaustão da Diferença: a política dos estudos culturais latino-americanos*, Belo Horizonte: UFMG, 2001
- MOTTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933 -1974)*, São Paulo: Ática, Coleção Ensaaios, 1977.
- MORAES, João C.K.Q. de. *Liberalismo e ditadura no Cone Sul*, Col. Trajetória, vol. 7, Campinas: UNICAMP/IFCH, 2001.
- MORAES, Maria Lygia Quartim de. *Memória Biográfica e Terrorismo de Estado: Brasil e Chile*. Campinas: IFCH; col. Primeira Versão; vol. 96; 2001.
- NEGRI, Camilo. *Subjetividades Armadas: A produção de Subjetividades de Guerrilheiros Urbanos*. Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade de Vale do Rio dos Sinos, 2002
- NESTROVSKI, Arthur & SELIGMANN-SILVA, Márcio (orgs.). *Catástrofe e Representação: ensaios*, São Paulo: Escuta, 2000.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PÁDUA, José Augusto(org.) *Ecologia e Política no Brasil*, Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/IUPERJ, 2ªed[1ªed.: 1987], 1992.

- PELLEGRINI, Tânia. *Gavetas vazias: ficção e política nos anos 70*, Campinas / São Carlos: Mercado de Letras / Ed. da UFScar, 1996.
- POULANTZAS, Nicos. *Poder Político e Classes Sociais*, São Paulo: Martins Fontes, 1977.
- QUEIRÓZ, Maria José de. *Os Males da Ausência ou a Literatura do Exílio*, Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *A revolução faltou ao encontro. Os comunistas no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- REIS FILHO, Daniel A. et alli. *Versões e Ficções: o seqüestro da História*, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2ª ed., 1997.
- RIBEIRO, Maria Cláudia Badan. *Memória, História e Sociedade: A contribuição na narrativa de Carlos Eugênio Paz*. Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de Sociologia da UNICAMP, 2005
- RIDENTI, Marcelo S. *Em busca do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____ *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.
- ROLLEMBERG, Denise. *Entre Raízes e Radares: Exílio*, Rio de Janeiro: Record, 1999.
- ROMANO, Luís Antônio C. *A Passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960*, São Paulo: Mercado Aberto/ FAPESP, 2002
- SADER, Eder. *Quando novos atores entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- SANTOS, Myriam Sepúlveda. *Memória Coletiva e Teoria Social*, São Paulo: Annablume, 2003
- SARTRE, Jean-Paul. *A Idade da Razão*, tradução: Sérgio Milliet, São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- _____ . “O Existencialismo é um Humanismo” In: *Os Pensadores*, 3ª ed. tradução: Rita C. Guedes, São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- _____ . *Que é a literatura?*, São Paulo: Ática, 3ªed., 1999

- SCHWARZ, Roberto. *O pai de família e outros estudos*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.
- _____ . *Que horas são?*, São Paulo: Companhia. Das Letras, 1989
- SELIGMANN-SILVA, Márcio(org.). *História, Memória, Literatura: O testemunho na Era das Catástrofes*, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003
- SILVA, Mário A. M. & BAGATIM, Alessandra. *Documentos e Memórias da Repressão Militar e da Resistência Política (1964-1982)*. Relatório Final de Pesquisa, 2003.
- SILVERMAN, Malcolm. *Protesto e o Novo Romance Brasileiro*, São Carlos: Ed. Da UFSCar, 1995.
- SOSNOWSKI, Saul & SCHWARTZ, Jorge (orgs.). *Brasil: O trânsito da memória*. São Paulo: EDUSP 1988.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, Qual Romance?: uma ideologia estética e sua história: o Naturalismo*, Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- _____ . *Literatura e vida literária: polêmicas, diários e retratos*, RJ: Jorge Zahar Editor, 1985.
- TAVARES, Flávio. *Memórias do Esquecimento*. São Paulo: Globo, 1999.
- TOLEDO, Caio Navarro de (org.). *1964: Visões críticas do Golpe*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*, São Paulo: Ática, 1989.